

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

RACHEL OMOTO GABRIEL

**“Para além da curva da estrada”:
a influência da socialização religiosa nas trajetórias e projetos de vida de jovens**

São Paulo
2020

RACHEL OMOTO GABRIEL

**“Para além da curva da estrada”:
a influência da socialização religiosa nas trajetórias e projetos de vida de jovens**

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação e Ciências Sociais, Desigualdades e Diferenças

Orientadora: Profa. Dra. Kimi Aparecida Tomizaki

São Paulo

2020

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

G118p Gabriel, Rachel Omoto
“Para além da curva da estrada”: a influência da socialização religiosa nas trajetórias e projetos de vida de jovens / Rachel Omoto Gabriel; orientação Kimi Aparecida Tomizaki. São Paulo: s.n., 2020.
225 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Desigualdades e Diferenças) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Juventude 2. Religião 3. Socialização 4. Trajetórias de vida 5. Projeto de vida I. Tomizaki, Kimi Aparecida, orient.

Nome: GABRIEL, Rachel Omoto

Título: “Para além da curva da estrada”: a influência da socialização religiosa nas trajetórias e projetos de vida de jovens

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof(a). Dr(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, aos jovens frequentadores do Centro Magis Anchietanum, porquanto esta pesquisa só foi possível ao aceitarem participar de conversas sobre suas trajetórias e responder gentilmente a questionário. Também por terem me acolhido em seu meio na observação de campo. Por partilharem seu tempo, seus sonhos e suas vidas, muito obrigada.

À Profa. Dra. Kimi Tomizaki, pela orientação e estímulo durante todo o período do mestrado.

Aos membros da banca de qualificação – e posteriormente de defesa –, a Profa. Dra. Regina Novaes e o Prof. Dr. Juarez Dayrell, cujas contribuições foram decisivas para o curso que este estudo veio a tomar.

Ao Centro Magis Anchietanum, pela boa recepção e disponibilidade, pois esta pesquisa não teria sido possível caso a instituição não me tivesse aberto as portas. Como disse uma jovem colaboradora deste trabalho, o Anchietanum é um “espaço de acolhimento”.

A todos os amigos e amigas que conheci por meio do Anchietanum.

Às mulheres do Círculo Akuaba e às amigas que me ensinaram o verdadeiro significado de “ninguém solta a mão de ninguém”. Poderosas mulheres e palavras.

Aos amigos e amigas que me motivaram academicamente, apoiando-me nos momentos difíceis em meio à consecução desta pesquisa: Vanessa Aparecida Araújo Correia, Cristiano Cordeiro Cruz, Cláudia Rosalina Adão, Ana Cristina Zimmermann, Rita de Cássia da Cruz Silva, Renata Maria Gavazi Dias, Luiz Rosalvo Costa, Patrícia Vichi Antunes e Ricardo Mesquita de Oliveira.

À minha família, com ternura, especialmente à minha mãe, exemplo de força, persistência e resiliência, e ao meu pai, que plantou sementes de poesia e arte em minha formação.

À minha segunda mãe, dona Cidinha, *in memoriam*.

Por fim, ao Flavio Henrique Bastos, companheiro de vida, de luta, de sonhos, cuja presença amorosa foi fundamental para eu ter chegado até aqui.

*Para além da curva da estrada
Talvez haja um poço, e talvez um castelo,
E talvez apenas a continuação da estrada.
Não sei nem pergunto.
Enquanto vou na estrada antes da curva
Só olho para a estrada antes da curva,
Porque não posso ver senão a estrada antes da curva.
De nada me serviria estar olhando para outro lado
E para aquilo que não vejo.
Importemo-nos apenas com o lugar onde estamos.
Há beleza bastante em estar aqui e não noutra parte qualquer.
Se há alguém para além da curva da estrada,
Esses que se preocupem com o que há para além da curva da estrada.
Essa é que é a estrada para eles.
Se nós tivermos que chegar lá, quando lá chegarmos saberemos.
Por ora só sabemos que lá não estamos.
Aqui há só a estrada antes da curva, e antes da curva
Há a estrada sem curva nenhuma.*

(Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa)¹

¹ Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/2666>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

RESUMO

GABRIEL, Rachel Omoto. **“Para além da curva da estrada”: a influência da socialização religiosa nas trajetórias e projetos de vida de jovens**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

O presente estudo investiga de que maneira os processos de formação e socialização vivenciados por jovens em instituições religiosas influenciam suas trajetórias de vida e projetos de futuro. Indo além de espaços tradicionalmente explorados pela Sociologia da Educação, procura-se entender como certas instituições religiosas configuram-se em espaços educativos, com pedagogias e metodologias próprias, que podem ter influência nas escolhas (pessoais, profissionais, políticas etc.) dos jovens que delas participam, sem deixar de balizar o peso da religião em suas correlações com outras instâncias socializadoras, como a família e a escola, a fim de analisar como esses sujeitos estruturam seu agir no mundo. A pesquisa de campo enfoca jovens católicos frequentadores do Anchieta, centro de juventude mantido pela Companhia de Jesus no Brasil, na cidade de São Paulo/SP. Os procedimentos empregados nesta pesquisa qualitativa exploratória incluem entrevista semiestruturada de caráter biográfico, aplicação de questionário e observação de campo, em conversação com um referencial analítico-teórico bourdieusiano. Com base na análise dos dados coletados, conquanto a família ainda exerça papel fundamental como agência socializadora, a religião revelou-se categoria-chave na constituição da subjetividade dos participantes do estudo, exercendo considerável influência em suas distintas e desiguais trajetórias. Conjuntamente, verificou-se que os “Exercícios Espirituais” e a espiritualidade inaciana buscados pelos jovens no centro de juventude focado emergiram como importante recurso para o exercício da reflexividade, a qual tem se tornado imperativa para o enfrentamento dos desafios impostos pelas constantes mutações na sociedade contemporânea e excludente realidade brasileira. A socialização religiosa apresenta-se, assim, como importante campo investigativo para a compreensão dos processos de socialização contemporâneos e das relações entre juventude e fé em um contexto social de aceleradas transformações e crescente exclusão.

Palavras-chave: Juventude. Religião. Socialização. Trajetórias de vida. Projeto de vida.

ABSTRACT

GABRIEL, Rachel Omoto. **“Beyond the bend in the road”: the influence of religious socialization on youth life trajectories and projects.** 2020. Dissertartion (Master’s degree in Education) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

This study investigates how the learning and socialization processes experienced by young people in religious institutions influence their life trajectories and future projects. Going beyond realms traditionally explored by Sociology of Education, we seek to understand how certain religious institutions become educational territories that use their own pedagogical and methodological approaches, and might have influence on the (personal, professional, political, etc.) choices of young people. Taking into account not only the weight of religion, but also of family and school, we analyze how young people structure their actions in the world focusing on young Catholics attending Anchieta, a youth center maintained by the Society of Jesus in Brazil, in the city of São Paulo/SP. The procedures employed in this exploratory qualitative research include semi-structured biographical interview, questionnaire application and field observation, in conversation with a Bourdieusian theoretical and analytical framework. Based on the analysis of the collected data, although family still plays a fundamental role as a socializing agency, religion proved to be a key category in the constitution of the subjectivity of the study participants, exerting considerable influence on their distinct and unequal trajectories. It was also found that the “Spiritual Exercises” and Ignatian spirituality pursued by young people in the focused youth center emerged as an important resource for the exercise of reflexivity, which has become imperative for facing the challenges imposed by the constant changes in contemporary society and excluding Brazilian reality. Religious socialization is thus an important research domain for understanding contemporary socialization processes and the relationship between youth and faith in a social context of accelerated transformations and growing exclusion.

Keywords: Youth. Religion. Socialization. Life trajectories. Life project.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 Procedimentos da pesquisa	21
1.2 Trajetória do texto	22
2 CAPÍTULO 1 – “JUVENTUDES”: DESIGUALDADE E DIVERSIDADE	23
2.1 “Juventudes” e a realidade brasileira	23
2.2 Jovens, contemporaneidade e projetos de futuro	29
2.3 Os jovens e a fé	32
2.4 Tendências do catolicismo brasileiro e as “culturas juvenis católicas”	37
3 CAPÍTULO 2 – UM PONTO DE PARADA	47
3.1 O Anchietanum	47
3.2 Os jovens frequentadores do Anchietanum	66
3.3 Notas sobre a observação de uma atividade: “Espaço Projeto de Vida”	91
3.3.1 <i>Relato da atividade</i>	93
3.3.2 <i>Observações gerais</i>	126
4 CAPÍTULO 3 – “O RELATO DO PEREGRINO”	129
4.1 Considerações iniciais sobre as entrevistas realizadas	129
4.1.1 <i>Hélder: “a gente sempre buscou essa militância”</i>	134
4.1.2 <i>Clara: “apesar de [...] diferentes, a gente tem muita coisa parecida”</i>	139
4.1.3 <i>Ana: “a minha construção, enquanto mulher negra, se fez na diáspora”</i>	145
4.1.4 <i>Luís: “Gosto de falar assim: o meu ser completo com Deus”</i>	153
4.1.5 <i>Marlon: “se mudar a vida de uma pessoa, para mim já é o que vale”</i>	161
4.1.6 <i>Paulo: “uma construção metodológica de fé e vida, de luta social”</i>	175
4.2 Trajetórias de vida, socialização e <i>habitus</i>	184
4.3 O imperativo da reflexividade e a busca por recursos na religião?	211
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	215
REFERÊNCIAS	219

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa investigar de que maneira processos de formação e socialização ocorridos ao longo da participação de jovens em instituições religiosas, mais especificamente instituições religiosas católicas, influenciam suas trajetórias e projetos de vida². Assim, pretende-se analisar como, para além de espaços tradicionalmente pesquisados pela Sociologia da Educação, determinadas instituições religiosas se tornam espaços educativos que podem desempenhar significativo papel nas escolhas (pessoais, profissionais, políticas etc.) dos jovens que delas participam.

Antes de prosseguir, é imprescindível deixar claro que este estudo se concentra no sujeito jovem, entendendo-se “sujeito”, aqui, como “um ser singular que se apropria do social, transformado em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações que mantém” (DAYRELL, 2003, p. 44). Tal esclarecimento torna-se importante ao se verificar que nas mais diversas instituições que trabalham com jovens, ou mesmo em pesquisas educacionais que os envolvam, muitas vezes se abordam conteúdos, metodologias, projetos pedagógicos, formação de educadores etc., mas pouco se atenta às especificidades e à vida mesma daqueles a quem todas essas práticas aspiram atingir. Nesse sentido, concordamos com Dayrell (2003, p. 44), quando aponta que considerar os jovens na perspectiva de sujeitos é mais que uma opção teórica, trata-se

de uma postura metodológica e ética, não apenas durante o processo de pesquisa mas também em meu cotidiano como educador. A experiência da pesquisa mostrou-me que ver e lidar com o jovem como sujeito, capaz de refletir, de ter suas próprias posições e ações, é uma aprendizagem que exige um esforço de auto-reflexão, distanciamento e autocrítica.

² Cabe esclarecer que utilizamos o termo “projeto de vida” não como sinônimo de “projeto de futuro”, mas como um conceito mais amplo, que não deixa de incluir, de qualquer modo, o porvir como um de seus aspectos intrínsecos. A concepção aqui adotada diz respeito a “uma perspectiva que se constrói sobre si e sobre a própria vida” em um processo que “nos possibilita olhar a própria vida, em perspectiva, e fazer planos para realizar a nossa existência, no presente e no futuro”; em outras palavras é o “resultado dinâmico da organização dos esforços pessoais para que a vida tenha sentido”, e engloba “a tomada de consciência da história pessoal, da conjuntura sócio-histórica em que se está inserido e dos desejos e inclinações pessoais” (CRUZ; CORREIA, 2019, p. 54). Abarca, assim, todos os tempos e dimensões da vida, e não apenas uma determinada esfera, como a profissional, ou um intervalo temporal específico, como o futuro, por exemplo. Para além dos desafios contemporâneos que, de fato, demandam reflexões acerca da formulação de projetos de futuro pelos jovens, é possivelmente uma “visão funcionalista da noção de juventude”, que privilegia “seu suposto caráter transicional ou propedêutico [...] para que o jovem se integre socialmente da forma esperada”, a responsável por “certa noção de projeto de vida, mais orientado para o futuro” (CRUZ; CORREIA, 2019, p. 55).

Especificamente, frisa-se que a abordagem aqui desenvolvida é permeada pelos estudos de Educação e Sociologia, disciplinas a partir das quais o esforço analítico se delinea, mas se intenta não perder de vista a centralidade da vida da juventude. Mais do que uma pesquisa na área de Sociologia da Educação, esta empreitada investigativa busca atentar ao sujeito jovem, aproximando-se de sua realidade para escutá-lo.

Como educadora de jovens em um instituto confessional durante alguns anos, tive o privilégio de caminhar junto a moças e rapazes, escutando e acompanhando seus sonhos, lutas, dificuldades, escolhas, trajetórias. Verdadeiras peregrinações por inserção no mercado de trabalho e continuidade dos estudos, pelo reconhecimento de suas bandeiras identitárias e causas sociais, pela defesa da vida de seus iguais, pela possibilidade de vivenciar prazerosamente suas expressões culturais; busca por inclusão, pertencimento, sentido. Esforços possivelmente comuns ou similares a outros tantos jovens, mas, no caso em questão, jovens católicos de diferentes classes sociais e regiões geográficas que se encontravam no Anchiétanum³, centro de juventude⁴ mantido pela Companhia de Jesus⁵ na cidade de São Paulo/SP.

Sempre me despertou curiosidade as representações que os jovens costumavam fazer de seus caminhos, caminhos esses parcamente lineares, pois já aparecem como *retrato projetivo da sociedade*, condensando “[...] as angústias, os medos, assim como as esperanças, em relação às tendências sociais percebidas no presente e aos rumos que essas tendências imprimem para a conformação social” (ABRAMO, 1997, p. 29).

Partindo do pressuposto de que “[...] quando se pretende analisar as relações entre religiões e juventude, não podemos deixar de lado as inseguranças advindas dos desenraizamentos do mundo contemporâneo e as específicas dificuldades de inserção social que vivem os jovens brasileiros de hoje” (NOVAES, 2008, p. 282), emergia a pergunta: *Que diferença a religião realmente faz para esses rapazes e moças católicos frente ao desafio comum a outros tantos jovens de tecer projetos de vida e de futuro na complexa sociedade contemporânea e excludente realidade brasileira?*

³ Cabível ressaltar que, em conformidade com princípios éticos, foi solicitada permissão para divulgação do nome da instituição pesquisada.

⁴ Há outros centros e institutos de juventude na cidade de São Paulo voltados à formação de jovens católicos que não pertencem à Companhia de Jesus, como o IPJ (www.ipejota.org.br) e o CCJ (www.ccj.org.br). Espalhados pelo Brasil, existem, ainda, vários outros institutos que objetivam proporcionar formação a jovens católicos.

⁵ A Companhia de Jesus (jesuítas) é uma ordem religiosa ligada à Igreja Católica.

Figura 1 – Representações produzidas por participantes do Anchietaum de suas trajetórias de vida



Fonte: acervo da autora (2019).

No centro de juventude confessional em tela, além de atividades sobre espiritualidade, ofereciam-se formações e discussões afetas ao fenômeno juvenil ou a temas candentes na esfera pública. Ouvindo suas opiniões em rodas de conversas sobre esses variados assuntos, chamava-me bastante a atenção a singularidade dos jovens católicos que compunham o público participante, já que mostravam uma postura, poder-se-ia dizer, “progressista” sobre aspectos morais da vida, além de expressarem considerável interesse por questões políticas, características talvez dissonantes de certas impressões advindas do senso comum acerca de jovens religiosamente engajados. Dessa observação adveio uma pergunta complementar: *Que influência tem a religião em suas opiniões, escolhas e, até mesmo, comportamentos políticos?*

Assim, tomando como base ambas as questões, surgidas de observações empíricas, elaborou-se como hipótese a possibilidade de as experiências religiosas poderem exercer

influência nas escolhas (pessoais, profissionais, políticas etc.) e, conseqüentemente, nas trajetórias de vida e projetos de futuro desses jovens católicos.

Impunha-se o desafio de “[...] compreender ‘quanto’, ‘como’ e ‘quando’ o pertencimento, as crenças e as identidades religiosas influenciam opiniões, percepções e práticas sociais dos jovens desta geração”, e de “[...] encontrar instrumentos de análise e caminhos de reflexão para compreender melhor os efeitos de escolhas, pertencimentos e identidades religiosas em diferentes áreas da vida social” (NOVAES, 2005, p. 265).

Para tal empreitada – pesquisar as trajetórias de vida de jovens frequentadores do Centro de Juventude Anchietaum –, adotou-se um referencial analítico-teórico bourdieusiano. Tal quadro teórico implica levar em consideração o papel basilar que a família e experiências subsequentes de socialização têm na conformação das disposições subjetivas de indivíduos. Assim, ao abarcar *as primeiras experiências* e as “[...] experiências subsequentes (e.g., a exposição à ação pedagógica especializada no ambiente escolar)” (PETERS, 2009, p.14) desses sujeitos, constituiu-se como problema pesquisar de que forma diferentes instituições e agências socializadoras (família, escola etc.), com destaque para a religião (em virtude do objeto focalizado), articulam-se na constituição da maneira como os jovens estruturam seu agir no mundo, potencialmente influenciando suas trajetórias e projetos de vida. Essa abordagem revelou-se bastante significativa em face dos poucos estudos existentes na pós-graduação brasileira sobre juventude e religião (SPOSITO; BRENNER; MORAES, 2009, p. 185), assim como “estudos sobre os jovens na intersecção família e religião. Esses dois universos das práticas e dos processos de reprodução cultural da sociedade brasileira estão consolidados nas Ciências Sociais, mas rebatem em estudos específicos sobre os jovens de forma muito discreta” (SPOSITO, 2009, p. 29).

Além disso, no processo de reflexão sobre a pesquisa, ponderou-se, ainda, acerca do envolvimento da pesquisadora com o objeto de estudo. Apesar de, ao iniciar a investigação, já não ter vínculo empregatício com a instituição enfocada, na medida em que ainda atuava como colaboradora e havia frequentado a instituição durante sua juventude, a consciência de se estar no campo religioso emergiu como aspecto indispensável:

É com a condição de saber que se pertence ao campo religioso, com os interesses aferentes, que se pode controlar os efeitos dessa inserção no campo e retirar daí as experiências e informações necessárias para produzir uma objetivação não redutora, capaz de superar a alternativa do interior e do exterior, da vinculação cega e da lucidez parcial. Mas essa superação supõe uma objetivação sem complacência – a autoanálise nada tem de uma confissão privada ou pública, de uma autocrítica ético-política – de todos os vínculos, de todas as formas de participação, de pertenças objetivas ou subjetivas, mesmo as mais tênues (BOURDIEU, 2004, p. 112).

Ao mesmo tempo, como aponta Novaes (2012, p. 189), quando se trata de investigar o fenômeno religioso, “[...] é preciso não subestimar a necessidade de objetivação – não menos dolorosa – dos conceitos (e preconceitos acadêmicos) que habitam o mundo ao qual os cientistas sociais pertencem”.

Por isso, concordando com Oliveira (1996 apud SOFIATI, 2012, p. 21), considerei “[...] ser ‘preferível correr o risco de contaminações num conhecimento de boa qualidade científica, do que, de tanto precaver-se contra as interferências da religião, não ir além de trabalhos acadêmicos sem qualquer importância prática”.

1.1 Procedimentos da pesquisa

Os métodos empregados nesta pesquisa qualitativa – de caráter exploratório – incluíram entrevista semiestruturada, questionário e observação de campo. Como o foco são as trajetórias de vida de jovens frequentadores do Anchieta, as entrevistas com viés biográfico constituíram-se, inicialmente, como principal procedimento, de maneira que o questionário e a observação de campo foram realizados como complemento para uma melhor compreensão do recorte estabelecido. Cabível ressaltar que cada um dos procedimentos será mais bem detalhado nas seções correspondentes ao longo desta dissertação.

a) Entrevistas semiestruturadas de caráter biográfico

Foram gravadas entrevistas individuais, de caráter biográfico, mediante termo de consentimento e garantia de preservação do anonimato, com jovens que participam ou já participaram de atividades do Anchieta. Buscou-se *reduzir ao máximo a violência simbólica* na relação entre pesquisador e pesquisado, compondo-se uma “relação de escuta ativa e metódica”, de maneira a associar

[...] a disponibilidade total em relação à pessoa interrogada, a submissão à singularidade de sua história particular, que pode conduzir, por uma espécie de mimetismo mais ou menos controlado, a adotar sua linguagem e a entrar em seus pontos de vista, em seus sentimentos, em seus pensamentos, com a construção metódica, forte, do conhecimento das condições objetivas, comuns a toda uma categoria (BOURDIEU, 2012, p. 695).

b) Questionário

Como a instituição pesquisada não possuía um delineamento preciso dos jovens que participam de suas atividades, também foi aplicado questionário de preenchimento voluntário

para traçar, se não um perfil acurado dos frequentadores, ao menos proporcionar alguns elementos de apoio qualitativo com vistas à compreensão do universo em que se inseriu o objeto deste estudo.

c) Pesquisa de campo

Tendo em vista que esta pesquisa enfoca uma instituição não comumente investigada, isto é, um centro de formação para jovens católicos, mas que também oferece atividades não vinculadas a temáticas espirituais e religiosas, mostrou-se necessário melhor expor seu funcionamento e suas práticas por meio de observação de campo. Realizou-se, assim, a observação do primeiro módulo de uma de suas atividades, o “Espaço Projeto de Vida”, que, em virtude de sua proposta e de seu caráter misto – atividade formativa entremeadada de momentos de oração e meditação individuais –, pareceu adequada para expor as práticas institucionais estabelecidas.

1.2 Trajetória do texto

No primeiro capítulo enfoca-se o sujeito jovem, apresentando-se a multiplicidade de que se reveste o termo “juventude” ao serem abordadas desigualdades e diferenças entre pessoas dessa faixa etária e, também, marcas comuns, como o desafio de elaborar projetos de futuro na sociedade contemporânea. Ao estabelecer o recorte desta pesquisa, discutem-se, ainda, as relações dos jovens com a fé e como distintas tendências do catolicismo brasileiro engendram “culturas juvenis católicas” próprias.

Em virtude da especificidade da instituição a partir da qual se orientou esta pesquisa, no segundo capítulo faz-se uma caracterização do Anchietaum por meio de materiais gráficos e informações disponibilizadas na internet, além da apresentação de dados que buscam delinear um perfil de seus frequentadores e notas sobre a observação de uma de suas atividades para melhor compreender as práticas formativas desenvolvidas.

No terceiro capítulo, com dados extraídos de entrevistas de caráter biográfico realizadas com seis participantes do centro de juventude em comento, suas trajetórias são recompostas e analisadas com base no referencial analítico-teórico bourdieusiano.

Por fim, desenvolvem-se as considerações finais acerca da análise institucional e da pesquisa de campo realizadas.

2 CAPÍTULO 1 – “JUVENTUDES”: DESIGUALDADE E DIVERSIDADE

O presente capítulo aborda as múltiplas realidades a que se refere o termo “juventude”, desvelando algumas das razões pelas quais o termo é muitas vezes adotado no plural. Apresenta-se um panorama das desigualdades e diferenças entre pessoas compreendidas na faixa etária dita juvenil e, também, marcas comuns, como o desafio de tecer projetos de futuro na sociedade contemporânea. Considerando-se o recorte desta pesquisa, são também exploradas as relações dos jovens com a fé e como distintas tendências do catolicismo no Brasil compõem “culturas juvenis católicas” específicas.

2.1 “Juventudes” e a realidade brasileira

Quando órgãos governamentais versam sobre “juventude”, referem-se ao segmento etário compreendido entre os 15 anos e 29 anos, conforme Lei nº 12.852⁶, de 5 de agosto de 2013, que instituiu o Estatuto da Juventude e o Sistema Nacional de Juventude. Contudo, o próprio Governo Federal, por meio da Secretaria Nacional de Juventude – ao menos antes do Golpe Institucional de 2016, que depôs a presidenta Dilma Rousseff sem a confirmação de um crime de responsabilidade –, fazia “[...] constantemente apelos para que os diferentes ministérios, no planejamento e na execução das políticas setoriais”, considerasse “[...] as singularidades do público jovem, levando em conta suas estratificações etárias – de 15 a 17 anos, de 18 a 24 anos e de 22 a 29 anos” (NOVAES, 2009, p. 21).

O estabelecimento de uma faixa de idade na qual está compreendido determinado segmento populacional pode servir como referência para ações como o estabelecimento de políticas públicas, contudo, ao mencionar a “juventude”, dimensiona-se muito mais que um perfil etário. Trata-se de um conceito construído historicamente, que se modifica ao longo do tempo e de contexto para contexto:

A noção mais geral e usual do termo juventude se refere a uma faixa de idade, um período de vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e ocorre uma série de transformações psicológicas e sociais, quando este abandona a infância para processar sua entrada no mundo adulto. No entanto, a noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos se modificam de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através de suas divisões internas. Além disso, é somente em algumas formações sociais que a juventude configura-se como

⁶ Em seu Art. 1º, § 1º, lê-se: “Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade” (BRASIL, 2013).

um período destacado, ou seja, aparece como uma categoria com visibilidade social (ABRAMO, 1994, p. 1).

De todo modo, a juventude é, também, uma condição, na medida em que pessoas nascidas em um mesmo momento histórico protagonizarão uma experiência geracional comum, apesar das diferenças sociais e culturais:

A situação de classe e a situação de geração (pertencimento a classes de idade vizinhas) têm em comum o fato de circunscreverem, em função de sua situação específica no espaço sócio-histórico, os indivíduos em um campo determinado de possíveis e favorecerem, assim, um modo específico de experiência e de pensamento, bem como um modo específico de intervenção no processo histórico. Cada situação afasta diretamente um grande número de modos de experiência, de pensamento, de maneiras de sentir e agir possíveis e restringe a margem do jogo dos efeitos da individualidade a possibilidades precisas e limitadas [...]. É inerente a cada situação a tendência a um modo de comportamento, uma maneira de sentir e de pensar determinados. (MANNHEIM, [1928] 1990 apud TOMIZAKI, 2010, p. 332).

Assim, “[...] a condição juvenil, como categoria sociológica e antropológica, está referida tanto à estrutura social como aos valores e à cultura particular dos sujeitos jovens nos processos de transformação sociais contemporâneos” (LÉON, 2005, p. 17). Também se refere a um período decisivo do desenvolvimento individual, afinal, entre a infância e a vida adulta, buscam-se identificações e elos de pertencimento em várias dimensões:

[...] o processo de construção de identidades se configura como um dos elementos característicos e nucleares do período juvenil. O referido processo se associa a condicionantes individuais, familiares, sociais, culturais e históricos determinadas. Por outro lado, é um processo complexo que se constata em diversos níveis simultaneamente. Distinguiu-se a preocupação por identificar-se a um nível **pessoal, geracional e social**. Ocorre um reconhecimento de si mesmo, observando-se e identificando características próprias (identidade individual); este processo traz consigo as identificações de gênero e papéis sexuais associados. Além disto, busca-se o reconhecimento de um si mesmo nos outros que sejam significativos ou que se percebem com características que se desejaria possuir e que estejam na mesma etapa de vida. Isso constitui a identidade geracional. Também existe um reconhecimento de si mesmo num coletivo maior, em um grupo social que define e que determina, por sua vez, ao compartilhar uma situação comum de vida e convivência. A identidade refere-se obrigatoriamente ao entorno, ao ambiente. Os conteúdos que originam a identidade geracional implicam modos de vida, particularmente práticas sociais juvenis e comportamentos coletivos. Também encerram valores e visões de mundo que guiam estes comportamentos (LÉON, 2005, p. 14, grifo nosso).

O reconhecimento desse processo afeta de forma direta, por exemplo, as ações governamentais destinadas aos jovens. Ao se perceber o período não como suspensão ou moratória antes de assumir definitivamente as obrigações da vida adulta, os sujeitos dessa faixa etária protagonizam um momento de

[...] vivência e experimentação diferenciada (uma vivência em todas as esferas do mundo adulto, mas de maneira singular, não igual ao dos adultos): sexualidade, estudo, trabalho, diversão, mas com menos compromissos e encargos do que quando se casa e tem filhos, com vínculos menos definitivos [...]. [Assim, assume-se que] [...] as políticas para jovens devem ser capazes de abordar esta singularidade do modo de inserção, menos do que supor a suspensão ou adiamento destas esferas. E também, que não basta pensar na dimensão da formação, mas também da experimentação, da iniciação, da realização, da participação (ABRAMO, 2005, p. 69).

Nesse processo de construção da identidade e nas experiências dessa fase da vida, que envolve a busca por inserção e identificação, instituições mais tradicionais como a família e a escola dividem – e muitas vezes perdem – espaço em relação a outras formas de socialização.

Atualmente, a criação de grupos afins para atividades de lazer e cultura realça a importância dessas dimensões para a constituição da sociabilidade, das identidades e da formação de valores para os jovens (DAYRELL, 2002).

No relatório final da pesquisa “Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas” (RIBEIRO; LÂNES; CARRANO, 2005, p. 59), a partir de falas dos próprios jovens, destaca-se a “[...] percepção de que o grupo possui dimensão formativa e que é capaz de potencializar as ações que cada um pode fazer, considerando-o, inclusive como forma de conquistar respeito, de diálogo entre os jovens e professores(as) – no caso da escola – e de visibilidade juvenil”.

A maneira como se é jovem hoje, para além dos aspectos já mencionados, relaciona-se a um alongamento dessa etapa, por fatores que vão desde a condição econômica e social – que leva, por exemplo, a uma maior dependência da família e períodos mais longos de estada na casa dos pais – a uma supervalorização da figura do jovem em razão de interesses comerciais. Aliás, esse aspecto gera consequências nefastas em termos sociais:

Na sociedade pautada pela indústria cultural, as identificações se constituem por meio das imagens industrializadas. Poucos são aqueles capazes de consumir todos os produtos que se oferecem ao adolescente contemporâneo – mas a *imagem* do adolescente consumidor, difundida pela publicidade e pela televisão, oferece-se à identificação de todas as classes sociais. Assim, a cultura da sensualidade adolescente, da busca de prazeres e novas “sensações”, do desfrute do corpo, da liberdade, inclui todos os adolescentes. Do filhinho-de-papai ao morador de rua, do jovem subempregado que vive na favela ao estudante universitário do Morumbi (ou do Leblon), do traficante à patricinha, todos os adolescentes se identificam com o ideal publicitário do(a) jovem hedonista, belo(a), livre, sensual. O que favorece, evidentemente, um aumento exponencial da violência entre os que se sentem incluídos pela via da imagem, mas excluídos das possibilidades de consumo. O efeito paradoxal do campo de identificações imaginárias aberto pela cultura jovem é que ele convoca pessoas de todas as idades. Quanto mais tempo pudermos nos considerar jovens hoje em dia, melhor. Melhor para a indústria de quinquilharias descartáveis, melhor para a publicidade – melhor para nós? O fato é que nas últimas décadas viramos jovens perenes. [...] Se ainda não se sabe do que a máquina

humana, feita de apetites e de linguagem, é capaz, por que o poder da cultura, do dinheiro, do cinema e da televisão não podem congelar cinco, seis gerações num estado de juventude perpétua? (KEHL, 2004, p. 93-94).

Nesse viés, a conversão da juventude em *juvenilidade* ou *juvenilização*, de acordo com Groppo (2017, p. 109), torna-a

[...] signo para o consumo, e se realiza pelo consumo [...]. O que se consome é o signo da juventude, a juvenilidade, por meio de bens e serviços [...] [contudo] [...] é preciso ter os capitais econômicos, culturais e sociais necessários para realizar o consumo ostentador dos valores-signos mais preciosos (GROPPO, 2017, p. 110-111).

Assim, Abramo (2005, p. 43) considera que a “[...] vivência da experiência juvenil passa a adquirir sentido em si mesma e não mais somente como preparação para a vida adulta”. A consequência disso é que categoriais tradicionais como casamento, saída da casa dos pais ou a conquista de um emprego já não são mais marcas da *entrada na vida adulta*; na verdade, verifica-se cada vez mais a complexificação desse processo, trazendo à tona inúmeras modalidades de transição e compreensão do fenômeno (PIMENTA, 2007; PAPPÁMIKAIL, 2010). Como explica Léon (2005, p. 17):

A transição da etapa juvenil à vida adulta deixou de ser um tipo de “trajetória linear”, ou concebida como uma trajetória de final conhecido e de maneira tradicional, onde o eixo da transição foi a passagem da educação para o trabalho; onde atualmente, com maior propriedade, este trânsito está vinculado a uma fase imprevisível, vulnerável, de incerteza maior que nas trajetórias tradicionais ou lineares, onde podem denominar-se tipos de “trajetórias reversíveis, labirínticas ou iô-iô”.

Atualizando as metáforas sobre a transição da juventude para a vida adulta, talvez fosse pertinente associá-la às trajetórias *fidget spinner*, ao mencionar os efeitos da ampliação do acesso ao ensino superior no Brasil. O brinquedo, que virou moda não apenas entre crianças, adolescentes e jovens, pois foi propalado como objeto capaz de reduzir o estresse e aumentar a concentração em adultos, gira de maneira quase ininterrupta nas mãos de uma pessoa. A atratividade desse objeto giratório reside nos diferentes tempos de rotação, ruídos e efeitos óticos que podem ser produzidos. Não parece ser essa a sensação que muitos jovens podem ter em relação às suas trajetórias de vida? Rodar e rodar na busca de credenciais escolares que parecem provocar alguns efeitos, sentir que se está aproximando de um ponto de chegada, mas, ao final, descobrir que o jogo é apenas continuar girando e girando sobre o próprio eixo, talvez na expectativa de dias melhores: “É isso aí, você não pode parar, esperar

o tempo ruim vir te abraçar. Acreditar que sonhar sempre é preciso, é o que mantém os irmãos vivos”⁷.

Contudo, no caso de jovens negros e pobres, a “brincadeira” parece não durar muito tempo. Como aponta o *Atlas da Violência 2017*, em “[...] cada 100 pessoas que sofrem homicídio no Brasil, 71 são negras. Jovens e negros do sexo masculino continuam sendo assassinados todos os anos como se vivessem em situação de guerra” (CERQUEIRA et al, 2017, p. 30). Também é o que aponta o *Índice de Vulnerabilidade Juvenil*, ao analisar homicídios de jovens no Brasil a partir das variáveis gênero e raça – destacando, ainda, como as jovens negras estão expostas ao problema:

Os jovens de 15 a 29 anos representam um quarto da população brasileira e estão entre as maiores vítimas de homicídios. [...]

A violência atinge especialmente jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos. Dados do *Atlas da Violência 2017* (IPEA, FBSP) mostram que mais da metade das 59.080 pessoas mortas por homicídios em 2015 eram jovens (31.264, equivalentes a 54,1%), das quais 71% negras (pretas e pardas) e 92% do sexo masculino. Além de grave violação aos direitos humanos, a violência impede que parte significativa dos jovens brasileiros tenha uma vida plena e revela uma inesgotável fonte de perda de talentos para o desenvolvimento do país. [...]

No IVJ 2017, ano base 2015, foi constatado que em quase todas as Unidades da Federação, as negras com idade entre 15 a 29 anos apresentam mais risco de exposição à violência que as jovens brancas na mesma faixa etária. O risco relativo de uma jovem negra ser vítima de homicídio é 2,19 vezes maior do que uma jovem branca. Entre as jovens e os jovens brasileiros de 15 a 29 anos, a chance de um jovem negro ser assassinado é quase três vezes (2,70) superior a um jovem branco na mesma faixa de idade (BRASIL, 2017, p. 11; 14).

Nesse sentido, é notório que largo contingente juvenil brasileiro caminha pelas ruas das cidades “[...] como se fosse culpado pelo ‘crime de ser portador da sua cara’” (FERREIRA et al, 2009, p. 197), conforme apontam dados sobre o encarceramento de jovens no país, os quais demonstram ser a população nos presídios do país constituída majoritariamente por jovens negros habitantes das periferias:

A partir dos dados levantados e analisados, conclui-se que houve crescimento de 74% da população brasileira encarcerada entre 2005 e 2012. As análises possibilitaram identificar o perfil da população que está nas prisões do país: homens, jovens (abaixo de 29 anos), negros, com ensino fundamental incompleto, acusados de crimes patrimoniais e, no caso dos presos adultos, condenados e cumprindo regime fechado, e majoritariamente, com penas de quatro até oito anos. [...]

Estes dados possibilitam inferir que tanto o encarceramento como as mortes violentas no país são focalizados na população jovem e negra. Esses números indicam a seletividade racial do encarceramento brasileiro, já que a aceleração do encarceramento é maior neste grupo do que entre brancos, bem como a

⁷ Trecho da composição “A vida é desafio”, gravada pelo grupo de rap Racionais MC’s no álbum *Nada como um dia após o outro dia* (Cosa Nostra fonográfica, 2002).

vulnerabilidade da população negra e jovem às mortes violentas (BRASIL, 2015, p. 91;94).

Outra grande parcela, cerca de um quinto da população entre 15 e 29 anos, de acordo com dados do IBGE de 2017⁸, não trabalhavam nem estudavam, sendo-lhes impingido o estigma “nem-nem” (jovens que nem estudam nem trabalham), talvez, a partir de uma interpretação de que jovens não “querem” trabalhar ou estudar, quando diversos estudos apontam para as causas estruturais que engendram essa condição, as quais vão muito além de escolhas individuais, como aponta Cardoso (2013) e recente pesquisa produzida pelo Banco Mundial (MACHADO; MULLER, 2018).

No entanto, há que se atentar às imagens projetadas e veiculadas acerca da juventude, pois reduzi-la tão somente a representações negativas ou abstrações pode obnubilar aspectos positivos de suas relações com a cultura e a sociabilidade, por exemplo, como bem explorou Dayrell (2016, p. 30) nos estudos que publicou sobre as práticas coletivas juvenis na relação com estilos musicais:

Xs jovens enfatizavam que a adesão aos estilos gerava uma ampliação dos circuitos e redes de trocas, evidenciando que os estilos musicais, bem como os grupos de produção cultural, se constituíam como produtores de sociabilidades. A dinâmica das relações existentes, a existência da confiança, a gratuidade das relações, sem outro sentido que não a própria relação, eram aspectos que apontavam para a centralidade da sociabilidade no processo de construção social desses jovens. Nesse sentido, os estilos eram vistos como respostas possíveis à despersonalização e à fragmentação do sistema social, possibilitando relações solidárias e a riqueza da descoberta e do encontro com os outros.

Mais que isso, a fixação apenas em aspectos negativos pode revelar-se uma obsessão “adultocêntrica”, na medida em que se ignora a própria opinião dos jovens, geralmente positiva acerca de sua condição. De acordo com dados do Projeto Juventude⁹, 74% dos jovens dizem que há mais coisas boas do que ruins em ser jovem (ABRAMO; BRANCO, 2005, p. 379).

Abramo (2005, p. 69) vai um pouco além:

A alta positividade com que valoram a sua vida como jovens, apesar das diferentes situações e de todos os fatores de dificuldades econômicas e de perspectivas, pode nos levar a arriscar a ideia que a própria possibilidade de estar vivendo a juventude

⁸ Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21256-mais-de-25-milhoes-de-jovens-nao-estudavam-em-2017>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

⁹ O projeto, realizado pelo Instituto Cidadania, entre 2003 e 2004, envolveu estudos, pesquisas e discussões. Apesar de os dados não serem tão recentes, não deixam de nos fornecer pistas para a compreensão da juventude brasileira na ausência de pesquisas mais atualizadas com tamanha abrangência. Para mais informações sobre o projeto, ver seu documento de conclusão, cf. INSTITUTO CIDADANIA, 2004.

aparece como uma experiência positiva, talvez como uma conquista histórica desta geração.

Assim como os pesquisadores do fenômeno juvenil, na presente dissertação, busca-se capturar as tantas e variadas nuances que essa categoria social apresenta:

Além das marcas da diversidade cultural e das desiguais condições de acesso aos bens econômicos, educacionais e culturais, a juventude é uma categoria dinâmica. Ela é transformada no contexto das mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude, e sim jovens enquanto sujeitos que a experimentam e a sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem, e, assim, elaboram determinados modos de ser jovem. É nesse sentido que adotamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes (DAYRELL, 2016, p. 17).

2.2 Jovens, contemporaneidade e projetos de futuro

Ao mesmo tempo que é necessário levar em consideração o fato de não haver simplesmente “[...] uma juventude, e sim jovens enquanto sujeitos que a experimentam e a sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem”, salientando “a diversidade de modos de ser jovem existentes” (DAYRELL, 2016, p. 17), é importante destacar ao menos alguns aspectos da realidade social contemporânea que podem imprimir marcas comuns na vivência desse período, fundamentalmente com implicações diferentes na vida dos distintos jovens, a depender da variedade e quantidade de recursos de que dispõem.

Como lembra Novaes (2007, p. 2-3):

Para além das evidentes distâncias sociais que os separam, os jovens de hoje vivem em um momento no qual a tensão local-global se manifesta no mundo de maneira contundente. Nunca houve tanta integração globalizada e, ao mesmo tempo, nunca foram tão agudos os processos de exclusão e profundos os sentimentos de desconexão. É verdade que estes aspectos têm consequências na sociedade como um todo, para todas as faixas etárias. Mas suas repercussões se agigantam sobre a juventude. Afinal as profundas mutações no mercado de trabalho atingem de maneira particular os jovens. É nesta fase da vida que se busca condições para a emancipação, as relações entre juventude e sociedade se fazem como em uma espécie de jogo de espelhos: ora apenas retrovisor, ora retrovisor e agigantador. Neste peculiar jogo dialético se produzem marcas geracionais, sensibilidades e disposições simbólicas comuns aos jovens que vivem em um mesmo tempo social.

Ao versar sobre a realidade social contemporânea, Leccardi (2005, p. 43) destaca que “[...] há cada vez menos espaço para dimensões como segurança, controle, certeza”, de maneira que “[...] o futuro da modernidade contemporânea é o futuro *indeterminado e*

indeterminável, governado pelo risco”, influenciando os modos de temporalização, a relação com o tempo e a capacidade de estabelecer projetos de futuro.

Interessante trazer à baila o resgate feito por Pais (2006, p. 11) da origem da palavra *risco* para tratar, também, da condição juvenil contemporânea:

A origem etimológica do termo risco provém do latim *riscum* ou *risicum*, expressão associada às incertezas das antigas expedições marítimas. Hoje em dia, a passagem de alguns jovens para a vida adulta é um verdadeiro dobrar de “cabo das tormentas” (via de *riscum*).

Como consequência, os jovens, “[...] um termômetro particularmente sensível dessas transformações”, tornam-se *nômades do presente*, pois “[...] rodeiam, sem uma meta precisa, por lugares não conectados, estações singulares de suas biografias, cujas conexões podem ser eventualmente identificadas como resultado de uma reflexão *ex post*, e não com base em um projeto” (LECCARDI, 2005, p. 45;47).

Nas palavras de Pais (2006, p. 9), hoje, “[...] os jovens vivem uma condição social em que as setas do tempo linear se cruzam com o enroscamento do tempo cíclico. Temporalidades ziguezagueantes e velozes” estabelecidas durante uma vivência de “[...] contratempos que caracterizam a condição juvenil contemporânea”.

Nesse contexto, jovens capazes de utilizar como estratégia

[...] modelos de ação construídos a partir de novas formas de disciplina temporal (por exemplo, para períodos breves, mas intensos, “finitos”), de programação e controle atento sobre o tempo cotidiano, [...] parecem especialmente ricos em recursos – culturais, sociais e econômicos. Se os sujeitos dominantes de nossa época são aqueles que se diferenciam em virtude de sua capacidade de utilizar bem, em termos de poder, a velocidade e a mobilidade, esses jovens parecem trilhar esse caminho. Quem, pelo contrário, possui poucos recursos sociais e culturais parece, sobretudo, sofrer com a perda do futuro progressivo e da capacidade de propor projetos da primeira modernidade. Para esses jovens, o futuro, fora de controle, pode ser somente anulado, apagado para dar lugar a um presente sem fascínio (LECCARDI, 2005, p. 52).

Considerando o mote desta pesquisa, é necessário incluir entre as ferramentas de que os jovens dispõem para o enfrentamento das dificuldades de inserção e delineamento de um percurso de vida os *recursos religiosos*, posto que o caminho não parece plano. Inclusive, convém observar que, além das novas formas de relação com o tempo e, conseqüentemente, com as possibilidades e impossibilidades de tessitura de projetos de vida e de futuro, “[...] os jovens contemporâneos vivem uma constante tensão entre a busca de sua emancipação pessoal e a subordinação aos ditames da sociedade de consumo, bem como das imagens da

juventude veiculadas pela mídia”, já que esta “[...] exerce um papel crucial na atribuição de sentidos e na formação da opinião pública desta geração, embora o público jovem receptor dos meios de comunicação seja constituído por uma massa heterogênea, bastante diferenciada”, havendo, assim, distintas “[...] possibilidades de recepção de uma mesma mensagem divulgada pela mídia” (INSTITUTO CIDADANIA, 2004, p. 12).

Novaes (2018, p. 366) chama a atenção, ainda, para os vários medos que assombram a juventude contemporânea, quais sejam: o medo de sobrar, o medo de se sentir desconectado e o medo de morrer. Na verdade,

[...] hoje não há como falar de juventude sem falar de incertezas. Esse é o sentimento comum que atravessa toda uma geração. Da subjetividade dos jovens de hoje – com diferentes matizes e intensidades de acordo com suas condições de vida – fazem parte vários medos. Como já assinali em outros artigos, entre jovens contemporâneos (infelizmente) persiste o medo de sobrar por não encontrar seu lugar em um mundo do trabalho restritivo e mutante; o medo de se sentir desconectado neste mundo altamente conectado; o medo de morrer cedo e de maneira violenta.

No que diz respeito ao medo de morrer, “[...] mesmo que nem sempre os jovens tenham sido atingidos diretamente pela violência urbana, o tema faz parte do imaginário socialmente construído. É um marco geracional importante. Entre os jovens de hoje há o temor expresso da morte prematura”. E isso independe de classe social, pois a “[...] bala perdida está no imaginário de todos: na casa dos mais ricos, na rua, no ônibus e nas grandes vias. [...] Em qualquer grupo, todos têm algo para contar sobre a polícia” (NOVAES, 2006, p. 111).

E são o medo de morrer e o medo de sobrar os que mais incomodam, de fato, o jovem brasileiro. Entre os assuntos mais preocupantes para a juventude brasileira estão segurança, emprego, drogas e educação – apontados por 55%, 52%, 24% e 17% dos jovens, respectivamente (BRANCO, 2008, p. 138). Para efeito de análise, relaciona-se a dupla emprego/educação ao medo de sobrar e segurança/drogas ao medo de morrer. Emprego e educação aparecem também no topo do ranking dos assuntos que mais interessam aos jovens, correspondendo a 38% e 37%, respectivamente (BRANCO, 2008, p. 139).

Obviamente que os principais medos e interesses dos jovens se refletem em outros segmentos etários, contudo, a juventude talvez sinta mais fortemente, e em primeiro lugar, as rachaduras e vulnerabilidades do tempo histórico em que vivem, como uma espécie de sismógrafo das movimentações sociais:

De um modo geral, pode-se dizer que a “juventude” tem estado presente, tanto na opinião pública como no pensamento acadêmico, como uma categoria propícia para simbolizar os dilemas da contemporaneidade. A juventude, vista como categoria geracional que substitui a atual, aparece como retrato projetivo da sociedade. Nesse sentido, condensa as angústias, os medos, assim como as esperanças, em relação às tendências sociais percebidas no presente e aos rumos que essas tendências imprimem para a conformação social futura (ABRAMO, 1997, p. 29).

Na análise das relações entre práticas religiosas e juventude a que se propõe esta pesquisa, considerando “[...] as inseguranças advindas dos desenraizamentos do mundo contemporâneo e as específicas dificuldades de inserção social” (NOVAES, 2005, p. 282), uma pergunta reverbera: *Qual papel a religião exerce na vida dos jovens brasileiros neste momento histórico repleto de desafios?*

2.3 Os jovens e a fé

Em virtude dos diversos modos de vivência da condição juvenil, como visto até aqui, não se pode tratar de maneira homogênea esse segmento etário, ou supor de antemão, sem ao menos alguma constatação empírica, que determinadas instituições, como escola e família, tenham o mesmo peso para todos os jovens.

Por vezes os estudos de Sociologia da Educação acabam se concentrando na investigação da relação entre os jovens e as instituições escolares, quando se nota a quase indissociabilidade, por exemplo, entre escolarização, mundo do trabalho e família (BEAUD; PIALOUX, 2009; TOMIZAKI, 2007). Nesse passo, um olhar centrado apenas em instituições escolares pode obnubilizar o fato de que o papel da escola na vida dos jovens, eventualmente, faz-se nulo, relegado “[...] a uma relação distante: a resignação desencantada, disfarçada em negligência impertinente” a lembrar, “[...] dentro da escola, que a verdadeira vida encontra-se fora dela.” (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2017, p. 251).

Além disso, conforme indicam Nogueira e Nogueira (2017, p. 71), as reflexões bourdieusianas apontam para o fato que a “[...] escola não seria uma instância neutra que transmitiria uma forma de conhecimento intrinsecamente superior às outras formas de conhecimento, e que avaliaria os alunos com base em critérios universalistas”; pelo contrário, “[...] ela é concebida como uma instituição a serviço da reprodução e da legitimação da dominação exercida pelas classes dominantes”.

E mesmo quando surgem iniciativas que parecem cuidar das necessidades e anseios dos jovens, como é o caso da proposta de democratização do ensino, pode-se entrever, não

raro, a continuidade de estratégias de reprodução das mesmas práticas de *dominação exercida pelas classes dominantes*, como exposto no brilhante ensaio “Os excluídos do interior”, de Pierre Bourdieu e Patrick Champagne (2017, p. 250):

E fazem com que o sistema de ensino, amplamente aberto a todos e, no entanto, estritamente reservado a alguns, consiga a façanha de reunir as aparências da “democratização” com a realidade da reprodução que se realiza em um grau superior de dissimulação, portanto, com um efeito acentuado de legitimação social.

Olhar para os jovens apenas sob o prisma escolar, especialmente no Brasil, onde a passagem por instituições educativas tradicionais para a conclusão da educação básica ainda não foi universalizada¹⁰, impossibilita o vislumbre de outros aspectos que podem ter relevância parelha – ou até superior – na constituição de suas identidades, projetos de futuro e participação (ou não) em espaços públicos. Acadêmicas como Setton (2005), à guisa de ilustração, têm buscado investigar as especificidades dos processos de socialização no mundo contemporâneo, incluindo o papel da mídia:

O fenômeno da cultura de massa, responsável pela circulação de informações, favorecido pela fragilidade das instituições tradicionais de educação, constrói um ambiente favorável à difusão de valores e padrões de conduta diversificados e por vezes heterogêneos. Nesse contexto, aponta para uma nova arquitetura das relações sociais, em que as ações educativas não se realizam apenas nos espaços institucionais tradicionais. Ao contrário, essa nova configuração cultural alerta para outras modalidades educativas, circunstanciando a particularidade do processo de socialização na contemporaneidade (SETTON, 2005, p. 346-347).

A mesma pesquisadora aponta para a necessidade de se “[...] pensar com mais cuidado em uma esfera educativa ainda pouco explorada, contudo extremamente importante e que compõe o repertório cultural de amplas parcelas da população brasileira” (SETTON, 2008, p. 24): a religião.

Propõe-se que a Sociologia da Educação se ocupe não só da instituição escola, mas também de outras matrizes de cultura, como a família, as mídias e, no caso aqui específico, a religião, pois são espaços produtores de valores morais e identitários, são, por excelência, espaços formadores de consciência. Todas essas agências seriam capazes de forjar, em tensas e intensas relações, um *habitus*, um *modus operandi* de pensamento, bem como um sistema de disposições orientador de condutas, matéria de importância para os educadores da atualidade que se veem defronte a uma realidade múltipla de referências de estilos de vida (SETTON, 2008, p. 16).

¹⁰ De acordo com dados do IBGE, em 2016, “[...] 51% da população com 25 anos ou mais do Brasil possuíam apenas o ensino fundamental completo”. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/18992-pnad-continua-2016-51-da-populacao-com-25-anos-ou-mais-do-brasil-possuiam-apenas-o-ensino-fundamental-completo.html>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

A despeito de um certo ideário denegatório da capacidade mobilizadora da religião na contemporaneidade – que muitas vezes só ganha destaque em suas relações com fundamentalismos –, essa dimensão ainda possui grande relevância identitária na vivência juvenil. Conforme aponta Novaes (2004, p. 321), apesar de dados do IBGE apontarem para um crescimento dos sem religião, “[...] de 4,8% em 1991 para 7,4% em 2000”¹¹, e, portanto, para supostos *ventos secularizantes* que estariam a soprar por estas bandas, isso não significa necessariamente uma ausência de religiosidade, pois

[...] declarar-se “sem religião” pode significar: a) um ponto de partida para se descolar das religiões de família. Por esta via, se configuraria um cenário para “interagir” – sem vigilância das famílias e autoridades – com pessoas de outras religiões; b) um interregno entre distintos pertencimentos. Seria um “estado” que também abre espaço potencial para (re)iniciar adesões institucionais; c) e, por fim, poderia ser um ponto de chegada a uma síntese própria/pessoal por meio da combinação entre rituais e crenças de diferentes tradições religiosas, inclusive orientais, islâmicas ou esotéricas (NOVAES, 2017, *on-line*).

Além disso, o aumento de evangélicos no Brasil, “[...] de 9,05% em 1991 para 15,45% em 2000” (NOVAES, 2004, p. 321), passando para 22% em 2010¹², e o trânsito intenso destes na esfera pública, têm atraído olhares diversos, pois “valores culturais classificados como religiosos (e vice-versa) e valores religiosos classificados como políticos (e vice-versa) se inter cruzam no campo da convivência civil e chegam, até mesmo, a se incorporar nos projetos e ações de setores governamentais encarregados da formulação de políticas públicas” (NOVAES, 2012, p. 185). No campo político brasileiro recente, especula-se, inclusive, sobre a centralidade e importância do “voto evangélico” para a eleição de determinado candidato à presidência do Brasil¹³.

Contudo, ao adentrar esse campo de investigação, alerta-nos Novaes (2008, p. 290):

[...] dois extremos devem ser logo descartados. A ideia de que a religião não faz diferença para a complexa vida social contemporânea, para o aqui e agora, resulta na amputação de uma parte importante do imaginário social dos jovens de hoje, empobrece as análises. Mas a ideia oposta, de que a força proselitista de certas

¹¹ Dados do IBGE apontam que, em 2010, o número dos sem religião havia aumentado para 8%. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espiritas-e-sem-religiao>>. Acesso em: 24 jul. 2020. Além disso, outros dados, coletados pela pesquisa *Agenda Juventude Brasil*, demonstram que, de 2003 a 2013, “os jovens que declararam ‘não ter religião, mas acreditar em Deus’ passaram de 10 para 15%” (NOVAES, 2016, p. 236).

¹² Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espiritas-e-sem-religiao>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

¹³ Disponível em: <www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584304-o-voto-evangelico-garantiu-a-eleicao-de-jair-bolsonaro>. Acesso em: 24 jul. 2020.

religiões é tão forte que – não se submetendo a circunstâncias e contextos – teria o poder de por si fazer retroagir conquistas republicanas, também pode esconder outros tantos preconceitos. Preconceitos confessionais e/ou iluministas? Tanto faz, o prejuízo é o mesmo (se o objetivo é se aproximar e conhecer mais a experiência de certos segmentos da juventude brasileira).

Atentando aos extremos e preconceitos a serem evitados de antemão, nas investigações que consideram os jovens brasileiros na *complexa vida social contemporânea*, não se pode deixar de fora outros espaços de sociabilidade para além dos mais comumente investigados, como família, escola e agregações culturais. Para aqueles mobilizados em investigações que têm como sujeitos os jovens, é preciso atentar ao fato de que, “[...] ao lado de outros recortes – de classe, de gênero, de raça ou cor, de local de moradia, de opção sexual, de estilo ou gosto musical –, a religião pode ser vista como um dos aspectos que compõem o mosaico da grande diversidade da juventude brasileira” (NOVAES, 2005, p. 263).

De fato, dados apresentados por Novaes (2005, p. 264) demonstram a importância da religião para os jovens brasileiros: “Na parcela dos 15% de entrevistados que – por meio de respostas espontâneas e múltiplas – declararam participar de grupos de jovens, no topo do ranking estavam ‘os grupos da Igreja’”, “[...] nas respostas estimuladas sobre participação em associações e entidades, mais uma vez o ‘grupo religioso’ se destacou” e “[...] entre as coisas que eles mais gostam de fazer no fim de semana, o destaque para a alternativa ‘ir à missa/igreja e culto’”.

Talvez a relação entre a pergunta “O que você mais gosta de fazer no seu tempo livre, mesmo que você só faça de vez em quando?” e a resposta “Ir à missa/igreja/culto”, em pé de igualdade com atividades como “Ir dançar/baile” e “Ir à praia”, possa ser explicada pela carência de opções de lazer e cultura, sobretudo em áreas periféricas. Ou pela busca de um refúgio capaz de afastar o “[...] medo de sobrar, a insegurança para planejar o futuro profissional e a experiência de vivenciar precocemente a morte de amigos, primos e irmãos” (NOVAES, 2005, p. 282).

Sem desconsiderar todas essas possibilidades, e acima de qualquer quadro teórico predeterminado ou “crença”, objetiva-se nesta pesquisa uma maior aproximação e conhecimento da “[...] experiência de certos segmentos da juventude brasileira” (NOVAES, 2005, p. 290), ao mesmo tempo, buscando um aprofundamento do olhar sociológico sobre os fenômenos sociais; quer-se *problematizar*, na “[...] confrontação com os dados empíricos” (LEMIEUX, 2015, p. 49). Nesse sentido, Novaes (2016, p. 247, grifo nosso), ao retomar, em momento posterior, por meio de dados de 2013 da pesquisa *Agenda Juventude Brasil*, as

reflexões sobre o fato de a religião ser elencada com destaque pelos jovens como “espaço de lazer e cultura”, pondera:

Estas informações nos levam a refletir, em primeiro lugar, sobre o pouco acesso que a juventude da cidade e do campo tem aos equipamentos de lazer e cultura, via de regra concentrados nas partes nobres das cidades, longe de onde vive a grande maioria dos jovens. Em segundo lugar, suscitam a **reflexão sobre o lugar destacado que a religião guarda na socialização e na sociabilidade dos jovens de hoje. Não por acaso, ao produzir espaços de agregação social, a religião, muitas vezes, pode ser ponto de partida para outras experiências e pertencimentos culturais e políticos.**

Por isso é preciso atentar ao fato de que, assim como distintos sujeitos jovens vivem diversamente a condição juvenil – conforme explicitado nos itens 2.1 e 2.2 –, a relação de pessoas dessa faixa etária com a religião e a fé não pode ser vista de maneira homogênea. A própria relação dos jovens católicos com o catolicismo é permeada de nuances, não só em virtude das distintas correntes internas dessa religião ou das “culturas juvenis católicas” – assuntos a serem tratados no item 2.4 –, mas porque mesmo dentro de diferentes grupos no interior da Igreja Católica há

[...] *maneiras diversas de aderir* a esses consensos, de pertencer a esses coletivos, de compartilhar dessas visões de mundo e de adotar a orientação desses *etos*; as *modalidades da crença* nesses sentidos e nesses poderes; os *modos*, exclusivos ou múltiplos, de *afirmar, distinguir e/ou combinar essas identidades*, seja assumindo uma posição estável, seja tateando num itinerário à procura, através de mil caminhos, de um horizonte... (SANCHIS, 1997, p. 29).

E não se trata apenas de olhar para a identidade religiosa juvenil e perceber dentro dela pontos de fluidez e combinações. A ótica adotada precisa ser ampla o suficiente para abarcar a sobreposição de identidades e os pertencimentos múltiplos sob o pano de fundo de “processos sociais e trajetórias individuais concretas”:

Pesquisas recentes têm demonstrado que, em suas atuações no espaço público, os jovens somam “causas”, sobrepondo diferentes identidades. Múltiplas causas e experiências de discriminação podem se somar na vida de um mesmo jovem (ser jovem, ser negro, ser favelado, ser homossexual, ser mulher, ser lésbica e “ser cristã”...). A predominância de uma identidade sobre outra ou a combinação de identidades e causas não acontece em abstrato, mas em processos sociais e trajetórias individuais concretas (NOVAES, 2012, p. 199).

Considerando que, nas relações entre juventude e fé, o recorte desta pesquisa centra-se em jovens católicos, no próximo item serão apresentados os matizes e nuances de que se

reveste o pertencimento ao catolicismo no Brasil e a maneira como essas modulações se refletem na crença de seus jovens fiéis.

2.4 Tendências do catolicismo brasileiro e as “culturas juvenis católicas”

De início, faz-se necessário ressaltar: “a” juventude católica não existe. Em concordância com Sanchis (1992, p. 33), entende-se que “[...] há religiões demais nesta religião. Entre uma paróquia tradicional de classe média e uma comunidade popular, por exemplo, tudo parece oposto; mensagem, culto, organização e distribuição do poder”. Ao menos no Brasil, não se pode homogeneizar o catolicismo, pois a Igreja Católica aqui é

[...] diversa como os meios sociais de que participa [...] articulando modos de vida ou interesses de classe contratados e prolongando estes interesses no campo do engajamento político, enraizando-se em espaços ecológico-culturais e socioecológicos que cobrem quase tudo das situações humanas, agarrando-se às tradições ou reinterpretando-se em função de situações todo dia emergentes, autodefinindo-se como exclusiva lealdade ou aceitando ajustar fidelidades numa consciência religiosa tranquilamente compósita, estritamente identificada a determinações institucionais ou relativizando a sua referência à Igreja, modulando, enfim, os matizes de sua adesão, os conteúdos e a própria natureza do seu “crer”, a vivência do ser católico no Brasil foge de qualquer univocidade (SANCHIS, 1992, p. 33).

As particularidades do catolicismo no Brasil¹⁴ e, também, na América Latina, tornaram-se objeto de investigação de pesquisadores como Michael Löwy, que, a partir de análises gramscianianas da igreja italiana, em meados de 1990, mapeou em países latino-americanos distintos *catolicismos*, agrupando-os em quatro “tendências” principais:

1. Um grupo muito pequeno de **fundamentalistas**, que defendem ideias ultrarreacionárias e às vezes até semifascistas, por exemplo, o grupo “Tradição, Família e Propriedade” (TFP).
2. Uma poderosa corrente **conservadora e tradicionalista**, hostil à Teologia da Libertação e organicamente associada às classes dominantes (e também à Cúria Romana); por exemplo, a liderança do CELAM.
3. Uma corrente **reformista e moderada** (com uma certa autonomia intelectual com relação às autoridades romanas), pronta para defender os direitos humanos e apoiar certas demandas sociais dos pobres: essa é a posição que prevaleceu na Conferência de Puebla, em 1979, e (até certo ponto) na de Santo Domingo, em 1992.
4. Uma minoria pequena mas influente de **radicais**, simpáticos à Teologia da Libertação e capazes de uma solidariedade ativa com os movimentos populares, de trabalhadores e de camponeses. Seus representantes mais conhecidos foram bispos (ou cardeais) tais como Mendez Arceo e Samuel Ruiz (México), Pedro Casaldáliga e

¹⁴ Nas palavras de Teixeira (2014, p. 38), a peculiaridade do catolicismo no Brasil residiria em “suas malhas largas e seu perfil plural”, uma religião “que acolhe e convive com a diversidade, ‘em que Deus pode ter muitos rostos’ [...] ‘um sistema de sentido pluri-aberto, multi-cênico e em constante transformação’ (Brandão, 2013)”.

Paulo Arns (Brasil), Loenidas Proaño (Equador), Oscar Romero (El Salvador) etc. Nessa corrente, a seção mais progressista é representada pelos cristãos revolucionários: o “Movimento Cristãos pelo Socialismo” e outras tendências que se identificam com o Sandinismo, com Camilo Torres ou com o Marxismo Cristão (LÖWY, 2016, p. 81, grifo nosso).

Estudiosos da juventude católica na contemporaneidade, como Sofiati (2012, p. 53-54, grifo nosso), continuam validando o referencial de Löwy e Gramsci, identificando outros grupos que corresponderiam a cada uma das mencionadas tendências:

1) Tradicionalistas: formadas pelos movimentos Opus Dei, Tradição Família e Propriedade e Arautos do Evangelho; **2) Modernizadores conservadores:** setor no qual se insere o movimento de Renovação Carismática Católica; **3) Reformistas:** no qual predominam as congregações que trabalham diretamente com educação como, por exemplo, os salesianos, os lassalistas, e os maristas; **4) Radicais:** formada pelos setores ligados à Teologia da Libertação, como as CEBs, as Pastorais Sociais e Pastorais da Juventude, ou seja, o conjunto dos cristãos da libertação.

Simultaneamente, a atualidade aponta para algumas reconfigurações dentro dessas correntes principais. Uma delas associa o cenário econômico-social como favorecedor da pentecostalização do catolicismo, expresso em movimentos como a Renovação Carismática Católica (RCC), cujas práticas enfatizam aspectos subjetivos e individuais, bastante em sintonia com o ideário pós-moderno e neoliberal:

É fundamental analisar essas práticas religiosas cuja finalidade é levar o fiel para mais perto do sagrado e da magia com uma compreensão submetida pela ideia de encantamento do mundo, deslocando-o, simultaneamente, para mais longe do universo político e de uma compreensão da sociedade de forma racional. Como afirma Moreira (1996), o neopentecostalismo é a face religiosa do neoliberalismo. Portanto, o seu crescimento possui implicações que atingem toda a sociedade, principalmente as instituições sociais que garantem a forma de democracia laica presente no Brasil (SOFIATI, 2009, p. 3).

Sofiati (2009, p. 3) ainda entende que, “[...] no caso brasileiro, existe uma relação causal entre as dificuldades impostas pela sociedade atual e a capacidade de atração das igrejas e correntes pentecostais”. Acrescenta que os obstáculos para a inserção social, o medo e a descrença no ideário político fazem da religião uma *saída*, uma espécie de fuga para espaços que podem trazer alguma segurança e conforto subjetivo.

Nesse contexto, também a radicalidade de alguns grupos parece ter sido abrandada. A *opção preferencial pelos pobres*, mote-síntese dos grupos mais radicais, passou, de acordo com Sofiati (2012, p. 54), a tender “[...] para questões ecológicas, étnicas, feministas”, diluindo-se a “[...] chave de interpretação marxista” e “[...] a ideia de classe social contida nas análises dos teólogos da libertação”.

A aproximação entre marxismo e catolicismo pode causar estranhamento a *ouvidos* contemporâneos. Contudo, houve um momento histórico no Brasil e na América Latina em que essas ideias estiveram muito próximas por meio de uma “[...] afinidade eletiva’ entre ética religiosa e utopias sociais” (MEDEIROS; SOUZA, 2016, p. 18).

Löwy (2016, p. 53) retoma o conceito de “afinidade eletiva” de Weber, usado para explicar a “simbiose cultural” entre protestantismo e capitalismo, a fim de apresentar “[...] um contra-argumento não escrito construído na própria estrutura de *A ética protestante*: a Igreja Católica é um ambiente muito menos favorável – se não completamente hostil – ao desenvolvimento do capitalismo que as seitas calvinistas e metodistas”.

Na verdade, conforme as tendências do catolicismo anteriormente expostas, ao menos haveria

[...] uma espécie de afinidade negativa [...] entre a ética católica e o capitalismo [...] que desembocou na emergência da Teologia da Libertação na América Latina [...] [com a] [...] denúncia do capitalismo como raiz do mal e causa do empobrecimento (LÖWY, 2016, p. 58; 60).

Löwy (2016, p. 74) propõe o termo *Cristianismo da Libertação* para referir-se ao setor progressista da Igreja Católica na América Latina, “[...] por ser um conceito mais amplo que ‘teologia’ ou que ‘Igreja’ e incluir tanto a cultura religiosa e a rede social quanto a fé e a prática”.

Sofiati (2012, p. 34) retoma os estudos de Löwy para destacar que a emergência desse movimento se deu pela convergência, em determinado momento histórico, de fatores internos e externos:

A gênese do Cristianismo da Libertação, termo utilizado pelo autor [Löwy] para conceituar o setor progressista da IC [Igreja Católica] na América Latina, é resultado de transformações que ocorreram simultaneamente na IC e na sociedade. A eleição de João XXIII (1958-1963) possibilitou uma presença mais progressista no centro do poder católico que, com o Vaticano II, legitimou e sistematizou essas novas orientações, estimulando o movimento católico progressista na América Latina. A Revolução Cubana inaugurou um novo período da história política da América Latina, caracterizada pela intensificação das lutas sociais e pela crise de legitimidade do sistema político. Por isso, Löwy insiste na tese de que essas mudanças não foram frutos de convenções da cúpula da IC, tampouco de uma definição que veio de ‘baixo para cima’. Para ele, ‘o processo de radicalização da cultura católica latino-americana, que iria levar à formação do cristianismo da libertação’, começou da ‘periferia pra o centro’, isto é, a partir de grupos de mudanças no interior da IC compostos, principalmente, de movimentos laicos com a presença de membros do clero, como a Ação Católica, muito presente entre a juventude e nas comunidades mais pobres.

A acima mencionada Ação Católica, lançada pelo Papa Pio XI em 1929, foi, na verdade, uma reação à perda de fiéis que a Igreja Católica passou a sofrer com a chegada de igrejas evangélicas no Brasil no início do século XX. A ideia da Ação Católica era proporcionar “[...] uma aproximação maior da hierarquia com os leigos tendo como foco o controle de suas ações no intuito de direcioná-las para o fortalecimento da IC na sociedade” (SOFIATI, 2012, p. 38). Esse direcionamento da igreja oficial proporcionou “[...] a capacitação cada vez maior dos leigos e uma tomada de consciência da realidade. A juventude se destaca em virtude de sua organização na Ação Católica Especializada (ACE), nas décadas de 1950 e 1960, com a perspectiva de ‘transformação da sociedade’” (SOFIATI, 2012, p. 39-40).

A consequência mais evidente disso foi a criação das *juventudes especializadas*: Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Operária Católica (JOC) e Juventude Universitária Católica (JUC). Esta última, em um processo de radicalização, desemboca na criação da Ação Popular (AP), “[...] definida como um ‘movimento político não confessional dedicado à luta pelo socialismo e ao uso do método marxista’” (SOFIATI, 2012, p. 44).

Contudo, a partir do Golpe Militar de 1964, a chamada *Esquerda Católica* – “[...] isto é, os vários ramos da Ação Católica (JUC, JOC), os dominicanos, alguns jesuítas e alguns intelectuais católicos” (LÖWY, 2016, p. 145-146) – é desconstruída pela repressão. Porém, é a experiência desses grupos de tendência radical que torna possível o surgimento de uma *Igreja Popular*, a partir de meados dos anos 1970 – um modelo de Igreja “[...] que assumiu a defesa dos empobrecidos do continente na luta por uma sociedade justa, fraterna e igualitária” (SOFIATI, 2012, p. 63) e que tornou possível o trabalho das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

As CEBs fazem parte de uma diocese e têm conexões mais ou menos regulares com agentes pastorais: padres, irmãos religiosos e, com mais frequência, irmãs. Elas não organizam a maioria dos fiéis e sim unicamente aqueles que o sociólogo brasileiro Pedro Ribeiro chama de “elite popular religiosa”, um grupo de fiéis ativos e praticantes que pertencem às camadas mais pobres; a paróquia tradicional continua a responder às necessidades religiosas da maioria não praticante e das pessoas da classe média ou ricas que frequentam a Igreja. Pouco a pouco as discussões e atividades da comunidade se expandem, geralmente com a ajuda do clero, e começam a incluir tarefas sociais: luta por moradia, eletricidade, esgoto ou água nos bairros urbanos, lutas por terra no campo. As CEBs contribuem extraordinariamente para a criação e o desenvolvimento de movimentos sociais tais como (no caso brasileiro) o Movimento contra o Custo de Vida Alto, o Movimento contra o Desemprego, o Movimento pelo Transporte Público, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, e muitos outros. Em certos casos, a experiência dessas lutas estimula a politização dos membros das CEBs e a que vários de seus membros

e líderes entrem para os partidos de trabalhadores ou frentes revolucionárias. (LÖWY, 2016, p. 95-96).

Inclusive, ressalta-se que as CEBs, juntamente a outros integrantes de setores radicais da Igreja Católica, tiveram papel central na luta contra o regime político opressor:

Mainwaring elenca três principais contribuições da IC para o processo de luta contra a ditadura militar: a) as CEBs ajudaram a revigorar os movimentos populares; b) parte da estrutura católica protegeu e legitimou as forças de oposição durante a repressão; c) a IC foi fonte de concepções alternativas de desenvolvimento e foi a principal defensora dos Direitos Humanos no Brasil (SOFIATI, 2012, p. 47).

Em resumo, o chamado Cristianismo da Libertação é “[...] uma tendência interna do catolicismo que nasce na América Latina, tendo como principais referências as ações organizadas de leigos em conjunto com parte do Clero brasileiro”, composto naquele momento pelos “[...] setores ligados à Igreja Progressista dos anos 1950, à Esquerda Católica dos anos 1960 e à Igreja Popular dos anos 1970 e 1980” (SOFIATI, 2012, p. 44).

Considerando a existência de diferentes tendências no interior do catolicismo brasileiro, à guisa de ilustração, mencionam-se correntes mais afetas à “pentecostalização” da doutrina, portanto, alinhadas com o sistema econômico vigente, e setores mais críticos a esse sistema. Tal fenômeno pode ser interpretado à luz das reflexões de Bourdieu sobre o campo religioso, para quem “[...] as *teodiceias* são sempre *sociodiceias*” (2005, p. 49).

Se por um lado Bourdieu (2005, p. 70) afirma que a “[...] Igreja contribui para a manutenção da ordem política, ou melhor, para o reforço simbólico das divisões desta ordem, pela consecução de sua função específica, qual seja a de contribuir para a manutenção da ordem simbólica”, por outro, fala da existência de uma *concorrência*:

Em função de sua posição na estrutura da distribuição do capital de autoridade propriamente religiosa, as diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições podem lançar mão do capital religioso na concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um *habitus* religioso, princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social (BOURDIEU, 2005, p. 57).

Além disso, a própria maneira pela qual se constitui o campo religioso faz emergir uma cisão, que pode configurar-se, em dado momento, em uma disputa entre a igreja hegemônica e os “profanos”, “profetas” ou “feiticeiros”:

[...] a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por esta razão em leigos (ou profanos, no duplo sentido do termo) destituídos do capital religioso (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato de que a desconhecem enquanto tal (BOURDIEU, 2005, p. 39).

E “[...] quanto maior for a distância econômica, social e cultural entre o grupo dos produtores, o grupo dos divulgadores e o grupo dos receptores, tanto mais ampla a reinterpretação”, conseqüentemente, “[...] a forma que a estrutura dos sistemas de práticas e crenças religiosas assume em um dado momento do tempo (a religião histórica) pode afastar-se bastante do conteúdo original” (BOURDIEU, 2005, p. 52).

Assim, “[...] no interior de uma mesma Igreja, é possível que se estabeleçam relações de concorrência entre a ortodoxia e a heresia” (LOYOLA, 2017, p. 95). Pois “[...] a igreja não é impermeável às contradições sociais, podendo ser elemento de conservação ou de transformação das estruturas dominantes da sociedade” (SOUZA, 1993, p. 66).

Nesse sentido, em determinado momento histórico, pode-se considerar que o Cristianismo da Libertação, que concertava religião e prática política em um catolicismo “militante”, foi julgado “herético” por setores mais “ortodoxos” da Igreja Católica: “Roma publicou, em 1984, uma *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”,* assinada pela Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé (dirigida pelo Cardeal Ratzinger), acusando a Teologia da Libertação de ser um novo tipo de heresia baseada na utilização de conceitos marxistas” (LÖWY, 2016, p. 94). Se em determinado momento desejava-se afastar “militante” do ser católico, é digno de nota observar que, historicamente, militantismo e catolicismo têm uma afinidade estreita e antiga:

Na sua origem o adjetivo militante deriva do latim “militare”, verbo que começa a ser empregado na linguagem teológica a partir da Idade Média, entre os séculos XIII e XV. Neste momento o adjetivo “militante” qualifica a igreja. É interessante sublinhar esse uso inicialmente religioso do termo. Só por volta do século XIX é que a palavra militante emerge no vocabulário político (SOUZA, 1993, p. 5-6).

No que se refere à atualidade, como já mencionado anteriormente, pesquisadores como Flávio Sofiati (2012, p. 117) apontam para um “[...] cenário desfavorável para um tipo de espiritualidade militante”, em que se destacam a “pentecostalização do catolicismo”, expressa em movimentos como a Renovação Carismática Católica (RCC), e o arrefecimento das tendências mais radicais, mesmo por parte dos teólogos da libertação, pois, ao

[...] ampliar sua opção preferencial para questões de gênero, étnica e, principalmente, ecológica, não diversificam verdadeiramente a noção de excluído.

Ao contrário, percebe-se uma diluição da chave que explica as diferenças sociais. Portanto, ao abordar a questão ecológica em seus debates, setores ligados à TL passam a assumir a noção de ‘pobre’ não mais na chave marxista de classe social, mas numa perspectiva mais próxima do significado de pobre para os setores reformistas da Igreja Católica, ou seja, não se trabalha mais ‘com’ o pobre, mas ‘para’ o pobre. Isso leva a uma postura assistencialista, ou seja, a ideia de revolução/transformação/mudança desapareceu do horizonte, prevalecendo a perspectiva da reforma (Sofiat, 2012, p. 119-120).

De todo modo, como a história é dinâmica, tempo após a conclusão do estudo de Sofiat, do qual fora extraída a análise acima, o argentino Jorge Mario Bergoglio acabou escolhido para liderar a Igreja Católica, o que, ao menos no campo discursivo, serviu para reacender certas disputas ideológicas. Essa sensação é reforçada pelas reações de setores que se opõem a mudanças ocorridas no campo político brasileiro, marcadas, sobretudo, pelo recrudescimento de movimentos conservadores e menos interessados em pautas sociais. A própria recente reedição de um dos livros utilizados como referência neste estudo aponta para uma movimentação do campo ideológico. Trata-se de *O que é cristianismo da libertação – religião e política na América Latina*, de Michael Löwy. A obra, originalmente de 1996, foi republicada em 2016. Em sua apresentação, retomando de maneira crítica o cenário atual, destaca as “[...] memórias do cristianismo de libertação e os seus potenciais subversivos para as lutas”, além do papel das *juventudes* no novo ciclo político, assinalado “[...] por uma nova onda neoliberal, em marcos ainda mais brutais e desumanos do que a primeira hegemonia do neoliberalismo em nossa região, entre o final da década de 1980 e os anos 1990” (MEDEIROS; SOUZA, 2016, p. 18-20). No *post-scriptum* do livro, que versa sobre o Papa Francisco, Löwy (2016, p. 220), apesar de reconhecer que “[...] Bergoglio foi bastante influenciado por um de seus professores, o jesuíta Juan Carlos Sacannon – várias vezes citado nas novas Encíclicas do Papa – representante de uma variante argentina, não marxista, da Teologia da Libertação, a *teologia do povo*”, e que o pontífice retoma temas da Teologia da Libertação, como uma visão crítica da *idolatria do capital* e a exaltação dos *pobres como atores de sua própria história*, pondera:

Isto não quer dizer, obviamente, que Francisco tenha se convertido à Teologia da Libertação, mas sem dúvida representa uma mudança profunda em relação à atitude de rejeição, denúncia e repressão que predominou sob os pontificados de João Paulo II e Benedito XVI. O futuro dirá se, nestas condições, o Cristianismo da Libertação poderá conhecer um novo período de florescimento (LÖWY, 2016, p. 221).

E não apenas católicos ou estudiosos do catolicismo parecem interessados no pontificado do Papa Francisco, na teologia e nas intenções subjacentes às suas ações. A

disputa de discursos em torno de seu pontificado e de suas condutas ocorre no interior da Igreja Católica e movimenta-se para além de seus muros, uma vez que a instituição tem atuação social com impacto no campo político. Um exemplo disso é o conteúdo de matéria veiculada em *O Estado de S. Paulo*, com o título “Planalto vê Igreja Católica como potencial opositora”¹⁵. Na reportagem, fala-se de um monitoramento realizado pela Agência Brasileira de Inteligência (Abin) e por Comandos Militares em torno da realização do Sínodo da Amazônia, encontro de bispos organizado no Vaticano com o intuito de discutir o tema “Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”, a fim de “[...] escutar os povos indígenas e todas as comunidades que vivem na Amazônia”¹⁶. De acordo com o texto da matéria:

O Palácio do Planalto quer conter o que considera um avanço da Igreja Católica na liderança da oposição ao governo Jair Bolsonaro, no vácuo da derrota e perda de protagonismo dos partidos de esquerda. Na avaliação da equipe do presidente, a Igreja é uma tradicional aliada do PT e está se articulando para influenciar debates antes protagonizados pelo partido no interior do País e nas periferias.

Nesse campo de disputas, como vivem os jovens católicos suas relações com a religião e a fé? De que maneira os atravessam essas diversas tendências do catolicismo brasileiro e as disputas em torno de determinadas narrativas, por exemplo, as ligadas ao Papa Francisco?

Os estudos de Carranza e Sofiati (2018, p. 345-346) parecem trazer alguns elementos, senão para responder aos questionamentos, ao menos para auxiliar na análise sobre certa parcela de jovens católicos, sobretudo os frequentadores do evento de massa Jornada Mundial da Juventude (JMJ), que, em sua edição de 2013, foi realizada no Brasil. Os autores perceberam “[...] certa oscilação dos jovens entre uma autonomia relativa perante a bagagem institucional e um alinhamento criativo com os ensinamentos e doutrinas tradicionais”. De acordo com os pesquisadores,

Os dados nos mostram a juventude católica imersa num jogo de negociação quando os temas atingem suas práticas pessoais, afinamentos parciais sobre o papel da mulher e alinhamentos institucionais quando os temas abrangem opções éticas em torno de valores consolidados como os da família e as relações homoafetivas. [...] Assuntos referentes à autonomia pessoal são atravessados pela escolha própria e encapsulados nas decisões íntimas, fora do controle institucional, postura liberal afinada com a cultura moderna do self e a cultura secular que não conflita com o pertencimento e a assiduidade à Igreja, antes bem, são coexistentes (CARRANZA; SOFIATI, 2018, p. 339-340).

¹⁵ Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,planalto-ve-igreja-catolica-como-potencial-opositora,70002714758>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-preparatorio.html>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

E mesmo a relação dos jovens com as tendências orgânicas do catolicismo anteriormente mencionadas (tradicionalista, modernizadora-conservadora, reformista e radical) sugere indícios de que, “[...] no interior das quatro tendências apresentadas, há diferentes possibilidades e sentidos em ser católico, sendo, por isso, necessário acrescentar a perspectiva das culturas juvenis que identifica, inclusive, a fluidez das fronteiras entre as próprias tendências” (CARRANZA; SOFIATI, 2018, p. 345-346).

Nesse sentido, inserimos a noção de culturas juvenis como ferramenta para entender os jovens na contemporaneidade, principalmente em sua vertente católica. Tais culturas juvenis são socializações, expressividades, performances cotidianas produzidas pelos próprios jovens ou assinados a eles. “Por culturas juvenis, em sentido lato, pode entender-se o sistema de valores socialmente atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase da vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais” (PAIS, 2003, p. 69). Conforme o autor: “[...] as culturas juvenis são vincadamente performativas porque, na realidade, os jovens nem sempre se enquadram nas culturas prescritivas que a sociedade lhes impõe” (CARRANZA; SOFIATI, 2018, p. 344).

Contudo, os próprios pesquisadores reconhecem que, na articulação entre autonomia pessoal e adesão institucional marcada pelas culturas juvenis, há que se considerar o contexto social, pois, ainda que inclusas na mesma tendência do catolicismo, elas também apresentam diferenças significativas em virtude do meio em que atuam. Nesse sentido:

Ao analisarmos o caso das Pastorais da Juventude, encontramos diferentes concepções de atuação social, de formação comunitária e de evangelização de jovens. Por exemplo, a Pastoral da Juventude das comunidades, com atuação paroquial, e a Pastoral da Juventude do Meio Popular, com atuação nos movimentos sociais, se colocam em frontal oposição sobre as soluções para os principais problemas da juventude na medida em que a primeira valoriza a ideia de identidade juvenil e a outra, a noção de classe social (CARRANZA; SOFIATI, 2018, p. 346).

Por isso, os mesmos estudiosos consideram que

[...] ao falarmos de juventude é preciso pensar o termo no plural, até mesmo para analisar grupos que participam de uma mesma instituição, como os jovens católicos [já que em] [...] sua aparente unidade como jovens alinhados institucionalmente, o pesquisador reconhece a diversidade de culturas juvenis que surgem em virtude das origens sociais, mas também das perspectivas e aspirações dos próprios jovens com relação ao seu espaço de atuação sociorreligioso (CARRANZA; SOFIATI, 2018, p. 348).

Dessa forma, considerando certas particularidades do catolicismo no Brasil, sobretudo no tocante às suas distintas tendências, que se refletem em múltiplas culturas juvenis católicas, abordaremos, no próximo capítulo, um espaço de encontro entre diferentes e

desiguais jovens católicos: o Anchietanum. Afinal, todo peregrino precisa de um ponto de parada, ainda mais na sociedade contemporânea, na qual se torna cada vez mais incerto o que se há de encontrar “para além da curva da estrada”.

3 CAPÍTULO 2 – UM PONTO DE PARADA

Conforme apontado no item 1.1, esta pesquisa enfoca os frequentadores de um centro de juventude confessional que oferece formação a jovens católicos. Em virtude da especificidade de tal instituição, nem igreja nem escola, mas dedicada à espiritualidade e, ao mesmo tempo, à formação humana, cultural e sociopolítica de seus participantes, neste capítulo faz-se uma caracterização do Centro Magis Anchietanum por meio de materiais gráficos e informações disponibilizadas na internet. Além disso, são apresentados dados que buscam delinear um perfil de seus frequentadores e, também, notas sobre a observação de uma de suas atividades, a fim de melhor compreender as práticas desenvolvidas por essa organização.

3.1 O Anchietanum

“A política é um serviço inestimável para o bem da coletividade, é uma nobre forma de caridade”. É essa frase do Papa Francisco, contemporâneo líder mundial da Igreja Católica, que os interessados em participar do Centro Magis Anchietanum¹⁷, no ano de 2018, encontraram na primeira página da publicação com a programação anual de atividades dessa instituição voltada à juventude e mantida pela Companhia de Jesus (ordem dos jesuítas) na cidade de São Paulo/SP.

A análise de como ela se apresenta por meio de uma publicação revela elementos bastante significativos para a compreensão do que se propõe a oferecer para jovens católicos e como intenciona ser vista.

Ainda na primeira página da publicação supracitada, que poderia ter a intenção de revelar a “cara” da organização aos jovens e o que se gostaria de destacar, percebe-se uma ênfase à palavra “ação” e ao tema central a guiar as atividades daquele ano. Mais que apresentar a programação, no minijornal feito em papel reciclado – o que, por si só, já pode remeter a uma ideia de estar sintonizado com pautas atuais, como a questão ecológica –, um tema aparece na matéria em destaque: “Ser + Consciente é tema central para 2018”, seguido do lide “Centros, Casas e Espaços Magis serão motivados pelo desejo de aproximar-se da realidade”.

¹⁷ Normalmente, os frequentadores e a equipe do Centro Magis Anchietanum referem-se à instituição apenas como “Anchietanum”, referência essa que também adotaremos ao longo do texto. O nome “Anchietanum” advém de tributo a São José de Anchieta.

As menções às locuções “ser mais consciente” e “aproximar-se da realidade” dialogam com a imagem em evidência no cabeçalho da página, na qual se vê jovens em algum tipo de manifestação, e com o logo, que divide o termo “Programação” de modo a destacar o fundamento “ação”. Também dialogam com a foto bastante destacada no centro do *layout*, cuja legenda é “Voluntariado Jovem visita o Memorial da Resistência”, em São Paulo, museu que busca preservar a memória da resistência à repressão política no Brasil, de 1964 a 1985.

Figura 2 – Capa/página 1 da publicação com a programação de 2018 do Anchietaum



São Paulo, 2018 :: Ano 65 :: Nº 2033

facebook.com/Anchietaum www.anchietaum.com.br Distribuição Gratuita

Ser+ Consciente é tema central para 2018

Centros, Casas e Espaços MAGIS serão motivados pelo desejo de aproximar-se da realidade Pág. 2



Voluntariado Jovem visita Memorial da Resistência

Cidadania

“A política é um serviço inestimável para o bem da coletividade, é uma nobre forma de caridade”, diz Papa Pág. 3

Planejamento

Após processo de discernimento comunitário da missão, Anchietaum conclui Plano Apostólico para o próximo triênio (2018-2020) Pág. 4



CONHEÇA O CENTRO MAGIS ANCHIETANUM, SUAS AÇÕES E SUAS PROPOSTAS Pág. 4

PROGRAMA MAGIS BRASIL: AÇÃO EM REDE COM A JUVENTUDE Pág. 4

Novas atividades: Sexta Reflexiva e Rodas Culturais

Anchietaum Jesuítas - Rua Apinajés, 2033 - Sumarezinho - São Paulo - SP - 01258-001 - (11) 3862-4302 / 96465-1414

Parece haver, ainda, uma tônica na ideia de dinamicidade da própria instituição, ao se destacar a palavra *ação* em outras duas matérias – “Conheça o Centro Magis Anchietaum, suas ações e suas propostas” e “Programa Magis Brasil: ação em rede com a juventude” –, corroboradas pela notícia de que o planejamento dessas iniciativas tomou forma na conclusão de um “Plano Apostólico para o próximo triênio (2018-2020)”. A proposta de dinamicidade e de ação também se relaciona a duas novas atividades noticiadas: “Sexta Reflexiva” e “Rodas Culturais”; a primeira parece ir ao encontro da ideia de “ser mais consciente”, a segunda, de “ação”.

Se alguém que nunca ouviu falar do Anchietaum olhasse apenas para a capa da publicação que contém sua programação, talvez não a associasse a uma instituição religiosa, a não ser pela menção feita ao Papa Francisco no lide da matéria intitulada “Cidadania”. Nesse sentido, mostrar-se em “ação” e conectado a temas da atualidade pode ser uma estratégia de atrair a juventude, de demonstrar fluência em um *idioma* mais próximo ao dos jovens.

Ao abrir a programação em formato de minijornal, na página 2, encontra-se a explicação do lema “Ser + consciente”¹⁸, que, a partir de elementos religiosos e linguagem conclamativa, busca motivar o jovem na sua busca espiritual, mas também na redução das violências históricas:

Conscientizar-se significa transformar-se, sair de si mesmo, reencontrar-se com o sagrado e ser mais, tornando-se melhor, para si e para os demais. Tudo isso nos leva a defender a vida, a rejeitar todo tipo de injustiça, a lutar contra as formas de exploração das pessoas e da Casa Comum, ou seja, denunciar as estruturas desiguais e anunciar tudo que nos humaniza e nos aproxima do Projeto de Deus.

Nas páginas 2 e 3, organizado mês a mês, encontra-se um calendário das atividades que poderiam ser frequentadas pelos jovens ao longo daquele ano (2018).

¹⁸ Conforme será explicitado adiante, o Anchietaum, por meio da variedade de formatos e temas em suas atividades, parece ter a preocupação de atingir jovens católicos diversos, e não apenas determinada cultura juvenil católica, de maneira que a ênfase dada à programação dos anos seguintes ao da coleta dos dados para este estudo foram outras: “Ser + Livre” (2019) e “Ser + Amazônia” (2020).

Figura 3 – Página 2 da publicação com a programação de 2018 do Anchietaum

EDITORIAL

Em 2018, toda a rede de Centros, Casas e Espaços MAGIS serão motivados pelo desejo de Ser+ Consciente.

M+ Vivemos em uma sociedade individualista, competitiva, que nos anestesia para a dor alheia e que nos afasta de nós mesmos. Nesse contexto, nada pode ser legitimado como natural, podemos questionar a ordem do mundo, nos inquietar com as injustiças e desnaturalizar as desigualdades. Assim, **Ser+ Consciente** é um tema que nos quer inspirar a nos apropriarmos de nossa história e da realidade.

O Papa Francisco nos lembra que “no íntimo de cada um de nós existe um lugar onde o Mistério se revela e ilumina a pessoa, tornando-a protagonista da sua história: a consciência (...), é este ‘núcleo secreto’, o sacrário do ser humano, onde ele fica sozinho com Deus, cuja voz ressoa na intimidade.” De fato, o ser humano é a única espécie consciente de sua própria existência, podendo dar-se conta do mundo e de si. Somente nós somos capazes de agir conscientemente sobre a realidade. Para concretizarmos nossa vocação humana, é preciso que façamos o esforço de reconhecer-nos no mundo e com o mundo, alterando as estruturas que nos impedem de ser mais.

Conscientizar-se significa transformar-se, sair de si mesmo, reencontrar-se com o sagrado e ser mais, tornando-se melhor, para si e para os demais. Tudo isso nos leva a defender a vida, a rejeitar todo tipo de injustiça, a lutar contra as formas de exploração das pessoas e da Casa Comum, ou seja, denunciar as estruturas desiguais e anunciar tudo que nos humaniza e nos aproxima do Projeto de Deus.

Essas são as provocações do tema inspirador de 2018 para toda a rede do Programa MAGIS!

Agenda 2018

	13 a 21	Voluntariado Jovem - Experiências MAGIS Brasil
	15 a 26	Pós-Graduação em Juventude Contemporânea
	24 a 26	II Simpósio Nacional “Aproximações com o Mundo Juvenil”
	10 a 13	Exercícios Espirituais de Carnaval para Jovens - 1ª a 5ª Etapa
	24	Reunião Ampliada da Rede Brasileira em SP
	3	Formação de Colaboradores/as
	3	Tarde de Espiritualidade
	4	Grupo de Acompanhamento Vocacional Inaciano
	9	Sexta Reflexiva Juventude e Realidade Brasileira
	10	Escola Bíblica para Jovens
	24	Ciclo de Formação e Debate em Democracia, Violência e Direitos Humanos
	29 a 1/Abr	Exercícios Espirituais de Semana Santa para Jovens
	6	Sexta Reflexiva Juventude e Realidade Brasileira
	7	Tarde de Espiritualidade
	8	Grupo de Acompanhamento Vocacional Inaciano
	13 a 15	Espaço de Coordenadores/as
	28 a 1/Mai	Encontro MAGIS Regional
	4	Sexta Reflexiva Juventude e Realidade Brasileira
	5	Tarde de Espiritualidade
	5	Reunião do Conselho Pastoral
	6	Grupo de Acompanhamento Vocacional Inaciano
	12	Ciclo de Formação e Debate em Democracia, Violência e Direitos Humanos
	19	Vigília da Unidade
	26	Rodas Culturais com a Juventude
	31 a 3/Jun	Espaço Projeto de Vida - Módulo I
	8	Sexta Reflexiva Juventude e Realidade Brasileira
	9	Escola Bíblica para Jovens
	10	Grupo de Acompanhamento Vocacional Inaciano
	15 e 16	Espaço Afetividade e Sexualidade
	23	Arraiá
	30	Ciclo de Formação e Debate em Democracia, Violência e Direitos Humanos

M+ *Anchietaum* Jesuítas

Sede: Rua Apinajés, 2033 - Sumarezinho
São Paulo - SP - 01258-001
(11) 3862-4302 / 96465-1414

Diretor: Pe. Jonas Caprini, SJ

Equipe: Osvaldo Meca, Tamirys Carvalho, Rodrigo TZK-D, Thais Augusto, Bruno Alfauce, Renan Sousa, Vanessa Correia, Marcos Ferrara, Maria Domingas, Valdecir Barbosa, Ir. Paulo Costalonga, SJ e Odair Durau, SJ

Projeto Gráfico: Rodrigo TZK-D
secretaria@anchietanum.com.br

Fonte: Centro Magis Anchietaum (2018).

Figura 4 – Página 3 da publicação com a programação de 2018 do Anchieta num

• Espiritualidade • Formação • Cultura • • Cidadania • Debates • Voluntariado •		
Jul	5 a 9	Experiência MAGIS
	7	Tarde de Espiritualidade
	7	Reunião do Conselho Pastoral
	8	Grupo de Acompanhamento Vocacional Inaciano
	11 a 15	Escola MAGIS de Lideranças Jovens - Módulo I
	14	Escola de Liturgia para Jovens
Ago	16 a 27	Pós-Graduação em Juventude Contemporânea
	3	Sexta Reflexiva Juventude e Realidade Brasileira
	4	Tarde de Espiritualidade
	4 e 5	Encontro Horizontes Vocacionais
	11	Rodas Culturais com a Juventude
	24 a 26	Espaço Projeto de Vida - Módulo II
Set	30 a 1/Set	Simpósio Juventude e Fé
	2	Grupo de Acompanhamento Vocacional Inaciano
	15	Escola de Catequese Narrativa
	28	Ciclo de Formação e Debate em Democracia, Violência e Direitos Humanos
Out	28 a 30	Espaço de Coordenadores/as
	5	Sexta Reflexiva Juventude e Realidade Brasileira
	6	Tarde de Espiritualidade
	6	Reunião do Conselho Pastoral
	11 a 14	Exercícios Espirituais para Jovens em Etapas
	12 a 14	Espaço de Formação de Assessores/as de Jovens
Nov	19 a 21	Espaço Projeto de Vida - Módulo III
	3	Tarde de Espiritualidade
	4	Grupo de Acompanhamento Vocacional Inaciano
	8 a 11	Encontro da Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude
	9	Sexta Reflexiva Juventude e Realidade Brasileira
	14 a 18	Escola MAGIS de Lideranças Jovens - Módulo II
Dez	24	Raízes e Realidade
	1	Encontro de Avaliação e Planejamento com Colaboradores/as
Jan/19	8	Celebração e Confraternização de Natal
	7 a 25	Pós-Graduação em Juventude Contemporânea
	11 a 20	Voluntariado Jovem
	12 a 21	MAGIS Centro América
	22 a 27	JMJ Panamá



VOZ DO PAPA

M+ Em muitas de suas visitas Pastorais, Papa Francisco reafirma seu convite a todo cristão e toda cristã para desenvolver uma consciência sociopolítica, afim de criar uma sociedade justa, inclusiva e com paz. Em um desses encontros, Francisco aponta, como modelo a ser buscado, "uma política que saiba harmonizar as legítimas aspirações de cada um e dos grupos, no interesse de todos os cidadãos". Para o Papa, refletir sobre os processos políticos e participar ativamente da construção desse bem comum, não é uma questão apenas pragmática, mas está intimamente ligado ao ser cristão: "a política é um serviço inestimável para o bem da coletividade, é uma nobre forma de caridade", completa Francisco, em um discurso para leigos e leigas na cidade de Cesena, na Itália.

**Com informações da Rádio Vaticano.*



OPAPA FRANCISCO QUER OUVIR VOCE

SI NODO 2018

SE VOCE TEM ENTRE 16 E 29 ANOS RESPONDA A PESQUISA NO LINK: jovens.fj.discriminatio



Campanha da Fraternidade 2018
FRATERNIDADE E SUPERACAO DA VIOLÊNCIA

De 19 a 25 de Maio - Campanha da Fraternidade - Domingo de Ramos



Vos seis todos irmãos de Cristo

Fonte: Centro Magis Anchieta num (2018).

Ao agrupar todas as atividades citadas na agenda para 2018 e início de 2019, foi possível categorizá-las da seguinte maneira:

Quadro 1 – Sistematização da programação de 2018 do Anchieta num por tipo de atividade

ESPIRITUALIDADE	
<ul style="list-style-type: none"> - Exercícios Espirituais de Carnaval para Jovens - 1ª a 5ª Etapa - Tarde de Espiritualidade - Exercícios Espirituais de Semana Santa para Jovens - Vigília da Unidade (ecumênica) 	
VOLUNTARIADO	
<ul style="list-style-type: none"> - Voluntariado Jovem - Experiências MAGIS 	
VOCAÇÕES	
<ul style="list-style-type: none"> - Grupo de Acompanhamento Vocacional Inaciano 	
FORMAÇÃO	
Teológica/Litúrgica	<ul style="list-style-type: none"> - Escola Bíblica para Jovens - Escola de Catequese Narrativa - Escola de Liturgia
Sociopolítica	<ul style="list-style-type: none"> - Sexta Reflexiva Juventude e Realidade Brasileira - Ciclo de Formação e Debate em Democracia, Violência e Direitos Humanos
Cultural	<ul style="list-style-type: none"> - Rodas Culturais com a Juventude - Raízes e Realidade
Humana	<ul style="list-style-type: none"> - Espaço Projeto de Vida - Espaço Afetividade e Sexualidade
Para assessores/ lideranças jovens em contexto eclesial	<ul style="list-style-type: none"> - Espaço de Coordenadores/as - Escola MAGIS de Lideranças Jovens - Espaço de Formação de Assessores/as jovens
Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> - Pós-graduação em Juventude Contemporânea - III Simpósio Nacional “Aproximações com o Mundo Juvenil” - Simpósio “Juventude e Fé”
Colaboradores	<ul style="list-style-type: none"> - Formação de Colaboradores
REUNIÕES/ENCONTROS	
Encontros celebrativos	<ul style="list-style-type: none"> - Arraiá - Celebração e Confraternização de Natal
Encontros juvenis externos	<ul style="list-style-type: none"> - Encontro MAGIS Regional - MAGIS Centro América - JMJ Panamá
Reuniões e encontros de discussão, avaliação, celebração (locais e expandidos)	<ul style="list-style-type: none"> - Reunião do Conselho Pastoral - Reunião Ampliada da Rede Brasileira em SP - Encontro de Avaliação e Planejamento com Colaboradores/as - Encontro da Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude

Fonte: elaborado pela autora (2019).

Importante ressaltar que se trata apenas de uma categorização com a finalidade de facilitar a visualização dos tipos de atividades realizadas, pois, na prática, o caráter das ações acaba se mesclando. Por exemplo, as atividades de formação podem trabalhar simultaneamente elementos de espiritualidade, culturais ou sociopolíticos; as “Experiências

MAGIS” podem ou não ser de voluntariado; a “Escola de Catequese Narrativa” pode conter formações culturais ou em artes etc.

Sublinhe-se, também, que muitas das atividades realizadas pelo Anchietaum não são expostas na programação anual, uma vez que sua organização se dá ao longo do ano, conforme sejam consideradas necessárias ou propícias. Inclusive, mesmo os temas a serem abordados nas ações já programadas são divulgados posterior e paulatinamente, conforme deliberações da equipe responsável e de acordo com a disponibilidade de assessores externos, como no caso da “Sexta Reflexiva”, que, no ano de 2018, contando com especialistas externos, abordou os temas: “Retratos da juventude brasileira: a tematização social da juventude no Brasil”; “Juventude e saúde mental”; “Quando prosseguir com os estudos é um imperativo: jovens e escola”; “Juventude e socialização política”; “Juventude e projeto de vida”; e “Juventude, comunicação e novas mídias”.

Nesse sentido, uma ação do Anchietaum que não consta de sua programação anual é a realização de assessorias externas gratuitas, já que ocorrem sob demanda de grupos juvenis e de educadores, com caráter eclesial ou não. A propósito, no que se refere ao custeio das atividades, no geral, as que ocorrem em apenas um dia são gratuitas. Aquelas nas quais os jovens passam o final de semana na instituição, como o “Espaço de Coordenadores” ou o “Espaço Projeto de Vida”, em 2018, era cobrada uma taxa de R\$ 30,00 para gastos com hospedagem, alimentação e material. De toda sorte, jovens que declaram não possuir recursos para frequentar as atividades são dispensados do pagamento sem necessidade de comprovação de sua situação financeira. O baixo valor das taxas de participação, chegando à gratuidade em algumas atividades e ao oferecimento de bolsas, torna-se possível porque o Anchietaum é mantido pela Companhia de Jesus no Brasil, de maneira que todas as atividades realizadas por esse centro de juventude são subsidiadas pelos jesuítas brasileiros.

Observando-se algumas atividades mencionadas na programação, chama a atenção a preocupação com o debate e a produção de conhecimento sobre o fenômeno juvenil. Uma das maiores ações nesse sentido é a organização e promoção, em parceria com a Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude e a Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), da Pós-Graduação *Lato Sensu* “Juventude no Mundo Contemporâneo”¹⁹, que já viabilizou a vinda de pesquisadores da temática juvenil de renome mundial, como José Machado Pais, em 2016²⁰, e Carles Feixa, em 2018²¹.

¹⁹ Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/posjuventude/>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

²⁰ Disponível em: <<https://faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/3604/3682>>, p.10. Acesso em: 24 jul. 2020.

Além de fazer parte da Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, as ações do Anchietanum têm incidência continental, já que a instituição também faz parte da Rede Latino-Americana de Centros e Institutos de Pastoral Juvenil²².

O Anchietanum também disponibiliza materiais e subsídios em seu sítio eletrônico²³. Mensalmente, a equipe e colaboradores da instituição redigem “Roteiros de oração”²⁴ para os jovens, cujas temáticas abordam distintos temas, desde questões da atualidade até tópicos propriamente religiosos e espirituais, como o tempo litúrgico do Advento. À título de ilustração, em 2018, os temas foram: em janeiro, “Ser + consciente”; em fevereiro, “Ser mais consciente de si: avançar para águas mais profundas”; em março, “Fraternidade e superação da violência”, tema da Campanha da Fraternidade – CNBB; em abril, “Alegria em Cristo”, por ocasião da Páscoa; em maio, “Uma fé consciente”; em junho, “A devoção popular”, por ocasião das festas juninas; em julho, “Consciência socioambiental”; em agosto, “Horizontes vocacionais”; em setembro, “Consciência política”; em outubro, “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, por ocasião do XV Sínodo Ordinário dos Bispos em Roma; em novembro, “O chamado à santidade”, por ocasião do lançamento da Exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*, do Papa Francisco; e, em dezembro, “O Advento”.

Considerando a diversidade temática dos roteiros de oração de 2018 produzidos pelo Anchietanum, bem como a pluralidade de atividades oferecidas – que abarcam temas para além de questões propriamente religiosas e espirituais, ao contrário do que se poderia supor à primeira vista, em se tratando de uma instituição confessional –, passa-se a vislumbrar uma entidade que parece querer reunir distintos grupos de jovens católicos, em seus múltiplos interesses. Tendo em vista que o público da instituição pode optar pelo percurso formativo que desejar, haveria oferta para “agradar a distintos paladares”.

A atratividade do menu institucional do Anchietanum começa pela qualidade gráfica dos materiais de divulgação, aspecto ressaltado, inclusive, por um dos jovens entrevistados neste estudo²⁵. Com o propósito de dar visibilidade a esse elemento, que pode tornar-se um diferencial em meio à juventude num tempo em que a disseminação de imagens é sem precedentes, a seguir, apresentam-se alguns materiais de divulgação (ou *flyers* eletrônicos) publicados nas redes sociais do Anchietanum, categorizados sob os seis termos em destaque

²¹ Cf. OLIVEIRA et al, 2018, p. 312.

²² Disponível em: <<http://www.anchietanum.com.br/site/quemsomos.php>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

²³ Disponível em: <www.anchietanum.com.br/site/downloads.php>. Acesso em: 24 jul. 2020.

²⁴ Disponíveis em: <www.anchietanum.com.br/site/oracoes.php?id=111>. Acesso em: 24 jul. 2020.

²⁵ Nas entrevistas, o jovem Marlon disse que o primeiro contato com o Anchietanum foi por meio de folhetos da instituição, os quais o motivaram a querer conhecê-la: “Nossa, uma igreja faz isso aqui, cara? Que qualidade, velho. Que comunicação visual ferrada, legal, mano. Eu vou ir nesse lugar. Vou ir nesse lugar” (Item 4.1.5, p. 166).

no cabeçalho da página 3 de sua programação de 2018: “Espiritualidade”, “Formação”, “Cultura”, “Cidadania”, “Debates” e “Voluntariado”.

a) Espiritualidade

Figura 5 – Flyer de divulgação da atividade “Exercícios Espirituais para Jovens”



Fonte: página do Facebook do Centro Magis Anchietaum (2018).

Figura 6 – Flyer de divulgação da atividade “Vigília da Unidade”



Fonte: página do Facebook do Centro Magis Anchietaum (2018).

b) Formação

Figura 7 – Flyer de divulgação da atividade “Escola Magis de Lideranças Jovens”



Fonte: página do Facebook do Centro Magis Anchietaum (2018).

Figura 8 – Flyer de divulgação da atividade “Escola de Liturgia”



Fonte: página do Facebook do Centro Magis Anchietaum (2018).

Figura 9 – Flyer de divulgação da atividade “Espaço Projeto de Vida”

Espaço Projeto de vida
31 de maio a 3 de junho

O Centro MAGIS Anchietanum propõe um itinerário, com três módulos, para jovens que desejam aprofundar sua própria história, sua realidade e suas buscas pessoais: o Espaço Projeto de Vida! Durante o itinerário, entre um módulo e outro, os participantes serão convidados a momentos de partilha em grupo e individual.

para jovens de 18 a 32 anos

Módulo I - Beber do próprio poço

Quem eu sou e quem desejo ser? Esse módulo é um convite a iniciar o caminho, conhecendo sua própria história, elaborando sua autobiografia e examinando as possibilidades, as limitações, as dores, os desejos e as posições diante da vida.

IMPORTANTE PARTICIPAR DOS 3 MÓDULOS

- Módulo II - 24 a 26 de agosto de 2018
- Módulo III - 19 a 21 de outubro de 2018

Informações e inscrições:
• Contribuição: R\$50,00
• Local: CENTRO MAGIS ANCHIETANUM
Rua Apinajés, 2033 - Sumarezzinho

MAGIS BRASIL
Anchietanum Jesuítas

Fonte: página do Facebook do Centro Magis Anchietanum (2018).

Figura 10 – Flyer de divulgação da atividade “Espaço Afetividade e Sexualidade”

ESPAÇO Afetividade e Sexualidade
15 e 16 de junho

Afetividade e Sexualidade são aspectos fundamentais de nossa existência, que ganham relevância, de modo especial, na juventude, quando somos convidados a tomar consciência de nós mesmos, de nossos corpos, nossas relações e projetos.

Vamos refletir, rezar, partilhar e aprofundar nossos conhecimentos sobre essa dimensão humana, em um ambiente fraterno e acolhedor.

Participe!

Objetivos:

PROPORCIONAR experiências de conhecimento e reconhecimento pessoal, olhando para o corpo e os afetos;

MOTIVAR a reflexão sobre a afetividade e a sexualidade, num clima de cuidado, respeitando as diferenças e despertando para a construção de relacionamentos mais humanos e solidários;

POSSIBILITAR momentos de vivência e oração, que aproximem o tema da sexualidade e afetividade da vida espiritual e de fé.

Para adolescentes e jovens entre 15 e 32 anos

ANCHIETANUM
Rua Apinajés, 2033
Sumarezzinho
Faça sua inscrição em:
www.anchietanum.com.br

MAGIS BRASIL
Anchietanum Jesuítas

Fonte: página do Facebook do Centro Magis Anchietanum (2018).

c) Cultura

Figura 11 – Flyer de divulgação da atividade “Rodas Culturais com a Juventude”



Fonte: página do Facebook do Centro Magis Anchietaum (2018).

Figura 12 – Flyer de divulgação da atividade “Raízes e realidade – Semana da Consciência Negra”



Fonte: Página do Facebook do Centro Magis Anchietaum (2018).

d) Cidadania

Figura 13 – Flyer de divulgação da atividade “Ciclo de Formação Voluntariado Jovem”



Fonte: página do Facebook do Centro Magis Anchietaum (2018).

Figura 14 – Flyer de divulgação da atividade “Espaço de Coordenadores”

The flyer has a light background with a graphic of two hands holding puzzle pieces. The text is in blue, orange, and black. At the top right, it says '13 a 15 de ABRIL de 2018'. Below that, 'ESPAÇO DE coordenadores' in a stylized font, followed by 'CIDADANIA E JUVENTUDE'. A central question asks 'Como desenvolver a participação social no grupo de jovens?'. Below this is a paragraph explaining the space's purpose. On the right, a dark blue box contains 'TEMAS TEMÁTICOS' with a list of topics and '+ INFOS. E INSCRIÇÕES' with details on dates, contribution, and registration. At the bottom right, it says 'VAGAS LIMITADAS' and includes logos for MAGIS BRASIL and Anchietaum Jesuítas.

Fonte: página do Facebook do Centro Magis Anchietaum (2018).

e) Debates

Figura 15 – Flyer de divulgação da atividade “Ciclo de Formação”

Ciclo de Formação
e Debates em
Democracia, Violência e Direitos Humanos

Tema:
Democracia e violência de Estado

24 de março,
das 19h30 às 22h30

Entrada Franca

Local: Anchietaum
Rua Apinajés, 2033 - Sumarezinho

Violações de direitos humanos, repressão a manifestações, tecnologias de controle social, intervenções militares, extermínio de jovens negros são medidas autoritárias, que remetem a um passado de ditadura, mas que convivem com nosso regime democrático. Em sintonia com a Campanha da Fraternidade, que convoca à reflexão sobre as formas de superação da violência, convidamos todos a refletir porque medidas autoritárias sobrevivem num regime de cidadania? Quais os desafios para a construção de um sistema democrático, marcado pelo respeito às diferenças, acesso aos direitos, inclusão social e justiça?

Palestrante: Prof. Dr. Edson Teles
Professor de filosofia política na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Organizou com Vladimir Safatle a coletânea de ensaios O que resta da ditadura: a exceção brasileira (2010), além de contar com um artigo na coletânea Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas (2012)

JESUITAS BRASIL | MAGIS BRASIL | Anchietaum Jesuítas

Fonte: página do Facebook do Centro Magis Anchietaum (2018).

Figura 16 – Flyer de divulgação da atividade “Sexta Reflexiva”

JUVENTUDE, COMUNICAÇÃO E NOVAS MÍDIAS

As *Sextas* são encontros de estudo e aprofundamento sobre a juventude, a partir de diferentes eixos temáticos. Nesta edição, propomos refletir a respeito das práticas, das sociabilidades e das subjetividades juvenis contemporâneas, tendo como referência as transformações culturais ocasionadas pelo advento das tecnologias de comunicação e entretenimento.

Local: Centro MAGIS Anchietaum
Rua Apinajés, 2033 - Sumarezinho
Mais Informações:
www.anchietaum.com.br

5 DE OUTUBRO, DAS 19H ÀS 22H

Assessora: Vanessa Araújo Correia
bacharel em comunicação, especialista em juventude e mestre em Estudos Culturais; coordenadora de projetos no Centro MAGIS Anchietaum e coordenadora acadêmica na Especialização em Juventude no Mundo Contemporâneo

Sexta REFLEXIVA
JUVENTUDE E REALIDADE BRASILEIRA

Anchietaum Jesuítas | MAGIS BRASIL

Fonte: página do Facebook do Centro Magis Anchietaum (2018).

Contudo, a despeito de esse menu oferecer um cardápio variado, com uma linguagem “jovem” e graficamente atraente, o vínculo com a tradição e com o pertencimento institucional à Igreja Católica é sempre reforçado. Se na primeira página da publicação constam palavras do Papa Francisco acerca da importância da consciência sociopolítica dos cristãos, o tema é aprofundado em coluna na página 3, ilustrada com uma caricatura do sumo pontífice, oferecendo-lhe ar mais informal e “jovem”. Abaixo da seção, encontram-se ainda dois elementos de reforço de vínculo institucional com a Igreja Católica: um chamado para que jovens entre 16 a 29 anos participassem do Sínodo 2018²⁶ e uma reprodução do cartaz da Campanha da Fraternidade promovida anualmente pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), cujo tema em 2018 foi “Fraternidade e superação da violência”.

Numa análise superficial das páginas 2 e 3 em conjunto, de um lado – à esquerda, indicada pela seta vermelha – tem-se uma coluna com a justificativa da escolha do tema para as ações daquele ano (“Ser + Consciente”), do outro, a “bênção” em forma de depoimento do papa Francisco, destacando o desenvolvimento humano consciente: “[...] a política é um serviço inestimável para o bem da coletividade, é uma nobre forma de caridade”.

Figura 17 – Páginas 2 e 3 da publicação com a programação de 2018 do Anchieta num

EDITORIAL
Em 2018, toda a rede de Centros, Casas e Espaços MAGIS serão motivados pelo desejo de **Ser + Consciente**.

Vivemos em uma sociedade individualista, competitiva que nos aliena para a dor alheia e que nos afasta de nós mesmos. Nesse contexto, nada pode ser legitimado como natural, podemos questionar a ordem do mundo nos inquietar com as injustiças e desvalorizar as desigualdades. Assim, **Ser + Consciente** é um tema que nos quer inspirar a nos apropriarmos de nossa história e da realidade.

O Papa Francisco nos lembra que "no íntimo de cada um de nós existe um lugar onde o Mistério se revela e ilumina a pessoa, tornando-a protagonista da sua história: a consciência (...), e este núcleo secreto, o santário do ser humano, onde ele fica sozinho com Deus, cuja voz ressoa na intimidade". De fato, o ser humano é a única espécie consciente de sua própria existência, podendo dar-se conta do mundo e de si. Somente nos nossos corpos de aqui, como testemunhas sobre a realidade. Para concretizar nossa missão vocacional humana, é preciso que façamos o esforço de recobrir-nos no mundo e com o mundo, alterando as estruturas que nos impedem de ser mais.

Conscientizar-se significa transformar-se, sair de si mesmo, reencontrar-se com o sagrado e ser mais, tornando-se melhor, para si e para os demais. Tudo isso nos leva a defender a vida, a rejeitar todo tipo de injustiça, a lutar contra as formas de exploração das pessoas e da Casa Comum que aqui, denunciar as estruturas desiguais e anunciar tudo que nos humaniza e nos aproxima do Projeto de Deus.

Esse são os propósitos do tema inspirado de 2018 para toda a rede do Programa MAGIS!

Agenda 2018

Mês	Evento	Data
Jan	Voluntariado Jovem - Experiências MAGIS Brasil	13 a 21
Jan	Pós-Graduação em Juventude Contemporânea	15 a 26
Jan	II Simpósio Nacional "Aproximações com o Mundo Juvenil"	24 a 26
Jan	Exercícios Espirituais de Carnaval para Jovens - 1ª a 5ª Etapa	10 a 13
Jan	Reunião Ampliada da Rede Brasileira em SP	22
Feb	Formação de Colaboradores/as	3
Feb	Tarde de Espiritualidade	3
Feb	Grupo de Acompanhamento Vocacional Inaciano	4
Feb	Sexta Reflexiva Juventude e Realidade Brasileira	9
Feb	Escola Bíblica para Jovens	10
Mar	Ciclo de Formação e Debate em Democracia, Violência e Direitos Humanos	24
Mar	Exercícios Espirituais de Semana Santa para Jovens	29 a 1/Abr
Mar	Sexta Reflexiva Juventude e Realidade Brasileira	6
Mar	Tarde de Espiritualidade	7
Mar	Grupo de Acompanhamento Vocacional Inaciano	8
Mar	Espeço de Coordenadores/as	13 a 15
Mar	Encontro MAGIS Regional	28 a 1/Mai
Mar	Sexta Reflexiva Juventude e Realidade Brasileira	4
Mar	Tarde de Espiritualidade	5
Mar	Reunião do Conselho Pastoral	5
Mar	Grupo de Acompanhamento Vocacional Inaciano	6
Mar	Ciclo de Formação e Debate em Democracia, Violência e Direitos Humanos	12
Mar	Vigília da Unidade	19
Mar	Rodas Culturais com a Juventude	26
Mar	Espeço Projeto de Vida - Módulo I	31 a 3/Jul
Mar	Sexta Reflexiva Juventude e Realidade Brasileira	8
Mar	Escola Bíblica para Jovens	9
Mar	Grupo de Acompanhamento Vocacional Inaciano	10
Mar	Espeço Afetividade e Sexualidade	15 a 26
Mar	Arará!	23
Mar	Ciclo de Formação e Debate em Democracia, Violência e Direitos Humanos	30
Jul	Experiência MAGIS	5 a 9
Jul	Tarde de Espiritualidade	7
Jul	Reunião do Conselho Pastoral	7
Jul	Grupo de Acompanhamento Vocacional Inaciano	8
Jul	Escola MAGIS de Lideranças Jovens - Módulo I	11 a 15
Jul	Escola de Liturgia para Jovens	14
Jul	Pós-Graduação em Juventude Contemporânea	15 a 27
Jul	Sexta Reflexiva Juventude e Realidade Brasileira	3
Jul	Tarde de Espiritualidade	4
Jul	Encontro Horizontes Vocacionais	4 e 5
Jul	Rodas Culturais com a Juventude	11
Jul	Espeço Projeto de Vida - Módulo II	24 a 26
Jul	Simpósio Juventude e Fé	30 a 1/Set
Jul	Grupo de Acompanhamento Vocacional Inaciano	2
Jul	Escola de Catequese Narrativa	15
Jul	Ciclo de Formação e Debate em Democracia, Violência e Direitos Humanos	28
Jul	Espeço de Coordenadores/as	28 a 30
Jul	Sexta Reflexiva Juventude e Realidade Brasileira	5
Jul	Tarde de Espiritualidade	6
Jul	Reunião do Conselho Pastoral	6
Jul	Exercícios Espirituais para Jovens em Etapas	11 a 14
Jul	Espeço de Formação de Assesores/as de Jovens	12 a 14
Jul	Espeço Projeto de Vida - Módulo III	19 a 21
Jul	Tarde de Espiritualidade	3
Jul	Grupo de Acompanhamento Vocacional Inaciano	4
Jul	Encontro da Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude	8 a 11
Jul	Sexta Reflexiva Juventude e Realidade Brasileira	9
Jul	Escola MAGIS de Lideranças Jovens - Módulo II	14 a 18
Jul	Raízes e Realidade	24
Jul	Encontro de Avaliação e Planejamento com Colaboradores/as	1
Jul	Celebração e Confraternização de Natal	8
Jul	Pós-Graduação em Juventude Contemporânea	7 a 25
Jul	Voluntariado Jovem	11 a 20
Jul	MAGIS Centro América	12 a 21
Jul	IMJ Panamá	22 a 27

VOZ DO PAPA

Em muitas de suas visitas Pastoriais Papa Francisco reflete sua convicção a todo custo e toda crítica para desenvolver uma consciência sociopolítica, além de criar uma sociedade justa, inclusiva e com paz. Em um desses encontros, Francisco aponta como modelo a ser buscado, "uma política que saiba harmonizar as legítimas aspirações de cada um e dos grupos; no interesse de todos os cidadãos". Para o Papa, refletir sobre os processos políticos e participar ativamente da construção desse bem comum, não é uma questão apenas pragmática, mas esta intimamente ligada ao ser cristão: "a política é um serviço inestimável para o bem da coletividade, é uma nobre forma de caridade", completa Francisco em um discurso para leigos e leigas na cidade de Cesena, na Itália.

*Com informações da Rádio Vaticano.

Fonte: Centro Magis Anchieta num (2018), grifo nosso com setas em vermelho.

²⁶ O Sínodo é uma reunião episcopal convocada pelo Papa para discutir um tema específico. Em 2018, o tema foi “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”.

A ênfase em “ação”, em “ser mais consciente”, em “aproximar-se da realidade”, que consta da primeira página da publicação, também reverbera em notícia da página 4 referente ao “Plano Apostólico”, em que se destacam os temas eleitos para o triênio, “[...] a partir dos desafios e dos apelos suscitados pela realidade: a juventude empobrecida; a descoberta de horizontes vocacionais; a articulação e o fortalecimento de redes; a formação de lideranças”.

Figura 18 – Página 4 da publicação com a programação de 2018 do Anchietaum



65 anos de presença afetiva e efetiva no meio das juventudes

M+ O Anchietaum é um Centro de Juventude que promove diversas ações nas áreas de espiritualidade; formação humana, pastoral e sociopolítica; arte e cultura; voluntariado e inserção social; assessorias a grupos juvenis e educadores; e pesquisa sobre a condição juvenil. Como obra apostólica da Companhia de Jesus, liga-

da ao programa MAGIS, tem como missão ser uma presença afetiva e efetiva no meio das juventudes, oferecendo-lhes experiências, formação e acompanhamento, a fim de provocar processos de crescimento e emancipação, despertar para a defesa da vida e dos direitos humanos e construir uma sociedade mais justa e mais fraterna.

VOCAÇÕES JESUITAS

Discernindo o Projeto de Vida

Senhor Jesus,

Nós te pedimos que a muitos escolhas e chames, que a muitos chames e envie, conforme tua vontade, para trabalhar pela Igreja em Tua companhia.

Oração pelas vocações
Pe. Nadal, SJ (1556)

M+ Muitos como Inácio de Loyola e seus companheiros são chamados a responder ao Senhor da vida com uma

proposta de entrega pelo Reino. A Companhia de Jesus é, portanto, uma possibilidade que tantos homens assumem para serem servidores da missão de Cristo, consagrando-se a Deus como jesuítas, padres ou irmãos.

Uma das missões dos jesuítas é ajudar os jovens na construção de seus projetos de vida e no discernimento vocacional. Se você deseja conhecer mais a Companhia de Jesus, entre em contato pelo e-mail: vocacao@jesuitasbrasil.org.br



MAGIS Brasil

M+ O Programa MAGIS Brasil é uma ação apostólica da Companhia de Jesus junto às juventudes e está articulado em rede por meio de Centros, Casas e Espaços MAGIS, situados em diferentes regiões do país. Inspirado pelo *magis* iniciano, o Programa tem o objetivo de oferecer experiências, formação e acompanhamento para o público jovem, tendo em vista o serviço da fé e a promoção da justiça.

O termo *magis* que em latim significa “o mais”, “o melhor” ou “o maior”, para Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, caracteriza um processo de conversão para uma vida integralmente doada ao Reino. Inácio viveu uma profunda e verdadeira experiência de despojamento de si próprio e dos seus desejos particulares para ser mais.

O Centro MAGIS Anchietaum, por meio dos seus colaboradores e amigos, faz parte desta rede de sonhos e serviço, construída por pessoas que desejam ser mais conscientes e transformar a realidade.

MAGIS
BRASIL

Plano Apostólico

M+ O Centro MAGIS Anchietaum vivenciou recentemente um processo de discernimento comunitário de sua atuação, no qual foi possível fazer revisão da missão, análise da realidade institucional e social, identificação de desafios e apelos, eleição de preferências apostólicas, definição de objetivos e ações estratégicas. O resultado desse processo participativo é nosso Plano Apostólico 2018-2020, que estabelece preferências, horizontes e ações concretas para a realização da missão do Anchietaum junto às juventudes. Nosso Marco Referencial, resultado desse processo pode ser acessado em nossa página virtual. Compartilhamos com vocês as preferências elegidas para o triênio, a partir dos desafios e dos apelos suscitados pela realidade:

- A juventude empobrecida
- A descoberta de horizontes vocacionais
- A articulação e o fortalecimento de redes
- A formação de lideranças

Considerando que o Anchiétanum pertence à ordem religiosa dos jesuítas, há, ainda, uma propaganda vocacional direcionada a jovens interessados em integrar a Companhia de Jesus. Nela chama a atenção a existência de ilustração na qual, ao centro, encontra-se o fundador da Companhia de Jesus, Santo Inácio de Loyola e, à sua esquerda e direita, avatares representando sorridentes jovens do sexo masculino com diferentes tons de pele e penteados. Tal linguagem imagética, que faz referência ao universo virtual e pode ser facilmente reconhecida por jovens, torna-se, talvez, estratégia a denotar modernidade e conexão com a juventude atual.

Na página 4 da publicação, a última, encontra-se ainda matéria cujo título enfatiza os 65 anos do Anchiétanum. Em seu conteúdo, a instituição caracteriza a si mesma, expondo suas ações e objetivos:

O Anchiétanum é um Centro de Juventude que promove diversas ações nas áreas de espiritualidade, formação humana, pastoral e sociopolítica: arte e cultura; voluntariado e inserção social; assessorias a grupos juvenis e educadores; e pesquisa sobre a condição juvenil. Como obra apostólica da Companhia de Jesus, ligada ao programa MAGIS, tem como missão ser uma presença afetiva e efetiva no meio das juventudes, oferecendo-lhes experiências, formação e acompanhamento, a fim de provocar processos de crescimento e emancipação, despertar para a defesa da vida e dos direitos humanos e construir uma sociedade mais justa e mais fraterna.

Porém, não foi sempre que o Anchiétanum funcionou como nos moldes atuais. Sua história inicia-se em 1943,

[...] quando um terreno na Cidade de São Paulo foi doado à Companhia de Jesus, para ser dedicado ao trabalho com juventude e vocações. As obras para a construção da casa começaram em 1949 e foram concluídas em 1953. A casa foi chamada de Anchiétanum, em homenagem a José de Anchieta, e destinada a funcionar como o Seminário Menor da Companhia de Jesus.

O Anchiétanum, sempre em estado de reflexão para renovar sua missão ao serviço da juventude, a partir de 1983, colocou-se à disposição dos jovens que buscavam formação espiritual, cultural, social e política. Em 1989, tornou-se um Centro Pastoral de Juventude, colaborando com o trabalho de animação da Pastoral da Juventude e da Pastoral Vocacional da Arquidiocese de São Paulo²⁷.

Em 2007, amplia-se seu espectro de ação ao tornar-se centro articulador dos trabalhos realizados com jovens pela Companhia de Jesus em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal e Tocantins (a então chamada Província do Brasil Centro-Leste),

²⁷ Disponível em: <<https://magisbrasil.com/rede/centro-magis-anchietanum>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

processo que culminou com a publicação de um documento²⁸ para mapear o público atendido nesses locais, à luz de pesquisas e reflexões acadêmicas sobre o fenômeno juvenil no Brasil, bem como diretrizes pedagógicas voltadas a esse segmento etário.

Em 2014, em um processo de unificação das ações dos jesuítas no Brasil, a instituição passa a contribuir com a articulação e o desenho do trabalho com jovens em obras jesuítas de todo o país, ação intitulada “Programa MAGIS”, cuja secretaria nacional localiza-se nas dependências do próprio Anchietaum. Também na última página da publicação, constam estas informações:

O Programa MAGIS Brasil é uma ação apostólica da Companhia de Jesus junto às juventudes e está articulado em rede por meio de Centros, Casas e Espaços MAGIS, situados em diferentes regiões do país. Inspirado pelo *magis* inaciano, o Programa tem o objetivo de oferecer experiências, formação e acompanhamento para o público jovem, tendo em vista o serviço da fé e a promoção da justiça.

O termo *magis*, que em latim significa “o mais”, “o melhor” ou o “o maior”, para Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, caracteriza um processo de conversão para uma vida integralmente doada ao Reino. Inácio viveu uma profunda e verdadeira experiência de despojamento de si próprio e dos seus desejos particulares para ser mais.

O Centro MAGIS Anchietaum, por meio dos seus colaboradores e amigos, faz parte desta rede de sonhos e serviço, construída por pessoas que desejam ser mais conscientes e transformar a realidade.

Ao final do texto, quando se refere especificamente ao Anchietaum, enfatizam-se mais uma vez os compromissos com a conscientização e com a transformação da realidade. Assim, se o propósito fosse enquadrar a instituição em alguma das vertentes do catolicismo brasileiro enfocadas no item 2.4 desta dissertação (*Tendências do catolicismo brasileiro e as “culturas juvenis católicas”*), talvez restasse posicioná-la como de tendência reformista ou moderada.

Na forma mesma como se pronuncia publicamente em suas redes sociais, firma-se um tom de engajamento e de concordância com o discurso de movimentos sociais, sem que em qualquer momento se abra mão das referências religiosas e do alinhamento à Igreja Católica, como é perceptível nas duas artes apresentadas a seguir, de campanhas em consonância com a atualidade, porém com uma especificidade religiosa evidente:

²⁸ O documento intitula-se “Marco Referencial do Trabalho com Jovens – Jesuítas Brasil Centro-Leste”. Informação disponível em: <http://www.anchietaum.com.br/site/ler_noticias.php?intIdNoticia=994>. Acesso em: 24 jul. 2020.

Figura 19 – Flyer de divulgação do “Manifesto em defesa da vida e da justiça”



Fonte: página do Facebook do Centro Magis Anchietanum (2018).

Figura 20 – Flyer de divulgação de missa em memória de Marielle Franco²⁹



Fonte: página do Facebook do Centro Magis Anchietanum (2019).

²⁹ A missa em questão foi organizada pela Igreja Povo de Deus Em Movimento (iPDM), que une “Leigos/as, Religiosos/as e Padres por uma Igreja Libertadora”, conforme informação disponível em: < <https://teologialibertacao.wordpress.com/igreja-povo-de-deus-em-movimento/>>. Acesso em 24 jul. 2020. A atividade não foi encabeçada pelo Anchietanum, mas teve apoio da instituição, que colaborou com a confecção do flyer eletrônico e fez divulgação em suas redes sociais.

Contudo, em nenhum momento são deixadas de lado as atividades próprias à religião. Pelo contrário. Conforme se discutirá à frente, o motivo principal que leva jovens católicos ao Anchiétanum é a espiritualidade, especificamente, a espiritualidade inaciana³⁰. Além disso, em virtude da variedade de atividades oferecidas e do fato de cada jovem escolher o itinerário a ser percorrido na instituição, as apropriações e adesões aos conteúdos expostos podem ser múltiplas, como será possível acompanhar e verificar com mais detalhes por meio das entrevistas realizadas (capítulo 3) e, a seguir, ao se apresentar um perfil dos participantes. Para além da diversidade de culturas juvenis católicas presentes, a desigualdade existente entre os sujeitos participantes da pesquisa chama bastante atenção.

3.2 Os jovens frequentadores do Anchiétanum

Com o objetivo de coletar dados sobre o perfil socioeconômico e sobre as motivações dos jovens que são sujeitos desta pesquisa, foi aplicado questionário *on-line*, de preenchimento voluntário e com garantia de preservação do anonimato, aos participantes do Anchiétanum, por ocasião da inscrição nas atividades oferecidas pela instituição. Assim, de 30 de novembro de 2018 a 20 de agosto de 2019, aqueles que acessavam a página do Anchiétanum para inscrever-se em alguma atividade deparavam-se com a seguinte mensagem:

Caro(a) Jovem

O questionário a seguir servirá como apoio para uma pesquisa acadêmica (Mestrado – FEUSP) que está sendo realizada por uma de nossas colaboradoras. Informamos que o questionário não tem relação com sua inscrição na atividade e os dados coletados serão analisados exclusivamente pela pesquisadora, preservando-se o anonimato.

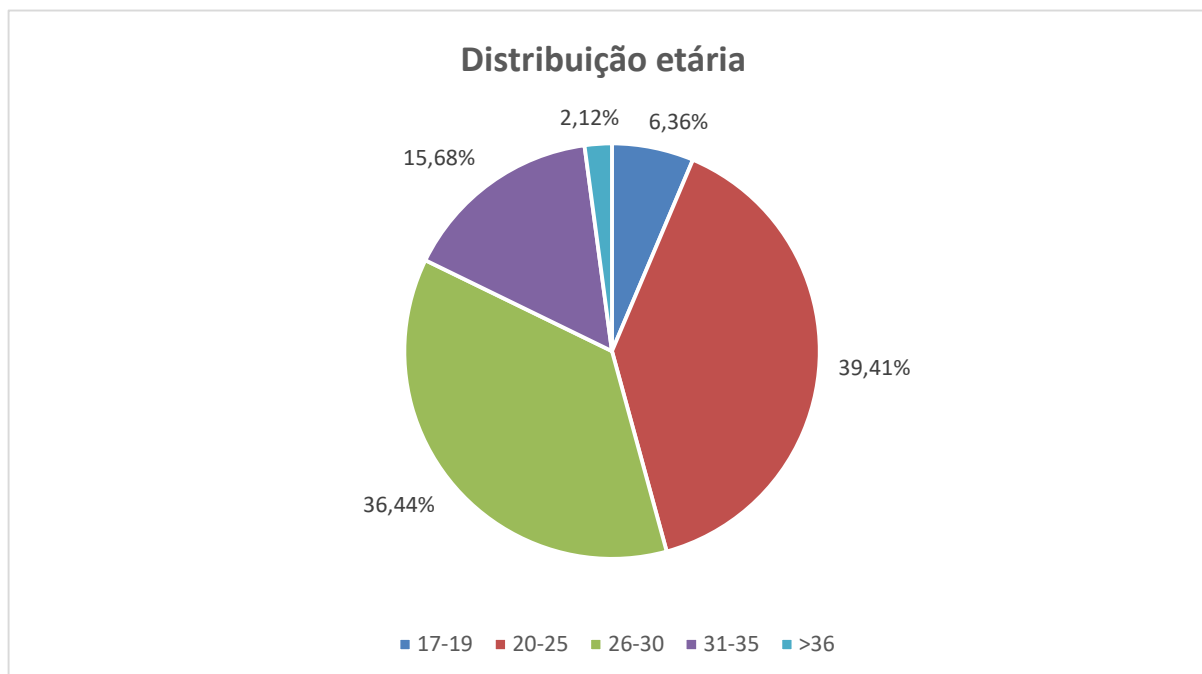
Agradecemos imensamente por sua colaboração!

Obs.: Caso já tenha respondido esta pesquisa uma vez, não é necessário preenchê-la novamente.

³⁰ A espiritualidade inaciana baseia-se no legado de Santo Inácio de Loyola, sobretudo por meio dos “Exercícios Espirituais” (EE). De acordo com o próprio Inácio de Loyola (2006, p. 9-10), entende-se por Exercícios Espirituais “[...] qualquer modo de examinar a consciência, meditar, contemplar, orar vocal ou mentalmente, e outras atividades espirituais [...]. Porque, assim como passear, caminhar e correr são exercícios corporais, também se chamam Exercícios Espirituais os diferentes modos de a pessoa se preparar e dispor para tirar de si todas as afeições desordenadas [o que permitiria] [...] procurar e encontrar a vontade divina na disposição da sua vida para o bem da mesma pessoa”. Em observações empíricas, o formato que a espiritualidade inaciana toma nas atividades do Anchiétanum revela-se em uma tônica no silêncio e em meditações individuais das quais os participantes tomam notas para própria análise posterior e partilha em grupo ou com um “orientador”, religioso ou leigo.

Responderam ao questionário 236 pessoas, de 17 anos a 38 anos, mas, em sua maior parte, entre 20 anos e 25 anos, seguidos daqueles que tinham entre 26 anos e 30 anos.

Figura 21 – Distribuição etária



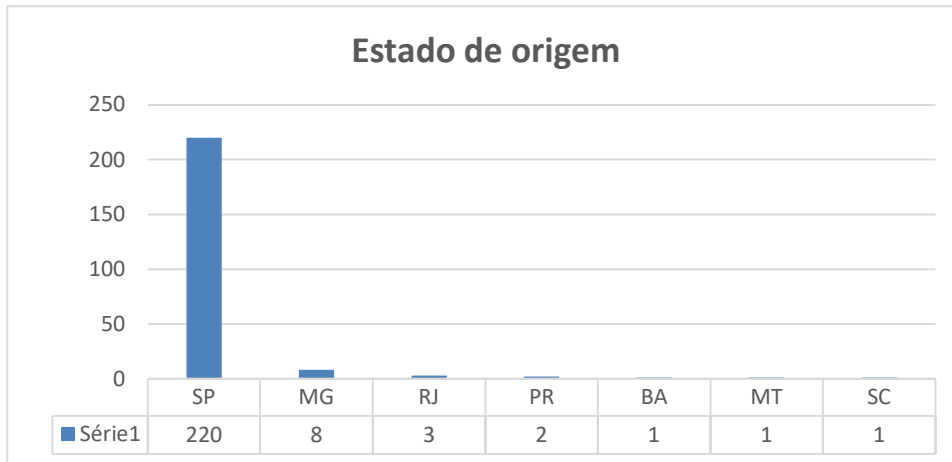
Fonte: elaborada pela autora (2019).

As atividades do Anchieta, no geral, têm como público-alvo pessoas entre 15 e 32 anos, contudo, dependendo da atividade, pode haver um recorte etário determinado, como no caso do “Espaço Afetividade e Sexualidade”, que propõe formação para jovens de 17 a 25 anos³¹.

O fato de a idade para participação se estender até 32 anos – e aceitarem-se inscrições de pessoas que passaram da faixa etária estabelecida para algumas de suas atividades – talvez chame menos atenção do que pessoas com 30 anos ou mais continuarem a querer frequentar a instituição, de maneira que esse aspecto será explorado mais adiante, quando as respostas sobre o que se busca na instituição, de acordo com a faixa etária, forem analisadas.

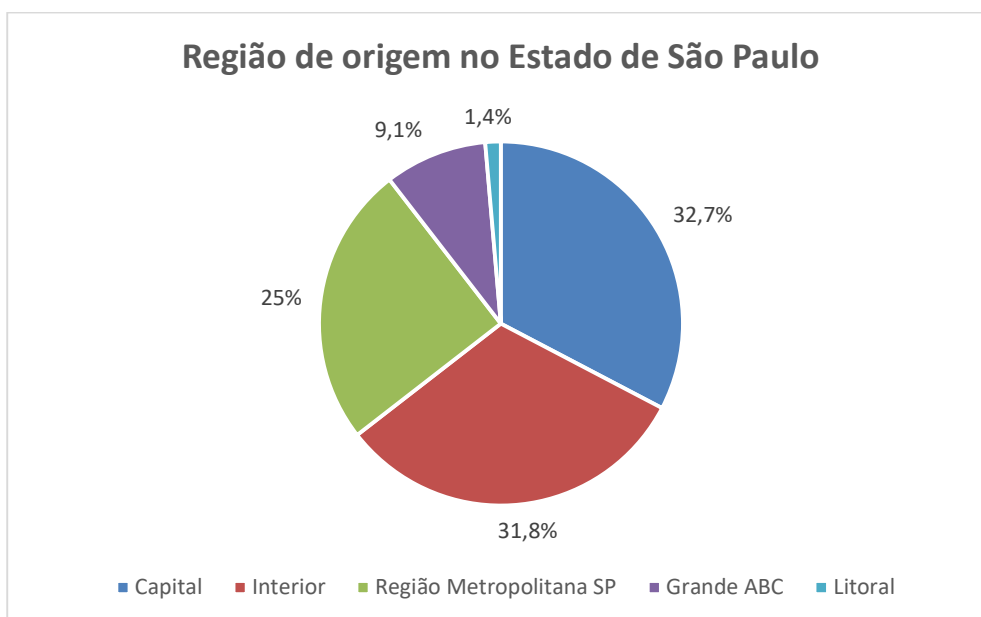
No que tange ao sexo, 60% responderam ser do sexo feminino e 40%, do sexo masculino. Em relação ao local de origem, a maior parte dos frequentadores respondeu ser oriunda do estado de São Paulo.

³¹ Conforme descrição da atividade disponível em: < http://www.anchietanum.com.br/site/ler_atividade.php?intIdAtividade=21>. Acesso em 24 jul. 2020.

Figura 22 – Estado de origem

Fonte: elaborada pela autora (2019).

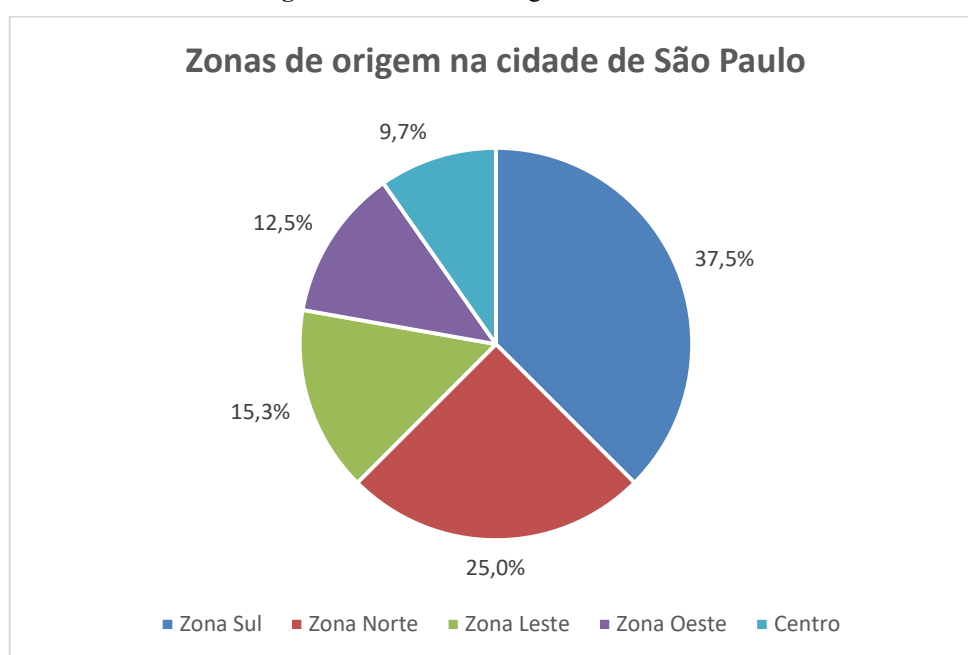
Em relação aos habitantes de São Paulo, Estado que concentra o maior número de participantes, os dados indicam que a maior parte é da Capital (32,7%), seguidos daqueles que vêm do Interior (31,8%), da Região Metropolitana de São Paulo (25%) – com destaque para o município de Guarulhos (15,9%) –, do Grande ABC (9,1%) e, por fim, do Litoral (1,4%).

Figura 23 – Região de origem no Estado de São Paulo

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Considerando a divisão territorial da cidade de São Paulo em zonas cardeais³², a maior parte dos 72 jovens do município que responderam ao questionário é oriunda da Zona Sul (37,5%), sobretudo do distrito do Jabaquara (12,5%). Seguem-se participantes da Zona Norte (25%), Zona Leste (15,28%), Zona Oeste (12,5%) e Centro (9,72%). Note-se que o Anchietanum está localizado no bairro da Vila Madalena, distrito de Pinheiros, Zona Oeste da capital paulista. Isso significa que a maioria dos participantes vem de outras regiões e distritos de São Paulo e, sobretudo, de outras cidades.

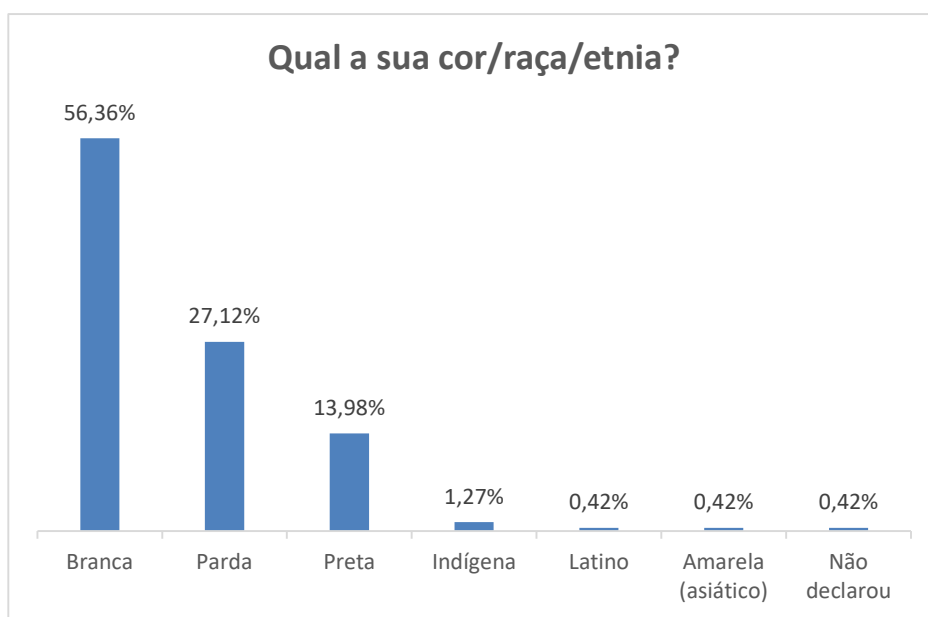
Figura 24 – Zonas de origem na cidade de São Paulo



Fonte: elaborada pela autora (2019).

No que se refere a cor/raça/etnia, a maior parte dos 236 respondentes do questionário declarou-se branca (56,36%), seguidos daqueles que se declararam pardos (27,12%) e pretos (13,98%).

³² Constam distintas divisões territoriais da cidade de São Paulo, mesmo em fontes oficiais, pois essas divisões variam conforme “[...] propósitos específicos de setores da administração pública” (HIDALGO, 2013, p. 13). Neste trabalho, adotou-se a divisão do município em cinco zonas (Centro, Leste, Oeste, Sul e Norte), sobretudo por ser também um elemento identitário, como na expressão “sou da ZL”, que pode aparecer como resposta à pergunta “Onde você mora?”, e significar, por exemplo, “moro longe”, “moro na periferia”. Cabe ressaltar que a divisão do município de São Paulo em zonas cardeais é uma das divisões oficiais possíveis. Disponível em: <<http://dados.prefeitura.sp.gov.br/it/dataset/regiao-5-divisao-do-municipio-em-cinco-regioes>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

Figura 25 – Qual a sua cor/raça/etnia?

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Em relação à escolaridade, a maior parte possui Ensino Superior completo (36,86%) e estudou o maior período (38%) – ou sempre (39%) – em instituições públicas. Destaca-se um contingente significativo daqueles que possuem pós-graduação (19,49%).

Tabela 1 – Escolaridade dos participantes do Anchietanum e tipo de instituição em que estudaram

Qual é a sua escolaridade?	%
Ensino Superior completo	36,86
Ensino Superior incompleto	26,69
Pós-Graduação	19,49
Ensino Médio completo	14,41
Ensino Médio incompleto	1,69
Ensino Fundamental completo	0,85
Em que tipo de instituições você estudou?	%
Sempre em instituições públicas	39
Maior período em instituições públicas	38
Maior período em instituições privadas	14
Sempre em instituições privadas	8

Fonte: elaborada pela autora (2019).

No que se refere à escolaridade das mães dos participantes, a maioria delas possui Ensino Médio completo (32,63%), seguidas daquelas que possuem Ensino Fundamental incompleto (22,03 %). Em sua maioria, estudaram sempre em instituições públicas (76,69%) ou o maior período de suas vidas escolares nesse tipo de instituição (16,95%).

Tabela 2 – Escolaridade das mães dos participantes do Anchieta e tipo de instituição em que estudaram

Qual é a escolaridade de sua mãe?	%
Ensino Médio completo	32,63
Ensino Fundamental incompleto	22,03
Ensino Superior completo	14,83
Ensino Fundamental completo	9,75
Ensino Médio incompleto	8,05
Pós-Graduação	5,08
Ensino Superior incompleto	4,24
Analfabeta	2,12
Alfabetizada, mas não sei quantos anos de escola minha mãe frequentou	1,27
Em que tipo de instituições sua mãe estudou?	%
Sempre em instituições públicas	76,69
Maior período em instituições públicas	16,95
Maior período em instituições privadas	3,39
Sempre em instituições privadas	2,97

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Em relação à escolaridade dos pais dos participantes, a maior parte deles completou o Ensino Médio (28,81%). Contudo, chama a atenção a porcentagem dos que não concluíram o Ensino Fundamental (27,97%). O percentual daqueles que sempre ou o maior período estudou em instituições públicas é de 77,97% e 18,64 %, respectivamente.

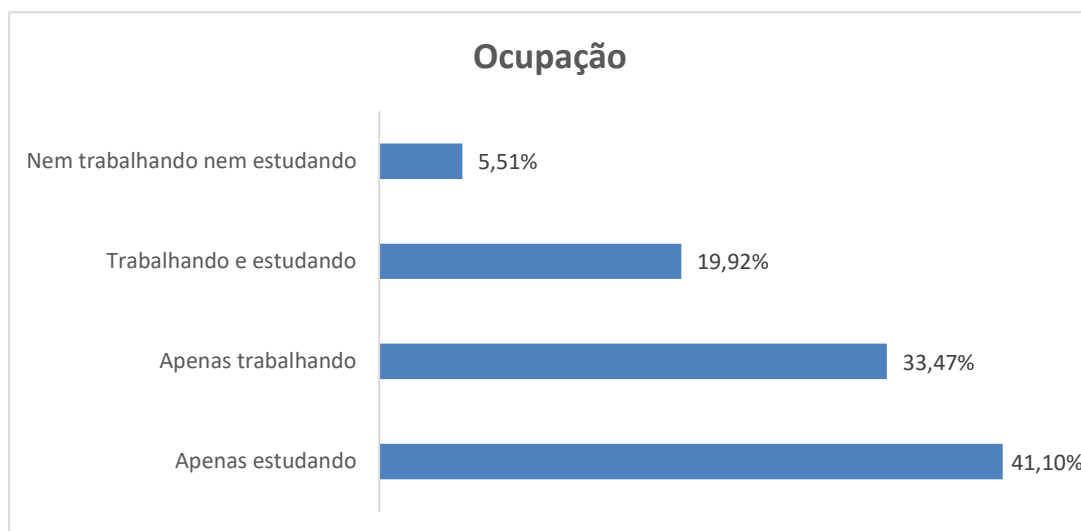
Tabela 3 – Escolaridade dos pais dos participantes do Anchieta e tipo de instituição em que estudaram

Qual é a escolaridade de seu pai?	%
Ensino Médio completo	28,81
Ensino Fundamental incompleto	27,97
Ensino Superior completo	14,83
Ensino Fundamental completo	8,90
Ensino Médio incompleto	5,08
Alfabetizado, mas não sei quantos anos de escola meu pai frequentou	4,66
Pós-Graduação	4,24
Ensino Superior incompleto	3,81
Analfabeto	1,69
Em que tipo de instituições seu pai estudou?	%
Sempre em instituições públicas	77,97
Maior período em instituições públicas	18,64
Maior período em instituições privadas	2,12
Sempre em instituições privadas	1,27

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Os dados referentes à ocupação dos participantes da pesquisa indicam que 41,10% está apenas trabalhando; 33,47% está trabalhando e estudando; 19,92% está apenas estudando; e 5,51% não está nem trabalhando nem estudando.

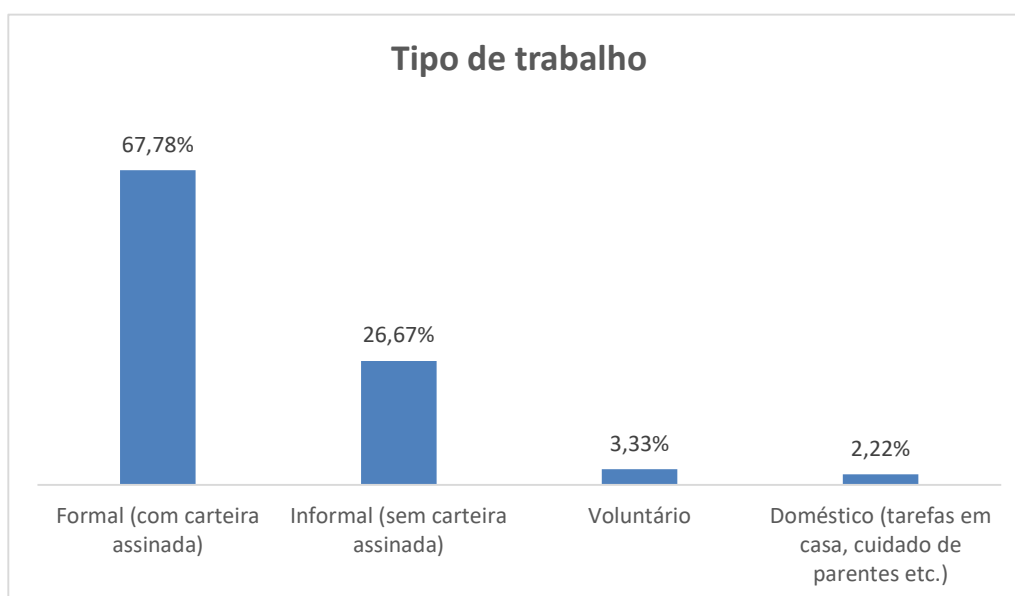
Figura 26 – Ocupação



Fonte: elaborada pela autora (2019).

Entre aqueles que responderam sobre o tipo de trabalho que realizam (180 participantes), a maioria possui trabalho formal (67,78%), seguidos daqueles que realizam trabalho informal (26,67%), voluntário (3,33%) e doméstico (2,22%).

Figura 27 – Tipo de trabalho



Fonte: elaborada pela autora (2019).

Apesar de o número ser baixo, chama a atenção a existência de 4 participantes terem respondido que realizam trabalho doméstico (tarefas em casa, cuidado de parentes etc.), sobretudo porque o contingente de pessoas que responderam que trabalham ou trabalham e estudam foi de 176 indivíduos, e 180 pessoas responderam sobre o tipo de trabalho que

realizam, justamente uma diferença de 4 pessoas. Ou seja, é possível que as 4 pessoas que realizam trabalho doméstico não tenham respondido à pergunta anterior sobre ocupação porque talvez tivessem em mente que “trabalho doméstico” não seria considerado um tipo de trabalho, ou porque não o considerassem para si mesmas, de maneira que apenas quando foi tornado visível o trabalho doméstico como um tipo de trabalho possível nas alternativas da pergunta seguinte, assinalaram-no.

Como aponta Gentile (2018, p. 66), é importante destacar:

[...] la importancia de visibilizar el trabajo no remunerado que mujeres jóvenes y varones jóvenes desarrollan en el ámbito de sus hogares y segundo advirtiendo la carga diferencial y mayor que llevan las mujeres jóvenes por sobre los varones y más aún si han tenido hijos. No obstante este, también advertimos la carga diferencial en la realización de estos trabajos no remunerados al diferenciar a los jóvenes por sector socioeconómicos de procedencia. Claramente son los jóvenes del sector socioeconómico bajo, mujeres y varones, los que en mayor número participan en actividades de cuidado ya sea que cuiden a alguna persona con las que viven o bien lleven o busquen a hijos o hermanos.

A carga de trabalho que recai mais fortemente sobre as mulheres de que fala Gentile é perceptível nos dados coletados para esta pesquisa, já que das 4 pessoas que declararam realizar trabalho doméstico, 3 são mulheres. Além disso, também a asserção sobre o fato de o trabalho doméstico recair com mais força nos jovens de classes mais baixas torna-se aqui passível de comparação, pois dados socioeconômicos dos 4 participantes desta pesquisa que responderam realizar trabalho doméstico demonstram seu desfavorecimento econômico.

Quadro 2 – Dados sobre participantes que declararam realizar trabalho doméstico

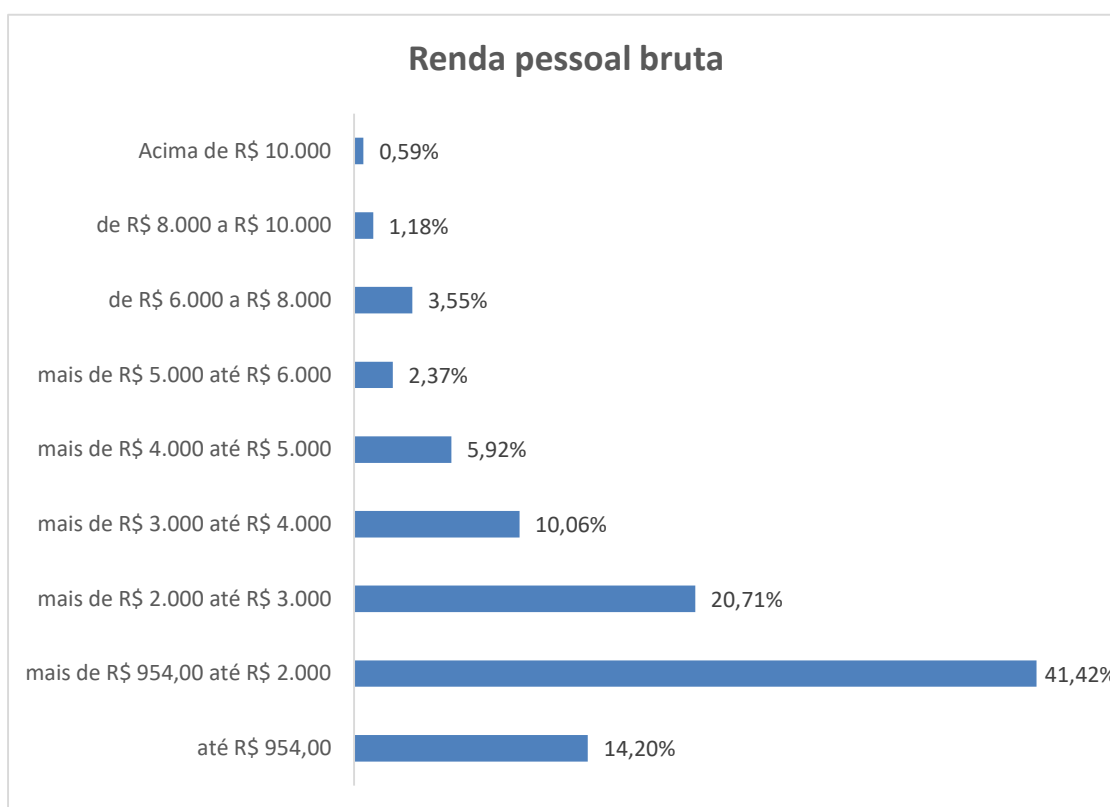
Dados sobre participantes que declararam realizar trabalho doméstico				
Idade	25	26	27	31
Sexo	Feminino	Masculino	Feminino	Feminino
Cor/raça/etnia	Branca	Branca	Branca	Preta
Escolaridade	Ensino Superior Completo	Ensino Superior Completo	Ensino Superior Completo	Ensino Médio Completo
Escolaridade mãe	Ensino Fundamental Completo	Ensino Fundamental Completo	Pós-Graduação	Analfabeta
Escolaridade pai	Ensino Médio Completo	Ensino Fundamental incompleto	Ensino Médio completo	Analfabeto
Renda familiar bruta	mais de R\$ 3.000 até R\$ 4.000	mais de R\$ 2.000 até R\$ 3.000	até R\$ 954,00	mais de R\$ 954,00 até R\$ 2.000
Quantas pessoas moram na sua casa, incluindo você?	3	Mais de 6	3	3
Ocupação	Não está trabalhando nem estudando	Está apenas estudando	Não está trabalhando nem estudando	Não está trabalhando nem estudando

Fonte: elaborado pela autora (2019).

Chama atenção, ainda, o fato de a maioria possuir Ensino Superior completo e exercer trabalho doméstico, considerando estarem em “[...] un periodo central en el desarrollo de las personas y de las sociedades, ya que es cuando se construyen las oportunidades de acumulación de recursos vía estudio o trabajo, ámbitos centrales para la inclusión social.” (DE LÉON, 2017, p. 5).

No que se refere ao quesito renda, dos 180 participantes que afirmaram realizar algum tipo de trabalho, 169 pessoas declararam algum tipo de receita, diferença que advém, grosso modo, da subtração daqueles que informaram realizar trabalho voluntário (6 participantes) ou doméstico (4 participantes). Analisando os dados obtidos, a renda bruta da maioria encontra-se entre um salário mínimo³³ e R\$ 2.000,00 (41,42%), seguidos daqueles que recebiam mais de R\$ 2.000,00 até R\$ 3.000,00 (20,71%) e dos que recebiam menos de um salário mínimo (14,20%).

Figura 28 – Renda pessoal bruta

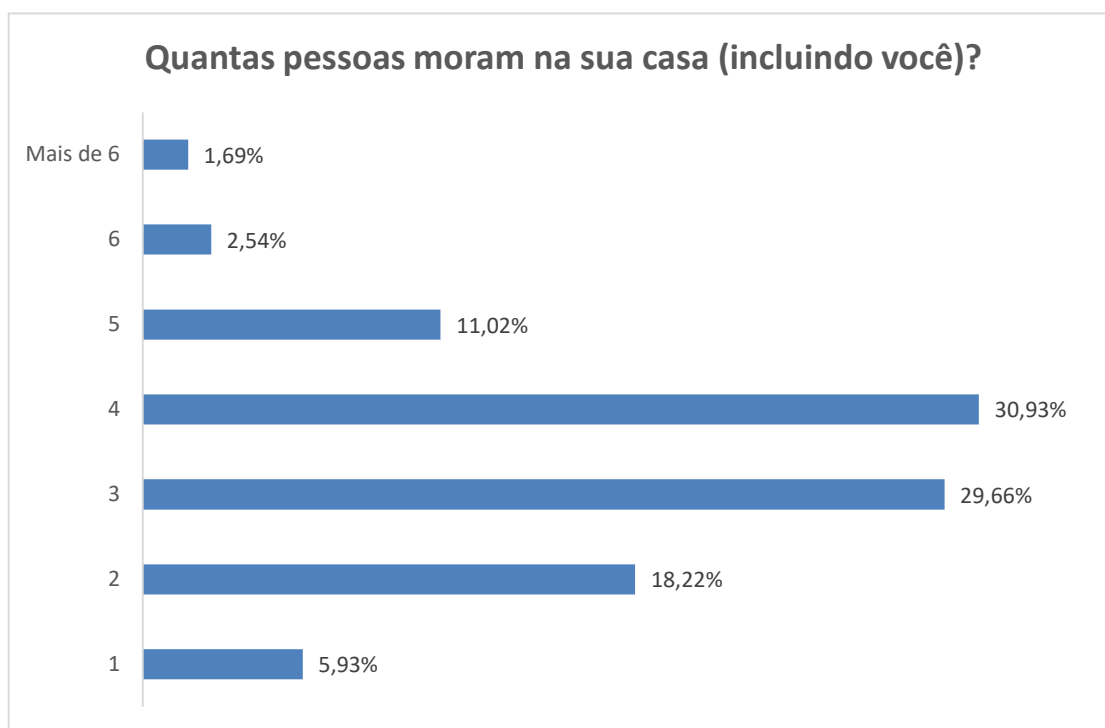


Fonte: elaborada pela autora (2019).

³³ O salário mínimo no período de coleta dos dados desta pesquisa (30 de novembro de 2018 a 20 de agosto de 2019) equivalia a R\$ 954,00.

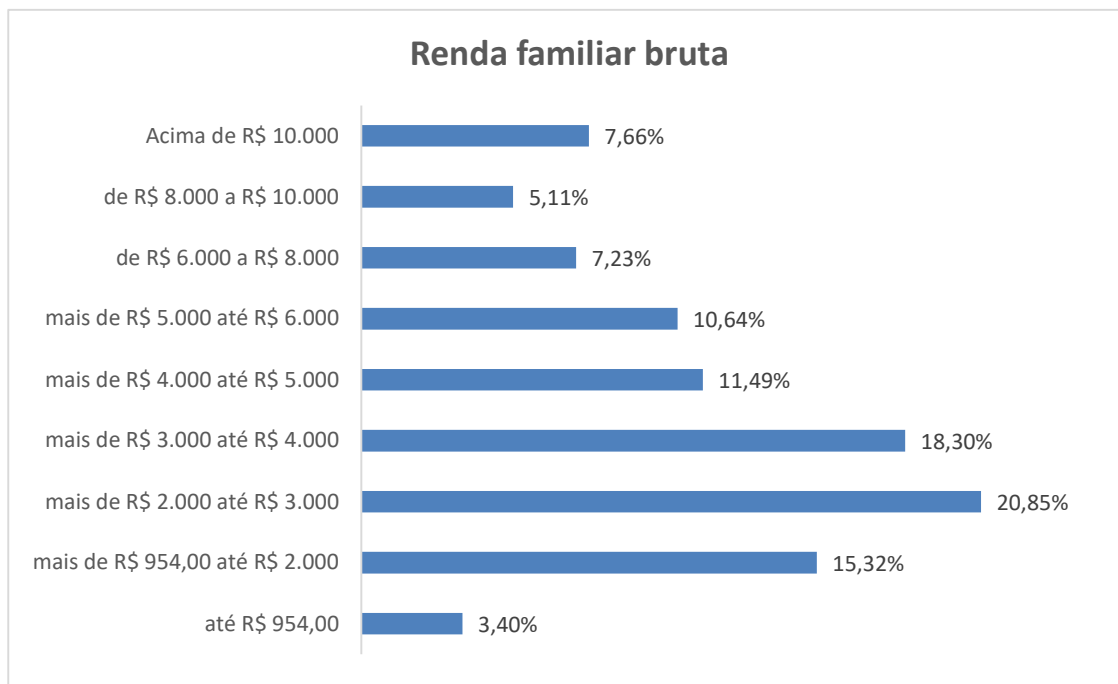
Sobre a composição dos domicílios, a maior parte dos participantes mora em agrupamentos de 4 pessoas (30,93%) e 3 pessoas (29,66%). No entanto, não deixa de ser expressiva a porcentagem dos que moram sozinhos (5,93%).

Figura 29 – Quantas pessoas moram na sua casa (incluindo você)?



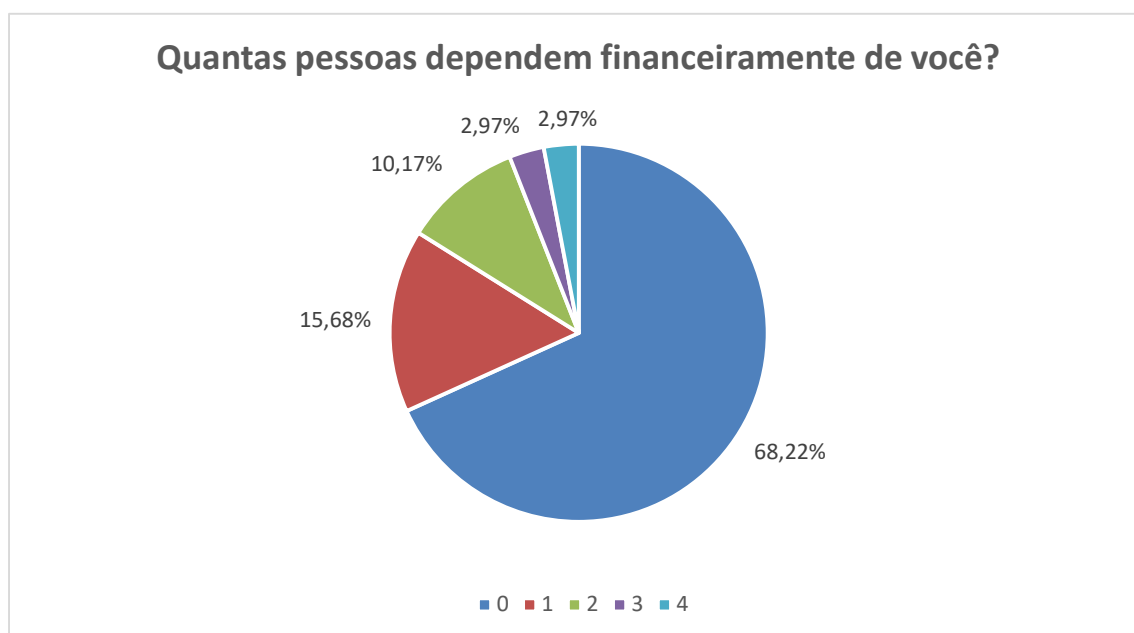
Fonte: elaborada pela autora (2019).

Em relação à renda familiar bruta, a maioria dos participantes responderam esta ser composta de mais de R\$ 2.000,00 até R\$ 3.000,00 (20,85%), seguidos dos que responderam ser a renda de mais de R\$ 3.000 até R\$ 4.000 (18,30%) e dos que responderam de R\$ 954,00 até R\$ 2.000 (15,32%). Em relação a outros percentuais, chama a atenção o fato de haver 3,39% de entrevistados cujas famílias vivem com um salário mínimo ou menos, ao mesmo tempo em que 7,63% dos entrevistados têm renda familiar bruta acima de R\$ 10.000,00. Esse aspecto aponta para a desigualdade social entre os participantes do Anchietaum, que, apesar de grandes distâncias sociais, convivem durante a realização das mesmas atividades.

Figura 30 – Renda familiar bruta

Fonte: elaborada pela autora (2019).

A percepção da grande desigualdade social entre os participantes também emerge quando se constata que 31,79% dos entrevistados têm um ou mais dependentes, somatória dos percentuais 15,68% (1 dependente), 10,17% (2 dependentes), 2,97% (3 dependentes) e 2,97% (4 dependentes).

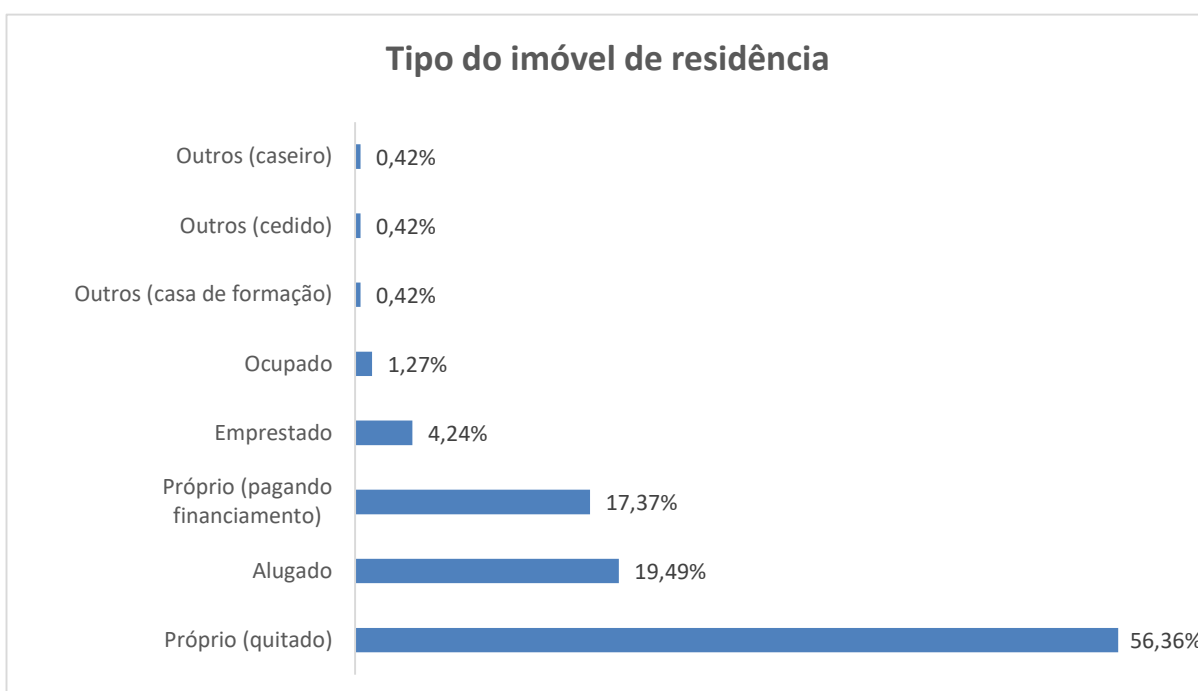
Figura 31 – Quantas pessoas dependem financeiramente de você?

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Supõe-se que aqueles com um ou mais dependentes estariam em uma faixa etária mais avançada, contudo, não é o que aponta a correlação de dados analisada. Das 75 pessoas que responderam ter dependentes, 49 pessoas (65,33%) tinham menos de 30 anos e 24 delas (32%) tinham 25 anos ou menos.

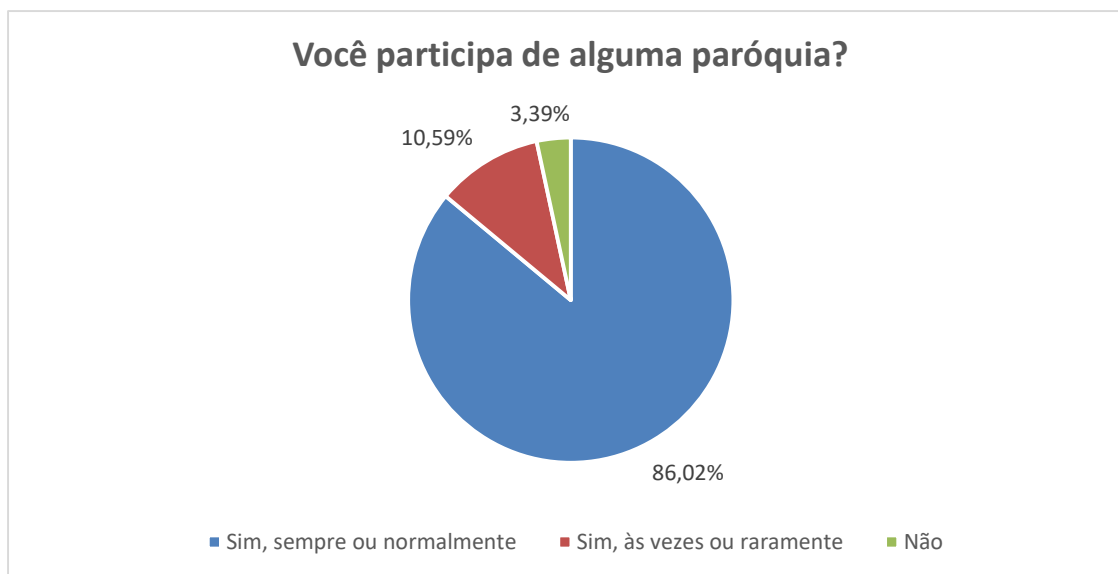
No último dado coletado para composição do perfil socioeconômico dos participantes da pesquisa, percebe-se que a maior parte mora em imóvel próprio (56,36%); contudo, há aqueles que moram em imóvel ocupado (1,27%), o que mais uma vez torna relevante a questão da convivência no Anchieta de jovens de posições sociais tão desiguais nas mesmas atividades.

Figura 32 – Tipo do imóvel de residência



Fonte: elaborada pela autora (2019).

Nos dados relativos ao hábito de participar de paróquias, chama a atenção o fato de – apesar dos diagnósticos sobre o catolicismo brasileiro contemporâneo indicarem “[...] uma crise que se traduz pelo progressivo enfraquecimento da figura do praticante regular” (TEIXEIRA, 2005, p. 18) – parecer subsistir, ao menos entre os colaboradores da pesquisa, o frequentador assíduo, posto que a grande maioria (86,02%) declarou ir com frequência ou normalmente a uma paróquia.

Figura 33 – Você participa de alguma paróquia?

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Por outro lado, das 221 pessoas que responderam qual paróquia frequentam, 12 delas indicaram o nome de mais de uma, ou seja 5,43% dos entrevistados. Acrescidos dos 10,59% de participantes que declararam frequentar alguma paróquia apenas às vezes ou raramente, e aos que declararam não frequentar qualquer paróquia (3,39%), denota-se que o crer contemporâneo, caracterizado por pertenças mais fluidas, delineia um católico “à sua maneira” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 43).

Em relação àqueles que declararam não frequentar paróquia alguma, ao mesmo tempo em que frequentam uma instituição religiosa católica, o Anchiétanum, cabe fazer uma relação com as reflexões de Hervieu-Léger (2015, p. 91) acerca da participação de jovens europeus na comunidade ecumênica de Taizé, na França. A esse local acorrem milhares de jovens, sobretudo durante o verão europeu, para discutir questões de fé, rezar, conviver e participar de orações compostas pelos cantos de Taizé³⁴, que estruturam o dia a dia, uma vez que ocorrem de manhã, à tarde e à noite e são precedidas pelo toque de um sino que indica o momento de agregação dos participantes. De acordo com a socióloga francesa:

Essa abertura e o acento colocado sobre a liberdade de os jovens se auto-organizarem em um espaço destinado a eles têm ainda mais importância a seus olhos pelo fato de eles encontrarem, ao mesmo tempo, no local, um enquadramento, referências religiosas perfeitamente explícitas e, mais amplamente, uma “regra do jogo” assegurada pela comunidade dos religiosos. Esta dupla face de Taizé – espaço

³⁴ Os “refrões de Taizé” são cantos curtos e repetitivos, de caráter ecumênico e meditativo. São originários da Comunidade de Taizé, na França, a qual também estabeleceu uma comunidade no Brasil, em Alagoinhas, na Bahia. Mais informações em: <www.taize.fr/pt>. Acesso em: 24 jul. 2020. Nas entrevistas, muito jovens demonstraram apreço pela utilização dos cantos de Taizé no Anchiétanum.

livre e, ao mesmo tempo, estruturado – é, para muitos parte da atração do lugar e o contrapõe imediatamente, no espírito dos jovens, às formas ordinárias de sociabilidade religiosa, principalmente nas paróquias onde eles se sentem ao mesmo tempo obrigados e “esquecidos”.

Talvez seja esse também o sentimento experimentado pelos frequentadores do Anchietanum, uma vez que cada um escolhe sua própria frequência e seu próprio itinerário na instituição (espiritualidade, formação, até mesmo orações nos moldes de Taizé), mas sempre com referências claras à doutrina e a presença de religiosos, numa mesma cadência comparável a Taizé, entre “espaço livre e, ao mesmo tempo, estruturado”, que atrai tantos jovens. Diferentemente dos sentimentos de “obrigação” ou de sentir-se “esquecido” nas paróquias, é possível que sintam uma maior liberdade e acolhida no Anchietanum, conforme apontam comentários colhidos em campos de resposta livre do questionário:

Me reconheço na igreja³⁵ [Igreja Católica], apenas lá [no Anchietanum]. Não me sinto à vontade nas igrejas [paróquias católicas] da minha cidade. Tenho muita dificuldade com o modo de pensar, agir e julgar das paróquias que já participei. Nessa semana chorei de desespero durante a homilia quando o padre falava de maneira negativa sobre identidade de gênero e educação sexual.

Espero que o Anchietanum possa me proporcionar uma nova experiência com Deus, num espaço sem julgamentos relacionados a raça, gênero e de onde vim, onde eu possa resgatar a minha intimidade com Deus e resgatar áreas da minha vida que por algum motivo se perderam.

O Anchietanum é um espaço de apoio em vários sentidos. É uma organização religiosa com uma experiência de acolhida bastante especial. Sempre espero acolhida no Anchietanum.

Outro dado que talvez aponte para uma maior “frouxidão” de pertença ao espaço tradicional das paróquias é o fato de que apesar de 203 pessoas (86,02%) terem respondido que frequentam sempre ou normalmente uma paróquia, 85 pessoas, do total de 236 participantes da pesquisa (36%), declararam não fazer “parte de nenhum grupo ou movimento ligado à Igreja³⁶”, isto é, o fato de frequentar uma paróquia não se traduz no engajamento em alguma atividade paroquial ou em fazer parte de algum coletivo da Igreja Católica.

Apesar disso, expressiva quantidade de jovens frequenta o Anchietanum em busca de formação para algum trabalho que realizam em suas paróquias de origem e muitos fizeram

³⁵ O termo “igreja”, grafado com letra maiúscula ou minúscula pelos jovens, pode fazer referência tanto à instituição Igreja Católica, quanto a uma determinada paróquia, de maneira que a atribuição do significado ao termo utilizado depende do contexto da fala.

³⁶ Em certas perguntas dirigidas aos jovens no questionário, utilizamos “Igreja” para indicar a Igreja Católica, como na pergunta “Você faz parte de algum grupo ou movimento ligado à Igreja?”.

questão de afirmar o compromisso que têm com suas comunidades locais em respostas livres à pergunta sobre o que ainda esperavam do Anchieta num:

Experiência para evangelizar as pessoas da minha comunidade/bairro/cidade.

Maior intimidade com Deus, amadurecimento de fé, conhecimento bíblico/teológico e conhecimento/inspiração para melhor conduzir o grupo de adolescentes que comecei a assessorar.

Colaboração para melhor servir a comunidade local.

Melhorar minha espiritualidade e conhecimentos para poder contribuir mais com a minha comunidade e bairro.

Além disso, entre os 151 voluntários da pesquisa que disseram participar de algum grupo ou movimento ligado à Igreja Católica, 13 faziam parte de um ou mais grupos ou movimentos, contabilizando-se 165 respostas, com destaque para o vínculo declarado por 26,06% do total à Pastoral da Juventude (PJ).

Tabela 4 – Participação em algum grupo ou movimento ligado à Igreja Católica

(continua)

Você faz parte de algum grupo ou movimento ligado à Igreja?	Qtd.	%
Pastoral da Juventude (PJ)	43	26,06
Equipe Paróquia (Catequese, Música, Liturgia etc.)	32	19,39
Treinamento de Liderança Cristã (TLC)	22	13,33
Renovação Carismática Católica (RCC)	11	6,67
Encontro de Jovens com Cristo (EJC)	5	3,03
Centros, Casas e Espaços MAGIS	3	1,82
Congregação Mariana	3	1,82
Juventude Missionária (JM)	3	1,82
Movimento Eucarístico Jovem (MEJ)	3	1,82
Movimento Juvenil Dominicano (MJD)	3	1,82
Articulação da Juventude Salesiana (AJS)	2	1,21
Comunidade Católica Colo de Deus	2	1,21
Grupo de Jovens	2	1,21
Legião de Maria	2	1,21
Seminário	2	1,21
Toca de Assis	2	1,21
Associação Aliança de Misericórdia	2	1,21
Associação de Comunidades de Vida Mariana (ACVM)	1	0,61
Cáritas – Diocese de Guarulhos	1	0,61
Comunidade Católica Shalom	1	0,61
Comunidade de Vida Cristã (CVX)	1	0,61
Coral Catedral da Sé	1	0,61
Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS)	1	0,61
Estigmatinos	1	0,61

Tabela 4 – Participação em algum grupo ou movimento ligado à Igreja Católica
(conclusão)

Você faz parte de algum grupo ou movimento ligado à Igreja?	Qtd.	%
Grupo de Ação Pastoral da Diversidade de SP	1	0,61
Grupo de Vida Cristã (GVX) de Colégio Jesuíta	1	0,61
Infância e Adolescência Missionária (IAM)	1	0,61
Maryknoll Missionários Leigos	1	0,61
Missão Dehoniana Juvenil (MDJ)	1	0,61
Missão Jovens Sarados	1	0,61
Missão Paz – Sefras	1	0,61
Movimento dos Vicentinos (SSVP)	1	0,61
Movimento REVIVA	1	0,61
Núcleo de Fé e Cultura da PUC	1	0,61
Obra Santa Dorotéia	1	0,61
Oração, Trabalho e Amor (OTA)	1	0,61
Ordem Franciscana Secular	1	0,61
Pastoral Carcerária	1	0,61
Pastoral Universitária	1	0,61
Setor Juventude Regional	1	0,61

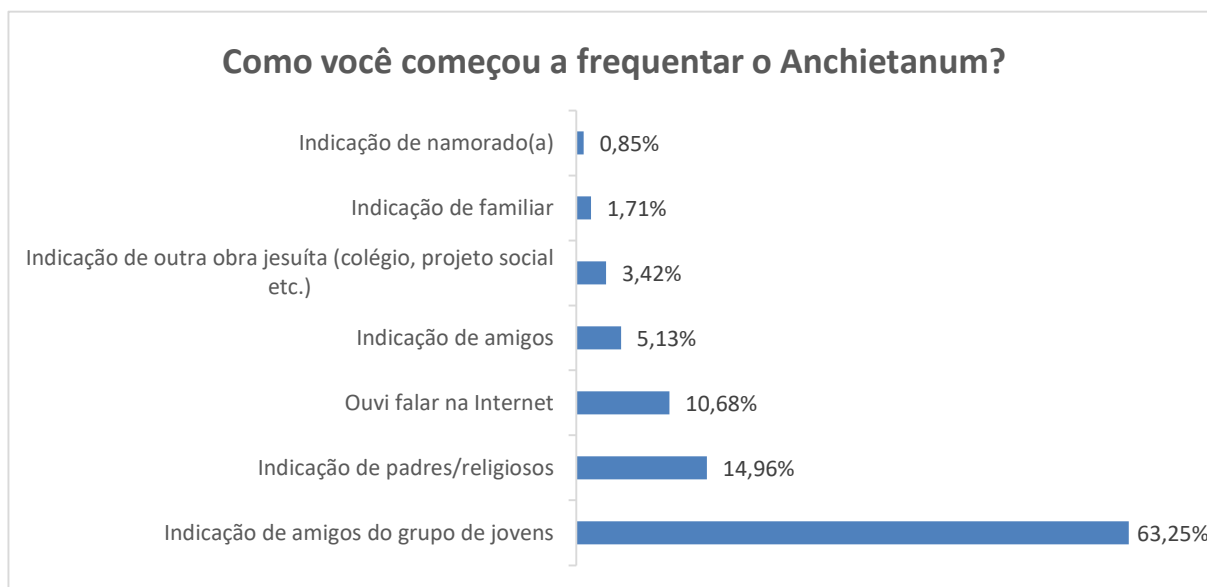
Fonte: elaborada pela autora (2019).

Outro destaque diz respeito ao conjunto das 85 pessoas que disseram não fazer parte de coletivos específicos da Igreja Católica somado ao grupo das pessoas que participam de equipes em suas paróquias (32 pessoas), pois tais sujeitos podem estar atrelados a agrupamentos que pendem para determinada tendência do catolicismo brasileiro ou a uma paróquia afinada com algum movimento, talvez sem ter consciência do fato a fim de declará-lo ou sem que isso se lhe revele importante.

Neste ponto, chegou o momento de perguntar como esses jovens socialmente desiguais, de diferentes lugares geográficos e de distintas culturas juvenis católicas, confluíram a um ponto de parada comum, o Anchieta? De acordo com os dados coletados, 63,25% dos participantes afirmaram ter conhecido a instituição por indicação de amigos do “grupo de jovens”³⁷; 14,96 % por indicação de padres/religiosos; 10,68% por terem ouvido falar na internet³⁸; 5,13% por indicação de amigos; 3,42% por indicação de outra obra jesuíta; 1,71% por indicação de familiar; e 0,85%, ou 2 pessoas, por meio da indicação do(a) namorado(a).

³⁷ Nas paróquias católicas, normalmente, há o que se denominam “grupos de jovens”, organizados por meio de reuniões semanais e outras atividades, e nos quais há sempre um “coordenador” ou grupo de coordenadores, em sua maioria, também, eles próprios, jovens.

³⁸ Conforme aponta Novaes (2016, p. 235), “Para além das desigualdades sociais que caracterizam suas situações econômicas e limitam seus acessos a direitos de cidadania, o processo de socialização e de sociabilidade dos que integram a atual geração juvenil está marcado pela presença das TICs” (Tecnologias de Informação e Comunicação).

Figura 34 – Como você começou a frequentar o Anchiétanum?

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Em relação ao tempo de frequência, quase metade dos respondentes da pesquisa (49,79%) frequenta o Anchiétanum há menos de 2 anos, enquanto a outra metade frequenta o Anchiétanum há mais de 2 anos.

No que diz respeito à atuação em outros grupos e movimentos não atrelados à Igreja Católica, dos 236 voluntários, 168 pessoas disseram não participar de nenhum outro grupo, ou seja, 71,18% do total. Das 68 pessoas que afirmaram participar de algum outro grupo ou coletivo, 24 mencionaram mais de uma agregação, contabilizando-se 113 respostas, distribuídas da seguinte forma:

Tabela 5 – Participação em algum outro grupo, coletivo, movimento associação ou entidade

(continua)

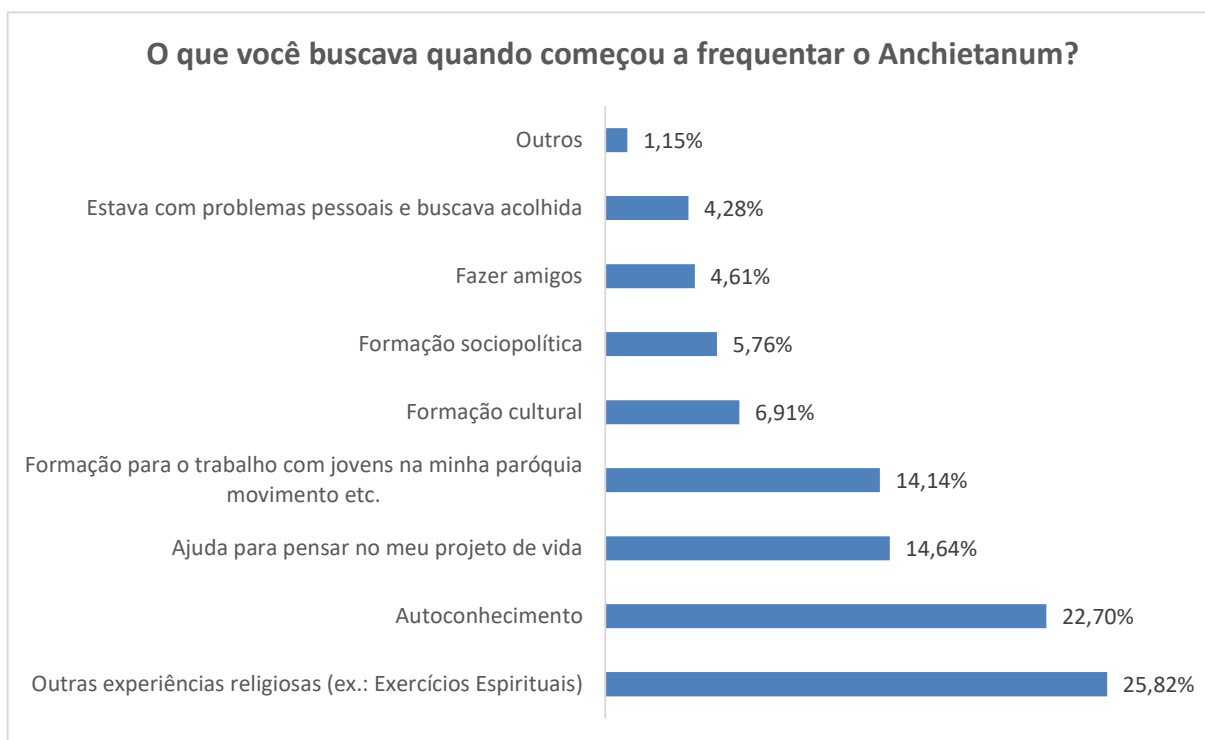
Você participa de algum outro tipo de grupo, coletivo, movimento, associação ou entidade?	Qtd.	%
Grupo cultural (teatro, música, dança, literatura etc.)	25	22,12
Centro/associação/grêmio estudantil	18	15,93
Organização de mulheres/movimento feminista	12	10,62
Associação profissional	11	9,73
Partido político	10	8,85
Movimento LGBT	8	7,08
Clube/associação esportiva	7	6,19
Grupo de defesa do meio ambiente	5	4,42
Associação de amigos do bairro	5	4,42
Movimento negro/grupos antirracismo	4	3,54
Projetos Sociais (ONGs, extensão universitária etc.)	4	3,54

Tabela 5 – Participação em algum outro grupo, coletivo, movimento associação ou entidade

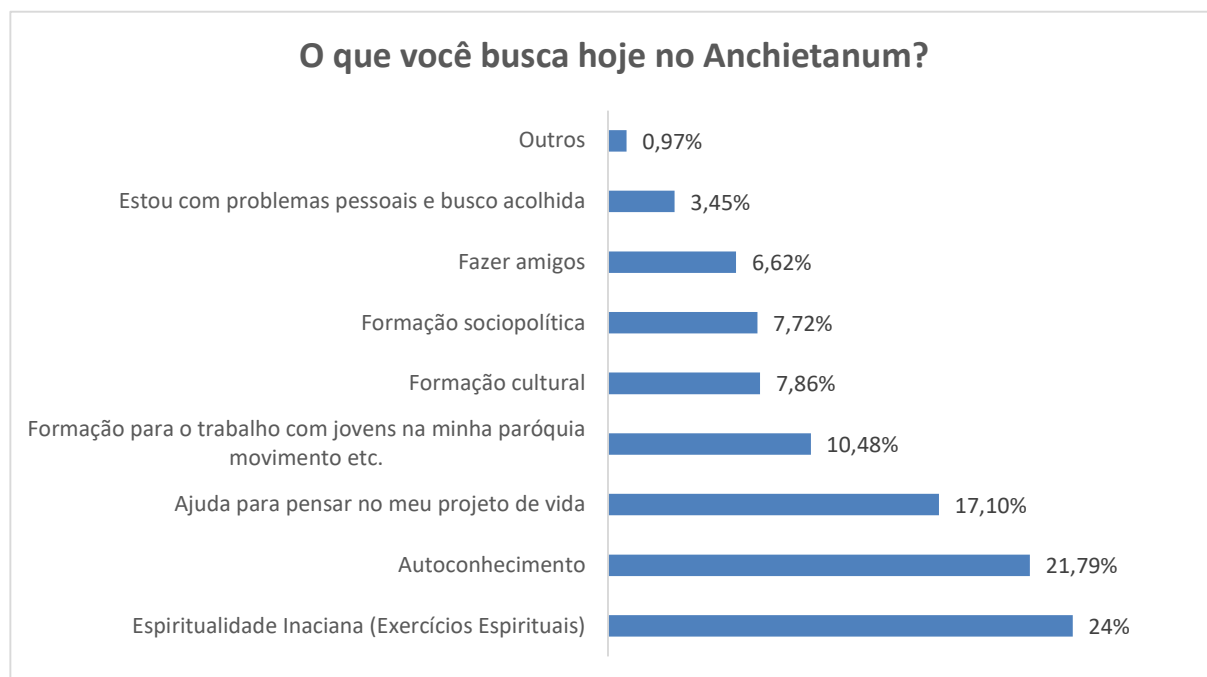
(conclusão)		
Você participa de algum outro tipo de grupo, coletivo, movimento, associação ou entidade?	Qtd.	%
Associação de Antigos Alunos de Colégio Jesuíta	1	0,88
Cursinho pré-vestibular	1	0,88
Lutas políticas Saúde e Movimento Antimanicomial	1	0,88
Meditação	1	0,88

Fonte: elaborada pela autora (2019).

A desigualdade e diversidade dos frequentadores do Anchiétanum também se reflete nos diferentes coletivos fora da Igreja Católica a que pertencem. Mas, para além das ofertas que atendem às distintas culturas juvenis católicas, o que, de fato, parece ser o denominador comum na procura desses jovens revelou-se na análise das respostas às seguintes perguntas: “O que você buscava quando começou a frequentar o Anchiétanum?”; “O que você busca hoje no Anchiétanum?”. Como cada pergunta permitia mais de uma alternativa, houve 608 respostas e 725 respostas para cada pergunta, respectivamente. Os resultados obtidos foram:

Figura 35 – O que você buscava quando começou a frequentar o Anchiétanum?

Fonte: elaborada pela autora (2019).

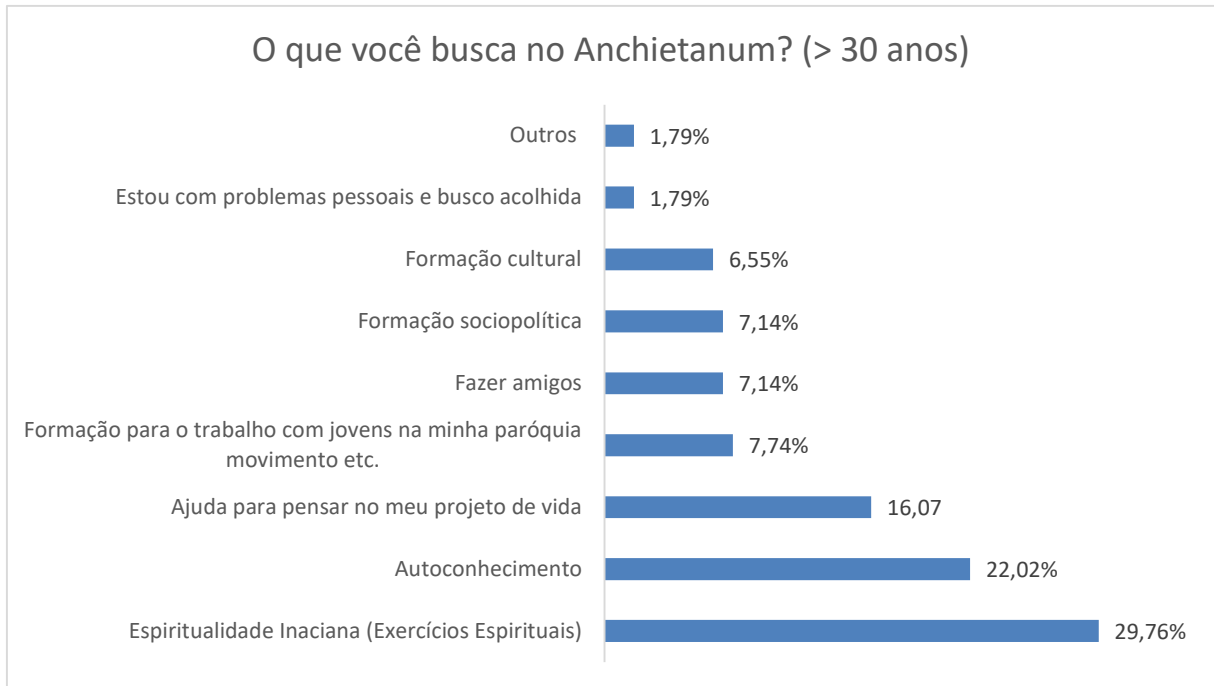
Figura 36 – O que você busca hoje no Anchietaum?

Fonte: elaborada pela autora (2019).

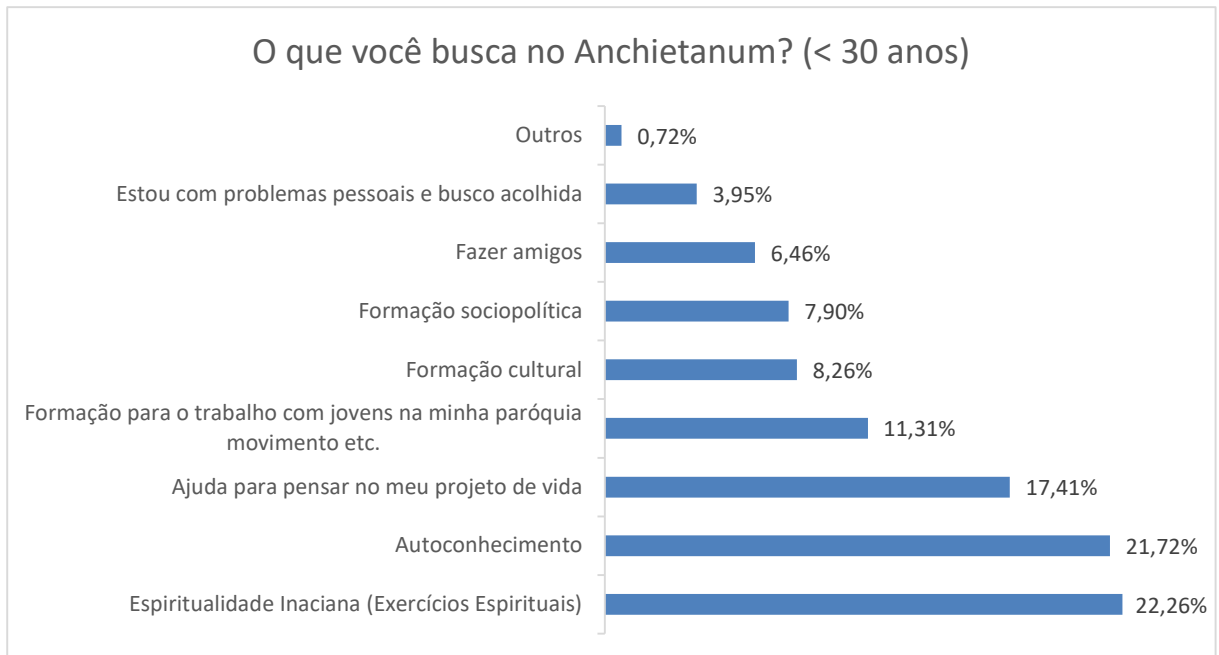
Considerando as dificuldades impostas pela excludente realidade brasileira e pela condição contemporânea, que tipo de recursos – ou capitais (BOURDIEU, 2012) – os jovens poderiam encontrar na religião?

A análise das três respostas mais citadas para ambas as perguntas revela que, diferentemente do que se poderia supor à primeira vista, ou no senso comum, jovens católicos que frequentam uma instituição religiosa não estão apenas em busca de uma “relação com Deus”, mas também de autoconhecimento e de auxílio para a tessitura de seus projetos de vida. Considerando que os recursos ou capitais podem ser de diferentes espécies, isto é, econômicos, culturais, sociais, simbólicos, linguísticos etc., as outras respostas do que os jovens pesquisados buscavam e ainda buscam no centro de juventude em questão apontam para uma demanda também por capital cultural (formação metodológica, cultural e sociopolítica) e capital social (fazer amigos) (BOURDIEU, 2012). Para além desses distintos capitais, observa-se a importância dada às relações afetivas, já que 4,28% dos voluntários declararam que buscavam e ainda buscam (3,45 %) no Anchietaum “acolhida” em virtude de problemas pessoais enfrentados.

Ressalta-se que, na comparação entre as respostas dadas pelos participantes de mais de 30 anos e as respostas dos participantes com menos de 30 anos sobre o que buscam no Anchietaum, os resultados não são muito distintos:

Figura 37 – O que você busca no Anchietanum? (> 30 anos)

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Figura 38 – O que você busca no Anchietanum? (< 30 anos)

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Independentemente de possíveis bens de salvação³⁹ “celestiais” que a religião tenha a oferecer, em concomitância à busca por experiências especificamente religiosas, destacam-se nas respostas dos participantes da pesquisa, tanto dos ditos propriamente jovens quanto daqueles que poderiam ser considerados adultos, a busca por autoconhecimento e ajuda para pensar em seus projetos de vida, o que pode sinalizar, talvez, um anseio por recursos capazes de proporcionar-lhes “salvação terrena” contra as intempéries que enfrentam, condição essa – conforme exposto no Capítulo 1 – caracterizada pela incerteza e pelo risco, não sendo “privilegio” de determinada faixa etária.

Em verdade, levando em consideração “valores e normas da juventude contemporânea”, como a *individualização*⁴⁰, é possível supor que a procura por “experiências religiosas”, no caso dos jovens pesquisados, ganha sentido ao lhes proporcionar autoconhecimento e ajuda para a consecução de seus projetos de vida, e não como bem religioso buscado *per se*. Considerando-se, ainda, que a experiência religiosa específica dos jovens do Anchieta, os “Exercícios Espirituais”, privilegia aspectos que levam à reflexividade e ao exercício de projetar a vida, supõe-se que, ao buscar essa prática, eles já estejam expressando também a procura pelos elementos contidos nas duas outras respostas mais citadas: “autoconhecimento” e “ajuda para pensar em meu projeto de vida”.

Tal suposição parece fazer sentido ao se analisar, por exemplo, o material produzido para servir de guia inspirador na promoção dos “Exercícios Espirituais” de Santo Inácio de Loyola a jovens. Dentre diversos apontamentos, salienta-se a importância de estimular o silêncio nos momentos de meditação individuais, de se resgatar a história pessoal dos jovens “[...] sob a ótica de uma autobiografia [...]” e, *a partir da experiência com Jesus*, motivar “[...] o jovem a iniciar a elaboração de um Projeto de Vida” (CAPRINI, 2018, p. 18; 20 e 26).

Sugere-se aqui que a procura por experiências religiosas parece confundir-se com uma busca principalmente por recursos que possibilitem o conhecimento de si e proporcionem ferramentas para a conformação de um projeto de vida, como se esses jovens buscassem uma espécie de bastão de caminhada para trilhar as difíceis sendas de transição à vida adulta ou, para aqueles considerados adultos, possivelmente enfrentar revezes biográficos e dificuldades de inserção em uma sociedade em constante mutação e com oportunidades escassas. Como

³⁹ O conceito de “bens de salvação” exsurge da ideia de que os distintos campos de atuação humana (científico, cultural e, inclusive, o religioso) funcionariam sob uma lógica economicista, mas de maneira velada e em torno de capitais simbólicos; no caso da religião, “o capital religioso” (BOURDIEU, 2005, p. 27-98).

⁴⁰ O “[...] processo pelo qual o indivíduo reivindica ‘a livre disposição de si mesmo’ e pretende escolher de modo autônomo o que é bom ou ruim para ele [...] [de maneira que na] [...] relação com a religião, também, ‘a consciência individual substitui a autoridade exterior no que diz respeito à ética social e pessoal’” (CHARLOT, 2011, p. 208)

apontou uma jovem de 23 anos em campo para respostas livres no questionário, tinha a expectativa de que, por meio das atividades do Anchieta, pudesse “tomar consciência e ter ferramentas pessoais e psicológicas para tomar minhas decisões futuras e parar de adiar todas as minhas decisões e planejamentos para a vida”.

Considerando outras razões que estimulam os jovens pesquisados a participar de um determinado espaço religioso (formação, agregação, acolhida), faz-se indispensável “[...] pensar com mais cuidado em uma esfera educativa ainda pouco explorada, contudo extremamente importante e que compõe o repertório cultural de amplas parcelas da população brasileira” (SETTON, 2008, p. 24) – a religião –, buscando compreender as relações tecidas entre fé e juventude neste momento histórico repleto de desafios.

As respostas também podem refletir a importância e a influência que a religião tem em suas vidas, não como uma dimensão experimentada separadamente das outras, mas como algo vivido intrinsecamente às demais; as experiências religiosas incluiriam outros aspectos de suas vidas, como o pensar em seus projetos de vida, fazer amigos ou mesmo como forma de participação social⁴¹, não se configurando como algo assessorio, mas imbricado em suas experiências cotidianas.

Nesse sentido, conforme já apontado no item 2.3, a religião ainda é uma dimensão de grande relevância identitária para os jovens e precisa ser levada em conta por pesquisadores do fenômeno juvenil.

Pode-se dizer que a dimensão religiosa – articulada com outras determinações socioeconômicas, como região, rural/urbano, escolaridade e renda – também deve ser considerada, tanto na caracterização das desigualdades e diferenças presentes na juventude brasileira quanto nas suas possibilidades de agregação social (NOVAES, 2016, p. 243).

A importância da religião é corroborada por outros dados coletados neste estudo. Os participantes foram questionados sobre os cinco valores e princípios considerados mais importantes em suas vidas, aqueles que guiam suas atitudes no dia a dia. Note-se que cada classificação (em primeiro, em segundo, em terceiro, em quarto e em quinto) correspondia sempre a uma nova pergunta, conforme molde abaixo:

⁴¹ Em análise do perfil religioso dos jovens participantes da II Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude, Novaes (2016, p. 254, grifo nosso) pontua: o “mapeamento não apenas nos ajuda a pensar sobre as tendências e o sentido da dimensão religiosa na vida dos jovens de hoje, como também coloca em pauta o fato de a **agregação religiosa constar entre as formas de participação social**”.

VALORES E PRINCÍPIOS

Quais os 5 valores e princípios que você considera mais importantes na sua vida, aqueles que guiam suas atitudes no dia a dia? (Escolha 5 alternativas, colocando-as em ordem de importância).

Em primeiro:

1. Respeito ao meio ambiente
2. Conforto material/sucesso profissional
3. Disciplina pessoal
4. Religiosidade
5. Liberdade individual
6. Obediência à autoridade
7. Respeito às diferenças
8. Vida prazerosa e divertida
9. Liberdade política
10. Temor a Deus
11. Dedicção ao trabalho
12. Justiça social
13. Autorrealização pessoal e profissional
14. Respeito às tradições
15. Solidariedade
16. Outra opção não listada

Em segundo:

[Neste espaço as alternativas 1 a 16 eram novamente repetidas para serem elencadas em ordem de importância]

Em terceiro:

[Neste espaço as alternativas 1 a 16 eram novamente repetidas para serem elencadas em ordem de importância]

Em quarto:

[Neste espaço as alternativas 1 a 16 eram novamente repetidas para serem elencadas em ordem de importância]

Em quinto:

[Neste espaço as alternativas 1 a 16 eram novamente repetidas para serem elencadas em ordem de importância]

Se você escolheu “Outra opção não listada” para alguma das alternativas acima, qual é esse valor ou princípio?

[espaço para livre resposta]

Em primeiro lugar, com 43,22% das respostas, apareceu “**Temor a Deus**”. Cabível ressaltar que, como havia espaço para adição de opções não listadas, um dos jovens escreveu “Amor (e não temor) a Deus”, como em uma espécie de correção à opção “Temor a Deus”. Outros jovens citaram “Amar a Deus”, de maneira que alguns podem ter optado por “Temor a Deus” por não haver uma opção como “Amar a Deus” previamente listada.

Assim, questionados sobre o segundo valor ou princípio mais importante, a resposta mais recorrente foi “**Religiosidade**”, opção de 17,37% dos voluntários. Em terceiro lugar apareceu “**Solidariedade**”, com 16,10%. Em quarto lugar, “**Respeito às diferenças**”, com 13,98%. Em quinto, descartando-se “Solidariedade”, que já aparecera em terceiro lugar e “Respeito às diferenças”, em quarto lugar, as respostas mais votadas foram: “Respeito ao meio ambiente”, com 9,32%, seguida de “Respeito às tradições”, com 8,47% e “Autorrealização pessoal e profissional”, com 8,05%:

Tabela 6 – Valores e princípios norteadores de atitudes elencados em quinto lugar

Em 5º lugar – Valores e Princípios	%
Solidariedade	12,29
Respeito ao meio ambiente	9,32
Respeito às diferenças	9,32
Respeito às tradições	8,47
Autorrealização pessoal e profissional	8,05
Disciplina pessoal	6,78
Liberdade individual	6,78
Vida prazerosa e divertida	6,78
Conforto material/sucesso profissional	5,51
Justiça social	4,66
Religiosidade	4,24
Dedicação ao trabalho	3,81
Liberdade política	3,81
Temor a Deus	3,39
Resposta em branco	2,54
Obediência à autoridade	2,12
Outros	2,12

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Em resumo, os valores e princípios considerados mais importantes para os participantes foram: **1º)** Temor a Deus ou, talvez, “amor a Deus”; **2º)** Religiosidade; **3º)** Solidariedade; **4º)** Respeito às diferenças; **5º)** Respeito ao meio ambiente, que dividiu espaço, pela proximidade percentual, com “Respeito às tradições” e “Autorrealização pessoal e profissional”.

Quando perguntados sobre as cinco principais fontes de inspiração para os valores e princípios mencionados na seção anterior, os resultados foram: **1º)** Relação pessoal com Deus (36,86%); **2º)** Família (28,39%); **3º)** Igreja (14,41%); **4º)** Reflexões pessoais (5,51%); **5º)** Amizades e relacionamentos (3,81%).

Os resultados classificados de 2º a 5º – já na primeira pergunta sobre quais fontes de inspiração estariam em primeiro lugar – foram idênticos aos resultados das demais perguntas individuais, isto é, quando questionados sobre quais fontes de inspiração estariam em segundo lugar, a resposta mais citada foi “Família”; quando questionados sobre quais estariam em terceiro lugar, a resposta mais citada foi “Igreja”; e assim, sucessivamente. Contudo, vale mencionar que, descartando-se as opções que já haviam sido elencadas anteriormente, em quinto, também mereceram destaque: “Experiências escolares/acadêmicas e professores”; “Grupo de jovens”; “Trabalhos voluntários (em Igrejas, ONG’s etc.)”; “Movimentos sociais”; “Manifestações culturais (música, literatura etc.)”; e “Experiências profissionais”.

Tabela 7 – Fontes de inspiração para valores e princípios em quinto lugar

Em 5º lugar – Fontes de inspiração para valores e princípios	%
Amizades e relacionamentos	16,10
Reflexões pessoais (eu comigo mesmo)	10,17
Experiências escolares/acadêmicas e professores	9,32
Grupo de jovens	9,32
Trabalhos voluntários (em Igrejas, ONG's etc.)	8,47
Relação pessoal com Deus (eu com Deus)	8,47
Família	8,05
Movimentos sociais	8,05
Manifestações culturais (música, literatura etc.)	7,63
Experiências profissionais	7,20
Igreja	4,66
Partidos políticos	1,27
Influenciadores digitais no Youtube, Facebook, Instagram etc.	0,42
Leis e costumes	0,42
Resposta em branco	0,42

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Se a “[...] juventude é só uma palavra” (BOURDIEU, 2003, p. 153), também a *juventude católica* é apenas uma expressão, afinal, os dados coletados sobre jovens católicos frequentadores do Anchietaum revelam a desigualdade e a diversidade existentes entre eles.

Como bem observaram Carranza e Sofiati (2018, p. 348),

[...] ao falarmos de juventude é preciso pensar o termo no plural, até mesmo para analisar grupos que participam de uma mesma instituição, como os jovens católicos [pois em] [...] sua aparente unidade como jovens alinhados institucionalmente, o pesquisador reconhece a diversidade de culturas juvenis que surgem em virtude das origens sociais, mas também das perspectivas e aspirações dos próprios jovens com relação ao seu espaço de atuação sociorreligioso.

Emerge, então, a questão de como convivem jovens tão diversos e desiguais ao participar das mesmas ações oferecidas pelo Anchietaum, aspecto contemplado a seguir, ao serem expostas notas sobre a observação da atividade “Espaço Projeto de Vida”.

3.3 Notas sobre a observação de uma atividade: “Espaço Projeto de Vida”⁴²

Considerando que esta pesquisa enfoca uma instituição não comumente investigada, isto é, um centro de formação para jovens católicos principalmente, mas que oferece atividades para além de temáticas espirituais e religiosas e pode atingir outros públicos, conforme exposto no item 3.1, mostrou-se necessário melhor expor seu funcionamento e suas práticas por meio de observação de campo. Como aferido na seção anterior, a busca dos jovens pela instituição revelou-se a procura por auxílio para definir seus projetos de vida e autoconhecimento, assim, para observação, definiu-se a atividade “Espaço Projeto de Vida”, apenas em seu primeiro módulo, em vista do caráter exíguo deste estudo. A opção também se deu em virtude de seu caráter misto: atividade de formação entremeada de momentos de reflexão individuais e orações.

Observou-se, assim, o primeiro módulo do “Espaço Projeto de Vida”, no período de 24 de maio a 26 de maio de 2019 (os jovens pernoitam na instituição para participarem integralmente da atividade). Haveria ainda mais dois outros módulos nesse mesmo ano, de 30 de agosto a 1º de setembro, e de 11 a 13 de outubro, dos quais os jovens deveriam participar para completarem essa proposta formativa.

Conforme descrição obtida no *site* da instituição, o público-alvo da atividade são jovens de 18 a 32 anos que devem percorrer o seguinte “itinerário”:

· **Módulo I: de 24 a 26 de maio - início sexta, às 19h**

Quem eu sou e quem desejo ser? Esse módulo é um convite a iniciar o caminho, conhecendo sua própria história, elaborando sua autobiografia e examinando as posições diante da vida.

· **Módulo II: de 30 de agosto a 1 de setembro**

Onde estou? Aqui, o jovem será convidado a compreender a conjuntura na qual está inserido e as suas implicações em seu projeto de vida pessoal.

· **Módulo III: de 11 a 13 de outubro**

O que eu quero? Cada jovem aprofundará o conhecimento da vontade de Deus e a maneira como Ele se comunica, por meio de nosso desejo mais profundo; além disso, é o momento de aprender como organizar o projeto de vida pessoal.

Organizou-se o relato em ordem cronológica do que se observou nas datas mencionadas anteriormente, por meio de notas tomadas em diário de campo, registros fotográficos e em áudio. Inicialmente, apresenta-se abaixo um quadro geral com o

⁴² Para a observação da atividade, foram seguidas todas as leis e normas que guiam a ética na pesquisa, inclusive houve explicação aos participantes sobre os riscos a que estariam expostos, bem como coleta de termos de consentimento livre e consentido devidamente assinados.

cronograma da atividade observada para desenvolver-se, em seguida, o relato, organizado por data e horário.

Quadro 3 – Cronograma do primeiro módulo da atividade “Espaço Projeto de Vida”

Integrantes da equipe:	Fernanda (coordenadora e funcionária); Pe. Bruno (um dos jesuítas responsáveis pelo Anchietaum); Pedro e Júlia (funcionários do Anchietaum); Ir. Jandira, Leandro, Vicente e Vivian (colaboradores voluntários). ⁴³	
24/05/2019, sexta-feira		
Horário	Atividade	Local
18h00	Credenciamento e acolhida	Hall de entrada
19h00	Jantar	Refeitório
20h00	Apresentação do grupo	Sala das cadeiras coloridas
21h30	Mística “Meu poço”	Sala das almofadas
25/05/2019, sábado		
Horário	Atividade	Local
7h00	Café da manhã	Refeitório
8h00	Oração da manhã/Confecção dos cadernos de vida	Sala das almofadas
8h45	Introdução ao Projeto de Vida	Sala das cadeiras coloridas
10h00	Intervalo	Refeitório
10h30	Sensibilização para o Exercício 1: Memória Familiar	Salão
11h00	Exercício autobiográfico 1	Cf. escolha pessoal dos jovens
12h00	Almoço	Refeitório
14h00	Pontos para o Exercício 2: História Pessoal	Sala das cadeiras coloridas
14h30	Exercício autobiográfico 2	Cf. escolha pessoal dos jovens
15h30	Intervalo	Refeitório
16h00	Sensibilização para o Exercício 3: Imagem Pessoal	Biblioteca
17h00	Exercício autobiográfico 3	Cf. escolha pessoal dos jovens
18h00	Intervalo para banho etc.	-
19h00	Jantar	Refeitório
20h00	Revisão do dia/Preparação para os grupos de partilha	Capela
20h30	Grupos de partilha	Vários
21h15	Noite cultural: Brincadeira de criança	Sala das cadeiras coloridas/salão
26/05/2019, domingo		
Horário	Atividade	Local
7h30	Café da manhã	Refeitório
8h15	Sensibilização para o Exercício 4: Afetividade e Sexualidade	Biblioteca
9h00	Exercício autobiográfico 4	Cf. escolha pessoal dos jovens
10h00	Intervalo	Refeitório
10h30	Encaminhamentos e avisos	Sala das cadeiras coloridas
11h00	Missa	Capela
12h00	Almoço	Refeitório

Fonte: elaborado pela autora (2019).

⁴³ Todos os nomes dos integrantes da equipe são fictícios para preservação do anonimato. Em termos de faixa etária, o mais jovem era Vicente, na casa dos 25 anos; Fernanda, Hélder, Júlia, Leandro, Vivian e padre Bruno, na casa dos 30 anos; irmã Jandira, na casa dos 40 anos. Ressalta-se que os jovens e jovens adultos responsáveis pela formação no instituto, tanto voluntários como funcionários, em sua maioria e pelo menos em algum momento, foram participantes das atividades do Anchietaum – quando houve necessidade de um novo educador para o instituto, sua seleção teve como critério um contato anterior com a instituição.

3.3.1 Relato da atividade

24/05/2019, sexta-feira		
Horário	Atividade	Local
18h00	Credenciamento e acolhida	Hall de entrada

Chegou-se ao centro de juventude pouco antes das 19h do dia 24 de maio de 2019, sexta-feira. Após o acionamento de uma campainha, abriu-se o portão da instituição e o que se viu foi uma casa de dois andares bastante ampla e colorida, cercada de um gramado com árvores e plantas; algo bastante contrastante com os muros e portões cinza do exterior do edifício. Alguns jovens circulavam pela comprida varanda coberta da entrada do prédio.

Figura 39 – Portão externo



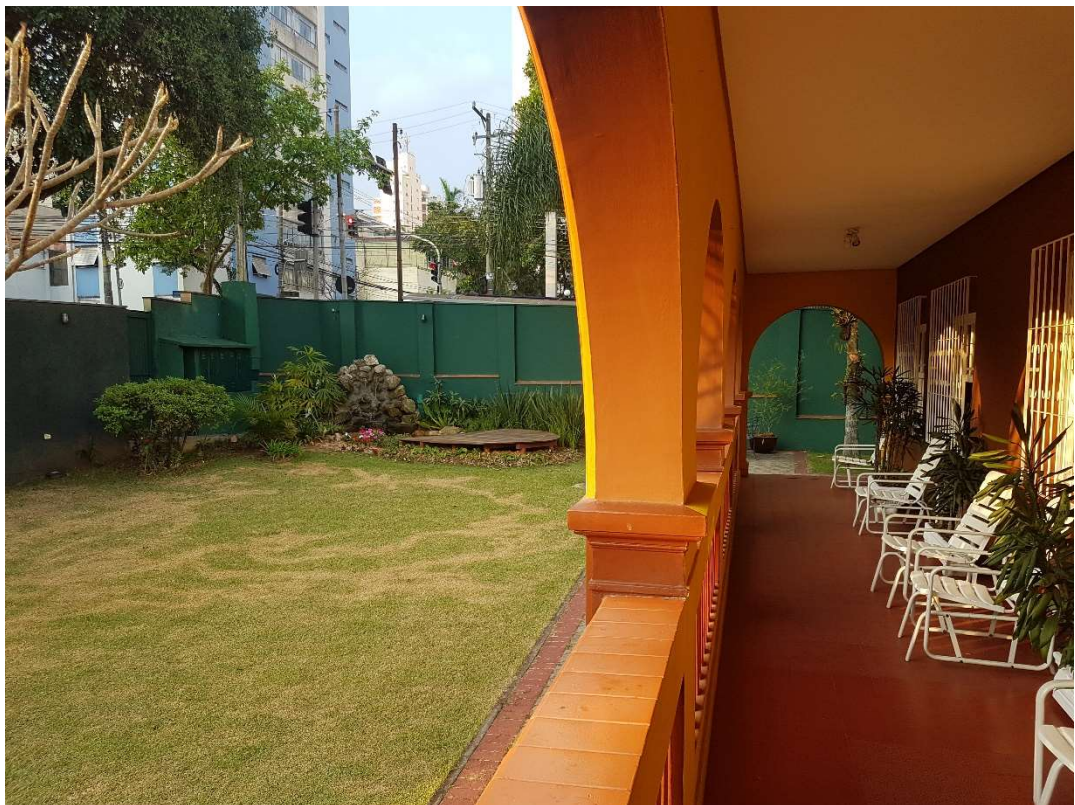
Fonte: acervo da autora (2019).

Figura 40 – Entrada/fachada principal



Fonte: Centro Magis Anchietanum (2019).

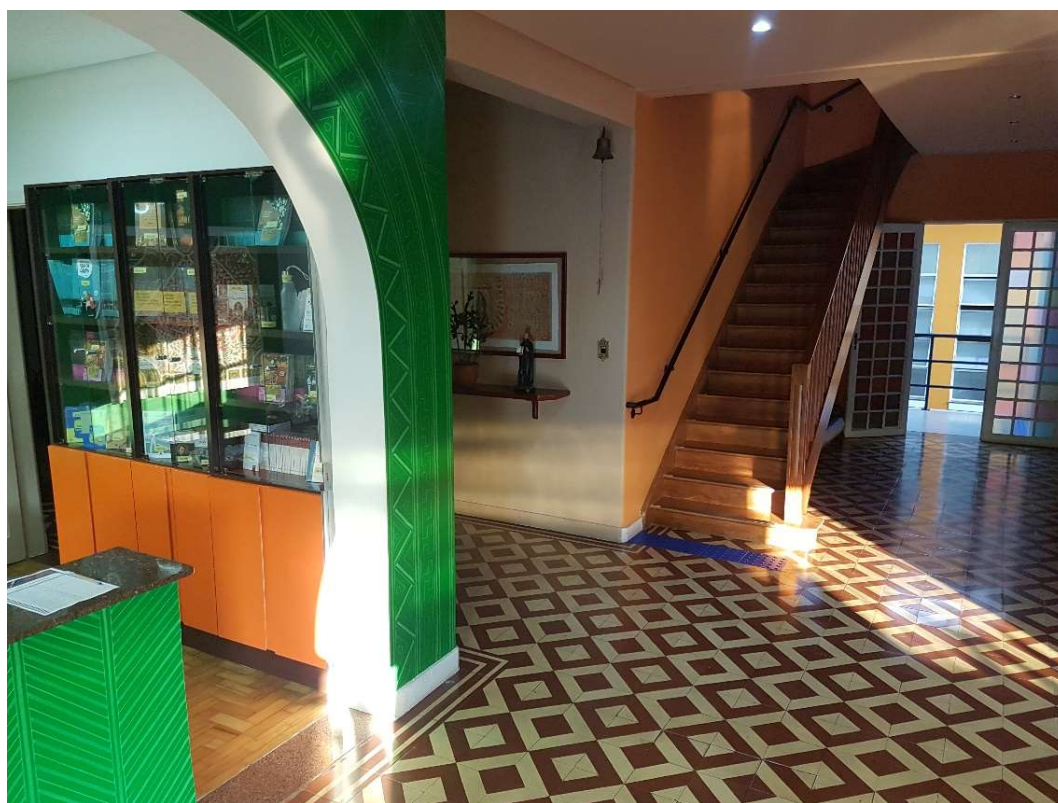
Figura 41 – Varanda térrea e jardim



Fonte: acervo da autora (2019).

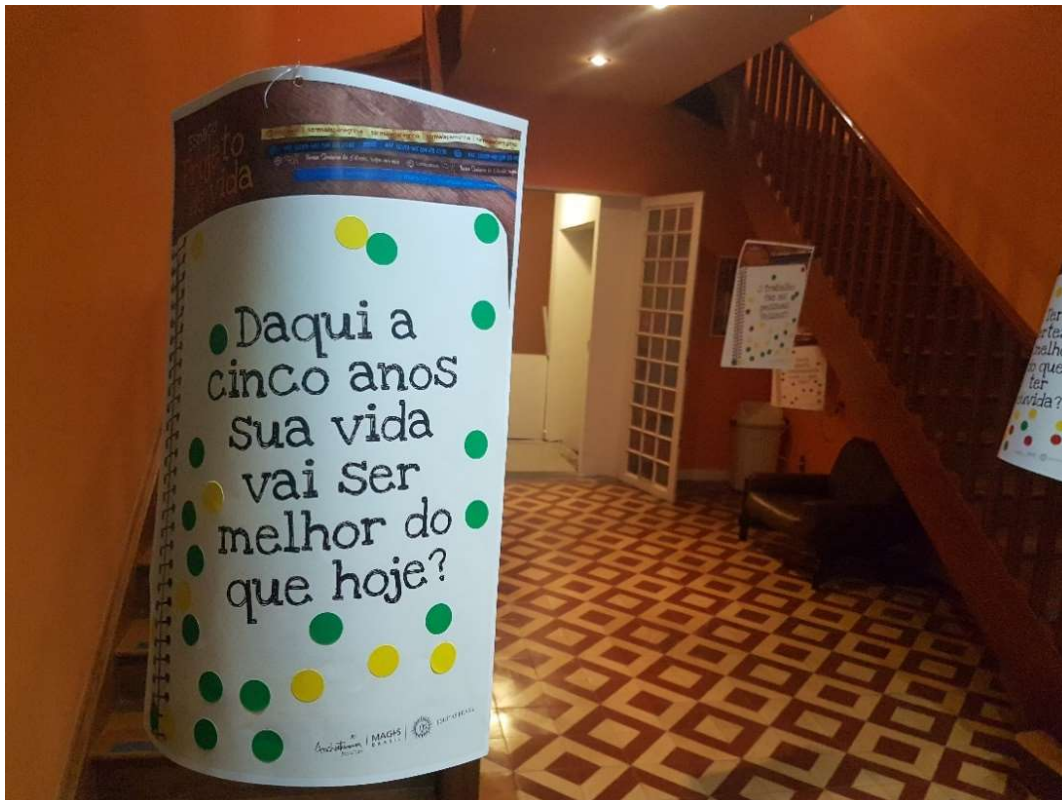
Ao passar pela porta principal, encontrou-se uma edificação que lembra uma casa antiga, em virtude do piso e de uma escadaria de madeira dupla no saguão de entrada, mas, ao mesmo tempo, com elementos decorativos e coloridos que imprimem um ar aconchegante e atual ao espaço. Observou-se que os participantes eram recebidos por duas funcionárias bastante jovens que solicitavam assinatura em uma lista de presença, indicavam o número do quarto em que ficariam hospedados e explicavam que, enquanto o sinal para o jantar não era dado (o toque de um sino localizado ao lado da escadaria dupla de madeira), eles poderiam colar alguns adesivos em cartazes dispostos pelos corredores.

Figura 42 – Hall de entrada



Fonte: acervo da autora (2019).

Figura 43 – Cartazes com perguntas para os jovens no saguão de entrada



Fonte: acervo da autora (2019).

Utilizando adesivos coloridos para as respostas (verde equivalendo a “sim”, vermelho a “não” e amarelo a “não sei”, “mais ou menos” ou “talvez”), os participantes deveriam responder às seguintes perguntas: “Dá para ser feliz sem dinheiro? Você quer ser mais jovem? Sua vontade vem primeiro que a dos outros? Você está satisfeito com seu corpo? Você se sente realizado/a com o que faz? Você já foi completamente diferente do que é hoje? Você se sente autêntico/a nos grupos a que pertence? O trabalho faz as pessoas felizes? Ter certeza é melhor do que ter dúvida? Daqui a cinco anos sua vida vai ser melhor do que hoje? Você quer ser mais velha/o? Sua fé te ajuda a ser alguém melhor? Seu tempo livre tem preço? Você tem esperança de que a atual situação melhore? Dá para sacar quem você é pelas coisas que consome? Você tem cuidado de si mesma/o? O presente é mais importante que o futuro? Você tem feito sua parte para mudar o que incomoda?”.

Computando-se as respostas fornecidas pelos jovens nos cartazes, foram obtidos os seguintes resultados:

Tabela 8 – Resultado das respostas a perguntas realizadas para os jovens

Perguntas	Sim	Não	Não sei/ mais ou menos/ talvez
Você tem feito sua parte para mudar o que incomoda?	26%	16%	58%
O presente é mais importante que o futuro?	32%	23%	45%
Você tem cuidado de si mesmo/a?	31%	31%	38%
Dá para sacar quem você é pelas coisas que consome?	38%	24%	38%
Você tem esperança de que a atual situação melhore?	6%	3%	90%
Seu tempo livre tem preço?	42%	35%	23%
Sua fé te ajuda a ser alguém melhor?	87%	3%	10%
Você quer ser mais velho/a?	17%	53%	30%
Daqui a cinco anos sua vida vai ser melhor do que hoje?	67%	0%	33%
Ter certeza é melhor do que ter dúvida?	13%	45%	42%
O trabalho faz as pessoas felizes?	42%	10%	48%
Você se sente autêntico/a nos grupos a que pertence?	47%	17%	37%
Você já foi completamente diferente do que é hoje?	55%	10%	35%
Você se sente realizado/a com o que faz?	24%	31%	45%
Você está satisfeito com seu corpo?	10%	42%	48%
Sua vontade vem primeiro que a dos outros?	33%	20%	47%
Você quer ser mais jovem?	47%	37%	17%
Dá para ser feliz sem dinheiro?	33%	20%	47%

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Na análise das respostas, o maior percentual (90%) encontrado refere-se ao fato de eles “não saberem”, “saberem mais ou menos” ou “terem dúvidas” acerca de possuir “esperança de que a atual situação melhore”. Já em termos de assertividade, o maior percentual (87%) é dos que acreditam na fé como força capaz de “ajudar a ser alguém melhor”. Também é relevante o percentual (67%) daqueles que acreditam na melhora de suas vidas dali a cinco anos, apesar de, ou justamente porque, no momento aferido, apenas 24% se sentirem realizados com o que fazem e 90%, conforme mencionado, não saberem ou terem dúvidas acerca da possibilidade de que “a atual situação melhore”. Nesse aspecto, sublinha-se a dissonância do grupo em relação à realização pessoal por meio do trabalho, uma vez que 42% responderam que “o trabalho faz as pessoas felizes”, em contraposição aos 48% que não sabem ou têm dúvida somados aos 10% que responderam que o trabalho não faz as pessoas felizes. Outro ponto relevante é o da relação de cada um com sua própria constituição física, já que apenas 10% responderam estar satisfeitos com seus corpos.

24/05/2019, sexta-feira		
Horário	Atividade	Local
19h00	Jantar	Refeitório

O sino toca às 19h para o jantar, e os participantes são conduzidos para o refeitório. Fernanda, coordenadora da atividade, propõe uma oração, lembrando a todos das pessoas que haviam preparado o alimento, pois “a vida é tecida de muitas mãos”, e que aquele era um momento de “estar em comunhão com tanta gente que nos ajuda”. Após a prece, ela avisa aos que ali estavam pela primeira vez que, na casa⁴⁴, cada um deveria servir-se e, após comer, lavar os utensílios utilizados.

Enquanto realizavam a refeição – composta de arroz, feijão, bisteca com abacaxi, salada e suco –, alguns conversavam animadamente, por já se conhecerem, enquanto outros apenas acompanhavam as conversas.

Figura 44 – Refeitório



Fonte: acervo da autora (2019).

24/05/2019, sexta-feira		
Horário	Atividade	Local
20h00	Apresentação do grupo	Sala das cadeiras coloridas

Às 20h, o sino foi tocado novamente e os participantes foram conduzidos à “sala das cadeiras coloridas” – local composto de cadeiras universitárias de diversas cores, dispostas em retângulo (formato da sala), e equipado com um telão, no qual havia uma flor amarela

⁴⁴ Percebeu-se que tanto os membros da equipe do Anchietanum quanto os jovens frequentadores referem-se à instituição por meio da palavra “casa”.

projetada. No centro da sala, no chão, havia uma composição com tecidos, velas e alguns objetos: uma casa de madeira, um barco, um vaso, espelhos, cruzeiros e um globo terrestre.

Figura 45 – Sala das cadeiras coloridas



Fonte: acervo da autora (2019).

Fernanda inicia essa etapa prestando alguns esclarecimentos: explica que há algumas obras ocorrendo na “casa”, em virtude de adaptações para pessoas com deficiência. Ela informa que 82 pessoas se inscreveram para a atividade, contudo, em virtude do número máximo de pessoas que o local comporta, puderam acolher apenas 33 jovens. Então, oficialmente, dá as boas-vindas e introduz uma dinâmica de grupo para apresentação dos nomes dos participantes. Todos se envolvem animadamente e, ao final, a coordenadora da atividade observa:

Dar-se conta de quanta gente a gente carrega e, ao mesmo tempo, saber que a gente também é carregado. Às vezes nos esquecemos dos encontros. Não usamos crachás faz algum tempo na casa porque o esforço é o de aproximar-nos uns dos outros. “Ah, tenho dificuldade...” Mas o esforço é o de justamente guardar o outro na memória, esforço de atenção plena. Quando falamos que não temos habilidade com nome, tem a ver com quanto nossa atenção estava na pessoa. E essa atenção começa em tentar gravar o nome.

Em seguida, Fernanda informa que todos iriam se apresentar novamente, porém, dessa vez não como “normalmente fazemos em outros espaços, de maneira superficial, mas falando

sobre as coisas que nos fazem ser quem somos. Sem quais características, situações, eu não seria eu?” – ela indaga.

É distribuída, então, a letra da música “Capitão Gancho”, de Clarice Falcão, que é tocada duas vezes. Em seguida, cada um recebe uma folha com os dizeres “Se não fosse... não seria eu”, a ser preenchida enquanto a música continua ao fundo, em volume baixo.

Em determinado momento a música cessa, e a coordenadora da atividade sugere àqueles que se sentissem à vontade a partilhar o que foi escrito, primeiro dizendo seu nome.

Neste ponto, a partir das notas tomadas com os elementos citados pelos jovens como constitutivos de suas identidades, categorizam-se as palavras mencionadas, conforme quadro a seguir.

Quadro 4 – “Se não fosse... não seria eu”

(continua)

“Se não fosse... não seria eu.”	
Características e elementos pessoais	a timidez, o sofrimento, os sonhos inatingíveis perseguidos de forma incansável e ao mesmo tempo preguiçosa, mania de brincar com tudo, de dar risada, de gostar de aprender, de acreditar que tudo pode mudar, mania de ser teimoso, a criatividade de querer mudar tudo, minha história, erros, choros, doenças, dores, intensidade, ansiedade, drama, risada, as dúvidas, risos, meus sonhos, minhas canções, o amor pelos sorrisos alheios, minhas indecisões, meu jeito tímido e ríspido, minhas lágrimas, falar pelos cotovelos, entusiasmo, ansiedade, empatia, amor, sonhos, mimos, mau humor, senso de humor, dúvidas, reclamações, dom de ser atrapalhado, dores, alegria, minhas histórias e contradições, minhas escolhas, decepções, minhas alegrias e tristezas, minhas perdas, minhas cicatrizes, minhas inseguranças, meu pavio curto, dedicação, choro, intensidade, gosto por escrever, sonhos, dores, perfeccionismo, vontade de agradar a todos, de abraçar o mundo, orgulho, tensão e preocupações, insegurança, fé, medo, minhas piadas, a raiva, a enxaqueca, minha entrega, meu amor por ensinar, a zoeira <i>never end</i> , as “nerdices”, as ansiedades, os medos, as brincadeiras falando sozinha, meu silêncio, a palhaçada, vergonha, riso, ansiedade, bobagens, leveza para lidar com a vida, piadas sem graça e completamente fora de hora, a preguiça, a alegria em ajudar alguém, a vontade de inspirar e ser inspirado, meus questionamentos, meus sonhos, a minha falta de vergonha, a facilidade em me expressar, o desejo de saber, ser boba, positiva, insistente, romântica, ansiosa, introvertido, <i>dreads</i> , meus medos, erros, minhas dúvidas, meu amor ao próximo, minha vida, as brincadeiras sozinha e o olhar para fora, o drama, a ansiedade, a inflexibilidade, meu retorno para o Espírito Santo, meus questionamentos internos, o incômodo das desigualdades, cantorias desafinadas, persistência, superação, coragens, minhas manias, minhas mudanças, meu pensamento meio maluco que não cessa nunca, o perfeccionismo, a desconfiança, a curiosidade, a vontade de ajudar o próximo, a vontade de transformar o mundo num lugar melhor, meu amor por coisas estranhas como a família real britânica e brigas, o sono, meu par de meias predileto, minha torcida pelo Flamengo, imitar
Família	o quintal da casa da minha avó, minha mãe, minha madrinha, família, a família, contato dos pais, irmãos, família, minha mãe brigando comigo, a separação dos meus pais, o sim da minha mãe à minha vida, meu pai, meu irmão, família, família, meus pais, corres da mãe e avó, infinitos sins da mãe, família, experiências espirituais, família, minha madrinha, a minha família, minha família, o amor da minha família, dos meus pais, do meu irmão gêmeo não idêntico, historinhas antes de dormir, minha família, a família, os sofrimentos com os primos, a irmã que me achava quando eu fugia, meus pais, minha mãe,

Quadro 4 – “Se não fosse... não seria eu”

(conclusão)

“Se não fosse... não seria eu.”	
Família	o trabalho da minha mãe, a minha família, coxinha que minha vó fazia, o trabalho do meu pai na “CVA”, minha mãe, os conselhos da minha mãe, o nascimento da minha irmã, o futebol com meu pai no final da tarde quando ele voltava do trabalho, pé de mamão no quintal, o sítio do meu avô meus primos, os meus irmãos, os encontros de família no final do ano, roça, meus pais e a história deles, minha mãe, meu pai, meu irmão
Elementos culturais	descoberta de novas músicas, o livro <i>O meu pé de laranja lima</i> , as histórias, a arte, livros, histórias, tardes ociosas ouvindo música, meus livros com histórias cheias de romances clichês, <i>Harry Potter</i> , <i>selfies</i> , <i>Harry Potter</i> , a paixão pela Inglaterra, <i>Rei Leão</i> , o livro <i>O caçador de pipas</i> , a música “Caçador de mim”, o poema “Chão e vento”, a peça <i>Fausto</i> , a música, diversas artes, varais giratórios ouvindo a rádio FM, os quadros, as colagens, os teatros musicais, as tardes cantando e tocando violão, Eddie Murphy, os bons fones de ouvido, a arte, o teatro, a música, <i>O Alto da Compadecida</i> , o forró, <i>TV Colosso</i> , <i>Cocoricó</i> e <i>Castelo Rá-tim-bum</i> , músicas, os desenhos antes de dormir, <i>boot</i> novo, os irmãos Wayans
Espiritualidade	PJ (Pastoral da Juventude), a Pastoral da Juventude, a Igreja, Pastoral da Juventude, o padre, a misericórdia de Jesus, Igreja, a Igreja, Jesus Cristo, as missões, Deus, Pastoral da Juventude, Deus, PJ, a fé, Deus, a minha fé, o quadro da Virgem Maria na sala, a vida católica, as missões, as orações que sem conhecer Deus eu fazia, os Teatinos, Santa Terezinha, Santo Inácio, Anchieta, a PJ, minha espiritualidade, a PJ, a utopia do Reino, Taizé, Santo Inácio, o pensionato das irmãs Marcelinas, São Francisco, Taizé, Itaici
Relações	as conversas, as pessoas que já passaram pela minha vida, as que acreditam e já acreditaram em mim, amigos, pessoas divergindo, amigos, amigos, amores que tive, amigos, amigos, saudade dos amores antigos e vontade de amar de novo, amores, amigos, roda de amizade, meus amigos, as pessoas que não gostam de mim, as pessoas que eu amo, os amigos, amigos, as partilhas, as amizades, as pessoas que já passaram pelo meu caminho, meus amigos, a admiração alheia, a minha <i>host family</i> do intercâmbio
Educação/Trabalho	a escola, os professores que tive, a escola, professores, estudos ora preguiçosos, primeira professora, a escola pública, a pedagogia, a minha primeira graduação, o meu emprego em São Paulo, intercâmbio, Ensino Médio, Serviço Social, professores, colegas de trabalho, trabalho
Memórias da infância	o braço do sofá que virava cavalo, o computador apagado que virava meu trabalho, a mamadeira cheia de achocolatado, o cheiro do lanche que eu não comia
Elementos imateriais/ categorias amplas	o concreto, o silêncio, a utopia, o amor, a juventude, o erro, o acerto, o recomeço, a natureza, a terra, o amor, o amor, o amor, a alegria, a juventude
Bichos de estimação	animais, minhas gatas, meu cachorro de infância, os cachorrinhos, meu gato, o meu cachorro de infância, meu cachorro
Viagens/lugares	minha viagem para o Chile, Minas Gerais, Espírito Santo, viagens, Santa Rita do Sapucaí, Parelheiros, local onde moro, viagens
Alimentos	os doces, arroz, feijão, bife e batata frita, os doces, os doces, comidas nada saudáveis, o suco de caju do Anchieta (como memória afetiva)
Militância	movimento social de educação que atuo, militância

Fonte: elaborado pela autora (2019).

Faz-se, então, um momento de silêncio após a última partilha, e Fernanda comenta: “Bonito isso tudo que a gente é, né? Vamos agradecer por tanto dom e escutar a música mais uma vez”. Em seguida, pede que cada pessoa pegue uma fita que está próxima a cada um dos

símbolos colocados no centro da sala (casa, barco, vaso, espelhos, cruzes, globo terrestre). Como cada fita tem uma cor diferente, é explicado que cada símbolo está atrelado a um “grupo de vida”, isto é, todos os que pegaram a mesma cor de fita fariam parte de um mesmo grupo ao longo dos três módulos da atividade. Informa que o objetivo dos grupos é partilhar “o que está no centro do projeto de vida, que é a vida de cada um de nós”, e que cada um teria o primeiro encontro com seu grupo naquele momento, com o intuito de se apresentar e de partilhar impressões sobre o filme *Lion*, que, no processo de confirmação de inscrição por *e-mail*, foi indicado para ser assistido. Fernanda explica que, ao final da partilha, todos poderiam escolher um nome para o grupo conforme o símbolo de cada um.

A pesquisadora acompanhou a partilha do grupo que se reuniu na própria sala das cadeiras coloridas. Dele faziam parte Cecília, Vander, Lúcia, Neto, e Marcos⁴⁵.

Cecília, de 28 anos, iniciou a conversa lembrando os colegas sobre o filme, ao qual a maioria não havia assistido, ao que propôs partilharem o que os havia motivado a participar da atividade. Em seu caso, disse que após participar da atividade Exercícios Espirituais para Jovens (EEJ), passou a frequentar as Tardes de Espiritualidade e decidiu fazer o Espaço Projeto de Vida, acrescentando que achava que descobriria “no caminho” o motivo de estar ali.

Vander, de 18 anos, comentou ter iniciado o curso de Direito e que “muita coisa que acreditava ser verdade no Ensino Médio não existe”. Explicou-se dizendo que na faculdade há pessoas muito mais velhas em sua turma, de maneira que, por exemplo, na matéria de Direito Penal, falam que “bandido tem que morrer”. Assim, disse que passou a viver um conflito com outras ideias e às vezes não sabe mais no que acreditar. De qualquer forma, explica que entrar na Pastoral da Juventude “mudou a cabeça”. E, trabalhando com atendimento ao público, sente que ações simples ou “coisas pequenas podem mudar o mundo”.

Lúcia, de 18 anos, participa do mesmo grupo de jovens frequentado por Vander no interior de São Paulo. Ela nasceu no Peru, pois os pais são peruanos, mas mudaram-se para o Brasil quando ela ainda era criança. Manifesta que ao entrar na faculdade muita coisa mudou em sua cabeça. Trabalha com publicidade e estuda Pedagogia. Diz que trabalhar só por dinheiro deixa-a frustrada: “É como se estivesse me perdendo, minha utopia se perde no meio de tudo isso”. À noite, quando se desloca para o curso de Pedagogia, “tenta deixar a luz acesa” (utopia), por isso pensa que o Espaço Projeto de Vida pode ajudá-la.

⁴⁵ Os nomes são fictícios para preservar a identidade dos jovens.

Neto, de 26 anos, confidencia que foi para a atividade em uma “tentativa de encontro, pois às vezes, na nossa caminhada, a gente se perde”. Conta ainda que está no “limbo”, afinal, está se formando em Relações Internacionais, mas tem encontrado muita dificuldade para terminar o curso, pois foi perdendo a motivação.

Marcos, de 25 anos, afirma estar na “crise dos 25”: “Fiz faculdade. E daí? O que vou fazer? Como posso me doar mais?”. É formado em História e trabalha como professor, algo de que gosta, mas sente um apelo para fazer algo mais. O curioso é que, quando ele chegou ao Anchieta, alguns jovens notaram que havia uma caixa com apagador e giz na lateral da sua mochila e aproximaram-se dele para demonstrar apreço pelo fato de ele ser professor.

Em determinado momento, Fernanda interrompe as partilhas para dar alguns avisos gerais e lembrar que uma oração finalizaria aquele dia. Ela explica que a atividade tem uma sequência, um encadeamento, e era muito importante deixar claro que:

Não se trata de um curso. O foco não é conteúdo, não é algo teórico. Propõe-se uma experiência para quem quer fazer o seu projeto de vida. Vocês vão notar isso na metodologia. Haverá poucos momentos de exposição. No geral, serão experiências e momentos pessoais de aprofundamento, reflexão e sistematização. É uma metodologia vivencial, exigindo entrega, desejo de experimentar, abertura aos sentidos. Também haverá momentos pessoais, de solidão e de silêncio interior, que a casa vai proporcionar para que possam fazer um mergulho em sua própria história, em sua própria vida, nesse diálogo bastante íntimo com Deus. Também haverá momentos celebrativos, de partilha, de vivência e pessoais. E haverá sempre alguém da equipe acompanhando cada grupo e disponível para escuta. O tema deste primeiro módulo, “Beber do próprio poço”, é um convite para um mergulho no interior. Exercícios para voltar-se para a própria história. Projeto de vida é dar-se conta de sua própria história. A ideia é construirmos uma autobiografia. Encontrar conosco e com Deus, enxergar as marcas de Deus em nossa história, considerando sua identidade pessoal. No segundo módulo, o olhar não será só para dentro de nós, mas para o contexto sócio-histórico em que realizamos nosso projeto de vida, como Deus age na história e nós agimos. No terceiro módulo, um reconhecimento da vontade de Deus que também se revela em nossa vontade; a comunhão de nossos desejos com os desejos de Deus.

Ela aproveita para apresentar os demais integrantes da equipe responsável pelas atividades ao longo do final de semana: Leandro, Júlia, Pedro, irmã Jandira, padre Bruno, Vivian e Vicente⁴⁶. Destaca que este último foi um jovem que concluiu os módulos do Espaço Projeto de Vida no ano anterior e, convidado, passou a integrar a equipe como colaborador naquele ano.

Fernanda, então, abre espaço para que a pesquisadora e autora deste estudo pudesse explicar sua presença junto à equipe do Anchieta. De modo que isso foi feito, inclusive, destacando-se a garantia de anonimato a todos que ali se encontravam. Além disso, frisou-se

⁴⁶ Para uma breve caracterização dos integrantes da equipe, ver nota 43, p. 92.

que, ao menor sinal de incômodo com a permanência da pesquisadora, todos tinham total liberdade para expressá-lo e para tirar qualquer dúvida.

Por fim, Fernanda informa que, após a “mística”⁴⁷, haveria chá e bolachas à disposição dos jovens no refeitório e que o café da manhã do dia seguinte seria das 7h às 8h da manhã.

24/05/2019, sexta-feira		
Horário	Atividade	Local
21h30	Mística “Meu poço”	Sala das almofadas

O grupo é então conduzido à sala das almofadas onde haveria a mística. O espaço estava iluminado apenas por velas posicionadas ao redor de tijolos dispostos como o amurado de um poço. Após os jovens se sentarem, um dos membros da equipe canta um refrão de Taizé⁴⁸, que logo é também cantado pelos jovens: “De noite, iremos de noite, iremos buscar a fonte; só nossa sede nos guia, só nossa sede nos guia”. Após alguns minutos, o canto cessa e Pedro articula uma reflexão em voz suave:

Qual a minha sede? O que me fez chegar até aqui? [...] Se eu fosse como um poço, como seria a água dentro dele? Qual o sabor, a cor, a forma, a estrutura, a profundidade, o que tem dentro do meu poço? Nós já trouxemos à tona muita água desses poços que somos. Podemos sentir o sabor, a cor de muitas águas profundas, de muitas sedes. A nossa sede nos trouxe diante do nosso poço, e no mais íntimo do nosso poço podemos nos encontrar, e encontrar o divino que habita em nós...Tudo é graça, tudo já existe dentro de nós em sua máxima potência. Como lido com a água que jorra? Como sacio minha sede? Neste Espaço, nós iremos beber do nosso próprio poço. Vamos olhar com muita gratidão para tudo que fomos, somos e poderemos ser. “Só nossa sede nos guia”. Beber do próprio poço é nosso ponto de partida.

O canto retorna, e Júlia acende uma pequena vela a partir de velas maiores que se encontram dentro da decoração com tijolos dispostos como o amurado de um poço. Outros membros da equipe, um a um, também acendem suas velas, como a demonstrar aos jovens a maneira de proceder. Assim, cada um dos participantes vai se levantando, acende sua vela, volta a sentar e continua cantando.

Depois de mais algum tempo cantando também outros refrões, como “Dá paz ao coração, dá paz ao coração, dá paz...”, a mística é finalizada com algumas palavras de Pedro:

⁴⁷ Ao longo da atividade, percebeu-se que o termo “mística” se refere a momentos de espiritualidade e oração que não seguem, necessariamente, estruturas rígidas de orações tradicionais preestabelecidas pela Igreja Católica.

⁴⁸ Sobre os cantos de Taizé, ver nota 34, p. 78.

Este poço é minha vida, minha história. Neste poço a minha sede se encontra com a sede de Deus. Diante desse poço, dessa sede, “chama-água”, guardemos as memórias do dia de hoje, o que nos trouxe até aqui, cores, sabores, sentimentos, aromas. Nesta comunidade que somos, diante de toda memória, partilha, lembrança... Somos nós esta pequena comunidade, que jorra, que tem muita água, que tem sede.

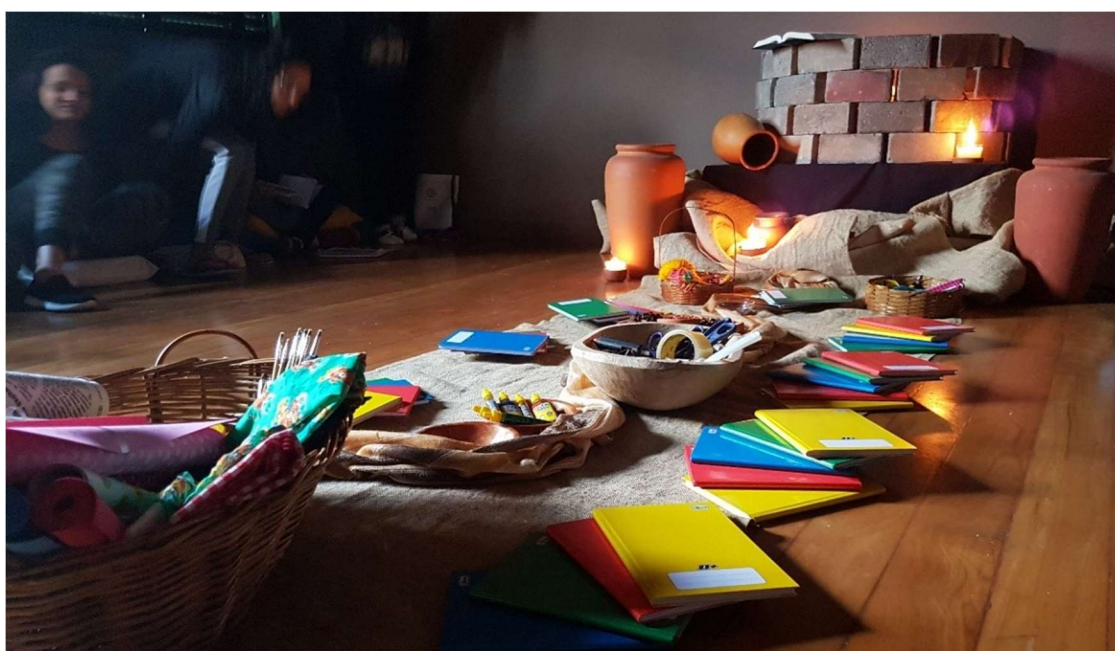
Os jovens vão se retirando aos poucos do ambiente. Muitos se dirigem ao refeitório, onde há uma mesa com chá e biscoitos à disposição. Alguns conversam sobre assuntos diversos, juntamente a membros da equipe, que os deixam à vontade, sem estipular um horário para se recolherem, de maneira que cada um, a seu tempo, decidia quando se retirar.

25/05/2019, sábado		
Horário	Atividade	Local
8h00	Oração da manhã/Confecção dos cadernos de vida	Capela/Sala das almofadas

Logo cedo, ao entrar na capela, cada um recebe uma filipeta com as músicas da oração da manhã. Ao fundo, ouve-se “Mantra”, de Maria Rita. Ao término da música, Pedro os saúda dizendo que “será um dia intenso e bonito” dedicado a pensar sobre suas identidades. Convida-os, então, a repetir juntos o *pedido de graça* “Conhecer as marcas de Deus na minha história” e, em seguida, motiva-os a acompanhar a letra da música “Eu não sei de verdade quem eu sou”, do grupo Teatro Mágico. Ao término da canção, é recitado o Salmo 139.

Em sequência, o grupo é conduzido à sala das almofadas, que, da noite anterior, mantém a decoração feita com tijolos que remetem à ideia do contorno de um poço.

Figura 46 – Sala das almofadas com decoração modificada para atividade



Fonte: acervo da autora (2019).

Após alguns instantes de silêncio, Pedro repete o que fora dito inicialmente, isto é, de que seria um dia intenso, pois todos estavam “realizando uma viagem... vamos nos deparar com muitas marcas, vamos passar por um caminho que não é mapeado geograficamente”. Trata-se de “um caminho interno, que pode até causar desolação, por isso, não podemos registrar em qualquer lugar, mas em algo que é seu, do seu jeito”. Propõe, então, que como uma oração, mas em forma de dinâmica, cada um dos jovens decore um caderno⁴⁹, no qual serão registradas suas experiências ao longo dos módulos da atividade.

Ao som de “O caderno”, de Toquinho, os jovens vão utilizando diversos materiais colocados à disposição (papéis coloridos, tesoura, cola, lantejoulas, adesivos, fitas etc.) para decorar suas brochuras.

Depois de aproximadamente 20 minutos, a música é cessada e os jovens são informados de que os materiais ficarão disponíveis em outro local para que possam terminar a decoração nos momentos livres. Todos são orientados, então, a dispor os cadernos no centro da sala para que os demais possam contemplá-los⁵⁰. A equipe diz:

Este é o começo da nossa caminhada, é onde deixaremos nossas marcas e, sobretudo, Deus. Daqui para frente ele nunca mais será o mesmo, ele vai sempre mudar. Que esse caderno possa ser o nosso mais precioso registro. Que ele possa ter tudo o que sonhamos e que somos. Não escrevo sozinho, o escritor principal é Deus.

A “oração-dinâmica” é finalizada com um convite para que todos cantem juntos “Tu me conheces”, do Pe. Jonas Abib.

25/05/2019, sábado		
Horário	Atividade	Local
8h45	Introdução ao Projeto de Vida	Sala das cadeiras coloridas

Às 8h45, na sala das cadeiras coloridas, é feita uma “introdução ao projeto de vida”. Irmã Jandira propõe que a partir de um pedaço de arame todos moldem a trajetória de suas vidas: “Se eu crio distância entre mim e a minha vida, como eu a representaria até hoje?”.

Assim, ao som de “Tocando em frente”, de Almir Sater, os participantes tentam dar forma à trajetória de suas vidas com o arame. Após algum tempo, a música cessa e a equipe convida os que se sentirem à vontade a compartilhar o que fizeram. Algumas das frases ditas pelos jovens foram: “Aí, quando parecia que estava no topo, caí, só que isso me ensinou a

⁴⁹ Ressalte-se que um caderno para anotações do que é vivenciado durante os Exercícios Espirituais faz parte integrante de sua metodologia: “É essencial ajudá-los [os jovens] a compreender a importância de registrar a oração no caderno espiritual.” (CAPRINI, 2018, p. 21).

⁵⁰ Uma foto dos cadernos decorados pelos jovens pode ser vista na p. 128 (figura 50).

subir com mais leveza, que é o que estou tentando fazer”; “Eu pensei que fazendo reto não faria sentido, pensei que mesmo nos momentos mais difíceis estou progredindo, mesmo nos momentos em que estou lá embaixo estou caminhando pra frente”; “Minha vida é formada de erros e acertos, quando acho que estou lá em cima, eu volto, mas nada é perdido, cada vez a subida é mais alta”; “Percebi o quanto as pessoas que passam pela minha vida influenciam as coisas boas e ruins. As minhas fases mais altas foram em situações em que conheci os meus melhores amigos hoje em dia”; “Eu também comecei minha vida de maneira bem linear, e depois fui realizando e achei que era algo ascendente, até que minha vida deu uma volta 360, aí achei que minha vida não era aquilo... me questionei e caí lá no fundo, aí comecei a recuperar meus sonhos, mas agora numa volta ascendente. E deixei o final incerto”; “Comecei com um círculo... qualquer período da vida vai ter o alto e o baixo, em qualquer fase você tem que reprojeter sua vida”.

Ir. Jandira então comenta que “todas as vidas são sagradas”, porque mesmo as representações sendo parecidas, não deixam de ser únicas. Ela acrescenta que nenhuma trajetória é “fria como metal, cinza”, então os convida a representar as pessoas que caminham junto deles, “bem ou mal, felizmente ou infelizmente”, utilizando massas de modelar coloridas a serem agregadas à estrutura de arame⁵¹. Repete-se a música “Tocando em frente”, e os jovens continuam a tarefa. Quando a música cessa, Ir. Jandira comenta que a família, os amigos e outras pessoas, representadas pelas diversas cores, fazem parte da trajetória única que trouxe cada um dos participantes “aqui até hoje”. Projeta, então, algumas telas e expõe algumas ideias sobre projeto de vida, conforme esta transcrição:

Fazer um projeto de vida é acertar os planos, mas não só. Quando projetamos, podemos também criar uma distância para enxergar melhor, para ver os detalhes. Projetar ajuda, assim, a focar em algo que normalmente passa batido, despercebido. Algo que precisa de mais atenção e mais cuidado para ser visto na sua realidade. A distância entre o projetor e a tela determina o tamanho aproximado da imagem. O tamanho da imagem aumenta conforme se afasta o projetor da tela.

Também quando pensamos em projeto de vida, pensamos em algo que possa nos trazer uma vida com qualidade. Vida tem a ver com os objetivos que eu quero alcançar. Mas... Também tem a ver com o sentido. Já aconteceu em algum momento você sentir que tinha mais ou menos o que queria, mas que faltava algo, algo que fizesse sentido? Nós temos uma promessa evangélica nesse sentido: “Eu vim para que todos tenham vida, e vida em abundância.” Uma vida com qualidade, com sentido, com frutos, que jorre em abundância.

Para isso, é importante familiarizar-se com a pergunta: “Quem sou eu?”, considerando desde seu próprio nome... a família, amigos, experiências, valores, gostos, habilidades, fragilidades. Meu nome já fala algo de mim. Também é importante a memória, a escuta de si mesmo, a reconciliação com alguns aspectos, o cuidado de si mesmo.

⁵¹ Uma foto de algumas estruturas de arame e massa de modelar feitas pelos participantes para representar suas trajetórias de vida pode ser vista na p. 19 (figura 1).

E por isso é necessário ter cuidado, cuidar daquilo que sou. Preciso me familiarizar com as perguntas: o que me move, o que me motiva, do que não abro mão?

Por que pensar em um projeto de vida? Primeiro porque faz parte de nossa natureza; o ser humano é um projeto infinito e, em seu processo de mudança, se renova, não é sempre igual, ele transcende, projeta-se. Segundo, para ter consciência dos padrões (culturais, sociais, afetivos, econômicos etc.) que a sociedade impõe e perguntar-se se esse é o melhor padrão para mim. Terceiro, para cuidar de mim, tomar distância não só dos padrões, mas também das cobranças... a vida coloca-nos frente a expectativas que, direta ou indiretamente, a sociedade e a família têm relativamente a nós.

Projeto de vida é despertar um gosto, um estilo de vida. Um mergulhar contínuo na minha vida, na minha história. É uma oportunidade para pôr em ordem a bagunça. Há escolhas que ninguém pode fazer por mim. É uma oportunidade para construir as condições do meu futuro com esperança, criatividade, responsabilidade, solidariedade...

Hoje há uma crise do desejo, pois ao mesmo tempo que parece haver muitas possibilidades, há pouca estabilidade e segurança. Precisamos de dois movimentos, um olhar para dentro e outro para fora: descobrir-se e olhar para nosso interior e sonhar e projetar para fora. É um despertar com responsabilidade.

“Uma elaboração madura de um projeto de vida, nos leva a compreender a nossa força, os recursos que temos ao nosso alcance, e também nossas limitações” [*citação de tela projetada*].

E com solidariedade: “Sou porque sou para os outros. Para todos os fins e propósitos práticos, ‘ser’ e ‘ser para os outros’ são sinônimos” [*citação de tela projetada*].

O projeto de vida não é algo que pertence só a mim. Para ter sentido, tem que me abrir aos outros, numa reciprocidade que constrói.

Ir. Jandira, então, exhibe a animação *La Luna*, em que se vê um garoto que sofre a influência de duas pessoas mais velhas para realizar o trabalho de “limpar a lua”, mas que acaba, ao final, descobrindo um caminho próprio de realização, ao mesmo tempo em harmonia com aqueles que o influenciaram.

Após o vídeo, os jovens são convidados a comentá-lo, ao que respondem: “cada um tem sua própria maneira de resolver as coisas”; “pegou a influência de cada um, mas decidiu seguir sua trajetória”; “nós somos parecidos em alguns aspectos e tão diferentes ao mesmo tempo”; “pega um pouco de cada e transforma na parte dele”. Aproveitando esse último comentário, Ir. Jandira emenda: “A gente passa muito do que a gente é, também. Fazer um projeto de vida é oferecer a possibilidade de encarar a vida passando bastante daquilo que você é, por meio dessa contínua pergunta: ‘Quem sou eu?’; ‘O que me move?’; ‘Como posso cuidar daquilo que é realmente importante?’”.

Volta a ser projetada uma tela contendo a frase evangélica: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância”. Ao que Ir. Jandira acrescenta: “Vida plena, com sentido e abundante, para mim e para os outros”. Por fim, ela termina projetando a frase “Jesus vive e quer-te vivo”, dita pelo Papa Francisco.

Faz-se uma pausa e, em seguida, os jovens se dirigem ao refeitório, onde encontram café, chá e biscoitos.

Então o sino é tocado para chamá-los à próxima atividade, que será realizada no salão.

25/05/2019, sábado		
Horário	Atividade	Local
10h30	Sensibilização para o Exercício 1: Memória Familiar	Salão

Os jovens entram no espaço que está decorado com pequenas ambientações, cada uma delas representando algum aspecto da vida familiar – um quarto com roupas de bebê sobre uma cama; uma mesa arrumada como para uma festa de aniversário; uma sala com fotos antigas; uma mesa posta com bolo e café; um local representando um quintal com brinquedos e uma amarelinha desenhada; uma mesa de estudo com materiais de alfabetização e uma foto de formatura.

São todos convidados, primeiramente, a sentarem-se em círculo em um espaço do salão mais afastado das ambientações preparadas. Fernanda diz: “Beber do próprio poço é fazer uma viagem ao mundo interior... E nessa viagem mergulhamos na memória. Vamos visitar lugares que marcam esse mundo interior”. Toca-se, então, a música “Poema”, de Frejat e Cazusa. Ao término da música, ela acrescenta:

Projetar à frente é também olhar para trás e fazer a recordação da vida; ir ao próprio poço, visitar situações, pessoas, eventos. Fazer viagem a nosso mundo interior, cheio de recordações, depósito de experiências do passado, onde também vamos encontrando o próprio Deus, que vai deixando marcas, conta algo, revela algo do que somos, mas também do que Deus é em nós. Agora, jovens e jovens adultos, vamos visitar essas pessoas e experiências. Vamos visitar a casa da infância e da vida familiar... encontrarmos pessoas, objetos, situações, sabores, alegrias, presenças, ausências... elementos que dizem sobre quem somos nós e quem é Deus em nossa história. Fazer memória da família e fazer memória de lugares.

Após essa fala, os participantes são convidados a percorrer as ambientações que foram preparadas. Em pequenos grupos, todos observam cada um dos espaços e interagem com os objetos. Alguns se emocionam. Após algum tempo, com os jovens espalhados pelo espaço, Fernanda propõe algumas perguntas para reflexão, com espaços de silêncio entre uma e outra pergunta, entre os quais se percebe alguns jovens chorando. Ei-las:

Como era a casa em que você cresceu? Os cômodos? Qual era seu espaço favorito nessa casa? Onde você brincava? Como era o bairro onde estava a sua casa? A casa dos vizinhos? Quem eram esses vizinhos? Com quem você costumava brincar? Quais eram as brincadeiras? Quais eram as pessoas que viviam com você? Quem cuidava de você enquanto você crescia? Como eram os momentos celebrativos: aniversários, Páscoa, Natal? Que pessoas você procurava quando tinha medo? Quais cheiros ou sabores te lembram essa época? Quais sons? Quais dias você recorda como os dias mais felizes dessa época? Quais os dias mais tristes?

Figura 47 – Salão decorado



Fonte: acervo da autora (2019).

Lê-se, então, um trecho de poema de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa:

Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo,
 Espécie de acessório ou sobressalente próprio,
 Arredores irregulares da minha emoção sincera,
 Sou eu aqui em mim, sou eu.
 Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou.
 Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me forma.
 Quanto amei ou deixei de amar é a mesma saudade em mim.

Em seguida, comenta-se:

Nenhuma trajetória é ideal, nenhuma família é ideal. São arranjos possíveis, mas que nos formam. Por isso, é momento também de reconciliação. Não sendo ideal, que nos fere de alguma forma, voltamos àquilo que foi nosso arranjo familiar. Quem foi nesse lugar, nesse arranjo, que nos pôde dar apoio, mesmo em meio a conflitos? Quem cumpriu esse papel de maternagem? Pode ser pai, pode ser mãe...

Após alguns instantes de silêncio, os jovens são informados que até o horário do almoço teriam aproximadamente 50 minutos para, no exercício de escrever suas autobiografias, fazer memória da vida familiar. Propõe-se silêncio durante o exercício, que é feito individualmente, usando-se qualquer espaço disponível. É dito ainda que, caso alguém tenha alguma dúvida ou dificuldade, os integrantes da equipe estariam à disposição para

escuta. Avisa-se que, ao toque do sino, seria hora de dirigirem-se ao refeitório para o almoço. Por fim, distribuiu-se um folheto de apoio, lembrando as perguntas sobre as quais poderiam refletir durante o período de silêncio que teriam:

Fazendo memória da vida familiar

Tente fazer memória de sua família. Faça um breve levantamento dos momentos marcantes vivenciados junto dos seus familiares, das principais marcas deixadas e do lugar que você ocupa nesse arranjo familiar.

Seus pais (ou, simplesmente seus cuidadores):

Quem são seus pais (cuidadores)? O que eles fazem (ou faziam)? Como eles são (ou eram)? Eles têm (ou tinham) os mesmos interesses que você? Como eles te tratam (ou tratavam)? Como você se sente diante deles?

Seus irmãos:

Você tem irmãos ou irmãs? Como eles são? Como você se sente diante deles/as? Como é ou foi a convivência entre vocês? Quais os momentos mais significativos que vocês compartilharam?

Seu ambiente familiar:

Como você considera o ambiente e o clima afetivo da casa de sua família? Como você julga ser a qualidade da relação entre as pessoas da sua família? Com quem você se entende melhor e com quem tem maior dificuldade? Existe algo que precisa ser modificado nessas relações?

25/05/2019, sábado		
Horário	Atividade	Local
14h00	Pontos para o Exercício 2: História Pessoal	Sala das cadeiras coloridas

Após o almoço, os jovens reúnem-se na sala das cadeiras coloridas. A equipe começa revisando o “caminho” percorrido até aquele momento, isto é, cada uma das etapas vivenciadas. Em seguida, é projetado o tema do próximo exercício: “Revendo sua vida pessoal – a minha história pessoal e as marcas de Deus na minha vida”. Solicita-se a todos que repitam o “pedido de graça” para aquele momento: “Um coração sensível, dócil e atento aos toques do Espírito, para poder ler e ver a escrita do Mestre na própria vida”.

Reproduz-se o vídeo “Viva com todo o seu coração”, no qual um garoto mostra-se triste ao ter aprendido na escola que um ser humano tem aproximadamente 2 bilhões e meio de batimentos cardíacos na vida, de modo que cada batida sentida seria, na verdade, uma a menos. Sua mãe, então, dá-lhe uma camiseta de tamanho grande para que ele escreva nela, ao longo da vida, todos os acontecimentos especiais que viver e as coisas boas que fizer a alguém, ensinando-lhe que “não importa quantas batidas seu coração vai dar, mas por quais motivos ele vai bater”, ensinamento esse que ele, ao tornar-se adulto, repassa à sua filha.

Pedro, então, comenta o vídeo, propondo que no próximo exercício cada um “pegue esta camiseta, que é nosso corpo, nossa própria história, e veja como Deus age em nossa história pessoal”. Em seguida, reproduz alguns *slides* intitulados “Teografia”, nos quais se lê:

“Ler as ‘marcas’ da ação de Deus em sua vida e escrever a trajetória dessas ‘marcas’; “Escrever o que foi discernido e aprendido. Isto constitui o que chamamos de ‘teografia’, ou seja, a escrita de Deus ou o modo como Deus atua deixando “marcas” que podem ser lidas”; “[...] a porta para essa releitura da própria vida são os nossos sentimentos”. Em seguida, acrescenta:

Percebo que não é só minha vontade que me impulsiona, mas a presença de Deus. Fico imaginando como será quando voltarmos a pegar nosso caderno no futuro. No vídeo só havia coisas boas, mas temos de olhar para o que não foi bom... cicatrizes. Perceber que podem representar novas oportunidades. Como Deus também se manifesta em nosso corpo, em nossa identidade? Queremos olhar para nossa história, nossas cicatrizes. O que representam para mim? Consigo perceber a presença de Deus nessas marcas?

Em seguida, distribuiu-se a letra da música “O tempo é sua morada”, de Francisco, el Hombre, e a canção é reproduzida. Ao final, escuta-se o som de um coração batendo, e Pedro diz:

O tempo é nossa morada, e a morada de Deus. Deus sempre se articula no tempo, no tempo do povo de Deus, no nosso tempo. Seja ele alegre, triste, na sua complexidade, mas Deus sempre se manifesta. Eu percebo Deus através do tempo, na minha infância, onde eu nasci, na história do lugar onde eu nasci, na história do Brasil, nos lugares, nas pessoas? Sua vida na infância marca seu jeito de ser agora? Eu percebo Deus nas relações com quem está próximo, com minha família, nas vezes que me senti pertencente a um grupo ou até mesmo na minha solidão, nas minhas amizades? Eu percebo a escrita de Deus nos meus estudos? Infância, adolescência, na universidade, no meu trabalho, nas minhas atividades, nas minhas cicatrizes, pintas, covas? Como influenciam na minha vida, no meu modo de ser hoje? Qual a recordação pela qual me sinto mais grato ou grata? E, também, a mais triste? Agora é hora de não esquecer nada, é hora de celebrar tudo isso, nossa história, nossa vida.

Distribuiu-se, então, o folheto “Revendo sua vida pessoal” para auxiliar no exercício reflexivo que os participantes deveriam fazer nos próximos 60 minutos. A equipe lembra que todos os espaços da casa estarão disponíveis para que possam “meditar”, em silêncio e individualmente. No folheto distribuído, lê-se:

Revendo sua vida pessoal

Faça um levantamento breve do que você consegue lembrar de sua vida pessoal até este momento.

Suas recordações de infância:

Onde nasceu, o que estava acontecendo na história do Brasil nessa época, quais fantasias você tinha, suas brincadeiras, lugares, pessoas. Existe algum elemento de sua vida de criança que marca a sua atual maneira de ser?

Suas relações:

Quem são as pessoas mais próximas a você? Como tem sido sua relação com essas pessoas? Que influências essas pessoas têm sobre você e suas atitudes? De modo geral, você sente-se integrado ou solitário? Está satisfeito/a com sua maneira de se

relacionar com os outros? Considera-se muito dependente ou independente dos outros? Custa-lhe muito falar de si mesmo? Como vê a amizade?

Sua atuação:

Como você avalia sua trajetória de estudos? O que você tem feito para se capacitar e realizar profissionalmente? Como você se sente diante dos estudos e/ou trabalho? Quais atividades mais lhe dão prazer em realizar? Você se sente realizado nas atividades que desempenha? Você consegue preservar algum tempo livre?

Suas marcas:

Tente fazer memória das experiências mais importantes da sua vida, aquelas que, a seu ver, são fundamentais em sua história, e que tem influenciado sua identidade. São experiências positivas ou negativas? Como você se sentiu e se sente diante delas? Qual é sua recordação mais grata? E a recordação mais triste?

25/05/2019, sábado		
Horário	Atividade	Local
16h00	Sensibilização para o Exercício 3: Imagem Pessoal	Biblioteca

Os jovens são chamados a ir à biblioteca, cuja disposição encontra-se alterada. As mesas são retiradas e há apenas cadeiras, todas elas direcionadas para uma parede revestida de espelhos. Acima dos espelhos, em prateleiras onde normalmente há livros, são expostas diversas máscaras iluminadas por velas. São também dispostas lâmpadas, abaixo das prateleiras, como se fosse um camarim. Ao entrar no ambiente, o grupo é orientado a sentar em determinados lugares conforme suas alturas, de maneira que todos possam ver-se no espelho. Toca-se a música “Me curar de mim”, de Flaira Ferro, enquanto todos se olham no espelho.

Vicente chega bastante maquiado e com diversas roupas sobrepostas. Coloca-se em frente ao espelho e, bem lentamente, vai retirando a maquiagem e retirando as roupas mais pesadas que traz ao corpo. Quando conclui essa etapa, a música cessa, e ele torna a mencionar os passos vivenciados até aquele momento, acrescentando que “o convite agora é refletir sobre a própria imagem pessoal. De que forma a intervenção proposta me toca? Quantas máscaras... Tenho tido tempo para olhar meu reflexo, me perceber? Olhando para a própria imagem, o que vejo?”.

A música é repetida. Em seguida, acrescentam-se algumas perguntas para estimular a reflexão:

Olhando para mim mesmo, quais minhas características pessoais? Do que mais gosto? O que me incomoda? Estou satisfeito ou preciso mudar alguma coisa? Mas imagem pessoal é algo mais complexo. Tem nosso autoconhecimento e tem a forma como as outras pessoas nos olham. Quem aqui nunca reconheceu alguém pelo perfume ou estilo de roupa? Como o outro me vê? Aproveitando o espelho imenso, vamos agora observar os outros... Como os outros estão me vendo, não só aqui, mas na rotina do dia a dia? Pode gerar paranoias: “O que essa pessoa pensa de mim?”; “A primeira impressão é a que fica”. Será?

Figura 48 – Biblioteca com disposição/decoração alterada para atividade



Fonte: acervo da autora (2019).

Após mais uma repetição da música, prosseguem-se as observações para incentivar a reflexão:

A imagem pessoal é construída, é um processo. A gente pode modificar o que as pessoas veem através de nossas interações. A imagem pessoal está interligada com autoconhecimento. Quanto mais sei quem sou, mais fácil ajustar minhas expressões. Daí vem autoexpressão, autocrítica... Mas uma coisa que fica, principalmente na juventude, é não se moldar. O que o mundo quer que a gente seja? Quantas máscaras preciso usar no meu dia a dia? Quantas são de fato necessárias? Nunca se anule ou queira ser o que você não quer; isso é se sabotar. De que forma minha autoimagem me instiga, colabora com meu projeto de vida? A minha imagem, aquilo que vejo de mim mesmo, está relacionado com o sentido da minha vida? Qualidade ou sentido? Tanto nossa imagem quanto nosso projeto de vida exigem manutenções...

Então é dito que os participantes terão uma hora para realizar o próximo exercício: “Percebendo minha imagem pessoal”. E que, antes do jantar, haverá uma hora de tempo livre, para banho ou o que desejarem. O novo encontro será às 19h00, no refeitório. O momento é finalizado com a música “Me revelar”, de Zélia Duncan. Ao sair da biblioteca, os jovens recebem uma filipeta com indicações para a realização do exercício:

Percebendo sua imagem pessoal

Suas características:

Descreva-se com relação às suas características pessoais (as qualidades que mais aprecia em você, qualidades apontadas por outros, limites que mais o/a incomodam, limites apontados por outras pessoas, suas atitudes, seu humor...).

Seu conceito de si:

Você está satisfeito consigo mesmo? Sente-se capaz de alcançar seus sonhos e aspirações? Como você supõe que as outras pessoas te vejam? Que opinião elas têm de você? Qual é seu grau de preocupação em cuidar de sua imagem nas coisas que faz? Sente que algo em você precisa ser transformado ou melhorado?

Suas aspirações:

Quais são seus principais sonhos? Que características pessoais gostaria de ter? Quais são os principais obstáculos ou problemas que encontra para sua realização plena?

25/05/2019, sábado		
Horário	Atividade	Local
20h00	Revisão do dia/Preparação para os grupos de partilha	Capela

Após o jantar, toca-se o sino para que os jovens se dirijam à capela, em cujo centro estão dispostos os símbolos dos grupos de partilha (uma casa de madeira, um barco, um vaso, espelhos, cruces e um globo terrestre). No ambiente, escuta-se a música “Mantra”, de Maria Rita. O volume é baixado, e Júlia convida os jovens que se sentirem à vontade a falar sobre o que fizeram ao longo do dia, “para que como comunidade possamos recordar o que vivemos”. Um dos jovens inicia a recordação, sendo ajudado por outros.

Júlia comenta que “o outro me ajuda a lembrar de quem sou” e, também, “cada pequena coisa no caminho, “o exercício, depois o nome, o caderno [...] os gatilhos que nos trouxeram aqui [...] os símbolos que escolhemos”. Por fim, acrescenta que “nas refeições também ocorrem trocas [...] quando a gente fala, a gente se ouve”. Ela informa, então, que seguidamente haverá o encontro dos grupos de partilha e, após, todos devem reunir-se na sala das cadeiras coloridas.

25/05/2019, sábado		
Horário	Atividade	Local
20h30	Grupos de partilha	Vários

A pesquisadora junta-se ao grupo reunido na sala das almofadas para escutar as partilhas. O integrante da equipe que acompanha o grupo, Vicente, informa que os jovens podem partilhar o que quiserem, desde o momento de sua chegada, como foi fazer os exercícios ou o que sentiram. Pergunta se trouxeram os cadernos confeccionados pela manhã e utilizados para registro dos sentimentos e de aspectos considerados importantes sobre os momentos vividos ao longo do dia, pois poderia ajudá-los a rever algo que tenha sido marcante.

A jovem Alessandra⁵² resolve “quebrar o gelo”, contando que “vieram muitos traumas de infância”, mas percebeu que “era Deus mostrando o porquê do meu jeito de ser do jeito que sou hoje em dia”, coisas que “tenho de trabalhar”. Também se questionou sobre a escolha de cursar Pedagogia: “Foi profundo, teve desolações, consolações também”. Vieram à tona momentos muito significativos com seu avô, sobre os quais não lembrava. “Foi o quanto Deus age em minha vida, nos momentos bons e ruins, e isso é gratificante”.

Para outra jovem, Juliana, também foi bem marcante rever a história familiar:

Eu não tive avós presentes, lembrança de uma casa de aconchego, colo, mas passando pelos ambientes, percebi o esforço de minha família... de fazerem com que as coisas dessem certo, por mais que tivesse dificuldades. Me sinto grata porque o melhor que tive foi o que pude ter naquele momento, e não o que gostaria de ter. Então foi muito tocante lembrar desses momentos. Vi um CD, lembrei dos churrascos, do Amado Batista... Aquela fita minha mãe tinha, era fã, foi marcante rememorar isso. Inclusive no intervalo alguém me perguntou: “Você é feliz com a profissão que você tem?”. Eu sou professora, não era o meu sonho, mas no momento é o que me foi apresentado. Então não tenho como algo que vou fazer para o resto da vida. Estou feliz, batalhei para chegar onde estou, faço com amor, me proponho a melhorar, mas entendo que tenho de continuar de alguma forma. Se em algum momento achar que tenho que mudar, vou fazer. Então não é o que as pessoas acham: “Ah, desde pequena tinha esse sonho”. Foi o que a vida me apresentou. Então, visitar essas coisas foi importante... Veio também a infância traumática, de querer algo que não podia ter – às vezes vem medo de passar por isso de novo... Poxa, minha vida melhorou, será que vou ter de viver isso de novo? Voltar à estaca zero, digamos, assim. O futuro é incerto, não gosto de ficar pensando muito nisso, para não ficar doente, mas são essas coisas que vivi no dia de hoje.

A jovem Sabrina partilha:

Eu estou me encontrando em cada coisa. Ontem cheguei aqui e vi o vaso, e para mim não chama vaso, chama moringa. Eu ia na casa da minha amiga que era do Nordeste e chamava moringa, e essa minha amiga, a gente fez Crisma junto, começou PJ junto, mas ela voltou para o Nordeste. Quando vi o vaso... por isso escolhi o vaso. Quando chegou na casa, achei engraçado a fita do Amado Batista, porque eu não moro com meus pais, moro com minha madrinha e padrinho. E meu padrinho escutava a fita do Amado Batista. E aí lembrei disso tudo e quando fomos para a parte da festa, e lembrei de como eram as decorações, “cata” o que sobrou de um aniversário para usar em outro... Então lembro que tinha um bolo da turma da Mônica encapado com enfeite da Chapeuzinho Vermelho... Então aquele momento eu sentei e fiquei ali. Minha madrinha sempre fez brigadeiro, fazia docinho muito bem, e recentemente começamos a vender brigadeiros. Foi recente e isso me lembrou tanta coisa... E na hora de escrever minha história, comecei a ver que sou de uma família muito humilde, muito humilde mesmo. As pessoas olham para mim e não veem o quanto humilde é minha origem. Minha mãe era nordestina, mal sabe escrever o nome, operária. Meu padrinho, analfabeto, operário. Minha madrinha, sempre dona de casa. E o meu pai sempre foi o típico malandro, gostava de pagode, fez um filho, não assumiu. Pude ver o quanto sou de origem humilde, e as pessoas quando veem, veem “é toda fofinha, mimada”, mas não sabem nossa origem humilde. Minha mãe solteira, quanto trabalhou de hora extra para ter o mínimo.

⁵² Todos os nomes são fictícios para preservação do anonimato.

Pude ver que a minha irmã, que não é de sangue, é filha da minha madrinha, o quanto eu me inspirava nela. Eu queria ser igual ela, porque eu não tinha referência, minha mãe saía muito cedo. Fui lembrando do caderno dela, que eu queria escrever igual ela. Agora que vou casar – foi engraçado ver as marcas que as pessoas deixam –, eu quis fazer no mesmo buffet que ela casou. Porém as pessoas são humanas, em alguns momentos nos decepcionam, houve atritos entre eu e ela. Quando eu tinha sete anos ela casou... Para mim foi uma perda... Ao mesmo tempo, minha mãe casou com meu padrasto, ficou só eu, meu padrinho e minha madrinha. Então pude ir vendo muito isso... Quando chegou à tarde... eu faço terapia, muito do que eu tenho de insegurança e medo. Tenho medo, do incerto, profissionalmente sou uma pessoa muito infeliz. Já passei por três contabilidades. Meus pais ficavam 20 anos numa empresa e eu não estou conseguindo me fixar numa empresa. Isso é algo que me frustra bastante. Sou muito frustrada por causa disso. Na hora de se olhar no espelho, pude ver que sou mulata, a gente se maqueia, não percebe os traços... E olhar “esse é você, esse é seu cabelo” [...] Autoaceitação... Não se julgar... Mais uma coisa que é um marco de Deus na minha vida: eu cresci numa família espírita, porque até os 10 eu só conhecia o espiritismo, o candomblé... Quando eu tinha 10, eu quis fazer catequese e minha madrinha, mesmo sendo de outra religião, me levou para a Igreja. Fiz Comunhão. Fiz Crisma. No meu Crisma, minha mãe não foi, mas minha madrinha. E foi um marco. Eu escolhi ser católica e minha madrinha, mesmo sendo de outra religião, me apoiou. Então eu tive essa grande graça de Deus.

É a vez de Marlon partilhar com o grupo:

Acho que o momento mais forte foi o do espelho, né... Tem um filme no Netflix que gira em torno de uma mulher negra que é reprimida pela mãe... enfim, tudo o que ela tem de fazer desde a infância. Ela é uma mulher negra e tinha vergonha da estética capilar, dificuldade com cabelo. Depois há uma cena em que olha para o espelho e começa a se desmascarar... quando você [*olhando para Vicente*] representou aquilo... É isso, cara, não só eu, mas muitas pessoas hoje vivem de máscaras, máscaras que estão sobrepostas. Acho que minha vida profissional também. A verdade mesmo é que estou de saco cheio... Estou trabalhando em uma empresa sete anos. Sou auxiliar de produção, trabalho com um monte de pessoas que têm o nível de conhecimento dos meus pais, que são pessoas simples também, como os pais de vocês, e que às vezes caçoam da minha estética, porque uso *dread*, barba grande, falo sobre coisas que eles nem chegaram a ver na vida deles e, às vezes, eu até tento explicar. Mas a minha vida estagnou-se. Assim, minha vida profissional... Eu trabalho para manter as contas mesmo. Tô aí, cheio de dívidas, estou no limite com os bancos... Mas, enfim, fiz memória de algumas coisas, aquele momento da casa, eu gostava muito de fotos antigas. Quando comecei a olhar as fotos nos binóculos, é como se eu estivesse vendo as fotos que tinha lá em casa: meu pai na praia com minha mãe, poxa, muito louco aquilo, assim, lembrar de coisas, lembrar que aos finais de semana as garotas saíam lá em casa... Nós somos em cinco – eu mais duas irmãs –, e sou o caçula de 24 anos. Foi minha irmã de 33 anos que me levou para a Igreja. Tenho ela como referência cristã. Levou nossa família para a Igreja, através de um relacionamento. Porque ela também não frequentava nada. Enfim... Aí eu vendo aquelas fotografias, comecei a lembrar que as garotas saíam, meu pai ficava de folga todo sábado, e eu era o único filho homem, e “tinha que ensinar coisas para o meu filho”. Lembrei de uma foto de eu segurando um disco do Zé Ramalho. Uma criança de 6 anos ouvindo “Chão de Giz”... Os gibis. Às vezes ele ia trabalhar de sábado... Lá em casa eu herdei um Nintendo (que primeiro tinha sido de um primo, que depois passou para a irmã do meio). Só tinha duas fitas. Meu, cansei de salvar Super Mario [*risos*]. Nós tínhamos paciência em esperar. A gente era feliz com pouco. Às vezes meu pai ligava para mim, ele trabalhava em uma farmácia em Guarulhos, onde tinha uma feira do rolo: “Vou levar um cartucho para você”. Aí eu ficava das 6 às 22 horas esperando aquele cartucho, depois de 2 anos que eu já tinha salvado o Super Mario umas 5 vezes, já tinha descoberto todos os macetes... A cada ano ele comprava um cartucho... Enfim, das músicas. [...] Eu vejo que mais que uma

universidade, isso educa bastante. Isso traz uma educação, assim, faz de você uma pessoa sábia. Os desenhos, *Caverna do dragão*, o mestre dos magos... Ele sabia das coisas! A infância educa muito. Eu que peguei o finalzinho da geração Y... Hoje a criança já sai da barriga da mãe com um *tablet* na mão, um Iphone 5, 6. Meu primeiro Motorola fui comprar quando comecei a trabalhar, nem era *touchscreen*, era um celular simples... E eu pude rezar um pouco disso, um pouco dessa educação que tive na infância, que moldou um pouco do que sou hoje, do que aplico nos diálogos com as outras pessoas...

Vicente, então, comenta:

Muito obrigado. Muito rico o que falaram. A primeira etapa do projeto de vida é reconciliação, é desolação, é aprendizado. É muito forte... É muito intenso, mas proposital, pois quando olhamos para nossa história, temos referência para projetar nosso futuro. Tem muitos detalhes da nossa vida que a gente perde na nossa cabeça, no decorrer, na criação, na modernidade que a gente vive hoje, muita coisa se perde. No meu “Espaço Projeto de Vida”, passei algo muito igual a vocês, quando entrei no salão e vi as coisas da infância... Do nada olhei no salão e vi uma amarelinha, daí lembrei que nos sábados, pelo menos um sábado por mês, eu, meus irmãos, os vizinhos, a gente se reunia para brincar de amarelinha, e passava a tarde, e comia e cantava... É muito bom escutar tudo isso de vocês! Uma coisa que vou levar muito é que você teve coragem em vir, mas tem muito medo, né? Eu sempre tive esse pensamento, sempre fui uma criança medrosa, e meu pai sempre falava: “Você tem que transformar o seu medo em coragem, porque se existe medo, existe coragem também na mesma proporção”. E esse ano, um cantor de *rap* que eu gosto lançou uma música que tem uma frase bem pequena, que para mim é isso: “Eu percebi que a coragem é o medo em frente ao espelho”. Só precisamos despertar essa coragem. E o [Espaço] Projeto de Vida serve para isso... Às vezes é muito dolorido olhar para trás e ver tudo isso... Por isso em alguns momentos específicos, fizemos questão de lembrar que olhar para trás e fazer memória é também lembrar de coisas boas... Às vezes a gente esquece que também viveu coisas boas e espero que consigam fazer isso também. Agora queria fazer uma pergunta para vocês responderem, uma pergunta de forma bem rápida, prática. Em relação ao nosso pedido de graça da etapa, que é “beber do próprio poço”. Vocês conseguiram em algum momento beber do próprio poço, da própria água, e encontrar o divino dentro de vocês? Quem se sentir à vontade pode falar.

Ao que Alessandra responde:

Eu até comentei ontem... Na quinta eu tive uma aula de Psicologia, e a professora mandou a gente imaginar um vaso, e se a gente conseguia imaginar um líquido dentro. Na hora eu imaginei uma água cristalina... Aqui vi uma água mais escura. Foi um pouco amarga... Consegui beber, porque sentia Deus comigo nesse momento me mostrando as coisas. Consegui mergulhar... Mas é dolorido. Também tive momentos bons, claro. Mas foi mais ou menos assim.

Sabrina comenta: “Eu até perguntei para o cara da equipe se estava fazendo certo, porque é difícil... Será que é isso mesmo?” [*risos*].

Após alguns instantes de silêncio, Marlon pontua:

A oração inaciana proporciona muito isso... Às vezes você não tem que achar a resposta... Santo Inácio é o mestre da suspeita. [*risos*] Talvez nem ele... Talvez

morreu sem achar todas as respostas... O mais importante é fazer a experiência. Em vez de tentar definir de fato a resposta para algumas coisas que acontecem na vida, sabe?

O sino toca, e Vicente agradece mais uma vez a partilha dos jovens, lembrando-os de que naquele momento deveriam dirigir-se à sala das cadeiras coloridas.

25/05/2019, sábado		
Horário	Atividade	Local
21h15	Noite cultural: Brincadeira de criança	Sala das cadeiras coloridas/salão

Na sala das cadeiras coloridas, ao som de música instrumental, os jovens assistem a uma projeção com imagens e frases, sobre a infância e o brincar, como as seguintes: “Brincar é usar o fio inteiro de cada ser”; “Brincar é um modo de organizar o nosso mundo criando um mundo paralelo ao que a gente vive”; “Quando você perde a capacidade de brincar, perde a conexão com sua essência”; “O chão é sabedor de verdades. A brincadeira também”; “Não se pode perder esse pé no sonho, esse pé na infância”; “É muito importante você ter um tempo pra não fazer nada”; “A criança enxerga grande, a criança enxerga belo”; “Brincar é urgente”; “As imagens infantis vão surgindo a partir de velharias lascadas pelo uso útil, repercutindo na brincadeira a busca de sentido da existência humana”; “Uma maravilha, se pudéssemos conhecer, um por um, os gestos do brincar de todos os tempos. Talvez assim tivéssemos o retrato mais verdadeiro de Ser Humano – um retrato de corpo inteiro”.

Em seguida, Júlia, ainda ao som da música instrumental, dança utilizando várias fitas coloridas, representando o nascimento e o brincar de uma criança. Adaptando uma fala de Marcelino Freire retirada do documentário *Tarja Branca*, ao olhar para cada um dos presentes, diz:

Era uma vez uma criança... Você lembra. Você tem foto... Você consegue lembrar daquela foto da sua infância? Foto de verdade ou foto da memória... Você tem que lembrar do menino que você foi. Aquela criança que você foi está o tempo todo olhando para você: “E aí, o que você fez de mim?”. Você lembra. Você tem foto, você lembra. Quando você olhava para o céu e ficava imaginando o que acontecia nos outros planetas, o que acontecia nas outras cidades, o que você queria para a sua vida. Aquele menino, aquela luz, aquele brilho naquele menino, naquela menina, isso tem que ser permanente.

Então, ela solicita a todos que formem uma fila. Os jovens são conduzidos ao salão “marchando”, conforme as canções “Marcha soldado” e “1, 2, feijão com arroz”. Ao chegarem no salão, encontram em uma de suas extremidades uma mesa repleta de doces,

mimetizando a decoração de uma festa infantil. Há bexigas espalhadas e, ao centro, amarrada no teto, uma grande bexiga vermelha.

A instrução é para que todos andem pelo espaço, ocupando-o totalmente. Júlia comenta que eles vieram marchando com canções infantis, mas que o andar de uma criança é bem mais variado, então, pede para que andem como crianças, quando ela disser “brinca”, e caminhem como estão acostumados quando ela disser “anda”. Depois, propõe uma variação, e torna a soar uma música. A orientação é para que todos imitem o andar de quem pegar o bicho de pelúcia que ela lançar. Posteriormente, ocorre ainda mais uma variação: quem estivesse com o bicho de pelúcia, quando a música parasse, deveria dizer um trava-línguas a ser repetido por todos. Os participantes riem e agitam-se. Parece ser uma oportunidade para extrapolar a energia contida ao longo do dia.

Júlia solicita a todos que façam um círculo e pergunta quem conhece a música “A linda rosa juvenil”. Como a maioria não conhece, ela ensina-lhes a coreografia da música e, também, distribui adereços a serem usados pelos jovens que fariam os personagens que aparecem na música: o rei, a bruxa e a rosa. Muitos jovens prontamente candidatam-se aos papéis. Todos participam animadamente.

Depois lhes ensina a maneira de dançar e cantar duas outras brincadeiras infantis: “Mazu” e “A caminho de Viseu”. Após esse momento de danças de roda infantis, os jovens brincam de “Mãe da Rua”, jogam peteca e aprendem a cantar e fazer a coreografia de outra canção infantil, “Ip Op”. Esse conjunto de brincadeiras é finalizado com “Escravos de Jó” e, em seguida, é dito que eles ouvirão uma história para dormir. Júlia pede que se deitem em colchonetes e almofadas e diminui as luzes do ambiente. Solicita que fechem os olhos e conta-lhes, entremeando com a reprodução de algumas músicas, a história “A rosa de Instambul”, sobre um xeique que se sentia insatisfeito até encontrar a “Rosa de Instambul”, que seria, na verdade, um encontro com sua própria alma, de maneira que abandona tudo para com ela estar. Antes de pedir a todos que “despertem”, a canção “Ofertório”, de Caetano Veloso, começa a ecoar pelo salão.

Nesse ínterim, enquanto os participantes vão se levantando aos poucos e afastando os colchonetes, Júlia pergunta quem fez aniversário recentemente. O aniversariante é, então, vendado, devendo seguir as instruções de seus colegas para estourar, com um arame que lhe é colocado nas mãos, o grande balão vermelho pendurado no teto. Ao estourar a bexiga, caem diversos doces que os jovens afoitamente buscam recuperar. Com direito a trilha sonora, uma mesa de aniversário é oferecida, juntamente com cachorro-quente, refrigerante e muitos doces.

A partir de então (já é perto das 23h), os jovens dançam animadamente e pedem a reprodução de diversas músicas, ao que são atendidos pela equipe. Ouvem-se diversos artistas que fizeram sucesso no final dos anos 1990 e início dos anos 2000: Claudinho e Buchecha, Tchakabum, Rouge, entre outros.

Um pouco após a meia-noite, a equipe informa que terá de desligar o som para evitar problemas com os vizinhos, mas avisa que todos podem continuar no salão, sem estabelecer qualquer horário para o término da festa. Informam, também, que o café da manhã do dia seguinte será iniciado um pouco mais tarde, às 7h30. E, assim, a maioria dos jovens continua animadamente no salão, enquanto outros preferem recolher-se. Em dado momento, alguns integrantes da equipe começam a guardar objetos e muitos jovens oferecem ajuda.

26/05/2019, domingo		
Horário	Atividade	Local
8h15	Sensibilização para o Exercício 4: Afetividade e Sexualidade	Biblioteca

No café da manhã do dia seguinte, os jovens conversam animadamente sobre as brincadeiras da noite anterior. Às 8h15 toca o sino e os jovens são instruídos a dirigirem-se à biblioteca. No ambiente, as cadeiras encontram-se dispostas como no dia anterior, isto é, todas viradas em direção a uma parede forrada de espelhos. A decoração, contudo, está diferente. Em vez de máscaras, há objetos diversos: um boneco de madeira, filtros de sonho, um vaso de barro, barquinhos de papel. É tocada a música “Assuma”, de Castello Branco:

A língua que a gente entende é o amor
 O corpo que a gente tem que assumir
 Quando o nosso ser insiste
 Não há ninguém que possa mais
 Não procure mais, irmão
 Não procure mais, irmão
 Deus está no ato de assumir a si
 Lá de onde eu vim não há dor que não passa
 Não tem tempo ruim nem conversa fiada
 Não há mal que não possa ter seu fim
 Não preocupe mais, irmãos
 Deus está no ato de assumir a si
 Lá de onde eu vim não há dor que não passa
 Não tem tempo ruim nem conversa fiada
 Não há mal que não possa ter seu fim

Enquanto a música é reproduzida, entram Pedro e Júlia, da equipe do Anchieta. Sentam-se em duas cadeiras, dispostas em frente ao espelho, e cada um olha para si mesmo durante um longo período. Quando a música cessa, eles iniciam um diálogo, que se desenrola de forma natural e em um tom leve que, muitas vezes, leva os jovens às gargalhadas.

Conversam sobre memórias de infância, sobre a primeira vez em que se apaixonaram, a primeira vez em que questionaram a própria sexualidade, as vezes em que foram ignorados por alguém do sexo oposto, o momento em que passaram a descobrir seus corpos, a dificuldade em aceitar-se, a pressão dos colegas, *bullying*; comentam dos receios e medos surgidos com as descobertas sexuais. Finalizam o diálogo teatralizado, relacionando o que conversaram com o tema “projeto de vida”:

Hoje entendo que isso faz parte da nossa vida, que não dá para ser um ser humano integral⁵³ se não nos comprometemos a viver, olhar e levar isso para nosso projeto de vida. Poderia ter sido um fluxo tranquilo, mas aí separam tudo... aí a gente é todo em pedaços. E aí a gente vai crescendo e vai tendo que juntar tudo isso. Ninguém explica pra gente. Parece que os adultos querem até se vingar: “Se eu sofri, você também vai ter que passar assim...”.

Na sequência, dão as costas para o espelho, já “despidos” de seus personagens. Pedro dirige-se aos jovens:

Aqui a gente trouxe algumas histórias, nossas e de outros, mas cada um tem sua história de como olhou para seu corpo, para sua sexualidade. Aí a gente quer fazer esse exercício, que tenho certeza que vocês já começaram aí enquanto a gente falava. Projeto de vida é também olhar para nossa sexualidade e afetividade. Somos seres humanos, estamos vivos, afetamos os outros e somos afetados, de todas as maneiras possíveis. Vamos olhar para tudo isso, sem desmembrar. A gente acaba aprendendo que não pode falar, mas não tem como fazer um projeto de vida sem olhar para isso e se dar conta de que sou assim, eu me amo assim e me relaciono com isso... A música falava: “Deus está no ato de assumir a si”. E a linguagem é o amor pelo corpo que a gente tem... se amar e assumir...

Finalizam o momento dizendo que os jovens terão uma hora para reflexão, individual e em silêncio. É informado que depois haverá um intervalo, após o qual todos deverão se encontrar na sala das cadeiras coloridas para a comunicação de alguns avisos. Antes de sair da sala, é distribuído um folheto de apoio com as seguintes perguntas:

Refletindo sobre as experiências afetivas e sexuais

Suas emoções:

Como você avalia suas emoções e seu temperamento? Sente-se amado/a e aceito/a pelos outros? É estável em suas afeições? Tem tendência à tristeza ou à alegria? O que você tende a fazer quando sente raiva ou aborrecimento? Você consegue

⁵³ A referência a “integral” é termo corriqueiro em um contexto de formação de jovens católicos, pois está atrelado à primeira linha de ação indicada para evangelização da juventude no documento 85 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB): “O conceito de formação integral é importante para considerar o jovem como um todo, evitando assim reducionismos que distorçam a proposta de educação na fé, reduzindo-a a uma proposta psicologizante, espiritualista ou politizante”, de maneira que “quem trabalha na formação dos jovens necessita estar atento às cinco dimensões: psicoafetiva, psicossocial, mística, sociopolítico-ecológica e capacitação” (CNBB, 2007, p. 64-65).

expressar seus afetos e partilhar sobre eles? Tem algo que o/a faz sofrer neste campo emocional?

Suas relações:

Quais as experiências na descoberta de sua afetividade e sexualidade (Considere pessoas e acontecimentos/experiências, tais como primeira paixão, primeiro namoro, descoberta da orientação sexual, etc. Considere os sentimentos em relação a essas experiências: alegria, ternura, dor, medo...)? Como você avalia sua vida afetiva/amorosa atual? Sente que é uma dimensão integrada ou marginalizada em sua vida? Quais os valores e atitudes você considera mais importante em uma relação amorosa? Sente que pode assumi-los?

Sua sexualidade:

Você considera ter suficientes informações sobre sexualidade? Vê alguma inquietação ou problema diante de seu amadurecimento sexual?

26/05/2019, domingo		
Horário	Atividade	Local
10h30	Encaminhamentos e avisos	Sala das cadeiras coloridas

Primeiramente, os jovens são informados que receberão uma avaliação por *e-mail* a ser preenchida, mas que todos poderiam, já naquele momento, como um exercício, comentar o que desejassem sobre a atividade, por exemplo, “o que ajudou e o que não ajudou”. Seguem alguns comentários anotados durante a dinâmica:

Método de utilizar arte, música, dinâmicas... ajuda. Traçar minha vida num pedaço de arame foi especial, ajuda a introduzir os temas.

Gostei da distribuição do tempo para as atividades, não teve correria para ir de uma coisa à outra. Deu tempo de criar vínculo e virar comunidade. Gostei dos momentos de conversa comunitária.

Senti falta de explicar o método de oração iniciano no começo, pois um poderia atrapalhar o outro, não sabendo da importância do silêncio. Teve momento que o pessoal cochichava e atrapalhava.

O tempo dos exercícios pessoais foi pouco... uma hora parece muito, mas foi pouco. Um pouco de tudo que foi feito ajudou a olhar a vida com carinho... fazer o caderno, moldar no arame, construir a vida... ajudou a olhar com mais cuidado a própria vida... também os momentos livres para partilha, a gente aprende muito um com o outro.

O que me chamou a atenção foi a horizontalidade... me senti à vontade com todo mundo, os monitores estavam sempre perto também...

Foi muito diferente de tudo que já vivi em termos espirituais: espaços, músicas... tudo muito leve, e natural, e profundo. Fui escrevendo e me descobrindo muito escrevendo.

A filipeta ajudava. O espaço para viver em comunidade foi bom. É bom saber que as pessoas estão vivendo coisas semelhantes, a postura dos monitores também ajudou.

Gostei da pontualidade... e gostaria de ter acesso aos materiais para trabalhar no meu grupo de jovens.

A coordenadora da atividade, Fernanda, menciona o *feedback* proporcionado ao comentar:

Agradecemos os retornos porque nos ajudam a melhorar. Tudo é intencionalmente pensado. Há uma intenção metodológica que o Anchieta vem amadurecendo há muito tempo... a horizontalidade é um jeito de ser igreja, a sinodalidade, crescer junto... Sobre o método de oração inaciano, como o “Espaço Projeto de Vida” não é um retiro, não nos atentamos tanto, pois cada um pode usar as ferramentas que tem... Mas nós, próximos, podemos nos ajudar. De qualquer forma tudo que fazemos é espiritualidade inaciana, até opção por pedagogias cooperativas, por exemplo...

Ela também informa sobre outras atividades que o Anchieta oferece, estendendo o convite aos jovens que ali estavam. Fala da “Tarde de Espiritualidade”, que “pode servir como uma mostra de espiritualidade inaciana”. Convida-os a participarem dos “Exercícios Espirituais adaptados para jovens” (EEJ) e de outras atividades, como a oração ecumênica “Vigília da Unidade”, além de atividades de formação, como a “Escola de Fé”. Quando diz que em junho daquele ano também haveria “manifestação nas ruas contra os cortes na Educação”⁵⁴, fazendo, em tom de brincadeira, a *ressalva* “mas a gente não vai falar de manifestação aqui”, os jovens riem.

Outro lembrete é que a atividade da qual os jovens haviam acabado de participar faz parte de um percurso, de modo que avisa da criação de um grupo de *WhatsApp* para que todos continuassem em contato até o módulo seguinte. Além disso, menciona que seria um meio de receberem materiais auxiliares para a continuidade das reflexões. Informa, também, que a “casa” fica aberta durante a semana e que os jovens podem vir para utilizar a biblioteca ou tomar um café com a equipe, o qual normalmente é servido às 16h. Por fim, convida para a missa que ocorreria em seguida.

26/05/2019, domingo		
Horário	Atividade	Local
11h00	Missa	Capela

A missa realizada segue o ritual católico, mas alguns aspectos diferenciais chamaram a atenção. Primeiramente, o fato de haver um ambiente em que as pessoas parecem bastante próximas umas das outras em virtude do tamanho do espaço e de sua disposição, pois os lugares, inclusive formados por almofadas no chão, fazem com que as pessoas possam ver umas às outras:

⁵⁴ Após grandes cortes orçamentários na área educacional, ocorreram inúmeros protestos contra o governo do então presidente Jair Bolsonaro em maio de 2019, com o anúncio de novos protestos e paralizações para junho daquele ano.

Figura 49 – Capela



Fonte: acervo da autora (2019).

Além disso, há espaço para a fala dos participantes. Após a homilia, Pe. Bruno abriu espaço para que pudessem partilhar o que desejassem e expressar o que vivenciaram e estava “em seus corações”. Algumas falas dos jovens foram:

Peço por todos os jovens que estão em formação, especialmente na educação básica pública estadual, que a partir do ano que vem a gente vai ter o projeto de vida para eles também... para que o governo, os professores saibam instigá-los a se encontrarem, a encontrarem o outro, e não somente ser uma orientação vocacional... para que eles saibam as potencialidades, os limites e trabalhem isso a fundo. Rezemos ao Senhor.

Rezar pelos jovens que não tiveram essa oportunidade de estar aqui conosco e que [*inaudível*] a realidade de Deus em suas vidas. Rezemos ao Senhor.

Pela nossa vida, para que saibamos olhar para ela de uma forma mais carinhosa... como o padre disse, enxergar Deus nos nossos atos, nas nossas atitudes, sem condenação, sem críticas... sabendo que a gente não é perfeito, a gente está em constante construção, assim como nossos cadernos... e que a gente possa daqui pra frente viver esse constante projeto, não um projeto de vida só, mas um projeto de Deus na nossa vida, por isso rezemos ao Senhor.

Percebeu-se, também, que o Anchietaum possui um livro de cantos próprio, no qual estão compiladas músicas tradicionais católicas, músicas da espiritualidade inaciana, cantos de Taizé e, inclusive, repertório de MPB. Cabível notar que, em relação às músicas católicas, não foram encontradas canções da vertente “carismática”, por exemplo.

Após a missa, os jovens foram convidados a participar de uma foto coletiva na escadaria de entrada do Anchietaum – o que é uma espécie de tradição: depois de uma atividade mais estendida é tirada uma foto oficial do grupo, a qual é posteriormente disponibilizada na página do *Facebook* da instituição, dentro de um álbum com outras fotos da mesma atividade. Em seguida, os jovens dirigiram-se ao refeitório para o almoço.

Em relação às refeições no geral, registra-se que os lugares no refeitório eram livremente ocupados, de maneira que havia sempre membros da equipe misturados aos jovens. As conversas normalmente eram sobre tópicos que emergiam livremente (comida, música, filmes etc.). Ouviam-se elogios à comida servida. Mas, em alguns momentos, os jovens aproveitavam para perguntar sobre outras atividades à equipe. Em virtude das diferentes faixas etárias das quais as mesas de refeição eram compostas, também foi interessante observar jovens de 18 anos perguntado sobre as experiências profissionais de jovens mais maduros. Em um dado momento, por exemplo, quando um dos jovens disse que estava na “crise dos 25” por já ter se formado e ainda se sentir “meio perdido com o que fazer da vida”, dois jovens de 18 anos demonstraram surpresa, riram, e um deles disse que também havia a “crise dos 18”.

3.3.2 Observações gerais

O relato aponta que a atividade seguiu uma cadência entre breves exposições e dinâmicas, seguidas de momentos de reflexão individual e em silêncio sobre os temas “Memória Familiar”, “História Pessoal”, “Imagem Pessoal” e “Afetividade e Sexualidade”. As exposições e dinâmicas são dotadas de um caráter reflexivo, não prescritivo, utilizando-se de perguntas para motivar os momentos de reflexão individual dos participantes. Há, na maior parte das intervenções dos membros da equipe, o horizonte religioso em evocações de “Deus”:

Projetar à frente é também olhar para trás e fazer a recordação da vida; ir ao próprio poço, visitar situações, pessoas, eventos. Fazer viagem a nosso mundo interior, cheio de recordações, depósito de experiências do passado, onde também vamos encontrando o próprio Deus, que vai deixando marcas, conta algo, revela algo do que somos, mas também do que Deus é em nós.

O ritmo principal, composto de indagações seguidas de meditações, é entremeado de momentos de espiritualidade propriamente dita (místicas, orações, missa final), partilha em grupo e convivência livre entre os participantes. Porém, os membros da equipe ficam sempre disponíveis para conversas em particular.

No que se refere à relação dos participantes com os membros da equipe, notou-se bastante interação e proximidade. Um jovem, durante determinado momento avaliativo, ressaltou este aspecto: “O que me chamou a atenção foi a horizontalidade... me senti à vontade com todo mundo, os monitores estavam sempre perto também.”

Na avaliação de alguns jovens, também mereceram destaque aspectos metodológicos: “Método de utilizar arte, música, dinâmicas... ajuda. Traçar minha vida num pedaço de arame foi especial, ajuda a introduzir os temas”; “Um pouco de tudo que foi feito ajudou a olhar a vida com carinho... fazer o caderno, moldar no arame, construir a vida... ajudou a olhar com mais cuidado a própria vida...”; “Foi muito diferente de tudo que já vivi em termos espirituais: espaços, músicas... tudo muito leve, e natural, e profundo”.

De fato, “arte, música, dinâmicas”, como bem destacou um dos jovens, foram elementos presentes durante toda a atividade. Frisa-se que a maior parte do repertório utilizado era de cantores de MPB brasileiros, e não de música católica ou religiosa. A seleção foi tão apreciada pelos jovens que eles resolveram criar uma *playlist* no aplicativo *Spotify*.

A convivência entre participantes e equipe, durante um final de semana em um mesmo espaço, em todos os momentos, compartilhando questões pessoais, inclusive no momento das refeições, pode ter favorecido a impressão de “comunidade” destacada por uma jovem: “O espaço para viver em comunidade foi bom. É bom saber que as pessoas estão vivendo coisas semelhantes, a postura dos monitores também ajudou.”

“É bom saber que as pessoas estão vivendo coisas semelhantes”. Talvez essa frase ajude a explicar a convivência harmoniosa entre pessoas de diferentes idades, distintas culturas juvenis e socialmente desiguais. Possivelmente a sensação de estarem “no mesmo barco”, em virtude de desafios de transição para a vida adulta e constituição de identidade, de incertezas diante do futuro e de decisões a serem tomadas, fortaleça o vínculo entre os participantes, dissolvendo-se as desigualdades e diferenças no espaço comum proporcionado pela atividade.

Em relação às diferenças, algo sobre o qual não se versou ao longo do relato, mas que importa registrar, diz respeito ao vestuário dos jovens. Não se percebeu um grupo homogêneo nesse sentido, talvez reflexo de distintas culturas juvenis. Enquanto alguns usavam camisetas representando os grupos de jovens católicos a que pertenciam, vimos um jovem com roupas em estilo *hip-hop*, alguns de chinelo e meia, e outro em estilo *punk*, que parecia um pouco deslocado do grupo.

Esse jovem em estilo *punk*, de cabeça raspada, vestindo jaqueta de couro, calçando luvas com abertura nos dedos e um tênis *All Star* vermelho, em conversa informal com a

autora desta pesquisa, revelou ser ateu e estar ali por insistência de seu pai, a quem não queria “chatear”. Apesar disso, ao longo da atividade, ele não se opôs a participar das dinâmicas. Apenas não se envolvia em alguns momentos, como no recebimento da hóstia, durante a missa final. De todo modo, pairava a dúvida se aquele jovem tomaria parte nos módulos subsequentes da atividade. Porém, no último dia do último módulo, utilizado pela pesquisadora para entregar algumas cópias do termo de consentimento, qual não foi sua surpresa ao encontrá-lo. Continuava “na dele”, mas se percebia o carinho dos demais jovens por ele, que então vestia uma camiseta com o símbolo do anarquismo (letra “A” envolta em um círculo) – fato que não passou despercebido. Uma jovem disse que tentou fazer para ele um paralelo do anarquismo com o cristianismo primitivo: “Colocavam tudo em comum... Utopia... Tá na dimensão da utopia”.

Assim, a partir dos distintos itinerários dos jovens que chegam ao Anchietanum – socialmente desiguais e culturalmente diferentes –, no Capítulo 3, a seguir, serão abordadas, com maior profundidade, suas trajetórias peregrinas no moldar de seus projetos de vida.

Figura 50 – Cadernos com capas personalizadas feitas pelos participantes do “Espaço Projeto de Vida”



Fonte: acervo da autora (2019).

4 CAPÍTULO 3 – “O RELATO DO PEREGRINO”⁵⁵

Neste capítulo, após serem apresentados alguns esclarecimentos acerca das entrevistas de caráter biográfico realizadas com seis participantes do Centro Magis Anchietaum, cada uma das seis trajetórias será individualmente recomposta e, em seguida, esses percursos de vida serão relacionados e analisados com base no referencial analítico-teórico bourdieusiano. Por fim, considerações gerais serão tecidas acerca da religião como possível recurso buscado diante do imperativo da reflexividade (ARCHER, 2012) que se impõe na sociedade contemporânea.

4.1 Considerações iniciais sobre as entrevistas realizadas

Desde o processo de lapidação da pergunta central desta pesquisa, levando em consideração os anos que a pesquisadora trabalhou junto à juventude e que tanto a ensinaram sobre a importância da escuta, impunha-se como crucial considerar aquilo que os jovens tinham a dizer sobre suas trajetórias.

Além desse público, também foram ouvidos alguns participantes considerados adultos, não só pelo fato de haver no Anchietaum – um centro de juventude – participantes acima da faixa etária padrão, mas porque, em se tratando de abordar trajetórias de vida, vislumbrou-se a possibilidade de conhecer como os agora adultos percebiam seus percursos durante a juventude e as marcas deixadas por sua adesão religiosa em seus projetos de vida. De toda sorte, para fins de fluidez do texto, como já vem ocorrendo, em algumas ocasiões serão usados os termos “jovem” e “jovens” em referência ao conjunto dos entrevistados.

Desse universo, buscaram-se pessoas que tivessem frequentado o Anchietaum por um período próximo a pelo menos cinco anos, pois se assumiu que um maior intervalo de frequência talvez pudesse trazer mais apontamentos e pistas de investigação sobre a relação dos sujeitos com a instituição analisada. Trata-se, também, de um espaço de tempo significativo para muitos, por ser o quanto leva para cada participante normalmente concluir os “Exercícios Espirituais adaptados para jovens” (EEJ), que são divididos em 5 etapas – como a maior frequência acontece durante o Carnaval, alguns jovens participam de cada uma das etapas apenas durante esse feriado, de maneira que a atividade acaba estendendo-se por

⁵⁵ O título deste capítulo faz referência à obra “O relato do peregrino”, nome dado à autobiografia de Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus e responsável pelos “Exercícios Espirituais” que, adaptados para Jovens (EEJ), são o principal motivo de afluência ao Anchietaum, conforme dados apresentados no item 3.2 deste estudo.

cinco anos.

Reitera-se que, nas conversas com os participantes, buscou-se “reduzir ao máximo a violência simbólica” na relação entre pesquisador e pesquisado, instaurando-se uma “relação de *escuta ativa e metódica*”, de maneira a associar:

[...] a disponibilidade total [do pesquisador] em relação à pessoa interrogada, a submissão à singularidade de sua história particular, que pode conduzir, por uma espécie de mimetismo mais ou menos controlado, a adotar sua linguagem e a entrar em seus pontos de vistas, em seus sentimentos, em seus pensamentos, com a construção metódica, forte, do conhecimento das condições objetivas, comuns a toda uma categoria” (BOURDIEU, 2012, p. 695).

Utilizou-se acima o termo “conversas”, em vez de “entrevistas”, para informalizar ao máximo a proposta, deixando os participantes o mais livre e à vontade possível ao falar de suas vidas, ocorrendo intervenções apenas na tentativa de explorar alguns eixos que se pretendia abarcar: família, formação escolar, trabalho, religião, tempo livre, amizades e comportamento político. Na perspectiva do “relato de vida”⁵⁶ como método:

Al hilo de la investigación, el sociólogo habrá de ser unas veces directivo, otras no directivo; y, esencialmente, en la medida en que tenga una conciencia clara de lo que ya sabe y de lo que todavía está buscando, debe saber cómo logrará plantear buenas preguntas, relanzarlas o callarse a sabiendas (BERTAUX, 1993, n.p.).

Importante ressaltar que, como “[...] a própria situação da investigação contribui inevitavelmente para determinar o discurso coligido” (BOURDIEU, 2014, p. 189), há a possibilidade de os jovens terem se dedicado mais a alguns eixos do que a outros durante as entrevistas. O fato mesmo de o tema geral da pesquisa ter sido destacado quando da coleta dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pode ter influenciado de alguma forma suas respostas.

Como neste estudo investiga-se a influência da religião nas trajetórias de vida de jovens frequentadores do centro de juventude Anchieta, para trazer variedade à amostra dos sujeitos a serem ouvidos, além da diversidade de classe, gênero⁵⁷, raça/cor e opção sexual,

⁵⁶ O relato de vida designa a história de uma vida tal como a conta a pessoa que a viveu, e não necessariamente engloba a totalidade de uma existência (BERTAUX, 1993). Conforme o enfoque *etnosociológico*, *etnográfico sociológico*, *socioantropológico* (COSTA; SANTOS, 2020) ou *perspectiva biográfica* (BERTAUX, 1993), por meio de uma combinação de escuta atenta – não necessariamente passiva – de interlocutores diversificados de um meio relativamente homogêneo até o *ponto de saturação*, os relatos de vida obtidos podem revelar recorrências, depreendendo-se conhecimentos de “um determinado mundo social centrado numa atividade específica ou uma determinada categoria de situação que reúne determinadas pessoas numa mesma situação” (LALANDA, 1998, p. 876).

⁵⁷ Em virtude da disponibilidade para realização das entrevistas, não foi possível repetir o número de sujeitos para ambos os sexos, por isso foram ouvidos quatro rapazes e duas moças.

em se tratando de jovens católicos, considerou-se, também, a maneira pela qual chegaram à instituição, fosse se por meio de algum movimento ou grupo da Igreja Católica, de outra obra jesuíta, ou simplesmente por terem recebido recomendação de amigos, familiares ou conhecidos. Assim, foram ouvidas seis pessoas, selecionadas por meio de observações empíricas em inserções no campo, conforme quadros-resumo a seguir:

Quadro 5 – Descrição resumida dos participantes das entrevistas (parte 1)

Nome	HÉLDER	CLARA	ANA
Como conheceu o Anchietaum?	Pastoral da Juventude (PJ)	Colégio São Luís (obra jesuíta)	Missão Dehoniana Juvenil
Idade	27 anos	25 anos	36 anos
Cor/raça/etnia⁵⁸	Preta	Branca	Preta
Bairro/Cidade	Pimentas, periferia de Guarulhos, cidade da Grande São Paulo.	Cerqueira César, região Centro-Oeste da cidade de São Paulo.	Vila Dalila, Zona Leste da cidade de São Paulo.
Formação	Técnico profissionalizante em Mecânica pelo SENAI. Graduando em Gestão de Políticas Públicas em universidade pública.	Graduação em Letras em universidade pública. Graduanda em Psicologia e Pedagogia (<i>on-line</i>) em universidade privada.	Graduação em Serviço Social em universidade privada e mestrado em universidade pública. Doutoranda em universidade pública.
Ocupação atual	Estagiário em uma das Secretarias do Estado de São Paulo.	Professora da rede municipal de educação na cidade de São Paulo.	Assistente Social em um centro social confessional.
Desde que ano frequenta o Anchietaum?	2012, ou seja, há 6 anos quando da entrevista.	2011, ou seja, há 7 anos à época da entrevista, mas gradualmente diminuindo a frequência.	2007, ou seja, há 11 anos à época da entrevista, considerando-se que, nos últimos anos, tem atuado como colaboradora voluntária.

Fonte: elaborado pela autora (2019).

⁵⁸ Conforme autodeclaração dos próprios entrevistados.

Quadro 6 – Descrição resumida dos participantes das entrevistas (parte 2)

Nome	LUÍS	MARLON	PAULO
Como conheceu o Anchietaum?	Paróquia São Luís Gonzaga (obra jesuíta)	Indicação de amigo	Pastoral da Juventude (PJ)
Idade	32 anos	23 anos	36 anos
Cor/raça/etnia⁵⁹	Branca	Preta	Branca
Bairro/Cidade	Cerqueira César, região Centro-Oeste da cidade de São Paulo.	Ermelino Matarazzo, Zona Leste da cidade de São Paulo.	Butantã, Zona Oeste da cidade de São Paulo.
Formação	Graduação em Direito e especialista em Direito Constitucional em universidade privada.	Técnico profissionalizante em Mecânica pelo SENAI. Técnico em Desenho de Construção Civil como bolsista do PRONATEC. Graduando em Produção Audiovisual em universidade privada.	Graduação em Ciências Sociais e Gestão de Políticas Públicas em universidade pública. Especialista em Juventude por faculdade privada. Mestrando em Políticas Públicas em universidade pública.
Ocupação atual	Mestrando com bolsa CAPES (dedicação integral) em Direito, em universidade privada. Voluntário na pastoral universitária da instituição em que cursa o mestrado e em organização do terceiro setor.	Auxiliar de produção em empresa de móveis para escritório.	Coordenador e professor em Escola Técnica Estadual.
Desde que ano frequenta o Anchietaum?	2012, ou seja, há 6 anos, mas, à época da entrevista, gradualmente diminuindo a frequência.	2015, ou seja, há quase 5 anos no momento da entrevista.	Desde 1998/1999, mas, como participante, parou de frequentar em 2006. Foi funcionário durante breve período e, posteriormente, tornou-se colaborador voluntário em assessoriais pontuais.

Fonte: elaborado pela autora (2019).

⁵⁹ Conforme autodeclaração dos próprios entrevistados.

Os dados relativos aos participantes referem-se à data de realização das entrevistas. Com exceção da conversa com Marlon, realizada em outubro de 2019, as demais entrevistas foram feitas entre março e maio de 2018. Cabível ressaltar que todos os nomes dos entrevistados e das pessoas mencionadas por eles nas entrevistas são fictícios para preservação do anonimato. Nesse sentido, foram também omitidos os nomes das instituições em que estudavam e trabalhavam no momento da entrevista.

Ressalva-se que o tempo das entrevistas pareceu à pesquisadora um “espaço entre”: entre o trabalho e os estudos; entre os estudos e a militância⁶⁰; entre a militância e o lazer – talvez um padrão que remeta aos “multipertencimentos” dos jovens na atualidade (ou ao menos de certa parcela deles), do “[...] trânsito que os indivíduos realizam permanentemente entre mundos socioculturais e províncias de significados” (VELHO, 2006, p. 193). Nesse sentido, talvez alguns aspectos das trajetórias de vida dos entrevistados não puderam ser explorados a contento, pois o tempo de que dispunham era o que cabia nessa delimitação. Contudo, fruiu-se ao máximo que se pôde e com a maior atenção possível a partilha generosa concedida.

Outra impressão acerca das entrevistas foi a emergência das trajetórias de vida dos jovens como espécie de “romance de formação”⁶¹ por eles constituído. Obviamente, faz-se necessário atentar à “ilusão” da qual podemos ser “cúmplices” ao “[...] tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção” (BOURDIEU, 2014, p. 185). Mesmo assim, não se pode ignorar o trabalho dos jovens “romancistas”. O fato mesmo de a pesquisadora ter testemunhado diante dos olhos, em tempo real, o que Bourdieu chama de “criação artificial de sentido”, tornou-lhe, no mínimo, espectadora/leitora dessas “criações” que foram sendo produzidas.

E, ao observar os métodos, técnicas, tons e referências empregadas pelos artífices, não há como não admirarmos essas criações, obviamente, com certo pudor acadêmico, uma vez cômicos dos acontecimentos biográficos como “colocações e deslocamentos no espaço social” (BOURDIEU, 2014, p. 190). Ao mesmo tempo, se levamos em consideração que “uma das condições para que um relato de vida se desenvolva plenamente é que o interlocutor seja captado por seu desejo de contar-se, e que se encarregue ele mesmo da direção da entrevista” (BERTAUX, 1993, n.p.), pode-se reputar que chegamos a um material pertinente.

⁶⁰ O termo militância foi usado por alguns entrevistados para referir-se tanto às atividades religiosas quanto ao trabalho e, especificamente, ao envolvimento político.

⁶¹ Grosso modo, o romance de formação (*bildungsroman*) pode ser compreendido “[...] como uma narrativa ficcional que representa o percurso de formação de uma criança ou adolescente/jovem até à fase adulta da sua vida, bem como todos os obstáculos e provas que ultrapassa, sendo o processo formativo predominantemente informal, por relativa oposição à educação formal ou escolar” (PUGA, 2016, p. 1).

Assim, a seguir, apresenta-se o conteúdo de cada uma das entrevistas individualmente. Em item subsequente, será exposta análise do conjunto das entrevistas, comparando e relacionando as desiguais e diferentes trajetórias de cada um dos jovens que colaborou com este estudo.

4.1.1 Hélder: “a gente sempre buscou essa militância”

Hélder, de 27 anos, preto, integra a Pastoral da Juventude, mais comumente referida como PJ. Na conversa, o jovem se mostra tímido, mas carrega sempre um leve sorriso nos lábios. Chamou atenção o fato de o entrevistado aparentar disfluência e, ao mesmo tempo, fazer escolhas em que se coloca em situações de grande exposição pública, como sua candidatura a vereador da cidade em que mora no ano de 2016.

Reside no bairro de Pimentas, no município de Guarulhos/SP, contudo, morou anteriormente na Vila Formosa e em São Miguel Paulista, bairros da Zona Leste de São Paulo. Sobre o bairro em que reside, comenta ser tratado de forma “pejorativa”, por estar localizado na periferia de Guarulhos: “A gente até faz muito o comparativo, assim, em como que seria a Zona Leste de São Paulo. Até o perfil é parecido, né? A maior parte de imigrantes, né? Nordestinos. E aí sempre brinca com essa questão da... né? De ser perigoso, né? Enfim, essas... essas piadas”. Os pais são justamente migrantes nordestinos que vieram do Piauí, de modo que, segundo Hélder, ele está incluso na “[...] primeira geração aqui que é paulista”.

Estudou sempre em escola pública. Fez o Ensino Médio à noite e cursou mecânica no SENAI, trabalhando de dia em uma oficina. Disse que pensava em cursar Engenharia, mas sua vivência pastoral, como chama seu envolvimento religioso, fez com que decidisse romper com essa trajetória, à revelia do desejo de seus pais. Pediu demissão e passou a frequentar um cursinho popular de sua cidade. A partir desse momento, considerou possível engajar-se mais com a militância (pastoral e política). Hoje está no quarto ano de Gestão de Políticas Públicas em universidade pública e faz estágio em uma das Secretarias do Estado de São Paulo.

Hélder tem posições ditas “progressistas” entre os católicos. É a favor da descriminalização e legalização do aborto e da união entre pessoas do mesmo sexo, pois “[...] tem a questão da garantia de direitos para essas pessoas, né?”. Também é a favor da legalização da maconha, pois é necessário “[...] pensar a questão das drogas como um problema de saúde pública, talvez, né? E tirar da segurança pública, né? Que além do encarceramento, tem um próprio genocídio mesmo da população, né?”.

Em virtude de seu grande interesse pela luta por direitos e por política, é filiado ao PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), sendo, atualmente, presidente do partido na cidade em que reside. Nas eleições do ano em que fora entrevistado, 2018, disse que votaria em Guilherme Boulos para presidente e que se candidataria ao cargo de deputado federal.

Sua trajetória e seu envolvimento político contrapõem-se a seu jeito – ao menos à primeira vista – tímido de falar, bem como à origem simples de seus pais. A mãe, 51 anos, foi vendedora em loja de roupas, contudo, para cuidar dos filhos, passou a ser dona de casa. O pai, 52 anos, foi operador de máquina em uma fábrica de papelão, mas se aposentou por invalidez. Tem uma irmã mais velha, de 29 anos, e um irmão, de 19 anos.

Declarou que vem de família católica, mas quem o incentivava à participação religiosa eram os avós, pois os pais frequentavam pouco a igreja:

A gente... a gente já nasce católico, né? É batizado, né? Acho que todos os meus irmãos assim foram batizados recém-nascidos, né? E aí é uma coisa que a gente já... já nasce católico. E aí a influência maior assim vem dos meus avós. Aí... a minha mãe, ela não era muito de ir na igreja, né? Depois de um tempo, o meu pai passou a frequentar mais, né? Isso... e de forma mais frequente e é assim até hoje. A minha mãe frequenta menos. E eu passei por todo esse processo, né? De catequese, né? Até... até a minha adolescência, eu era obrigado a ir, não era uma coisa que eu ia por livre e espontânea vontade não... Rolava uma pressão.

Após a adolescência, passou a envolver-se mais intensamente com as atividades religiosas:

Aí depois de um tempo, já na minha juventude, né? Acho que 15, 16 anos, que aí eu... eu comecei a Crisma, né? Depois de ter deixado umas duas turmas, né? Mas por vontade própria, né? E aí eu... aí foi também aonde eu conheci a Pastoral da Juventude e aí que eu passei a frequentar, me interessar mesmo, né? Aí... e foi o momento que eu frequentava a igreja porque eu gostava, porque eu me sentia bem e tal. Era diferente de antes, que a gente ia por uma questão mais de obrigação e de... enfim, né? Por outras questões assim e não... não porque era uma coisa atrativa.

A partir de então, Hélder foi coordenador de grupo de jovens, assumiu a coordenação diocesana e, no período de realização da entrevista, estava na coordenação regional da Pastoral da Juventude. Conheceu o Anchietanum em 2012, com 21 anos, ao buscar capacitação para sua atuação eclesial: “Primeiro, era um pouco mais na questão da capacitação assim, né? Da... né? De... eu... e aí eu tava, enquanto coordenação, em um grupo de jovens, eu tinha bastante essa preocupação, né? Aí eu participava das formações aqui, né?”.

A Pastoral da Juventude incentiva os jovens a buscar capacitação dentro do chamado “processo de educação na fé”, método abordado, inclusive, em documento da Conferência

Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB, 2007, p. 155)⁶². E é justamente a preocupação com a dimensão da capacitação que leva muitos jovens como Hélder a buscar as formações do Anchietaum.

Ao frequentar a instituição, ele percebeu as singularidades do espaço, das pessoas e dos religiosos, chegando a notar grande dessemelhança em relação a outros núcleos eclesiais com os quais havia convivido até então, como explicita neste trecho da conversa:

Ah, tem uma total diferença. Pelo menos, os padres que a gente teve contato, né? Primeiro, de ter esse contato mais próximo, né? E ter aquele estranhamento, né? Primeiro, que a gente vem um pouco com aquela visão dos jesuítas de que a gente aprende na escola assim, né? E um processo até perverso assim com a questão dos jesuítas, né? E o povo indígena. E a gente vem dentro de um... com uma visão. E a gente cria um certo estigma assim, né? Aí depois que a gente vai conhecer assim e passa a admirar, né? E bastante. E principalmente após os Exercícios [Espirituais] que a gente entra aí na vida de Santo Inácio, né? Nos Exercícios que aí a gente... né? E, inclusive, tem uma outra visão e passa a valorizar mais assim, né? E a gente vê como uma Companhia séria assim, né? E aí tem uma diferença muito grande com os padres diocesanos assim, né? Que a gente achava que deveria ter um pouco mais essa formação, né? Que... e aí eu acho que só a teologia e a filosofia na universidade, né? Que eles... que eles aprendem. Por mais que tenha uma vivência pastoral ali, ainda não... né? Ainda falta não sei se sensibilidade ou... às vezes, eu acho que até o projeto é esse mesmo, né? De você... [...] De você formar padres, né? Acho que sem ter a preocupação com o senso crítico, aí eu acho que a dimensão até social, né? [...] E de você ter a preocupação de você formar bons administradores, né? Que a gente até repete isso com uma certa frequência, né? De... e acabam formando até uns bons administradores, a questão financeira, né, e tal. Mas, às vezes, até a vida pastoral assim da igreja, né? E isso vem se perdendo, né? Até essa dimensão mais pastoral mesmo assim, né? E que é um pouco da tradição que a gente perde assim, né? Desde a vivência das CEBs [Comunidades Eclesiais de Base] e de muitas pastorais aí que tinham um certo... um trabalho não só no... na realidade rural assim, né? Como é a CPT [Comissão Pastoral da Terra], né? Outras pastorais. Mas eu acho que até pastorais mesmo que fazem um trabalho, inclusive, missionário mesmo muito importante, né? E eu acho que essa dimensão, ela tem... ela tá sendo perdida. E aí quando você... os jesuítas, até por ter... na espiritualidade um pouco... da experiência do peregrino, né? Eu acho que ajuda a ter uma visão um pouco mais ampla assim, né? E mais engajada também.

A atividade que mais o marcou em sua participação no Anchietaum foi o “Voluntariado Jovem”⁶³. Mesmo vindo de um bairro periférico do município de

⁶² Reprodução de esquema do “processo de educação na fé” pode ser encontrado na p. 199 (figura 51).

⁶³ A atividade “Voluntariado Jovem” tem um caráter experiencial, e não assistencialista. Os jovens, durante dez dias, hospedam-se no Anchietaum, trabalham durante o dia e, à noite e aos finais de semana, fazem atividades de formação sociopolítica, cultural, além de terem momentos de espiritualidade. Diz-se que o caráter não é assistencialista na medida em que, em uma das modalidades oferecidas, trabalham e **convivem** com catadores de uma cooperativa, **realizando as mesmas atividades**, e não entregando refeições a moradores de rua, por exemplo. Na edição de janeiro de 2018, dentre as formações realizadas no período noturno, foram abordadas as temáticas “Análise de Conjuntura”, “Ser mais consciente: um despertar para a questão socioambiental” e “Intolerância e diversidade”.

Guarulhos/SP, ele destaca que nunca havia convivido tão proximamente com pessoas em situação de vulnerabilidade social, e isso o impactou profundamente:

Hélder: Eu acho que um dos primeiros choques de realidade foi o voluntariado. Inclusive, é uma coisa que me marcou que eu não falei, né?

Pesquisadora: Mas você já não vinha da periferia? Você não acha que você já tinha visto o bastante? Por que você fala “choque”? Por que você fala choque assim?

Hélder: Eu acho que eu não vivenciei a ponto de me sensibilizar assim, sabe? Por mais que a gente venha da periferia, eu nunca tive, por exemplo, uma vivência igual eu tive no voluntariado de você trabalhar com pessoas em situação de rua ali, em um processo de catar um material, um reciclável, né? E aí tem a questão até do estranhamento com o próprio trabalho, que é uma coisa assim forte, né? E ao mesmo tempo, condições ali degradantes pro ser humano estar exposto ali daquela forma, né? E isso assim foi uma experiência de levar pro resto da vida, né? E você... eu consegui enxergar a vulnerabilidade mesmo dessas pessoas assim, né? Eu acho que por elas estarem em um... com uma certa invisibilidade social, você também faz parte dessas pessoas que não enxergam, né? E aí quando você tem um contato mais próximo com essas pessoas, é muito mais marcante, né?

Além da atividade “Voluntariado Jovem”, Hélder fez questão de destacar que o marcaram também os “Exercícios Espirituais” e a abordagem sobre projeto de vida:

E aí nesse processo eu fui conhecendo outras pessoas também e atividades assim mais específica de projeto de vida. Que eu fiz o... um retiro em Itaici⁶⁴ e o próprio exercício [Exercícios Espirituais], né? E aí... e foi uma coisa que ajudou eu a... né? Depois de... dessa virada assim, né? A pensar assim um projeto de vida e seguir assim, né?

A “virada” a que se refere diz respeito, em virtude de seu envolvimento religioso, à ruptura com um destino comum a jovens de sua região:

Porque eu vim em uma trajetória assim que era comum... enfim, na minha região assim de... ah, de terminar o Ensino Médio e aí tem aquele ensino profissionalizante do SENAI e, enfim, um pouco... que é um pouco mais voltado a essa questão da indústria e tal. Que era... e que muitos dos meus amigos assim, do bairro assim seguia, né? E aí era um pouco até uma coisa já determinada ali. E aí a gente, depois, ia pensar em uma Engenharia, né, e tal. E aí a... isso já era uma coisa que... meio que automática, né? Não era uma coisa que eu defini enquanto um projeto de vida. Aí essa vivência pastoral e aqui [Anchietanum] eu acho que contribuíram bastante e fez com que eu pensasse bem diferente assim, né? De falar: “Não. Eu tenho que dar um sentido... o meu projeto de vida”. Sobretudo, nessas realidades que a gente passa a olhar. [pausa] Essas... com realidades mesmo que a gente passa a olhar assim. E eu acho que... né? Aí eu meio que... a realidade que eu vivia de trabalhar. Na época, eu trabalhava com mecânica assim, né? Eu sentia que eu tava em um trabalho ali que não me satisfazia, né? Eu tava vivendo uma vida monótona assim, de me sentir um robô assim, né? De ir pro trabalho, bater o ponto e voltar para casa e tal. Aí eu decidi, tipo, mudar completamente assim de... enfim, pensar em uma

⁶⁴ Mosteiro pertencente aos jesuítas em que ocorrem retiros organizados pelo Anchietanum e outras atividades (www.itaici.org.br).

faculdade que... e que não fazia muito... um sentido nenhum assim, né, do... e com a trajetória que eu tava trilhando, né?

De acordo com Hélder, apesar de nunca ter sido um “mau” aluno, a questão do estudo passou a ser algo pelo que tomou gosto somente após seu ingresso na universidade. Vivência que, naquele momento e para o futuro próximo, considerava sua grande prioridade:

Eu não gostava de estudar assim, estudar foi uma coisa que eu aprendi só depois na faculdade assim, né? Porque até o ensino assim, eu acho que não exigia tanto assim de precisar estudar. Mas eu sempre fui um aluno bom assim, que tirava notas boas, né? Um dos melhores da sala assim mesmo. Mas essa questão de estudar pra prova assim, eu fui aprendendo na graduação, né? [...] Então, o meu principal projeto pro futuro acho que primeiro é terminar a graduação, né? Acho que ele tá... vem em primeiro aí na lista de prioridades, né? E conseguir também um trabalho que nos satisfaça, né? Tanto essa... essa busca que a gente tem em fazer a diferença mesmo, né? E até que... né? Que minimamente garanta condições mínimas ali de sobrevivência.

A busca por “fazer a diferença” e a esperança de que a situação da sociedade atual possa melhorar é algo que o motiva. Quando questionado sobre o que achava da conjuntura social e política, apesar de considerar ser “um momento turbulento”, de “crise política”, econômica e “na segurança pública” – esta última “desde sempre”, “constante” – acredita na possibilidade de mudança, e é isso o que motiva sua ação:

Eu acho que... e, inclusive, o que motiva a gente a estar... enfim... na militância, né? A estar nessa luta é isso, né? Que a gente acha que é possível isso, né? E, enfim. Talvez, não seja uma coisa imediata assim. Mas eu acho que a gente tem que manter essa esperança.

Ressalte-se que Hélder utiliza a palavra militância ao referir-se às ações que desenvolve junto aos jovens no âmbito religioso e, também, à sua militância política, uma vez que, de acordo com ele, a “dimensão fê e política” “não é uma coisa dissociada”.

Seu envolvimento religioso e, conseqüentemente, com o grupo no qual se engajou na Pastoral da Juventude, em Guarulhos, levou-o à política, de acordo com ele, num “processo meio que natural”:

Hélder: Aí eu acho que até a... o que me prendeu assim também um pouco na igreja e na Pastoral foi um pouco dessa dimensão fê e política, né? Que não é uma coisa dissociada assim, né? Aí foi que aonde, inclusive, eu encontrei a minha espiritualidade, né? E aí a gente sempre buscou essa militância, né? E aí... e foi um processo meio que natural assim, tanto do grupo, né? Que muitas pessoas acabaram se engajando também, né? E foi um processo coletivo.

Pesquisadora: Lá do grupo de jovens de Guarulhos?

Hélder: É. Sim.

Pesquisadora: Tá.

Hélder: E aí até de um... tipo assim, de um amigo, irmão meu assim, né? Que ele tava com um... também nesse processo de se engajar. A gente conheceu o partido junto assim, né? Então...

Pesquisadora: E como que vocês se conheceram? O PSOL? É o PSOL, né?

Hélder: Então... É. Aí a gente, primeiro, conheceu o pessoal assim em manifestação na cidade, né? E aí a gente fez contato. E aí até motivados também pelo processo eleitoral ali de 2010, teve o candidato... o Plínio, né? Na época, era candidato a presidente. E aí eu lembro que na época assim, no debate, ele... eu acho que foi a primeira vez ali que eu vi um candidato assim em rede nacional, né? Que foi uma fala que ele fez. “Eu sei que muitos aqui não dormem, [*incompreensível*] o que eu falei, não entenderam, mas a juventude, ela entendeu”, né? E tipo assim, naquele momento, me parecia que ele tava falando comigo ali. [...] E aí motivou a... eu até passei um pouco a conhecer a história dele assim, né? E vi que ele vinha dessa tradição católica também. E aí já criou um... aquela simpatia pelo PSOL, né? Aí, depois, eu conheço, me filio. Aí a gente participa de um processo eleitoral e de fazer campanha para candidatos. A gente organizou também um núcleo do partido no bairro. E aí a gente viu o quanto foi bacana aquela construção. E aí surge a ideia, eu falo: “Eu acho que a gente... agora dá pra gente pensar uma candidatura nossa, né? Com a nossa cara”. E pensando até nessa questão de um... de representatividade mesmo, né? De que faltava, né? E falta na cidade, por exemplo, uma candidatura jovem, né? E que a gente entenderia ali que ali era uma voz nossa, né? E aí surge a ideia de a gente fazer essa construção dessa candidatura que foi em 2016, né? E aí a gente faz a disputa.

4.1.2 Clara: “apesar de [...] diferentes, a gente tem muita coisa parecida”

Clara, de 25 anos, conheceu o Anchieta por ter estudado em um colégio mantido pela ordem dos jesuítas na cidade de São Paulo. Todos os avós são portugueses que migraram para o Brasil em meados do século XX. Os avós maternos vieram em 1958 e os avós paternos, em 1953, instalando-se no município de Diadema, região do chamado ABC Paulista. Clara morou em Diadema até por volta dos 9 anos, quando os pais resolveram-se mudar para o bairro Cerqueira César, distrito de classe média alta, em São Paulo.

A mãe, de 58 anos, é publicitária e sempre trabalhou em um renomado instituto de pesquisas de opinião pública. O pai, 60 anos, é formado em Direito, mas sempre trabalhou como comerciante. Atualmente é motorista da UBER. O casal separou-se em 2012, assunto que, por suas expressões faciais, causava-lhe certo desconforto.

Clara sempre estudou em colégios particulares. Quando a família se mudou para São Paulo, passou a estudar no tradicional Colégio São Luís, na região da Av. Paulista, zona nobre da cidade.

Formou-se em Letras em universidade pública e, no momento da entrevista, era professora concursada da rede municipal de ensino em São Paulo. Também cursava Pedagogia a distância e Psicologia em uma universidade particular.

Com relação à sua formação religiosa, o ambiente familiar em que Clara cresceu parece não lhe ter fornecido uma influência religiosa única e consistente:

O meu pai é espírita e minha mãe é católica. O meu pai sempre foi mais praticante que minha mãe, o meu pai é bem místico assim, ele chegou a se envolver com cientologia, umas coisas assim muito diferentes. [...] a minha mãe, ela é mais... ela é religiosa também, mas ela nunca foi tão praticante. Agora que ela está... está começando a meditar assim e aí ela está em umas *vibes* meio budistas assim [risos].

Assim, em sua percepção, seu envolvimento com a religião católica veio da influência do colégio jesuíta em que estudou. De qualquer forma, foi sua mãe quem escolheu onde estudaria, pois tinha preocupação com uma “formação humana”:

Na verdade, o interesse partiu do Colégio São Luís. A minha mãe escolheu porque ela queria um colégio que não focasse apenas no acadêmico assim, ela queria que fosse alguma coisa que também se preocupasse com a formação humana. Então, ela falou assim: “Ah, eu poderia colocar você no Dante ou, sei lá, em outra escola aqui da região. Mas eu prefiro o São Luís, porque eu acho que tem essa característica que, para mim, é importante”. Mesmo ela não sendo uma católica praticante, ela achou importante transmitir valores assim, não só uma educação formal acadêmica.

Ao questioná-la sobre como era a “formação cristã” no Colégio São Luís, Clara informou que, além das aulas obrigatórias de ensino religioso (nas séries iniciais do Ensino Fundamental centravam-se na religião católica e “[...] a partir da 6^a, era mais espiritualidade” no geral), ofereciam-se atividades às quais os alunos poderiam aderir livremente, como o retiro “Semana Santa Jovem”, durante a Páscoa, e atividades de voluntariado, das quais gostava muito de participar: “era importante para mim [...] me fazia bem estar lá”.

Por conta de seu interesse nas atividades de formação cristã do colégio, após concluir o Ensino Médio, em 2010, passou a ser voluntária da “Semana Santa Jovem”, já no ano seguinte. Ao conversar com uma educadora da escola sobre outras formas de participação, já que havia se formado e não tinha identificação com uma paróquia jesuíta localizada ao lado do colégio (“eu nunca me encontrei lá, assim, eu nunca achei que era um lugar ao qual eu pertencia”), a educadora em questão e um jesuíta que atuava no colégio à época encorajaram-na a conhecer as atividades do Anchietaum:

E aí a Laura, que era uma professora do São Luís, falou assim: “Por que você não vai no Anchietaum?”. O Gilberto estava lá na época também. Aí eu falei: “Mas o que é o Anchietaum?”. Aí ela me explicou, eu falei: “Nossa, mas eu não sou tão religiosa assim, sabe?” [risos]. “Eu vou chegar lá, o povo vai saber a Bíblia de cor, eu não sei nada disso” [risos]. Aí o Gilberto falou: “Não. O que é isso, só vai, sabe? Não tem medo. Vai conhecer e tal”. E aí eu fui fazer os Exercício Espirituais para universitários em 2011, se eu não me engano.

Foi também no colégio que iniciou um processo de refletir sobre projeto de vida, retomado depois no Anchietanum:

E aí... então assim, desde esse projeto de vida bem básico para o ensino médio assim, já foi uma coisa que me respondeu muito e me colocou dentro do caminho para eu seguir, sabe? Então, quando eu retomei o projeto de vida, embora ele seja... tenha mais aspecto... só o profissional, eu sempre retomava isso assim, né? Tipo: “Ah, é por isso”. Toda vez que eu fazia retiro lá em Itaici, eu lembrava disso assim. Na verdade, era uma coisa que não estava na minha cabeça 100 % do tempo. Mas toda vez que eu voltava para Itaici e fazia o retiro, sentava para pensar no projeto de vida, eu lembrava o que é que me tinha levado àquela decisão de fazer Letras e tal. Então, eu acho que o projeto de vida é super importante, porque ele ajuda a pautar a sua vida e aí... e te ajuda a priorizar o que realmente tem que ser priorizado.

Foram justamente os retiros – “Exercícios Espirituais para Jovens” – e o “Voluntariado Jovem” as atividades que mais marcaram Clara em sua participação no Anchietanum:

Ah, eu acho que o voluntariado, para mim, é o que me marcou assim, profundamente. Tanto que quando eu terminei a Letras assim, eu entrei em uma crise assim: “O que que eu vou fazer da minha vida? Eu não tenho ideia” [risos]. E aí... [...] eu não sei explicar o porquê que eu gosto tanto do voluntariado, que é uma coisa que eu vou todo ano, eu acordo às seis da manhã, assim. [...] Mas eu acordo feliz, é uma coisa que não acontece na minha vida. [...] Tipo, acordar cedo é um sofrimento. Mas lá no Anchietanum, o Voluntariado, eu gosto muito de estar lá e ver as experiências das pessoas, de poder estar também atuando em lugares que precisam de gente fazendo coisa. Eu acho que o Voluntariado é a coisa mais importante assim para mim, além dos Exercícios Espirituais, né? Que embasam tudo isso de alguma maneira.

De todo modo, em outro momento da entrevista, ela declara que todas as atividades de que participou no Anchietanum foram significativas, além de perceber algo do próprio ambiente, para além das atividades em si, como importante:

Ah, eu acho que são todas muito significativas assim. Eu nunca vi alguém ir até o Anchietanum e falar: “Nossa, que coisa horrível, eu vim aqui para nada, sabe?” [risos]. Então, é uma coisa que, de alguma maneira, transforma e significa para o jovem, né? Eu acho que essa é a marca assim, essa é uma coisa importante. [...] é um pouco dessa questão da espiritualidade, é um pouco de... do espaço de acolhimento, é um pouco do que... de aprofundar em nós e... nós mesmos assim. Então, eu acho que é um pouquinho de cada coisa.

Clara destaca, ainda, como algo muito positivo, a diversidade de pessoas que se pode encontrar no Anchietanum, pois, ao mesmo tempo que são muito diferentes, elas têm “um Deus muito parecido”, o que tornam possíveis os laços de amizade:

Olha, eu acho que para mim, uma das coisas mais importantes do Anchietanum sempre foi a diversidade assim. [...] É um lugar de encontrar gente muito diferente de você, mas que por algum motivo tem alguma coisa muito em comum. Que eu acho que por isso que a gente tem... as amizades são significativas dentro do Anchietanum. Porque é um lugar que reúne gente que pensa de um jeito parecido de alguma maneira, e que tem lá um Deus muito parecido, vai [risos]. E que tem uma partilha da espiritualidade e tal. Então, eu acho que é isso assim, é um lugar que tem... traz gente de vários contextos e gente que vale a pena ter contato assim.

A questão das “amizades significativas” é algo a se destacar em relação a Clara, uma vez, que, de fato, fez amigos no Anchietanum que são bastante diferentes dela. Inclusive, de outras classes sociais. De acordo com ela, o que os une é, além da espiritualidade inaciana, as discussões sobre assuntos em comum, como o feminismo:

Eu sei que são contextos completamente diferentes, é uma coisa que... sei lá, eu sou privilegiada em vários níveis, eu sei assim. E eu não quero de nenhuma maneira que isso atrapalhe a minha convivência com outras pessoas. [...] a Viviane é muito amiga minha até hoje, assim, e vai na minha casa direto e a gente convive muito, a gente se vê com muita frequência. Ela e o João Pedro são pessoas que realmente são amigos próximos para a vida, assim. [...] E aí a gente é muito diferente, mas que, por acaso, a gente tem um diálogo muito bom, a gente partilha muito das mesmas ideias e a gente... embora a Viviane tenha uma formação mais... ela é contadora, né? [...] ela estuda muito assim sobre o feminismo, sobre... enfim, questões sociais, então, é super legal [...] Enfim, as várias coisas que a gente partilha. E, por exemplo, a Viviane, quando eu estava nos Exercícios, ela já tinha terminado, então, tinha muita coisa que eu partilhava com ela assim, que eu... deu umas crises dentro da segunda etapa⁶⁵, que eu tive uma super crise, porque eu não... para mim, não fazia sentido confessar, é uma coisa que eu não entendia. Aí eu fui conversar com ela e, tipo, horas conversando, e ela me contando: “Então, se não faz sentido para você, tudo bem, sabe?” [risos]. [...] Enfim, então, é uma troca muito legal assim que a gente tem. Apesar de vir de contextos muito diferentes, a gente tem muita coisa parecida. E ela também é de Diadema, então, de alguma maneira, é uma espécie de laço lá, que é uma coincidência que tem.

Seu interesse por “questões sociais”, que partilha com amigos de classes sociais distintas, a despeito de sua posição social “privilegiada”, como ela mesma coloca, reverbera em suas opiniões políticas:

Eu acho que se o Lula conseguisse ser um dos candidatos, provavelmente eu vou votar nele [nas eleições presidenciais de 2018], se ele tiver potencial. Ontem eu estava até conversando com uns colegas lá na escola, que a esquerda vai ter que se unir. Porque, senão, vai ser que nem aqui em São Paulo, e aí vão eleger um Bolsonaro que seja um Doria, assim.

Além disso, assim como Hélder, Clara sustenta posições consideradas “progressistas” dentro do catolicismo. Declara-se a favor da legalização da maconha, por entender que “[...] a gente só tem um problema tão grave e tão grande no sistema penitenciário, na marginalização

⁶⁵ A atividade Exercícios Espirituais para Jovens (EEJ) é dividida em cinco etapas.

das pessoas pobres, negras e periféricas, porque a droga é ilegal”. Em relação à união legal entre pessoas do mesmo sexo, ela diz ser *totalmente a favor*, pois acha “[...] que não é problema de ninguém com quem você quer casar”. No que diz respeito à legalização do aborto, considera ser “uma questão da mulher [...] uma questão populacional [...] uma questão de saúde pública”, de modo que não deveria haver influência da religião nesse assunto: “Se na religião católica acham que começa a vida a partir do momento da fecundação, é um problema de quem é católico, né? [...] Eu acho que quem não é católico não tinha que pagar por isso, sabe?”.

Em relação a seu envolvimento religioso, afirma que, apesar de ter diminuído sua participação em ritos, encontra-se mais envolta na prática do “serviço”, de estar “lá com quem precisa”:

Hoje, eu não vou mais à missa, muito raramente. [...] Então, assim, é mais na vivência mesmo, eu acho assim. Eu estou... não é uma coisa que eu tenho parado para meditar e tal, mas eu estou vivendo na prática, assim, o que que é o serviço, o que que é eu estar lá com quem precisa. E, enfim, tem sido assim.

Sua frequência ao Anchieta também diminuiu, sobretudo após um episódio que ela resumiu como uma questão de “machismo” por parte de um religioso. Contudo, suas relações de amizade permanecem e, mesmo após o acontecimento ainda frequentava o espaço. Interessante mencionar que na semana seguinte à sua entrevista, encontrei-a em uma atividade no Anchieta. Ela usava uma camiseta com os dizeres “Revolution Feministe”.

Quando questionada sobre se achava que algo precisaria mudar na sociedade, demonstrou bastante preocupação com a questão política, ao mesmo tempo em que emergiram em seu discurso elementos religiosos relacionados a alguma – pouca – esperança:

Eu estou em um ponto assim... tamanha a proporção de tudo assim, tipo, um Bolsonaro, tem tanta gente achando que o que ele fala é bom e que é uma boa solução. Eu fico sem esperança. É óbvio que, às vezes, a gente recebe umas presenças de Deus assim, uns sinais divinos de que tem esperança sim, tem gente fazendo um pouquinho lá, mas que está fazendo a parte que lhe cabe assim. Então, isso dá até uma esperanzinha. Mas, no geral, eu acho desesperador assim, pelo menos, pelos próximos anos, eu não... eu não vejo uma perspectiva de mudança grande assim, sabe? Eu vejo, cada vez mais, o quanto é interessante ter gente pobre para... para os políticos vai, que tem aqueles que movem a sociedade a partir dessa diferença e tal. Então, eu não tenho muita esperança, de verdade assim.

Ressalte-se que, ao mesmo tempo em que demonstrou preocupação e falta de esperança em relação ao contexto político na sociedade brasileira, conforme o depoimento

acima, Clara também relacionou a possibilidade de esperança com eventuais mudanças na própria política, por exemplo, por meio das eleições:

E esperança [*risos*]... a esperança, nesse momento, especificamente assim por causa de tudo o que está acontecendo... nossa, semana passada, com o negócio da Marielle [Franco]⁶⁶, juntou com a professora que foi espancada na Câmara⁶⁷, eu comecei a chorar no meio da rua assim, sabe? Então, você fala: “Nossa, realmente estão querendo jogar a gente cada vez mais para baixo”. A gente como sociedade e não a gente como pessoas individuais ou como pessoas assim, todo mundo. Então, a esperança é que as coisas melhorem assim, mas acho que vai demorar, acho que vai depender muito do resultado das próximas eleições para a gente saber se realmente o povo está se incomodando com o que está acontecendo. Se está assinando embaixo, sabe? Eu acho que... não sei, o país está uma desesperança.

A menção à vereadora carioca Marielle Franco, assassinada em 14 de março de 2018, provocava bastante angústia em suas expressões faciais, uma vez que se tratava de fato ocorrido alguns dias antes da entrevista. Também na mesma data, 14 de março de 2018, uma professora ficou bastante ferida em manifestação durante greve de professores da rede municipal de São Paulo, categoria da qual faz parte e de cujos atos participou. Esses fatos, possivelmente, estavam bastante vívidos, permeando suas respostas sobre o contexto atual, sobre esperanças e sobre medos:

Nossa, os medos são vários, né? Eu acho que o contexto, ele gera muito medo em mim, em todas as... os âmbitos assim. Às vezes, eu penso que, talvez, seja melhor você se alienar um pouquinho para você sofrer menos, sabe? Porque se você tiver lá em contato com essa realidade muito dura que a gente vive no Brasil hoje e no mundo, a gente acaba se machucando demais. Então, o medo é de tudo assim. Medo de uma... de voltar uma ditadura, medo de que mais gente inocente morra [*em referência ao caso de Marielle Franco*]. Enfim, são muitos medos.

Ao mesmo tempo em que fez diversas menções a situações difíceis e a certa “desesperança”, Clara demonstrava ânimo em relação a seus projetos para o futuro, como o de mudar-se para outra cidade, já que seu namorado vive em outro estado, e novas possibilidades profissionais pelo fato de estar cursando Psicologia. Também parecia avaliar como bastante positiva sua atuação como professora da rede municipal de São Paulo:

Então, está sendo uma experiência muito rica assim, de contato com gente, com outras realidades totalmente diferentes assim. Eu percebi como é que eu morava...

⁶⁶ Para mais informações sobre Marielle Franco, ver página dedicada a preservar sua memória, disponível em: <<https://www.mariellefranco.com.br/>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

⁶⁷ Sobre o episódio em que a professora da rede municipal de São Paulo, Luciana Xavier, foi ferida a golpe de cassetete durante protesto, ver matéria da *Folha de São Paulo*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/sou-trabalhadora-e-sai-jorrando-sangue-diz-professora-ferida-na-camara-de-sp.shtml>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

assim, eu sabia que eu estava em uma bolha, mas é uma bolha muito estreita. Porque, por exemplo, nunca teve ninguém de inclusão, nunca teve ninguém com necessidade diferente, nenhuma, durante toda a minha vida escolar. Aqui em Diadema, em São Paulo, nunca teve. E aí eu chego nessa escola e tem 52 crianças que têm necessidades especiais... é muita coisa assim. Tudo bem que é uma escola polo para isso, assim, não sei por que exatamente, mas acabou se tornando uma escola que... para... onde são encaminhadas, vai, algumas crianças com necessidades. Porque tem uma estrutura mínima, nem tem assim, tipo, não tem escada, não tem rampa, sabe? Tem uma máquina para subir a criança na cadeira de roda, mas enfim. Então, você fala assim: “Caramba, né? Como é que pode?”. Em todas as salas têm crianças com Síndrome de Down, eu não conhecia ninguém com Síndrome de Down até começar a dar aula assim. Então, é muito louco, assim, e muito rico, e eu sinto que, pelo menos, sendo uma presença de carinho ali na vida de algumas crianças, você consegue fazer alguma coisa de bom por elas assim, sabe? Está sendo muito bom [risos].

4.1.3 Ana: “a minha construção, enquanto mulher negra, se fez na diáspora”

Diferente de Hélder, oriundo da Pastoral da Juventude (PJ), e de Clara, que conheceu o Anchietanum por ter estudado em um colégio jesuíta, Ana, de 35 anos, preta, conheceu o centro de juventude em virtude de sua participação em um grupo ligado à ordem dos Dehonianos, a Missão Dehoniana Juvenil.

Sempre residiu na Vila Dalila, Distrito da Vila Matilde, na Zona Leste da cidade de São Paulo. O local em que mora é muito apreciado por ela (“é muito significativo eu estar naquela casa, naquele bairro”), pois se trata de uma casa construída por seus avós, cuja história faz questão de lembrar:

A minha avó materna, agora avó Benedita, falei que ela era de Minas e ela teve um primeiro casamento. Ela casou com 12 anos, né? Uma criança. E o homem era muito mais velho. Morava numa fazenda. E daí ela disse que eu acho que ele foi para a guerra, por alguma coisa, voltou muito doente. E o fazendeiro teve que usar recursos da fazenda para cuidar da saúde dele e quando ele morreu, ele queria que a minha avó e os filhos que ela tinha, acho que eram quatro naquela época, trabalhassem de graça para pagar o tratamento de saúde, né? E daí ela fugiu com as crianças para São Paulo. Porque isso era trabalho escravo, né? Ela era muito nova. Ela já tinha perdido diversos filhos já, porque engravidava, perdia a criança. Aí ela vem para São Paulo mesmo. Aí passou um tempo. Foi também para os cortiços ali da região do Bexiga, na casa de uma tia que já morava aqui que acolheu, né? Começou a trabalhar numa fábrica. Aí passou um tempo, ela conheceu meu avô. Aí eles compraram um terreno... O meu avô comprou um terreno aqui na Vila Dalila. E a minha avó, com o dinheiro da fábrica, pagou a construção, assim, os tijolos para construir. E a minha avó também era benzedeira, né? Então, ela benzia as crianças. Por quê? A mãe dela também era benzedeira, era parteira.

De acordo com o que conseguiu recordar em relação a seus ancestrais, a bisavó materna era da Bahia. O avô paterno era de Sergipe e foi para Minas Gerais, onde se casou

com sua avó Benedita, que depois da morte de seu cônjuge, migrou para São Paulo e casou-se novamente, conforme o relato acima transcrito.

Os pais se conheceram em antigos “Baile Black” na Zona Leste de São Paulo e Ana se recorda que a relação entre eles era de muita parceria, mesmo em situações mais difíceis. O pai terminou o Ensino Médio quando os filhos já eram adolescentes. Foi carteiro, mas devido a seu envolvimento político (era do Partido dos Trabalhadores e do sindicato de sua categoria), acabou sendo demitido e nunca mais conseguiu recolocação formal. Contudo, sua mulher, que estudou até o Ensino Fundamental e era servente de escola, teve a ideia de montarem uma barraca de acarajé para incrementarem a renda – barraca essa que até o momento da entrevista continuava funcionando.

Ana valoriza fortemente sua família, pois reconhece que sempre a apoiaram em suas decisões e foram importantes na construção e valorização de sua identidade negra:

[...] eu, principalmente na escola, sofria muito racismo, muito *bullying* e dentro de casa meus pais sempre disseram: “Ai, você é negra. Você é bonita”. Contava da nossa história e isso me fortalecia um pouco. Apesar de ser muito difícil. Teve uma vez, eu acho que já contei essa história em outro lugar, que eu estava com umas trançinhas e minha mãe fazia assim toda semana para eu ir para a escola. Eu chegava lá, os moleques me chamavam de Medusa, os moleques me xingavam. Eu cheguei a pedir para ela mudar o cabelo. Ela falou que não ia mudar para eu não ter vergonha de ser quem eu era, né? Então, nessa coisa assim, eles falavam: “Não é para ter vergonha, negro é inteligente, que não sei o que...”. Então, essa coisa com relação à negritude, de você se aceitar, eles pontuavam bastante.

Da mesma maneira, ela reconhece a importância de seus pais no estímulo aos estudos formais:

Com relação aos estudos também. Minha mãe fez até o Ensino Fundamental. Meu pai concluiu o Ensino Médio, a gente já era grande. Então, eles davam muito valor: “Olha, tem que ir para a escola. Tem que estudar”. Meu pai comprava... Ele pagava uma mensalidade de um lugar que chamava Círculo do Livro. A senhora ia todo mês levar um livro porque ele falava: “Tem que estudar, tem que ler, tem que saber”. Às vezes, eu perguntava: “Pai, o que é isso?” Ele falava: “Ai, não sei. Olha no dicionário”. Essa coisa de você não se conformar com a informação que as pessoas davam. Até acho que também porque participava de sindicato, né? Ele era do Diretório do PT ali da Zona Leste. Então, essa coisa das injustiças sempre foi muito presente. Eu acho que até eu ser assistente social vem um pouco dessa influência porque essas coisas que falavam em casa, né? Isso é errado: ter pobre, racismo. [...] Meus pais sempre tiveram isso de valorizar muito os estudos e de eu fazer alguma coisa que eu realmente gostava, né? Eles sempre disseram: “Olha, filha, a gente não vai ter condições de pagar uma faculdade, porque é muito caro. Mas a gente te apoia no que você for fazer. Então, eles sempre me ajudaram, por exemplo, a buscar bolsa de estudo. [...] Se precisava de um livro, eles faziam um esforço realmente para comprar aquele livro que eu estava precisando. [...] O Ensino Médio comecei a fazer numa escola do bairro, e a escola era meio barra pesada. Aí tinha uma escola no centro que era pública, que era melhor. Aí meus pais me matricularam nessa escola, que é a Escola São Paulo. E, para eles, era caro. Tinha que pagar o transporte todos os dias. Mas fizeram esse esforço porque queriam, né? Para fazer a diferença. [...] E nunca rolou de: “Ai, você não vai fazer”... Por exemplo, quando eu estava fazendo

cursinho, no começo eu pensei em fazer... Fiquei entre Ciências Sociais, depois Serviço Social. E nunca falaram: “Não faça porque isso não dá dinheiro. É o que você gosta de fazer”. Então, rolava esse incentivo, né?

Como exposto em seu relato, Ana sempre frequentou escola pública, porém, apesar do prazer de estudar, as instituições escolares pelas quais passou deixaram uma forte marca de racismo e preconceito em sua vida:

Eu sempre gostei muito de estudar. Não sei se eu chegava no nível de “CDF” porque eu não era boa em Matemática. Mas todo o resto era boa e fazia os trabalhos. Inclusive, eu sempre gostei muito de escrever, né? Meu irmão e eu. Eu acho que não contei essa história para você antes. E a professora de Geografia pedia muitas redações. Geografia. Falar de coisas políticas, a situação social, e eu fazia. Adorava. E ela não acreditava que era eu que tinha feito. Então, ela me obrigava a mostrar o rascunho. Porque ela achava que eu não tinha capacidade. Então, eu sempre mostrava a redação e tinha que mostrar o rascunho. Então, eu acho que era por ser negra também. Porque a escola foi bem pesada. Os moleques me xingavam. [...] E eu nunca repeti de ano. Tirava boas notas, mas sempre fui muito conversadeira. Então, fazia minha lição e estava ali no fundo conversando com as meninas. Aí tinha muitos conflitos também. Eles me xingavam, eu xingava também. Eu fiquei mole agora, mas eu xingava também. Ia para cima. Aí a professora, quando eles estavam me xingando, não falava nada. Aí quando eu ia reagir: “Vou levar para a diretoria”. Aí minha mãe ia na escola assinar o livro... nunca época queriam que eu mudasse de escola: “Não vou mudar minha filha de escola porque fazem tudo isso e vocês não fazem nada. Agora, a menina vai sair?” Então ela sempre estava ali na escola, mas eu gostava muito. Eu tirava boas notas. Não era um sacrifício fazer a lição. Tirando Matemática...

Posteriormente, fez cursinho comunitário e formou-se em Serviço Social na PUC/SP. É (in)digno de nota o fato de que, assim como ocorre com inúmeros jovens brasileiros, a dívida contraída para cursar a graduação estendia-se até o momento em que a entrevista foi realizada.

Concluiu o mestrado em universidade pública. Sua dissertação foi editada em livro, e versa sobre a “[...] articulação entre homicídio, raça e pobreza na cidade de São Paulo... os territórios mais pobres é onde está a população negra e jovem e que esse processo de morte não é de agora, foi construído historicamente”. Quando da realização da entrevista, trabalhava como assistente social e havia recentemente iniciado o doutorado, também em universidade pública.

No que diz respeito a seu envolvimento com a religião católica, a avó parece ter tido mais influência que seus pais:

Eles iam em missas pontuais. Quem tinha essa coisa mais de levar era minha avó, né? Que me ensinou a rezar, minhas primeiras orações. Inclusive, quando ela morreu, ela me chamou para rezar com ela. Super bonito assim. Mas de falar que

tem que fazer a Catequese. Eles iam nos eventos, mas não iam nas missas todos os domingos.

[...] quando eu era muito pequena, minha avó, que foi a minha primeira catequista. Então, ela falava para a gente fazer o bem sem olhar a quem, que, como Jesus, a gente tinha que ajudar o próximo. Então, essa coisa assim de ajudar as pessoas foi uma coisa que minha avó ensinou porque tinha um embasamento religioso e cristão e sempre foi o que eu mais me identifiquei, né? Você não está sozinha nesse mundo. Isso meus pais ensinavam também. Você tem que fazer pelo outro porque nós somos irmãos. Deus nos criou a todos. Então é religião, né? No começo, até depois da minha escolha profissional... foi porque essa questão política da injustiça... Mas passava por essa coisa. Não é justo alguém viver dessa forma. Isso é indigno, né? As pessoas não foram criadas para... Então passava muito por isso, né? Que Deus nos criou e a gente tem que viver bem nessa vida. Se não fosse isso, não sei qual ia ser a minha construção como pessoa.

Contudo, menciona o “ambiente inter-religioso” em que cresceu e a marcou. Lembra com carinho das festas no quintal da avó:

O meu tio era umbandista e depois ele foi candomblecista. E tinha um terreiro no quintal da casa ali. E quando eu era criança, minha avó cuidava da gente, né? Então a gente ia nas festas de Cosme e Damião, que tinha no terreiro. A gente participava das coisas. Não sei. E minha avó era católica, mas um Catolicismo popular porque ela benzia. Minha mãe falou que uma época ela ia no terreiro de Umbanda. A mãe do meu pai era evangélica. Então, acho que eu cresci nesse ambiente inter-religioso também. Mas, assim, se falasse: “Qual a sua religião?” Meus avós, meus pais falam que são católicos.

Em meio às referências religiosas, sua identidade negra é sempre reafirmada, de modo que foi conciliando, nessa construção, os valores da cultura negra, mas também de sua formação católica. São dois aspectos que foram se consubstanciando simultaneamente e que, mesmo em espaços públicos, faz questão de assumir:

Eu fui participar de espaço [...] de diálogo inter-religioso. Porque eu participo da Comunidade do Rosário⁶⁸. Inclusive, na comunidade tem pessoas de outras religiões, que fazem a celebração, uma vez por mês, afro, e outras atividades de preservação do patrimônio histórico, porque foi uma igreja construída por negros que foram escravizados, enfim. E eu fui nesse espaço para falar e me coloquei também como cristã e com todas essas influências. E ali eu fui muito malhada. Porque: “Como você pode falar que é cristã, que é católica, que vai à missa, com tudo que a Igreja fez com o povo negro? Você não sente vergonha?”. E daí eu fiquei muito mal com aquilo. Inclusive foi um dia antes da minha defesa [de mestrado]. Fiquei muito mal e, no final, eu falava: “Olha, não é porque eu sou negra que eu tenho que ter um enquadramento. Que eu tenho que ser do Candomblé, da Umbanda, usar determinada roupa, porque a minha construção, enquanto mulher negra, se fez na diáspora. Se fez no Brasil com todas essas influências. Então, para eu ser Ana e ser eu, eu não tenho que entrar em caixinhas que vocês dizem que tenho que ser. Porque

⁶⁸ Referência à Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França, “patrimônio da cultura popular e afro-brasileira que resiste até nossos dias, construída pela antiga Irmandade do Rosário dos Homens Pretos, descendentes africanos mantidos em regime de escravidão no século XVIII”, conforme informação disponível em: <<http://largodorosario.blogspot.com/p/his.html>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

isso é uma forma de opressão também, né?”. Eu tenho amigas que são negras que são budistas, por exemplo. Espíritas. Evangélicas. E aí onde fica esse lugar de escolha? Eu tenho toda uma criticidade. Sei os limites da Igreja [Católica]. Sei que contribuí muito para a escravidão, mas a minha referência a Cristo foi uma coisa construída. Então, eu construo a minha espiritualidade de uma outra forma também. Não é porque vou na missa, sou católica, que eu concordo com todos os dogmas, por exemplo, né? Então, qual é esse lugar também? Eu sou uma mulher negra, mas quem diz o que é ser uma mulher negra? Eu entendo que ser uma mulher negra é respeitar essa minha ancestralidade, fazer referência, mas não tem enquadramento, porque, né, eu tenho gostos, eu tenho experiências que eu tenho com as pessoas, com a minha família. Eu posso querer tudo. Quem disse que tem que ser dessa forma?

De fato, Ana, é uma pessoa que concilia diversos interesses e pertencas. Contrariamente a uma visão que poderia assumir que, pelo fato de ser católica, seria uma pessoa desinteressada pelas festividades do Carnaval, ela se revela o oposto desse “enquadramento”: é porta-bandeira desde os 7 anos de idade, tendo desfilado na tradicional escola de samba “Camisa Verde e Branco”, de 2000 a 2012. Afirmou continuar desfilando todo Carnaval, mas em escolas de menor porte, formando par com seu irmão, que é mestresala.

Sua trajetória religiosa é parecida com a de muitos outros jovens de famílias católicas: “[...] eu ia na missa, fiz Primeira Comunhão, fiz a catequese, participava dos espaços, né?”. Contudo, sua entrada na universidade ocasionou uma “[...] crise com algumas coisas”:

Primeiro, eu ia na missa e não via elementos negros. Não tinha santos negros, né? Era uma liturgia muito branca. Uma época eu participei da Renovação Carismática, quando eu tinha uns 14 anos. E daí tudo era pecado. Tudo era errado. Uma vez eu fui num grupo de oração que falaram que as benzedeiras eram do diabo. Assim, que não eram de Deus. Aí foi minha crise maior. Ué, mas minha avó era benzedeira, ela era tão boa. Ela me ensinou a rezar. Aí eu parei de ir com tanta frequência para a Renovação. Aí depois eu fiz a Crisma, mas eu comecei a namorar. Aí né! [risos]. Então eu ia, mas não levava tanto as coisas a sério.

De acordo com ela, todavia, percebeu possuir “[...] uma identificação com Jesus” que a fez buscar outros espaços católicos distintos dos que havia frequentado até então:

Mas eu tinha uma identificação com Jesus, com aquela coisa toda. Mas começou a ficar mais desconfortável. Mas eu também não me identificava em outras religiões. Então era uma coisa mais *pro forma*. Aí depois eu comecei a participar de um grupo em São Judas [bairro de São Paulo], que chamava Missão Dehoniana Juvenil. Então retomava, que falava desse Cristo que é com os pobres. Era uma espiritualidade mais libertadora, apesar de ter alguns enquadramentos. Mas a gente fazia visitas nas casas das comunidades mais pobres ali de São Judas. E depois de participar desse grupo, eu conheci o Anchiétanum porque o Anchiétanum oferecia espaços de formação para as coordenações. E eu virei coordenadora. Aí eu fui para lá.

Também como Hélder, que participa da Pastoral da Juventude, encontrou o Anchietanum ao buscar formação para sua atuação pastoral, em 2012. Como se percebe em sua fala, ela buscava dentro de sua própria religião (catolicismo) “uma espiritualidade mais libertadora”, com menos *enquadramentos*, e se sentia identificada com “esse Cristo que é com os pobres”. E, no Anchietanum, além desses elementos, identificou-se com essa “outra forma de ser igreja”, uma “forma mais crítica”, “mais encarnada”:

E se eu não tivesse passado pelo Anchietanum, eu acho que não conseguiria ser cristã, por exemplo. Porque aí você começa a participar de pastoral, você vê várias coisas erradas. Postura de padre, das pessoas e aquilo foi azedando o pé do frango. E essa coisa do Anchietanum, Exercícios Espirituais, de ver essa outra forma de ser igreja ajudou a dar uma segurada [...] Uma forma mais crítica, mesmo, mais encarnada. Engraçado que o Anchietanum é religioso, mas é uma dimensão além da religião, né?

Assim como Clara, teve do Anchietanum uma percepção de “acolhimento”, no caso de Ana, tal sensação está relacionada à sua identidade negra:

Aí eu comecei a conhecer mais essa comunidade inaciana, os Exercícios [Espirituais], né? Fui numa “Oração de Taizé”. Então, acho que eu fiz um retiro também, “Projeto de Vida”. Então, falava desse Cristo que aceita você exatamente como você é, com a sua cultura. De uma forma... sem ser de uma forma tão dogmática, das regras. Então, me identifiquei muito com isso. Muito. Muito. [...] E você podia trazer coisas que estava vivendo na sua casa. Eu acho que era mais real e eu não precisava esconder, por exemplo, que minha avó benzia, que eu fazia isso também. Depois eu comecei a participar da missa afro. A galera achava isso o máximo. Em outras pastorais da igreja: “Nossa, que não tem nada a ver. Que mistura”. Então, eu me sentia muito à vontade lá. Acho que era isso.

Ana destaca, ainda, em suas observações sobre o Anchietanum, uma “articulação com o que estava acontecendo no mundo”:

Eu achava muito legal porque era muito articulado com o que estava acontecendo no mundo. Então, por exemplo, a gente estava tendo uma questão... o extermínio da juventude negra. A gente discutia lá. Ah, estava tendo as ocupações nas escolas. Então, era uma coisa muito encarnada. E o que a gente conversava com a galera. E as conversas não eram papo... Por mais que tinha a questão da espiritualidade, mas não era só isso.

Um símbolo que remete à sua religiosidade e que carrega consigo é um anel de tucum que, para muitos católicos, remete ao “compromisso com os pobres e oprimidos”, conforme ela mesma explica:

Esse aqui é o Anel de Tucum, né? Todo dia de manhã, quando eu coloco esse anel, eu peço a graça de não esquecer meu compromisso com os pobres e oprimidos. Coloco esse anel porque ele significa isso. [...] eu escutei uma história que o Anel de Tucum é feito com uma árvore, tucum, e que as pessoas, os escravos, as pessoas pobres usavam esse anel para casar, para se comprometer, porque não podiam comprar uma aliança. Então, ele acabou depois revisitado pela Teologia da Libertação entre os movimentos, como o anel que mostra o compromisso com os pobres, com a luta, né? [...] E daí para mim é forte. De manhã, eu ponho ele lá. Tem um altazinho que eu rezo e quando eu vou dormir ponho lá. E de manhã eu tiro ele e ponho porque é uma reza também. Porque a gente corre o risco de deixar passar, sabe?

Essa sua visão voltada às questões sociais, refletida em sua religiosidade, envolvimento em grupos de discussão sobre a questão racial no Brasil e interesses acadêmicos, reverbera na forma como entende que as políticas sociais devem ser realizadas:

Meu, as pessoas passam fome. A gente tem uma política de seguridade social que isso é lei, isso é garantido para ela ter uma vida digna, sabe? Ações afirmativas. Meu, o meu avô não podia estudar porque era proibido negro ir para a escola. Que impacto tem isso hoje? E meus pais não tiveram possibilidade. E olha como é a nossa vida hoje. Então, não tem mesmo que ter uma política que favoreça esses grupos?

A mesma opção também se reflete na forma como manifesta a intenção de voto, na eleição presidencial de 2018, no candidato para presidente Guilherme Boulos, atrelado a pautas sociais. Ana, assim como os outros entrevistados, demonstra uma visão mais “progressista”. É a favor da legalização da maconha, porque “a questão do extermínio da juventude está muito relacionada com a política de drogas [...] não ia estar morrendo tanta gente porque a maioria das prisões e das mortes são associadas com o tráfico de drogas”.

Em relação à legalização do aborto, ela se posiciona também a favor, pois “as experiências mostram os países que legalizaram, inclusive as mulheres se beneficiam mais porque deixam de morrer”, “se está legalizado, tem mais condições de dar apoio para essa mulher”. Sobre a união legal de pessoas do mesmo sexo, também é a favor, afinal, “não é Deus que está aí na parada, né? É Estado, é organização e um casamento civil, e as pessoas se organizam como elas têm que ser”.

Sobre o contexto social brasileiro, Ana demonstra preocupação com uma *pegada conservadora*, como define, um momento de “exacerbação da violência, do racismo, das intolerâncias”, mas que pode ser alterado a partir de ações em diversas frentes (“pesquisa”, “manifestação”, “formação com a comunidade”, “oração”) e pela inspiração advinda da luta de seus ancestrais negros:

Mas eu acho que se a gente se mobilizar, ajudar no processo formativo das pessoas, se precisar ir para a rua, estar mobilizado, estar discutindo essas coisas, a gente pode fazer pequenos gestos que podem caminhar para uma mudança que eu sei que eu não vou ver da forma como acho que ela tem que acontecer. Mas se cada um e cada uma considerar isso importante e dar o que tem, é possível. É meio romântico, mas é igual plantar a tâmara, né? Outro dia descobri que a tâmara demora 90 anos para dar o primeiro fruto. Então, quem plantou a árvore da tâmara normalmente não viu. É um pouco isso, sabe? Então eu tenho que plantar essa árvore, mesmo sabendo que a situação está ruim, mas eu vou lá fazer. Vou lá para a pesquisa, vou lá pra manifestação, vou lá pra formação com a comunidade, entendeu? Vou lá fazer minha oração que me dá força e ânimo para eu dar conta de estar presente e de estar na luta. E é um pouco também a referência que eu faço até com meus ancestrais, né? Se eu estou hoje viva tentando fazer essas coisas, quantos passaram antes, né? Sequestrados na África, vieram aqui, foram humilhados, sofreram e lutaram e criaram, e o meu corpo é um sinal da resistência deles. Então isso acaba me dando energia porque senão, meu... E é uma situação muito ruim. Mundialmente, né, agora falando num panorama maior, né? De corte nas políticas públicas, de neoliberalismo, de guerra, de violência. Mas não dá para ficar só reclamando, mesmo tendo... Acho que tem que ter lucidez, sabe? Entender como as coisas funcionam, mas é uma lucidez que não pode me imobilizar. Mesmo sabendo que eu não vou ver o que eu acredito que tenha que acontecer.

Igualmente à entrevistada Clara, o assassinato de Marielle Franco ainda ressoava em seus pensamentos durante a conversa, pois espontaneamente o assunto surgiu em meio à sua fala. Para Ana, a morte da vereadora carioca estava relacionada à resistência dos primeiros cristãos que eram perseguidos pelo Império Romano:

Essa coisa do extermínio pega muito para mim. Agora, da Marielle. Eu fiquei devastada. Eu fiquei devastada, assim. Um dia, assim, só chorando, né? Mas depois disso, eu falei: “Não. O que a Marielle representa? Ela morreu como? Ela tinha acabado de sair de uma roda com mulheres negras, né?” É foda. Doído. Então vamos lá, né? Outro dia, eu tenho um amigo que me contou essa história e olha que ele nem é cristão. Ele é historiador. Ele disse que foi para Roma, lá para a Itália e ele fez uma pesquisa de conhecer aqueles lugares que os cristãos ficavam presos. Ele falou que era nos esgotos. Ele falou que tinha um lugar que era no esgoto. Então, os caras ficavam lá meses e saíam de lá para serem mortos. E falou que lá nesses esgotos, com aquela água do esgoto, eles batizavam as pessoas que estavam lá. Falei: “Meu, o que é isso?” O cara sabia que ia morrer, que não ia adiantar, mas ele fazia o que ele achava que tinha que ser feito. Mesmo sabendo que ele ia morrer. Isso pegou tanto para mim.

Assim como outros entrevistados, os projetos para o futuro de Ana estão relacionados à questão profissional/educacional e afetiva:

E daí eu gosto de ser assistente social, mas eu sinto que agora eu estou noutra lugar. Que eu entrei no Mestrado, né? Aí depois, Doutorado. Então, eu comecei a perceber. Eu gosto muito de formação, entender como as coisas acontecem, né? De estudar. Sempre. Então, eu estou mais nesse movimento. Eu acho que meu norte é ser professora ou instrutora, um pouco nessa coisa da formação mesmo. [...] Eu quero muito dar aula numa universidade e quero muito constituir uma família com meu companheiro.

4.1.4 Luís: “Gosto de falar assim: o meu ser completo com Deus”

Como Clara (4.1.2), Luís também é residente do distrito de Cerqueira César. Esse participante, de 32 anos, nasceu em Cambuí, no sul do estado de Minas Gerais, e mudou-se para São Paulo em 2005 para estudar. Sua família toda é de Cambuí, inclusive seus avós. Sua mãe sempre trabalhou na área da educação pública: foi professora do Ensino Fundamental e Médio, vice-diretora e coordenadora. Quando da entrevista, atuava na área de Educação Infantil. Seu pai é Técnico em Agronomia aposentado, de quem sua mãe se separou quando Luís tinha aproximadamente três anos. Seu padrasto é arquiteto aposentado.

Com um jeito de falar bastante vivaz, Luís explica as diferentes influências que recebeu de sua família em termos de religiosidade e valores, salientando que:

Do lado da minha mãe, o meu avô não era religioso, mas a minha avó era mais ou menos. Mas a mãe dela, minha bisavó, era muito religiosa. Ela era do Apostolado da Oração e, enfim, era muito católica. Mas da característica da minha família, da minha mãe, o que vem de mim é a força, é a luta. Vamos lutar, vamos vencer e tudo mais. Já do lado do meu pai, é uma família mais festiva, não é esse padrão católico mineiro de ir à missa todos os domingos, de rezar o terço, de obedecer os princípios morais. Não é isso que reflete o catolicismo na minha família do lado do meu pai. O meu avô, que é pai do meu pai, não era tão católico, nem minha avó, que eu lembre. Mas a família desse meu avô já era mais assim, eram pessoas que frequentavam a igreja, mas faziam muito trabalho social. Então, assim, eu tenho até hoje, uma tia minha, ela faz comida para os moradores de rua. Então, meu vô era político, ele recebia muito pessoas simples, humilde. Então é uma parte mais prática, uma parte mais, já, de ação. Isso também é do meu bisavô e depois do meu avô também. E a minha tia, agora, está começando a fazer a mesma coisa, está entregando marmita e tudo mais. E as minhas tias avós, que é irmã desse meu avô, trabalhava muito em quermesse, né? Essa é a memória afetiva que eu tenho. Então eu também trabalhei em quermesse muito em Cambuí.

Foi seu padrasto, contudo, quem o incentivou a participar da igreja: “Ele fez questão que eu fizesse todos os sacramentos, que depois eu participei como coroinha, ele ficou muito empolgado. Ele que deu mais incentivo nesse ingresso mais na igreja”. Porém, Luís faz questão de esclarecer que nunca houve obrigatoriedade, apenas incentivo e depois ele mesmo “tomou gosto”.

Assim, foi coroinha, fez todos os sacramentos, mas se afastou por um tempo, até iniciar a Crisma, quando voltou a uma maior participação por meio de um grupo de coral e, posteriormente, pela Pastoral da Juventude que, de acordo com Luís, era um grupo dedicado a realizar muitas atividades em conjunto, para além das especificamente religiosas: “E nesse grupo nosso era um grupo que a gente estudava junto no colégio. E depois já ia para a Pastoral e depois já ia pra balada. Então a gente já era um misto, assim...”.

Em sequência, após um processo de reflexão, entrou para o seminário de Aparecida, em 2002, quando tinha 16 anos. Para Luís, “uma linda experiência”, “uma experiência muito bonita”:

Mas foi uma linda experiência assim, porque foi uma conversão. Uma conversão muito bonita da minha parte. Porque do primeiro encontro que eu fui, eu fui com um grupo de amigos. Pensa. Fui para Aparecida, aí, lá, no primeiro encontro, eu mesmo decidi comprar uma Bíblia e comprar um terço. Foi espontâneo: comprei a *Bíblia Ave Maria* e comprei [risos] um terço e, desde então, eu comecei a ler a *Bíblia* e rezar o terço. E eles me deram um método de oração, que hoje eu identifiquei com a *Lectio Divina*, né? E lá eu comecei por Mateus, do Novo Testamento. Mateus, e veio até... li todo o Novo Testamento. Depois tentei começar pelo Antigo, aí a vida foi para outros rumos. [...] É, isso é bonito, foi uma experiência muito bonita que eu tive na minha vida. Então lá eu vivi a proposta do seminário, fiz um bom discernimento, eu cresci, assim na dimensão espiritual, de contato com Deus, porque eu rezava todos os dias. Todos os dias eu ia à capela, ao Santíssimo, e rezava e conversava... Meu, como eu estou falando com você, eu converso... Converso com Deus no Sacrário.

A experiência de Luís no seminário trouxe valores que foram “acalmando” sua adolescência “rebelde”:

Então, isso, percebi que, no começo, agregou muita coisa na minha vida. Agregou valor. Valor, quando eu falo, assim, caráter. Tipo, de não mentir, de não roubar, de não puxar tapete dos outros, de [não] ser hipócrita, de [não] ser, sabe, safado, enfim, esses tipos de valores do dia a dia que estão se perdendo em São Paulo. Eu aderi muito naquele momento. Essas questões de o que é valor, né? A partir da dinâmica da leitura, da oração, da Bíblia e do terço e sem contradizer... e eu acalmei. Eu era muito rebelde. Assim, na, antes da Crisma eu era muito rebelde. O que acontece? Eu sou o segundo filho de três filhos, né? Então eu, queria chamar atenção, por causa que eu não tinha atenção, por causa da caçula, né? E eu me sentia muito deslocado, também, na escola, porque, as pessoas... eu via que não... meus pais eram separados, a questão do meu pai não era resolvida na minha cabeça, então... e como minha mãe era professora na mesma escola que eu estudava, então sempre dava aquelas picuinhas e era um... minha mãe, também, não tinha estrutura para lidar com aquilo, então, tipo, os professores faziam “leva e traz”... Então eu sempre fazia bagunça, era chamado na Diretoria, então todo aquele clima de tensão. Quando eu comecei a fazer, a participar da igreja e tudo mais e fazer discernimento, eu fui acalmando [risos]. Hoje eu continuo um pouco ácido, né, mas é... faz parte. Mas eu acalmei.

Por ter vivido “realmente a proposta do seminário”, ao adotar a prática da oração, “alguns questionamentos começaram a brotar”, então decidiu sair do seminário, pois percebeu que se continuasse, com 27 ou 28 anos, iria ordenar-se padre sem ter *trabalhado, namorado, vivido no mundo*. Assim, após novo discernimento vocacional e um tempo de cursinho pré-vestibular, em 2007, iniciou o curso de Direito em uma faculdade particular na cidade de São Paulo.

O motivo de sua saída do seminário foi ter se “reconhecido como gay” ou, como prefere dizer, “o meu ser completo com Deus”. Afinal, afirma ele:

nunca tive esse problema sobre a minha... o meu ser com o Deus, né? Gosto de falar assim: o meu ser completo com Deus. Nunca tive esse problema. Muito pelo contrário, sempre foi tudo muito tranquilo assim essa relação com Deus. Na verdade, o que me fez sair do seminário foi o motivo de ter me reconhecido como gay. E isso foi muito bonito, porque foi uma dinâmica que eu não me senti culpado, né? Eu gosto de falar isso, porque muitos jovens têm esse momento de crise de culpa. Eu não tive, por causa que a minha vida de oração era muito integrada com Deus. Então, por exemplo, o meu movimento foi conhecer o que a voz da Igreja falava naquele momento, lógico, com 15, 16, 17 anos eu ainda era um pouco fechado, né, hoje eu estou muito mais aberto. Mas eu fui pelo caminho, então eu fui atrás de leituras, atrás de conhecimento, falar com psicólogo. Então isso para mim foi natural. E eu falava: “Então, eu não vou viver isso aqui dentro do seminário. Eu vou viver fora do seminário para ver se é isso mesmo e depois eu retomo”.

Quando Luís se mudou para São Paulo, começou, então, a namorar um rapaz, uma experiência que considera linda, na qual teria realmente encontrado o amor:

Aí eu vim para São Paulo, comecei a namorar [...] foi lindo, porque tudo o que eu aprendi do que que era o amor entre duas pessoas eu vivi com ele. Eu realmente encontrei o amor [...] aí eu namorei, foi lindo meu namoro, eu realmente descobri o amor, né? O que que é amar uma pessoa e poder contemplar esse amor, né? Fazer essa contemplação do amor com ele. Foi muito bonito. As famílias se conheceram e tudo o mais.

Contudo, “veio, enfim, a briga, as diferenças começaram a aparecer”, e o relacionamento terminou, de modo que se sentiu “vivendo a vida de seminarista de novo”, apenas trabalhando e estudando, numa vida de *celibatário*, o que lhe fazia questionar-se sobre sua vocação mais uma vez. De toda forma, esteve muito ocupado no período, pois em meio aos estudos, trabalhou em um banco, de 2007 a 2011. Naquela época,

[...] estava ganhando dinheiro, estava ficando rico [...]. Aquilo me deixou muito prepotente, já era um pouco, né, já tinha, mas aquilo me deixou muito vaidoso. E viajava, gastava dinheiro, estava ótimo, vivia de roupa de marca e tudo o mais. Era muito bonito aquilo... enfim, cheio de luxo. Muito gostoso.

Após o fim do namoro, com o término da faculdade e a demissão do banco, sua vida “entrou num baixo”. Luís, então, começou a buscar experiências espirituais. Foi quando acabou encontrando o Anchieta, em 2012, em virtude de sua participação em uma paróquia jesuíta. Ele considera que tudo aconteceu após ser

[...] mandado embora do banco. Aí foi, assim... aí, pá... me jogou no chão. E quando eu... então eu terminei o namoro, saí do banco, então eu tive uma queda. E terminou a faculdade, então a minha vida entrou num baixo, assim, que foi muito difícil para mim lidar com isso. E eu percebi que eu precisava cuidar de algumas áreas da minha vida... Então eu comecei a tratar a parte psicológica, né? Fui fazer terapia novamente. Sempre fiz terapia, sempre gostei de fazer terapia. E depois, eu falei: “Bom, eu gosto de rezar. Eu gosto de estar com Deus, né? Só que o que eu estou

fazendo não está servindo muito”. Então eu comecei a procurar as coisas aqui em São Paulo, né, então, a RCC [Renovação Carismática Católica], outros movimentos e tudo mais. Não me atraíam. Aí eu descobri o Anchieta. O Anchieta, eu acho que eu fui descobrir pela Paróquia, que eu sempre participei da Paróquia São Luiz Gonzaga.

Começou, assim, a participar do Anchieta, que o atraía porque “era Taizé, era silêncio”:

Aí eu fui na Tarde de Espiritualidade. Adorei, porque os cantos de Taizé... eu já tinha experiências com Taizé no *Ofício Divino das Comunidades*. Esse *Ofício* aqui é meu [apontando para um livro], esse aqui eu... Isso aqui é, eu tenho um *Ofício Divino das Comunidades*. Eu aprendi a rezar lá na minha paróquia, que quando eu voltei do seminário, tinha um pároco muito ligado à Liturgia, lá em Cambuí, em 2004. E ele apresentou para nós o *Ofício*, a liturgia renovada. E aquilo me fascinou muito. Eu fiz todos os cursos, participava muito, me engajava muito. E lá a gente usava os cantos de Taizé também. Então quando eu cheguei em... quando eu cheguei no Anchieta, eu vi que era Taizé, era silêncio. “Nossa, isso tem a ver comigo!”

Luís participou de diversas atividades, tendo-o marcado uma peregrinação organizada pelo Anchieta e, também, os Exercícios Espirituais:

Aí veio a peregrinação, que foi, assim, uma experiência muito linda que eu tive, a experiência da minha primeira peregrinação. Eu chorei muito. Foi muito significativo, para mim, retomar. E daí, então, eu entrei de cabeça também nos Exercícios Espirituais. Aí eu entrei, fui conhecendo os Exercícios, fui percebendo que tinha a ver comigo os Exercícios. Ele fazia mais sentido na minha vida. E aí eu fui entrando, lendo, fazendo.

Envolver-se novamente com a espiritualidade fez com que Luís pensasse em retomar a vida religiosa, no mesmo momento em que continuava dando passos em sua carreira profissional: havia passado no exame da OAB e começado a trabalhar como monitor em uma unidade de preparação para concursos públicos. Em 2014, inclusive, decide iniciar um processo de discernimento vocacional junto à Companhia de Jesus, mas sua candidatura não é aceita. O momento, para ele, “foi muito dolorido, foi muito chato, foi muito... foi uma experiência negativa”. Apesar disso, Luís afirma que sempre teve clareza de que os Exercícios Espirituais são muito bons para ele e de que “a casa Anchieta”, com as atividades de “formação espiritual, eclesial e humanística [...] são muito boas, são formativas”.

Na visão de Luís, o Anchieta é diferente de outros espaços eclesiais por ser frequentado por pessoas de “cabeça um pouco mais aberta” e que estão em momento de formar-se ou querer formar-se academicamente. Ele entende, ainda, que

[...] essa dinâmica de ser da Igreja é diferente, né? Assim, a gente sabe que a gente vai chegar ali para falar a mesma linguagem que as pessoas ali, né? As pessoas entendem, falam a mesma linguagem. É um público, as pessoas que frequentam, é de uma cabeça um pouco mais aberta. Consegue dialogar no mundo, né. Então, assim, você consegue falar de Igreja, consegue falar de mundo, consegue falar de realidade, consegue falar de política, de filosofia, de formação e tudo o mais. Porque geralmente as pessoas estão estudando, né? Ali no Anchietaum... Então, as pessoas que frequentam estão na graduação ou estão querendo entrar na graduação ou têm alguma formação mais específica. Então dá para fazer esse diálogo transdisciplinar lá dentro. E faz parte de mim, hoje, e hoje reflete na minha vida acadêmica que eu estou seguindo.

Luís atribui às formações que realizou no Anchietaum, sobretudo os Exercícios Espirituais, um passo importante para tornar-se “uma pessoa mais forte interiormente”:

Então, assim, eu acho que o Anchietaum só potencializou, né, as coisas, assim. Eu acho que o Anchietaum, ele ajudou a iniciar a minha busca do *magis*, hoje o *magis*, que a gente fala melhor, está ficando mais clara na minha cabeça. Mas lá no começo não era tão claro. Hoje é claro. Mas ele potencializou todas as áreas que hoje eu tenho. Eu já tenho uma visão transdisciplinar, uma visão mais ativa, uma visão mais reflexiva. Assim, isso já é meu, mas ele potencializou isso, sim, eu acho que ajudou. E os Exercícios faz isso com a gente. Ele potencializa suas áreas boas e, às vezes, as ruins também [*risos*]. Mas, enfim, você fica mais potente, né, como ser humano. [...] você se torna uma pessoa mais forte interiormente.

A vivacidade presente na maneira de falar de Luís intensifica-se quando ele explica sua experiência de Deus, sentida em seu *corpo todo*:

Eu não tenho uma imagem de Deus, eu sinto Deus... Então todas as minhas experiências profundas que me fazem manter com Deus, elas sempre partiram... a partir do Anchietaum, a partir dos Exercícios Espirituais, foi de sentir. Essa sensação vem de um bem-estar que vem... É uma sensação de clareza. Por exemplo, as minhas manifestações, que Deus me concede... a Graça que a gente fala na dinâmica dos exercícios é clareza sobre a vida. É clareza sobre alguma coisa que me questiona. Então eu sinto que elas não são produtos da minha racionalidade ou por causa das experiências que eu tive, mas é parte do conjunto delas e mais uma graça que eu recebo que eu atribuo a Deus. Então, Deus é isso para mim. Deus... a minha relação com Deus, ela é muito mais próxima, ela é muito mais clara e ela é mais experimental. Eu experimento Deus, não só na minha cabeça, é no meu corpo todo. Eu sinto Deus no meu corpo todo [...] dentro da dinâmica de oração Deus me toca, me afeta ... e depois na minha realidade, Ele também me toca, me afeta.

Seu envolvimento religioso, no momento da entrevista, era com a CVX que, em suas palavras, “é Comunidade de Vida Cristã, que faz parte dessa dinâmica da Companhia [de Jesus, ordem dos jesuítas], mas não é da Companhia, ela só segue a espiritualidade”. A prática se dá por meio de encontros “em um grupo que fala a mesma linguagem que reza a mesma coisa. E essa pertença de grupo para mim é muito importante. Eu tenho essa consciência que me faz bem, que me ajuda. Isso é muito bom”.

Sobre sua carreira profissional, após ter se formado em Direito, fez especialização em Direito Constitucional. Além do trabalho em um banco, primeiro em *call center*, depois na área jurídica, atuou como advogado trabalhista em vários escritórios, de 2015 a 2017. Na área acadêmica, participou de processo seletivo e ingressou no mestrado em Direito com uma professora que lhe havia dado aulas durante a graduação. Inicialmente trabalhava e estudava, até que conseguiu uma bolsa da CAPES. Assim, no momento da entrevista, dedicava-se à pós-graduação, atuava como voluntário na Pastoral Universitária da universidade privada em que cursa o mestrado e, também, como advogado *pro bono* em instituição do terceiro setor.

Seu maior projeto para o futuro é “continuar na vida acadêmica e trabalhar no terceiro setor” porque “eu gosto, meu coração sente bem, eu sinto paz, eu me sinto realizado, eu sinto inteiro”. Afirma que também gostaria de se “casar, ser feliz com alguém e, se tudo der certo, também adotar uma menina que vai se chamar Teresa” – por causa de Santa Teresa D’Ávila, a quem tem devoção. Admite que também gosta de dinheiro, mas não lhe agrada “a putaria que acontece numa empresa...”, preferindo, assim, escolhas que o deixam mais “tranquilo” e trazem “paz”, escolhas essas que tiveram “total” influência da religião em sua opinião:

Total, total porque... eu fico mais tranquilo, eu fico mais em paz, eu fico mais à vontade. Eu sei que não ganha dinheiro, mas é... eu fico em paz. Hoje eu dou mais valor nessa tranquilidade que eu tenho do que outras coisas. Por exemplo, eu não consigo me submeter a uma empresa que quer ganhar dinheiro e que tem essa questão de trabalhar mais de dez horas, doze horas por dia e, sabe, sabendo que está te explorando e não está pagando o certo ainda. Eu não consigo. Que o que que acontece, eu vejo essa realidade, eu enxergo, faço análise comportamental, e eu vejo que eu não consigo atender, porque eu acho que estou sendo explorado, estou sendo estuprado assim, daí eu fico puto, aí meu... Eu fico puto internamente. Depois eu verbalizo, depois eu tenho um comportamento falho e depois rompe as coisas. Então... eu vi que hoje eu fico mais tranquilo nessas áreas de voluntariado, trabalho com o terceiro setor, vida acadêmica, é isso.

Sobre a vida acadêmica, apesar do cansaço, elenca-a como satisfatória em meio a atividades de lazer, e também afirma gostar de:

[...] conviver com a minha família, convivo, saio com eles para almoçar, sair, jantar, comer alguma coisa. Eu treino, gosto de fazer treino mesmo de academia, puxar ferro. Gosto de atividade física. Gosto de cinema, mas eu estou assistindo mais filme em casa, *Netflix*. E querendo ou não, para mim, leitura é distração, então a vida acadêmica, para mim, não é um peso, para mim é um... é um lazer. Para mim realmente é um lazer. Cansa, né? Tem, cansa, tem a parte burocrática que a gente tem que atender, cansa, mas, para mim, ler, estudar, pesquisar, é muito prazeroso.

Mas não foi sempre que estudar foi considerada uma atividade prazerosa. Em sua percepção, foi somente durante o seminário que despertou para o aprendizado formal:

O gosto pelo estudo veio mais no seminário. Porque na escola eu não ia muito bem. Não era um bom aluno. Hoje eu gosto tanto por causa do seminário. A partir do seminário, eu comecei a ler muito. No seminário eu comecei a ler muito, porque eu vi que na leitura eu conseguia absorver bastante conhecimento. E, interessante, porque eu gosto do processo de conhecimento. Não é do conhecimento em si, mas do processo, é isso que mais me fascina assim.

Os estudos, de acordo com Luís, têm influência sobre sua visão crítica do mundo, no qual enxerga “caos” e “crise”, mas, por estar “no meio do trabalho voluntário”, consegue também vislumbrar “um movimento de paz”:

[...] eu acho que o mundo está um caos. Acho que a gente está se matando, está se degladiando cada vez mais. E não toma consciência que essa é a nossa terra, que esse é o mundo que nós vivemos e estamos aqui para viver, né? Os bens naturais são termináveis, ou seja, por mais que a natureza, ela se reconstitui e faz tudo mais, o ser humano está usando mais do que pode e não tem essa consciência, e é uma lógica do dinheiro realmente, é uma lógica que o que vale mais é o dinheiro, o que vale mais é a ascendência do crescimento do dinheiro, dos investimentos, das bolsas de valores, elas estarem bem. Essa ilusão que eles criam de querer uma coisa estável e realmente não está estável, está tudo instável, mas sempre colocando panos quentes para não estourar uma guerra a qualquer momento. Então de mundo, é assim que eu enxergo o mundo. Eu vejo que o mundo está em crise. Em contrapartida, eu vejo gente trabalhando para o bem. Encontro gente que... como eu estou no meio de trabalho voluntário, como eu estou no meio de caridade, eu encontro mais, então eu vejo que existe um movimento assim bem disfarçado, mas existe um movimento de paz. Existe um movimento de pessoas...

Contudo, ele reconhece os desafios políticos do Brasil, que, por enquanto, impedem a emergência de um projeto comum viabilizado por um estado de bem-estar social:

Eu acho que tudo é muito polarizado, não tem uma capacidade de comunicação. Nós brasileiros não conseguimos encontrar um foco comum. [...] O ponto comum do Brasil hoje não está claro. Não está claro que a gente... que nós... ah, a gente fala de educação. Tá, só que eu falo de educação, aí eu quero educação privada, paga, do meu jeito. “Não, eu quero...” Aí tem um outro que fala: “Não, eu quero a educação pública de qualidade para todo mundo”. Tá. “Eu não quero pagar imposto”. O outro: “Ah, eu quero pagar imposto justo, mas eu quero retorno do imposto”. Não há um diálogo... Um projeto comum de sociedade, que sociedade que nós queremos. Nós temos uma Constituição de [19]88 que visa um Estado Democrático de Direito, que visa a livre iniciativa das pessoas, mas também visa a função social da propriedade. Que visa a função social do contrato, que visa o princípio da solidariedade sobre o pagamento dos impostos e tudo o mais. Só que a gente não tem essa clareza. Nós temos uma Constituição que prevê que o Estado vai dar o mínimo, as mínimas condições como educação, saúde, transporte ou auxiliar no transporte. Só que a gente está terceirizando as coisas, a gente está terceirizando o serviço. O serviço ainda continua sendo do Estado, mas a gente terceiriza, então que figura de Estado nós queremos? Mudou a concepção.

Como outros entrevistados, tem opiniões consideradas “progressistas” em meios católicos. De acordo com Luís, suas posições advêm de uma “visão do Estado”, isto é, “o Estado deve normatizar essas situações e deixar a opção para a pessoa”, e ilustra com a

questão da possibilidade de legalização da maconha: “o Estado vai lá e legaliza, mas ele vai regulamentar, como existe a venda de um cigarro, a venda do álcool, ele vai regulamentar e tudo o mais”. Exemplifica, também, com a questão do casamento homoafetivo, ao mesmo tempo em que entende que a Igreja, em seu âmbito, não precisa ser obrigada “a celebrar esse casamento”:

Se você entrar em detalhe com o patrimônio, entrar num casamento civil, é patrimônio. O regime de bens, quando dá sucessão, quando há a morte de alguém, tudo é patrimonial. Então a população LGBT também tem esse direito, por que não, né? Ponto. Vamos parar de hipocrisia. Isso é parte burocrática, que quando morre um companheiro, o outro fica sem nada. E a família pode ir lá e pegar tudo. É isso que é a parte prática do negócio. Agora, você, Igreja, que não aceita isso, você não vai ser obrigado a celebrar esse casamento [...]. Isso também tem que ser encarado, que isso é liberdade religiosa. E acabou. Essa é a minha opinião.

Como em 2018, quando a entrevista fora realizada, haveria eleições presidenciais, ao ser questionado sobre seu voto, apesar de incertezas, manifestou opção pelos partidos, em sua maioria, ditos de esquerda:

Eu tenho dúvidas assim... Eu tenho muita dúvida, assim, em quem eu votaria. Eu acho que para Deputado Federal eu continuaria ainda com o Ivan Valente ou com a Luiza Erundina. Se ela for candidata pelo PSOL também, eu já vou mais com a Luiza Erundina. Se o Suplicy for para senador, ou se a Luiza Erundina for para senadora, eu voto neles, isso é tranquilo. Presidente eu estou entre Marina, que eu acho que a REDE está se encontrando e... A Marina, acho que a REDE está se encontrando como proposta, mas o Ciro Gomes também me atrai assim um pouco, não pelo projeto do PT ou do pensamento do PT antes, mas os dois me atraem assim como proposta.

Luís, mesmo possuindo um envolvimento religioso, considera que a Igreja deve adentrar o campo político apenas nos assuntos que são de interesse comum ao restante da sociedade, como foi o caso da lei “Ficha Limpa”:

“Ficha Limpa” foi a Igreja mais a OAB e outras instituições que conseguiram instruir? Pronto. Isso ela ganhou força. É ter assuntos que são comuns. E a Igreja Católica tem muito claro isso na cabeça. A sua trajetória de mundo. Alguns bispos, como Dom Paulo [Evaristo Arns], Dom Hélder [Câmara], tinha isso muito claro. Alguns assuntos, é comum. Alguns assuntos, a Igreja Católica sabe: “Olha, se eu for por aqui eu vou ganhar, e eu vou ter um reflexo da sociedade melhor”. Ela não sabe mais fazer isso, hoje, ou ela não quer fazer mais. Acho que ela não quer fazer mais. Ela quer moralizar. Ela quer voltar àquele pensamento antes da Idade Média de moralizar algumas situações, algumas áreas. Não, não é por aí mais. E isso é a voz de Francisco [referindo-se ao Papa] que eu estou falando, isso tem respaldo em Francisco. Francisco é que fala isso, vida em abundância, libertação, alegria, felicidade. São pontos comuns que ele fala. Que remete ao Concílio Vaticano II.

4.1.5 Marlon: “se mudar a vida de uma pessoa, para mim já é o que vale”

Marlon, preto, de 23 anos, chama a atenção pelos *dreads* no cabelo e por ter, nas suas próprias palavras, “uma estética, um estereótipo meio, sei lá, *esse cará é mó descolado*”. À primeira vista parece tímido, mas sua entrevista foi a mais longa da série realizada para este estudo.

Nasceu em Guarulhos, mas, há 17 anos, mora “num bairro periférico de Ermelino Matarazzo, Zona Leste de São Paulo”. Seu pai migrou do interior da Bahia “a trabalho e, também, para sair da casa dos pais”, pois “naquela época não tinha essa coisa... adolescência tardia que fala hoje”. Como há época “tinha muita propaganda de televisão e tal” sobre “as grandes indústrias” e “o pessoal comentava”, seu pai veio sozinho para São Paulo.

Ainda sobre seu pai, conta que “trabalhou em fábrica. Nunca teve profissão fixa. Ele não estudou, não tem formação profissional nenhuma, né? Trabalhou em diversas profissões aí. Já foi carpinteiro, trabalhou de... O que aparecia ele fazia”. Depois abriu um comércio em Guarulhos, todavia, como parentes de sua esposa estavam “passando por umas dificuldades de saúde” e as filhas “tinham que vir para São Paulo para fazer curso profissionalizante, [...] não tinha dinheiro de passagem”, a família mudou-se para a Zona Leste.

Sua mãe, excetuando-se o período que residiu em Guarulhos após o casamento, “sempre morou na Zona Leste”, mas acha que o avô materno era de Sergipe e sua avó materna, baiana. Os pais se separaram no final do ano anterior à entrevista, então Marlon passou a residir *só com a mãe* – o pai foi para Goiás, onde tem um irmão, e conseguiu continuar atuando como balconista de farmácia, ocupação que tem há 20 anos.

Marlon é o caçula; tem duas irmãs mais velhas que “já casaram, tiveram filho, já vazaram”. A mãe, dona de casa, trabalhou em uma empresa até o nascimento de sua segunda filha, mas como teve depressão pós-parto, teve de afastar-se da empresa em que trabalhava e tempos depois a demitiram, de modo que “depois desse período, ela não trabalhou mais”.

Mesmo reconhecendo que seus “pais nunca foram muito religiosos”, ao mesmo tempo fala de diversas experiências religiosas de sua mãe: “ela ainda tinha um senso crítico, assim, de religião, mas, enfim, e frequentou várias igrejas, né? Fazia lá... Já foi das Testemunhas de Jeová, já foi aquela Adventista do 7º Dia fervorosa mesmo, que a gente não podia fazer nada no sábado. Pegava no nosso pé legal”. Depois passou por uma fase de livros de autoajuda:

Teve uma época... Como é que fala? Que ela estava muito... Lendo esses livros de autoajuda, ali. Os livros da Zíbia Gaspareto. Ouvia esses radialistas, sabe? Paulo Coelho, eu acho. Tinha um radialista que chamava Paulo Coelho que ele era meio...

Fazia um programa de Tarô... Essas coisas que envolviam Astrologia. Astrologia. E ela também estava curtindo essa pegada e colocava as plantas para o lado de fora. Tinha algumas superstições, né? “Ah, não pode passar embaixo da escada porque o Paulo Coelho falou não sei o quê”. Não pode, sei lá: “Ah, meu filho...” Tinha algumas superstições, né? Mas nunca me influenciou a nada, né?

Marlon considera que a “religião” de seu pai era a música, e que isso teve peso em sua formação:

Eu lembro que com meu pai, assim, eu tinha... A religião dele praticamente era música, porque ele ouvia bastante música, entendeu? Então, se eu tenho algum conhecimento musical hoje, tanto de tocar instrumentos, como de intelectual mesmo, de gostar de música, música de verdade, né? É... música de verdade, os grandes compositores, você pegar Música Popular Brasileira. Funk também é música popular brasileira, mas você sabe o que eu estou falando. Enfim, foi através dele. Eu via no meu pai a música como religião, sabe? Eu acho que se for agregar algo, a música era a religião para o meu pai.

De acordo com ele, o catolicismo apareceu em sua vida por meio da irmã mais velha:

A Igreja Católica apareceu por intermédio da minha irmã mais velha, depois... Porque tinha uma comunidade no bairro chamada Santa Terezinha que... Enfim, tinha uma mulher lá que levava elas para a escola. Enfim, minha irmã tinha várias amigas e grande parte delas, como o bairro não tinha muito recurso, assim, que nem hoje, né? Não tinha celular, não tinha nada, o negócio era brincar na rua, ir para a igreja, que os grandes grupos juvenis estavam nas igrejas católicas especificamente. Nas igrejas protestantes não tinha. Tinha um grupo de pessoas jovens, mas o pessoal se dedicava mais à música. Grupo juvenil mesmo, de sair, sair para fazer, sei lá... [...] E essa mãe de um... Mãe não. É. Mãe de uma das colegas da minha irmã, ela era ministra da Eucaristia nessa comunidade. E ela começou a convidar minha irmã para frequentar a igreja. Minha irmã gostou, fez a primeira comunhão, depois fez a Crisma, tal. E aí ela começou a arrastar a gente pra lá, entendeu? Levou minha irmã, depois... Tipo, era bem próximo da minha casa mesmo. E aí ela primeiro levou minha irmã. Minha irmã começou a cantar lá também. Depois me levou arrastado para uma quadrilha pra mim ser o noivinho. O primeiro contato com a Igreja Católica, né? Quermesse, cara. Quermesse. Noivinho de Quermesse. Uma garota... Meu Deus do céu. Gente... Enfim, aí foi meu primeiro contato. O padre até olhou pra mim, né? Fez um casamento de brincadeira lá. [...] Eu era pequeno. Sei lá, não gostava de muita aglomeração assim, entendeu? Tinha bastante vergonha, né? E ainda teve que dançar em público depois. E foi inesperado porque ela e as amigas dela estavam organizando essa quermesse. Lá perto de casa estava organizando essa quadrilha. E aí acho que no dia o noivinho ficou doente, teve desintéria, um negócio assim. Ela falou: “Ah, meu irmão está lá. Ele não está fazendo nada. Vou colocar a roupa nele...”

Na verdade, Marlon afirma que sua irmã mais velha teve influência não apenas em seu envolvimento com o catolicismo, mas em várias outras dimensões de sua vida:

Marlon: Eu acho que, das minhas irmãs, quem me influenciou mais foi minha irmã mais velha. A minha irmã mais velha, eu tinha como referência mesmo porque minha irmã mais velha começou a trazer as coisas primeiro para dentro de casa.
Pesquisadora: Você diz o que primeiro?

Marlon: Ah, namorado, a igreja, os cursos profissionalizantes. A minha irmã foi a primeira a andar de ônibus lá em casa. Assim, dos filhos, tá ligada? Foi a primeira a andar de ônibus, foi a primeira que começou a fazer as coisas. Porque ela nasceu primeiro. Enfim, e eu tinha ela como referência. Era muito legal, cara.

Até mesmo o namorado da irmã mais velha era muito querido por Marlon, alguém que o “influenciou bastante”:

Eu lembro que tinha até um ex-namorado dela que ela namorou durante 6 anos esse rapaz, ele era da igreja. Ele que me apresentou o Anchietaum. Ele que falou do Anchietaum, da espiritualidade inaciana, tal. Só que isso ele não namorava mais com a minha irmã. Ele é meu padrinho de Crisma e de Batismo. Eu escolhi ele. É uma pessoa especial para mim. Tanto que quando eles terminaram o relacionamento deles, acho que eu tinha uns 13 anos, cara. Eu estava indo para a celebração com a minha irmã, a minha irmã fazia parte de um ministério de música e falou: “Olha, eu e o Sérgio não estamos mais juntos, tal”. Meu, parei num orelhão assim, chorei que nem uma criança. Falei: “Não, você não vai...” É... porque ele, também, foi, tipo assim, foi uma pessoa que me influenciou bastante. Me levou no centro da cidade. A gente tinha um Super Nintendo lá em casa que primeiro foi dos primos, dos nossos primos, que passou para a minha irmã mais velha, passou para a minha irmã do meio e passou para mim. E a gente só tinha uma fita, cara. Uma fita com 12 jogos. Cansei de salvar *Super Mario World*. Acho que eu salvei *Super Mario World* umas 500 vezes. Salvei da forma mais prática, você pega o atalho lá e vai para o outro mundo e passando por eles. Mas ele que me trouxe no Centro [de São Paulo], ele me ensinou a comprar as fitas. Ele passou um pouco dessa infância, sabe? Infância, infante-juvenil, já indo mais para o lado da adolescência, de conhecer os lugares, de... sei lá. Ele fez a primeira festa de aniversário que eu tive.

Como no dia da entrevista Marlon acabara de participar de uma atividade no Anchietaum que havia abordado a questão familiar, ele disse que naquele momento “estava até pensando nos pontos positivos e negativos que cada irmão tem, da representação da família mesmo”. Apesar da irmã do meio, que considera ser a “a casquinha de ferida dos irmãos”, “a irmã que dá problema”, no geral, identifica valores importantes herdados de sua família, como:

[...] companheirismo, responsabilidade, honrar com os compromissos, ter ali o trabalho como algo que enobrece, né? Meu pai nunca deixou de trabalhar. Às vezes que ele ficou desempregado, assim, que ele parou de trabalhar, ele parou porque ele achou que era o melhor para nós, enquanto pai, né?

Ao retomar sua inserção no catolicismo, Marlon declara que só começou “a frequentar mesmo, gostando, com uns 10 ou 12 anos”. Novamente, por influência de sua irmã mais velha, que o levava consigo para um espaço religioso enquanto fazia um curso profissionalizante. Ele se lembra que

[...] tinha um espaço de convivência para... para o pessoal que tinha até irmã... Eu lembro que minha mãe tinha que fazer tratamento, tal, e a minha irmã me levava comigo para o curso, porque eu estudava de tarde. E ela saía um pouco mais cedo e me levava para a escola. E eu ficava lá. E tinha a missa das crianças, tinha uns padres lá que conversavam com a gente. Tinha umas dinâmicas, tal, interessantes, que retratavam a espiritualidade Salesiana e falava um pouco de Deus ali naquela coisa. E eu já na vivência no meu bairro, eu comecei a me habituar. Aí eu tomei a decisão: “Agora eu vou fazer... Eu quero fazer mesmo Primeira Comunhão”. Depois fiz a Crisma.

Contudo, foi aos 13 ou 14 anos que “a vida de adolescente estava começando a influenciar um pouco” seu pertencimento religioso, conjuntamente à sua situação social, pois como *sempre foi muito pobre*, não tinha condições de *ter um lazer, ir no shopping, sair*, e pensava: “Olha, jovens lá indo no Mcdonalds, indo jogar fliperama. E eu estou indo fazer o Crisma, cara? Que chato, cara. Pelo amor de Deus”. De todo modo, até os 14 anos, “triste, ou não, se fosse fazer sentido ou não [...] ia para a celebração todo domingo”. Às vezes estimulado por sua mãe, que, mesmo não sendo católica, “via um potencial”, pois se tratava de “uma comunidade de pessoas que queriam transmitir o bem na medida do possível [...] queriam falar da palavra de Deus e ela achava que aquilo era bom para mim e fazia com que eu fosse”.

Por volta dos 15 anos, afastou-se da igreja, mesmo período em que começou um curso profissionalizante no SENAI e a trabalhar em uma empresa, na qual estava até o momento da entrevista: “Foi o primeiro que eu fiz de Aprendizagem Industrial. Fiz Marcenaria. E daí nos 15 eu já comecei a trabalhar como menor aprendiz numa empresa que eu estou até hoje. [...] Horário integral. Trabalho das 7h às 17h”.

Foi novamente a irmã mais velha quem o estimulou a fazer algum curso, pois ela mesma sempre procurava algo para aprender que fosse gratuito:

Vamos fazer... cursos e cursos, tá ligada? Fazia Jazz não sei onde, fazia... O que aparecesse, minha irmã fazia [...] de graça. A gente não tinha condições de fazer nada pago, assim. Eu acho que o único curso pago que a minha irmã fez foi um curso na [escola de inglês] CNA, que durou um pouco de tempo só, mas aí depois ela desistiu, tal.

Além do trabalho e dos estudos, uma garota com quem iniciou um namoro aos 16 anos também fez com que se afastasse de suas práticas religiosas, pois ela “era protestante [...] da Assembleia de Deus”. Contudo, o não se reconhecer na religião da namorada, conjugado a uma insistência para que Marlon se convertesse, minou o relacionamento. Ele considera que

[...] a Igreja Católica tinha outra pegada, era diferente da dinâmica que o pessoal da Assembleia de Deus tem. Eu não conseguia me concentrar para fazer minhas orações pessoais. Eu me sentia mal. E esse era um problema no relacionamento. Porque a minha ex-namorada meio que queria que eu passasse para o outro lado, que eu tomasse a atitude de me apresentar para o pastor da igreja que ela frequentava lá. Mas aí não deu. Ela também passou por uma crise porque antes de me conhecer, ela frequentava a igreja, daí parou de frequentar por conta desse problema. A gente ficou nesse período de inércia até 2014. Foi quando a gente teve problemas maiores dentro do nosso relacionamento. Eu resolvi terminar o relacionamento porque eu estava com esse problema mesmo de identificação de religião mesmo, entendeu? Com um pezinho, tipo, eu estava com o pezinho ali na igreja evangélica, mas não por... tipo, não era o que o meu coração sentia que eu deveria fazer. Era mais por aquela atração física, porque ainda assim mesmo que eu pensasse que fosse amor, eu acho que não era amor verdadeiro. Amor incondicional mesmo. Aquele de Oséias pela prostituta, né? Era um amor, assim, de juventude e que me marcou bastante. Eu carreguei ele até hoje. Durou dois anos. Até 2014. Comecei a namorar com ela em 2012. Em 2014, a gente: “Não dá mais não, cara. Eu quero voltar para a Igreja” [Católica].

Marlon diferencia “as grandes congregações protestantes”, com as quais é possível “abrir mão dos princípios que regem a instituição religiosa, a religião em si para partilhar com outras religiões, outras denominações”, do que presenciou nas práticas da religião de sua ex-namorada: “era, tipo, uma lavagem cerebral mesmo que o pastor da igreja queria fazer como se ele estivesse... estimulava mesmo. Colocava pressão. Eu me senti pressionado, não aguentei”.

Foi a irmã mais velha, de novo, quem o influenciou a voltar a frequentar uma paróquia católica, ao que aquiesceu, pois também não tinha muitos amigos ou outras coisas para fazer além de trabalhar e estudar:

Aí minha irmã mais velha, que morava comigo falou: “Ah meu, você está triste aí, você está pensando nesse relacionamento que você teve, tal. Com essas convicções da sua vida aí, mas é legal que você fosse para a igreja. Que você tentasse retomar a sua caminhada cristã. Eu vou lá na igreja, tem um grupo de jovens mó legal. Tem um monte de jovem. Deixa essa deprê aí, né?”. Falou pra mim. Aí eu falei... Chegou uma hora que eu falei: “Quer saber? Eu vou lá. Estou fazendo nada, meu. Estou fazendo nada. Eu vou lá, entendeu?”. Não fazendo nada mesmo. Literalmente, porque tem jovens que tipo: “Ah, eu tenho vários compromissos, eu tenho muitas amizades”. Por mais que pareça, as pessoas olham para mim, tipo, não sei se eu tenho, se eu tenho uma estética, um estereótipo meio, sei lá, “esse cara é mó descolado”. Eu nunca fui isso, cara. Nunca fui isso. Tenho pouquíssimos amigos. Amigos mesmo, sabe? Porque... Nunca fui comunicativo, assim, entendeu? De ter muitos amigos, descoladão, tal. Meu, era do meu trabalho para casa, eu fazia as minhas... Fazia os meus compromissos, mas até tinha medo, entendeu? Quando uma garota se aproximava, quando alguém falava: “Mano, vamos lá não sei aonde. Eu tenho um rolê na casa de uma mina”. Eu falava: “Não cara, tenho um rolê mais da hora. Ficar em casa”. Aí, enfim, em 2015 eu falei: “Ah, eu vou para a igreja”. E lá eu comecei a me identificar com jovens mais novos do que eu. E ali eu comecei a retomar minha caminhada cristã, né? Comecei a levar até a sério demais. Estava muito intensa a coisa. Eu ia pra igreja... Chegou um momento que eu... Aí depois quando eu voltei, aí fui intenso, assim, sabe? Tinha vez que eu ia para a igreja todos os dias. Todos os dias. Tudo que era oportunidade de ir, assim, eu ia.

No mesmo ano de 2015, quando voltou a frequentar uma paróquia próximo de sua casa, conheceu o Anchietanum, pois no bairro, na paróquia, segundo suas próprias palavras, *estava pequeno*, ou seja, não havia perspectivas, e ele “queria respirar novos ares”:

Enfim, e aí ele [ex-namorado de sua irmã e seu padrinho de Batismo e Crisma] falou para mim, e eu estava meio já... sabe? Fazendo tudo aquilo talvez para preencher um espaço vazio que eu ainda tinha, porque hoje eu vejo que era para preencher um espaço vazio, assim. Não era propriamente dizendo a espiritualidade, assim, sabe? Contato... Intimidade com Deus. Era coisa de jovem. Eu estava querendo esquecer aquela realidade que eu estava vivendo ali, aquele momento de tristeza do término do relacionamento, de algumas outras coisas que não estavam dando certo. Estava fazendo isso. Eu já estava começando a ficar cansado disso. Das pessoas, das críticas que as pessoas levantavam nessa paróquia, nesse bairro. Estava pequeno. Eu queria respirar novos ares. Eu falei: “Ah, acho que vou nesse lugar”. [...] Ele falou: “Lá tem o Padre Vicente⁶⁹, é um cara excepcional, é um cara muito legal. Muito legal. Eu espero que você goste”. Aí ele me deu aquele folheto dos “passos para a oração de meditação e o folheto da Oração de Santo Inácio. E aí, meu: “Nossa, uma igreja faz isso aqui, cara? Que qualidade, velho. Que comunicação visual ferrada, legal, mano. Eu vou ir nesse lugar. Vou ir nesse lugar”.

Como não tinha muitos amigos, Marlon foi sozinho ao Anchietanum, pela primeira vez, participar da atividade “Tarde de Espiritualidade”. Lembra com entusiasmo de cada detalhe desse dia, de como foi recebido pelo padre responsável pela casa à época (“fica à vontade, a casa é sua”), das freiras que usavam calça jeans⁷⁰ (“mó divertido, né?”), da frase que viu inscrita na capela (“aqui se entra para louvar o Senhor e se sai para amar os irmãos”) e dos detalhes arquitetônicos do edifício, pois ele cursava, naquele momento, um curso de Desenho de Construção Civil.

Depois que passou a frequentar o Anchietanum, “experiência, assim, fora de série”, tentou levar algumas das ideias para sua comunidade local, contudo, as novidades não foram bem recebidas:

Daí, então, eu ainda frequentando a comunidade do bairro, falei para os meus colegas de grupo de jovens disso. Fiz algumas experiências lá, também me taxaram de maluco, né? Algumas experiências que depois de algumas atividades que eu fiz aqui no Anchietanum, as primeiras que eu fiz, que eram mais voltadas para a espiritualidade, não para formação, enfim. Formação humana no caso. Era mais para o lado da espiritualidade. “Escola bíblica”, fiz “Catequese Narrativa”. Eu levei algumas experiências da catequese narrativa para o grupo de jovens. Nosso grupo de jovens era um grupo de jovens muito fechado no bairro. Ele não se comunicava com grupos de jovens alheios que tinham, sei lá, uma relação com Pastoral da Juventude, com lideranças juvenis. Era um grupo de jovens bem religioso e bem interno ali. O

⁶⁹ Padre Vicente (nome fictício) é um jesuíta que chama a atenção por usar barba e cabelos compridos, trajar roupas informais e ser versado em distintas manifestações artísticas (desenho, pintura, contação de histórias etc.).

⁷⁰ O Anchietanum tem como colaboradoras freiras de congregações ligadas à espiritualidade inaciana, como as “Irmãs de Santo André”, que não usam hábito.

que a gente fazia mesmo era ir para a Canção Nova no PHN⁷¹ no final do ano e, de vez em quando, a gente fazia uns trabalhos voluntários pelo bairro mesmo. Entregava café da manhã, visitava alguns idosos do bairro, entendeu? Fazia luau, fazia algumas coisas em praças públicas que tinham lá no bairro mesmo [...]. Eu levava algumas experiências, tentava montar algumas coisas quando eles pediam e ajudava com música, né? Como eu toco percussão, então, a gente tinha um grupinho lá que meio que fez um ministério jovem, né? Enfim, aí a gente... Eu animava dessa maneira. Mas a gente nunca teve, tipo... Até levei depois. Falei: “Olha, lá nessa casa tem umas formações interessantes que eu acho que vocês podem fazer como representantes do grupo de jovens e tal”, mas eles não curtiram muito a ideia não, e está aí aberto até hoje.

Aos poucos, o contato com o Anchieta e com outras obras jesuítas, somado à forma como sua comunidade local foi refratária às novas ideias que sugeria, fez com que dela se afastasse. Marlon já não se identificava com uma espiritualidade de *intimidade com Deus no grito*, preferia uma prática mais contemplativa, respaldado nas atividades que realizava na instituição:

Se no meu relacionamento eu tive um problema em ter intimidade com Deus por conta dessa coisa de, sei lá: “Eu quero intimidade com Deus no grito”, sabe? “Vou gritar para Deus me ouvir. Falar bem alto”. Eu não tinha isso. Nunca tive isso de fato. Até mesmo algumas coisas, assim, que são muito caricatas da própria Igreja Católica, das celebrações, ritos. Eu não curtia muito, mano. No Anchieta, eu tive oportunidade de, tipo assim, é como se fosse uma coisa que fizesse parte da minha autenticidade religiosa, sabe? Uma coisa que era muito eu, assim, essa coisa... Sabe? Não preciso nem... Porque, às vezes, eu não tenho nada a dizer a Deus. Mas Deus está dizendo para mim, né? Essa coisa da contemplação mesmo. Eu acho que é muito isso hoje também. Deus nunca desampara a gente, mas a gente desampara ele. Porque a gente perde essa... Que acaba deixando de lado essa conexão com Deus. Ele está sempre conectado. Seja num rito ou em outras coisas mesmo, né? Numa pintura, você lembrar de algo que foi muito significativo no seu dia. Rezar algo também, fazer memória de algo. E no Anchieta eu tive a oportunidade de ter contato com essas coisas, entendeu?

Além da espiritualidade inaciana, ele reforça, ainda, outros aspectos que o atraem ao centro de juventude em estudo, como o fato de poder se assumir como é, verdadeiramente, de ajudar a construir uma singularidade:

Eu acho que reforça a autenticidade. Você pode ser quem... quem você é de fato mesmo, de verdade, ou não. Vai depender de cada pessoa. [...] O Anchieta te dá perguntas, né? Eu acho que pelo menos ao meu ponto de vista, ao meu ver, a vida é movida quando a resposta da sua pergunta é outra pergunta. Eu vivo muito assim, sabe? Tipo, a resposta da minha pergunta, eu vou estar fazendo outra pergunta. Sempre. [...] Hoje, eu entendo que se eu tiver num assunto legal, eu vou me

⁷¹ A Comunidade Canção Nova faz parte do movimento Renovação Carismática Católica (RCC) que, conforme categorização apresentada no item 2.4 deste estudo, faz parte da tendência dos “modernizadores conservadores” do catolicismo brasileiro. O PHN (“Por Hoje Não, por hoje não vou mais pecar”) é uma proposta da Canção Nova cuja inspiração, de acordo com Francisco José dos Santos, conhecido como Dunga e idealizador da proposta, é: “Ensine os jovens a dizerem não ao pecado”, conforme informação disponível em: <<https://eventos.cancaonova.com/cobertura/o-que-e-o-phn-como-nasceu/>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

aproximar e vou comentar. Se eu ver que não tenho nada a dizer, eu também não vou falar nada. Vou só ficar lá no meu cantinho. Se eu estiver comendo, eu vou continuar comendo. Se eu estiver vendo alguma... eu vou continuar, enfim. A confortabilidade. A autenticidade. Você pode ser quem você é. [...] mas quando eu estou mais no meu ambiente de trabalho ou qualquer outro lugar, meu, as pessoas falam tanto de quem você é e querem moldar você ao que elas pensam que você deve ser, que chega uma hora que você fala: “Pô, será que é isso mesmo, cara? Será que eu sou muito religioso? Será que eu sou muito... muito bonzinho? Será que eu sou muito... Falo sim para todo mundo? Será que eu...”. Não sei. Eu começo a me questionar, dar atenção para o que as pessoas querem que eu seja e não dou atenção para o meu eu especificamente, o que eu quero para mim, sem esse ar arrogante. Por isso que eu falei da autenticidade. Não é uma arrogância. Eu quero fazer isso porque é o melhor para mim, mas em algumas ocasiões, se eu tiver que ceder algo, eu vou fazer isso, mas parece que nesses espaços, você tem que ceder a todo tempo. Você é moldado pelas pessoas, pela opinião das pessoas, entendeu? “Ah, você tem que cortar esse cabelo. Cabelo feio, cheio de caspa, cheio de carrapato. Bob Marley tinha carrapato, sabia?”. Meu, eu não sou... Eu não gosto de reggae. Eu não gosto de reggae. Eu não gosto, eu não sou rastafári, cara. Você entendeu? Eu tenho barba, mas eu não sou rastafári, sabe? Eu não sigo rastafarianismo, eu não fumo maconha. E a todo tempo. Tipo: “Teus amigos estão casando. Você tem que casar. Agora você começou a namorar. Você tem que casar”. Não. Não estou pronto para casar ainda. [...] Enfim, é isso que me atrai aqui no Anchieta. Eu posso ser quem eu quero ser. Eu me sinto confortável.

Na visão de Marlon, entretanto, nem todos os jovens estão preparados para as atividades do Anchieta ou se identificariam com a instituição:

[...] eu acho que não é para o público geral, sabe? Algumas atividades não são para o público geral porque foi o que eu falei. Tem alguns espaços religiosos que o pessoal não está preparado para isso, cara. Eu consegui me identificar e é uma vivência diária que você tem que ter com os Exercícios Espirituais, com a dinâmica que a casa propicia, com a dinâmica da Companhia de Jesus, entendeu? Dos jesuítas, e ainda assim existem jovens que de início, eles são... É que nem eu. Que nem o cego Bartimeu, entendeu? Eles vão e começam a se identificar, mas eles querem conquistar a graça de Deus através daquele... Através do grito, através das orações, do falar em línguas. Ele acha que se ele assumir um cargo na comunidade dele, como ministro da Eucaristia, com o Acolitato, com o altar, ele já é o “top”, é isso que vai levar ele a Deus. E algumas atividades aqui, tipo assim, elas abrem a sua curiosidade a, sei lá [...] Não sei se eu expliquei direito, mas algumas atividades não são para o público em geral, entendeu? Tem algumas pessoas que são extremamente leigas e preconceituosas ainda assim. [...] Então, ainda existe muito preconceito. E só vindo mesmo, só tendo uma experiência, só conversando que a pessoa vai ter esse... Sabe? Vai ter esse “start” na vida para ver se vai se identificar com a característica dessa experiência de oração ou não. Ninguém é obrigado a fazer o que não quer também. Eu poderia ter vindo aqui naquele ano de 2015, só participado da “Tarde de Espiritualidade”, ir embora, não ia fazer diferença nenhuma. Para mim, foi uma experiência muito gratificante, muito... totalmente diferente.

Um dos momentos mais marcantes de Marlon no Anchieta foi durante os Exercícios Espirituais para Jovens (EEJ) de Carnaval daquele ano, pois, em meio a muitas dúvidas em sua vida pessoal, a frase dita por um padre que o acompanhou durante o retiro continuava reverberando em sua memória. Segundo ele, sempre que se sente

[...] mal, assim, eu acabo lembrando disso, dessa palavra que ele disse. Um significado muito legal e foi algo muito interessante para mim. Acho que me marcou mesmo assim, sabe? Aquele olhar dele, o olhar quando ele abaixou assim e falou: “Marlon, cuide-se”. Foi embora. Falei: “Meu Deus do céu. Fui para um retiro e não fiz nada. Resposta nenhuma. “Cuide-se”. O que é isso? Mas foi muito interessante.

Também estava viva em sua mente a experiência do terceiro e último módulo do “Espaço Projeto de Vida” que acabara de concluir:

E nesse caminho, que nem agora eu fiz esses 3 módulos do “Espaço Projeto de Vida” e... eu não sei a conclusão que as outras pessoas tiveram desse espaço, mas eu acho que o “Espaço Projeto de Vida” em si, ele é como as outras atividades da casa. Ele vai abrir, ele vai aflorar sentimentos para que no caminhar da vida você tenha essa ferramenta para ajudar a desenvolver melhor ainda o seu projeto de vida, entendeu? Não usando o projeto de vida como uma ferramenta técnica, sabe, algo técnico [...]. E o Espaço vai te ajudar a pensar, a desejar projetar a vida. É um estímulo. É um estímulo. Faz com que você crie o desejo de projetar a vida. Não que você já tem que automaticamente fazer isso. Mas no caminhar da vida, você vai ter uma dinâmica melhor nesse projetar da vida.

Em relação a seu projeto de vida, em termos profissionais, Marlon tem questionado a trajetória seguida até o momento, já que desde os 15 anos trabalha na mesma empresa, atualmente como auxiliar de produção de móveis para escritório. Quando conquistou o emprego, imaginava que trabalharia naquele ambiente para o resto de sua vida:

[...] eu era muito imaturo ainda. Tipo, eu não pensava no que... Para onde esses móveis vão? Quem vai sentar nessa cadeira? Quem é que vai usar essa mesa? Será que nessa mesa aqui vão assinar grandes contratos, grandes cooperativas, corporativas de crédito? O pessoal vai fazer isso nessa mesa que eu produzi, entendeu? Eu não tinha essa visão. Era só produção mesmo. Era só ganhar o dinheiro.

Fez outros cursos técnicos para complementar sua formação na área, como Marcenaria e Desenho de Construção Civil, mas estava “[...] sempre com o pezinho ali em Ciências Humanas”. Marlon lembra que na escola, antes da educação profissionalizante, “[...] escrevia poemas, gostava muito de redigir textos, roteiro”, participava de ações sociais e gostava muito de ouvir e fazer música.

Ele relembra da experiência de, antes de ingressar em Desenho de Construção Civil, ter feito cursinho. Contudo, as pessoas de seu entorno “[...] não falavam tanto de universidades públicas” e, quando falavam, tinham no imaginário um “[...] lugar de maconheiro, de divagante, fumante”:

Eu fiz cursinho porque eu já queria entrar na universidade. Lá em 2014, o pessoal do meu convívio ali que passou por essa formação comigo no curso técnico, que eu fiz

no SENAI e na escola, eles não falavam tanto de universidades públicas. [...] Não tinha essa coisa de: “Ah, eu quero estudar na USP. Eu quero estudar na USP. Eu quero estudar na Unifesp”. Você não via tantos jovens falando de universidades públicas, até mesmo porque a universidade pública era... Os pais... Já tinha o mau exemplo dos pais. Os pais falavam: “Ah, universidade pública é lugar de maconheiro, de divagante, fumante. Não quero meu filho estudando na universidade pública. Vou pagar. Vou pagar sua faculdade na Unip. Vou pagar. Vou pagar, não sei o quê”.

Com uma bolsa do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), cursou Desenho de Construção Civil, que concluiu em 2016, em uma instituição privada. Nesse mesmo ano, ingressou no curso técnico em Edificações no Instituto Federal de São Paulo (IFSP), local em que estreitou relação com a universidade pública e com os jovens desse tipo de instituição:

Aí lá que eu tive essa relação... Aí lá que eu comecei... Tive essa relação com a universidade pública. Instituição pública, os jovens da instituição pública, como eles eram, como eles agiam e eu nem... E a minha modalidade era técnica. Não era uma graduação. E o pessoal... O pessoal que andava comigo achava que eu já estava na faculdade. “Ele estuda no IF. O cara é bom, mano. O cara faz... O cara é mó cabeça”. “Ih, rapaz, eu faço um cursinho técnico lá, meu”. Porque na época, o governo não tinha cortado as bolsas, tal. Então, eu ganhei a camiseta, ganhei o moletom do Instituto Federal.

Marlon pôde, assim, formar sua própria opinião – e positiva – dos estudantes universitários de instituições públicas, tendo a percepção de que o ensino nesses espaços era distinto do que havia experienciado até então:

Ah, achei bem interessante. No começo sim e o reforço que eu vi na área que eu estava procurando estudar, tipo, no IF era totalmente diferente. As aulas eram muito mais sérias. Conteúdo de faculdade mesmo. Faculdade nessa área. De lá também saiu o meu relacionamento. Porque a Suzana fazia Turismo. Fazia Gestão de Turismo. Já era do curso superior. Foi lá também que eu tive essa... Por isso que eu falei. Esse contato com jovens do Ensino Superior. Já ia começar, sei lá, a frequentar os barzinhos, né? Ver aqueles papos revolucionários, papo cultural, tá ligado? De jovens universitários, e eu gostava muito desses assuntos. Divagava nesses assuntos, cara. Lá, eles tinham o coletivo. Um coletivo... Não era um coletivo. Eles não gostavam dessa denominação de “coletivo afro”. Falavam que era uma organização afro para não levar o nome da faculdade. Mas todos os eventos que eles propiciavam eram dentro da faculdade, tinha que levar o nome da faculdade. Da instituição de ensino.

Ao mesmo tempo, percebia certa diferença ao enxergar com mais realismo questões materiais envolvendo as iniciativas do coletivo afro que havia começado a frequentar: “[...] ‘a gente é independente. A gente vai sair daqui, vai alugar um espaço não sei onde’. Não. Você não vai alugar espaço nenhum. Você vai terminar seu curso, você vai esquecer disso aqui”.

De toda sorte, sentia identificação com os estudantes que conheceu no Instituto Federal e mudou de opinião sobre o “pessoal de Humanas”:

[...] foi lá que eu comecei a me identificar, assim, começar a retomar os critérios que eu tinha com relação a cursos na área de Ciências Humanas, entendeu? Comecei a deixar de lado um pouco desse preconceito também. [...] Preconceito de: “Ah, meu. Esse pessoal de Humanas é tudo vagabundo. São mó vagabundo. Os caras mó fudido. O cara não tem dinheiro pra nada. Se você for fazer um ensaio fotográfico com um grupo de teatro, quando é que os caras vão te pagar, véi?”. Você entendeu? Sabe? Pensava nessas coisas. Também o exemplo dos meus pais: “Ah, meu filho, você acha que isso vai dar dinheiro? Olha, meu filho, não vai fazer Artes não...”

Passou, então, a considerar até mesmo a possibilidade de estudar algo na área que antes desprezava:

Porque, num dado momento, antes de começar a estudar Construção Civil, eu pensei em fazer um curso mais voltado à área de Humanas, né? Sei lá, pensei em fazer Letras, que era um curso que eu gostava bastante. [...] Aí através desse grupo, desse coletivo e de algumas pessoas que eu conheci lá por intermédio dela [atual namorada], eu comecei a retomar a vontade de querer estudar algo na área de Ciências Humanas.

Em virtude da desmotivação no trabalho por uma promoção não lograda e devido à vontade de fazer algo na área de Humanas, Marlon iniciou um curso de teatro, no qual teve uma experiência marcante, que o motivou a seguir os estudos na área de Humanas:

Enfim, aí eu ainda cheguei a fazer mais um curso [...] voltado à construção civil. Isso por ter surgido uma oportunidade de uma promoção dentro da empresa que eu trabalhava. Mas depois acabou não dando certo. Eu falei: “Ah, meu. Não estou gostando disso aqui. Não estou conseguindo arrumar emprego na área. Não estou gostando”. [...] Final de 2017 o curso acabou só que eu tinha DPs para fazer. Eu fui fazendo ali meio que empurrando com a barriga [...] “eu quero fazer algo diferente. Eu quero...”. Eu gostava bastante de fazer teatro, né? Fiz algumas experiências pequenas, cursos rápidos e cursos livres de teatro e aí eu comecei a fazer esse curso de teatro ano passado. Foi um curso de um ano num Sesi lá perto do meu trabalho num Núcleo de Artes Cênicas do Sesi. NAC. O nome do núcleo é NAC. [...] 6 meses você estudava mesmo, fazia... Tinha matérias, tinha aulas técnicas voltadas para a comunicação e teatro e os outros 6 meses, no caso o segundo semestre do curso, a gente trabalhava na montagem de espetáculo. Aí apresentava lá no bairro mesmo, no próprio Sesi e tem um evento final que [...] os Sesi’s se reúnem numa unidade do Sesi que seja um pouco maior, que tenha teatro, tenha anfiteatro e a gente apresenta isso de maneira livre mesmo. Sai até na programação do Sesi. E aí eu fiz isso, a gente apresentou lá, depois a gente apresentou em Araraquara. Novembro do ano passado, a gente foi para Araraquara. E foi bem legal também. Uma experiência bem... Uma das coisas que marcou meu ano de 2018. [...] Mas aí depois disso, já falei: Não vou mais fazer esse curso [Técnico em Edificações]. Agora vou fazer um na área de Ciências Humanas. Vou me envolver com essa rapaziada aí. [...] Não, esse aqui é meu mundo. Fora. Vou trabalhar no escritório mais não.

Ingressou, assim, em 2019, em uma faculdade particular para cursar Produção Audiovisual, curso do qual está “gostando bastante”. Passou, também, a ter uma relação diferente com o trabalho que continua realizando como auxiliar de produção de móveis de escritório, mas agora com uma visão mais “ampla”, diferente das pessoas com quem trabalha:

Porque eu trabalho com pessoas simples. Pessoas... Por exemplo, o mesmo exemplo dos meus pais que tiveram uma vida difícil, que têm uma vida difícil até hoje, pagamento de contas, assumir um casamento, dar atenção aos filhos. Isso aí todo mundo vai passar, à sua maneira, mas, por exemplo, são pessoas que não têm uma visão tão ampla assim, sabe? Estão calejadas. Já sofreram bastante. Então, para eles, tipo, um cara que nem eu, assim, jovem, que curte essas coisas, é estranho, enfim. [...] Por que eu quero trabalhar com desenho e projetos aqui nessa empresa de móveis para escritório? Mas qual a importância desse trabalho? Qual a importância do trabalho que vai... Será que é uma engrenagem? Será que é uma das engrenagens? [...] qual a importância do meu trabalho no projeto final, sabe? Comecei a me questionar com relação a isso e eu não estava dando o devido valor à minha profissão. [...] Fiz algumas coisinhas nesse meio tempo que eu comecei a estudar Construção Civil, mas não estava dando o devido valor ao trabalho da produção. Ao trabalho industrial, operacional. Porque é muito operacional. É muito “maquinha”, sabe? As pessoas não te valorizam, mas eu comecei a olhar de fora e eu vi que cada um... É o que move o mundo.

Sua visão do trabalho realizado por outros profissionais, independentemente da função exercida, também se modificou, de modo que passou a perceber com mais profundidade a relação das pessoas com o trabalho e como isso afeta os sujeitos que interagem com os produtos e serviços gerados nas atividades realizadas:

Comecei a observar todos os pequenos trabalhos. Tipo, o faxineiro. O faxineiro de uma estação de metrô, por exemplo. De um hospital. Um enfermeiro. Qual a importância de cada trabalho e a importância da minha função? Por que eu ainda estou aqui e qual a importância de eu estar aqui? Mesmo que a empresa contrate outro amanhã, o cara aprende o serviço. Pode ser que ele não tenha a mesma visão que eu. Tipo, em fazer aquilo como se fosse para mim mesmo, sabe? Quando a gente compra um celular, compra um fone de ouvido, compra algo, a gente quer que ele venha em perfeitas condições. A mesma coisa com esse trabalho. A gente está comprando aquilo e aí eu comecei a pensar nisso. Tipo, não fazer de qualquer jeito, só porque eu estou chateado, estou desanimado com a minha vida profissional. Com a minha formação profissional. [...] Que eu desenvolva uma dinâmica com esse trabalho para que ele se torne um trabalho agradável. Pensando que sendo um trabalho agradável para mim, vai colaborar muito para quem vai utilizar isso aqui. Quem vai utilizar esse móvel, essa cadeira, essa mesa, se é confortável. Pode ser que uma pessoa que tem problema de coluna vai sentar nessa cadeira e vai sentir confortável. A mesa vai estar numa altura legal, a pessoa vai ter facilidade para regular a mesma, a altura, vai ter, tipo, um gaveteiro que nem esse daí que a pessoa pode guardar documentos do próprio escritório ou ela pode guardar fotografias. Ela pode guardar fotografias. Pode guardar, sei lá, o número do telefone de uma pessoa amada, sabe? Comecei a pensar nessas... Comecei a pirar nessas paradas aí, mano. Falei: é um trabalho simples, mas ao mesmo tempo é complexo. Tudo que a gente faz na vida é assim, mano. Vai de cada pessoa, claro. Você dá o grau de complexidade daquilo. Pode parecer muito simples. Vou lá, faço a mesinha, tal, mas ao mesmo tempo é complexo.

Além disso, Marlon percebeu que sua experiência em Marcenaria e Desenho de Construção pode contribuir na área de Produção Audiovisual, com a criação de cenários e outros elementos.

Sobre o tempo de escola, via-se como um garoto “comportado”, “esforçado”, “dedicado”, que “andava no grupo dos ‘nerds’”. Sofria um pouco por ser mais quieto e comportado. Lembra-se de levar brinquedos e cuidar bem deles, mas “voltava tudo quebrado”, pois seus colegas não tinham o mesmo cuidado. Também teve alguns problemas por conta da timidez, e recorda-se de um episódio em que queria ir ao banheiro, mas tinha medo “de a professora gritar”, então, acabou fazendo “xixi na calça”.

Recorda-se, também, de gostar de ler, escrever e de ouvir músicas. Nesse ponto, sempre apontando a influência do gosto musical de seu pai:

Ouvia as músicas. Ouvia Zé Ramalho. Tinha um álbum lá que... Tinha dois. Tinha um disco que me motivou a escrever, sabe? Tinha um disco dos “Incríveis”. “Os Incríveis” que tinha uns sambas antigos. Samba rock, essas coisas. [...] Acho que era dos “Incríveis”. “O Vendedor de Bananas”. E ele brincava de, tipo, uma métrica que o próprio Jackson do Pandeiro usa, um pessoal que faz literatura de cordel, esses que fazem repente usam também, que você rima com a primeira, com a terceira, tem uma dinâmica de poesia, assim. Enfim, não sei como é que chama isso daí. Esqueci agora. E cantava música. Era bem interessante. E um outro álbum que sempre do nada aparecia uns CDs lá em casa. Tipo, olhava para os CDs do meu pai, eram os mesmos. Passava duas semanas, eu abria a pochete, aparecia uns CDs do nada lá. Falava: “de onde saiu esses CDs?”. E tinha um CD do Gabriel, o Pensador. “Nádegas a Declarar”. Só que eu achava que era um monte de corpo morto ali, sabe? Tinha umas bundas viradas pra cima. Eu não entendia o que era aquilo. (...) E o Gabriel, o Pensador, com aquela venda aqui assim. Meu, aí tinha outra música que acho que ele falava da trajetória dele... Era meio que uma música que tinha um senso político. Acho que ele estava questionando alguma coisa ali com relação ao país, né? A estrutura política do país, mas ele falava de comida... “Eu não como porco! Eu como farelo! Os porcos me comeram de verde e amarelo”. Puta, aí falei: “Mano...”. Eu copieei essa música inteira na sexta série. Eu falei: “Foi eu que escrevi essa música”. Escrevi. Porque a galera não conhecia. Falei: “Não, fui eu que escrevi isso aqui”. “Canta aí, canta aí, canta aí”. “Aí eu começava a cantar”.

Ao falar sobre política e a conjuntura atual, acredita ter um jeito próprio de lidar:

Eu encaro as coisas de uma maneira muito mais pessoal, cara. Não sou o cara que luta por direito, que é militante. Eu faço as coisas na minha mesmo. Na minha e, assim, eu acho que vendo de um ponto de vista mais pessoal, eu acho que tem muito das pessoas também... as pessoas se amarem mais. As relações hoje têm se tornado muito líquidas em todos os aspectos da vida. Político, enfim.

Em sua visão, as posturas de coerência pessoal são muito importantes e compreende que em sua luta política, “[...] se mudar a vida de uma pessoa, para mim já é o que vale”:

E as pessoas falam tanto de política, reclamam tanto da situação atual do país, mas é a mesma coisa que você... [...] Quando você vê os meus colegas de grupo, desse grupo [do Instituto Federal], os caras só viviam em bar, não faziam nada para mudar a sua postura pessoal, né? Pessoas muito depressivas, muito introspectivas, apontando o dedo na cara da sociedade, achando que o sistema molda, assim, o caráter de alguém, faz com que alguém se revolte contra essa situação. Com certeza, mas tem o nosso lado pessoal também, de a gente agir e tentar ver essas raízes, tentar pensar nessa mudança de si. Acho que a mudança acontece por nós mesmos e, assim, a minha luta política é fazer o que eu puder fazer que... Tipo assim, se mudar a vida de uma pessoa, pra mim já é o que vale e eu tenho isso como uma luta política. Como algo político, né? Não de, como eu disse, levantar cartazes, sair pelas ruas em prol de movimento, militando algo... Internamente eu sei que eu tenho erros, sabe? Todo ser humano falha, mas tem uns seres humanos que parece que aceitam os erros. Algumas classes de pessoas hoje em dia, principalmente algumas dessas que militam, que aceitam os erros. Que aceitam os erros, sabe? Eu acho isso muito injusto, cara. Você tem que correr atrás do que você quer, cara. Não é você, sei lá, sair por aí e militar essas coisas e a sua internalidade é meio suja, entendeu? O seu eu ser meio sujo, ser meio conivente com coisas que são negativas, sabe? E que para o sistema, mesmo que o sistema também contra seja negativo, vai identificar mais ainda, entendeu? Se você quer militar algo, tenha postura. Tenha responsabilidade, né?

Por outro lado, Marlon reconhece e valoriza o “sindicato dos professores” como um movimento importante:

Quando vão para as ruas militar, ali tem muitos pais de família, tem pessoas sérias de verdade. Não são aqueles universitários malucos que parece é segunda-feira, 10 horas da noite eu estou num bar com meus amigos divagando sobre assuntos que não têm nada a ver e falando mal do sistema, falando mal das pessoas, falando mal das pessoas que são boas, que estão buscando por esses direitos, entendeu? Então, alguns desses movimentos, eu até acho válido, mas algumas pessoas que saem por aí nessa luta política constante, eu não...

Em relação às tendências político-partidárias, ele diz não ter “[...] muita dinâmica com política”, não se vendo em extremos, pois “[...] tem coisas que esquerdistas vivem que são coniventes e que o pessoal da direita vive que também é conivente, entendeu?”.

Outra questão sobre a qual ele se manifesta, assim como os outros entrevistados, apesar de não ser “[...] simpatizante do uso do entorpecente”, é acerca da legalização da maconha para uso medicinal, pois reconhece que há estudos legitimadores. Mais que isso, Marlon opina que *passou da hora* de legalizar, pois

[...] ia quebrar o sistema, [já que] quem recebe a maior parte do dinheiro do tráfico é o sistema que está imposto aí, né? Não é o cara da esquina. O cara da esquina é um operário. Está trabalhando para eles. [...] é mais favorável para esse sistema a maconha do tráfico e a guerra, muitas pessoas morrendo nas periferias.

No entanto, diferentemente da opinião dos demais participantes desta pesquisa, ele é contrário ao aborto. Apesar de achar “[...] que vai depender da situação”, em virtude da *criação* que teve, diz não conseguir aceitar o aborto “[...] como uma coisa positiva”.

Marlon declara, ainda, o seu maior projeto para o futuro: “[...] independente do que tiver para mim viver nesse caminho, ser autêntico”. Já seu maior medo é *ficar burro* e “perder a vontade de conhecer as coisas”. Sua maior esperança é “[...] que as pessoas ainda possam identificar a beleza oculta nas relações [...], que as pessoas busquem se interiorizar mais para identificar essa beleza oculta que é a verdadeira beleza. Isso daí vai ajudar muita coisa”.

Por fim, expressa que Deus influencia *bastante* sua vida e compreende-o como um *Deus de carne e osso*, “[...] representado nas pessoas que me ajudam nesse projeto do meu projeto de vida”.

4.1.6 Paulo: “uma construção metodológica de fé e vida, de luta social”

Paulo, de 36 anos, conheceu o Anchieta em virtude de sua participação na Pastoral da Juventude (PJ), como Hélder (item 4.1.1), e sua entrevista ocorreu na área externa da lanchonete da Escola Técnica Estadual em que leciona.

De tom de pele bastante claro, conta que a avó materna “[...] é refugiada da Segunda Guerra Mundial, e ela veio da Europa, da Polônia”. Seu avô materno era russo e seus avós paternos são provenientes da Itália. A família paterna instalou-se no interior de São Paulo – em Lins e Getulina –, mas seu pai mudou-se para São Paulo ainda jovem, onde conheceu a esposa, cuja família já era da capital, e juntos foram morar no bairro do Brás, onde Paulo nasceu e cresceu.

Seu pai, de 72 anos, é aposentado, “[...] mas continua trabalhando, ele é metalúrgico. Foi a vida inteira, é torneiro mecânico, metalúrgico”. Sua mãe, de 61 anos, era operadora de telex, mas “[...] ficou desempregada bem na época que começaram a implantar com mais força a internet e que nessa época também teve uma crise grande no Brasil, ela foi cortada e depois não conseguiu mais se recolocar”, de maneira que “[...] depois priorizou ficar em casa e até hoje”. Tem, também, um irmão, de 33 anos, e uma irmã, de 31 anos.

Paulo conta que, durante a adolescência e juventude, teve conflitos com a família em virtude de escolhas feitas:

[...] tem aquele negócio meio incompreensível, né, do jovem não ser tão compreendido por pais. E meus pais sempre de formação e de sabedoria muito simples. Então, essas coisas que eu tentava fazer na escola, na igreja, e tal, não era

muito bem compreendido por eles, assim. Eles até aceitavam, às vezes apoiavam, incentivavam, mas às vezes também ficavam com receio. E às vezes criticavam. Tinha muitas brigas típicas de adolescência, discordância típica de adolescência, mas, no geral, considero que foi uma convivência boa assim, nesse período. Acho que é, como eu disse, assim, acho que tem uma diferença grande de formação, e isso faz com que a proximidade da conversa, da partilha, chegue até determinado ponto assim... Então é lógico que tem a proximidade própria de ser pai e mãe, mas não chega a ser uma cumplicidade que aponta para além disso assim. É apenas uma torcida deles que tudo dê certo, mas às vezes sem compreender direito o que eu tava fazendo, até hoje.

Mesmo em termos de adesão religiosa havia diferenças para com sua família. Ele explica que seus pais não tinham o hábito de frequentar a igreja. Inclusive, teve de pedir para fazer a Primeira Comunhão, porque “[...] via todo mundo na escola fazer e eu queria saber o que que era – como eu era ‘CDF’ – e queria fazer o que os outros tavam fazendo...”. Após esse contato inicial com a religião que, em sua opinião, tinha um saber distinto do escolar e que o agradou bastante, seu envolvimento com a igreja cresceu cada vez mais:

Eu fui fazer a Primeira Comunhão, eu achei muito legal, porque era um tipo de sabedoria que não era uma sabedoria que eu aprendia na escola. E eu percebia que as relações que se tentavam construir ali, elas estavam baseadas a partir de outros princípios. E esse, tipo, é óbvio que hoje eu olhando, né? Na época eu não conseguia ter esse tipo de evidência assim, mas aquilo me atraía assim, tinha um outro tipo de sabedoria que não era o saber racional, que era um saber relacional, que acabou me atraindo bastante. E aí, logo depois da Primeira Comunhão, eu fui para um grupo que é a continuidade da Primeira Comunhão em vários lugares que, né, em vários lugares se chama Perseverança. Depois da Perseverança, eu fui para a Crisma, na idade de quinze anos, que era quando se fazia na minha paróquia [...]. E depois da Crisma, eu fui para o grupo de jovens. Depois do grupo de jovens eu participei de articulações entre grupos de jovens por meio da Pastoral da Juventude [...] É, coordenação de grupo de jovens, depois articulação regional, no bairro, e depois, nesse tipo de articulação, acabei conhecendo, também, centros e institutos de juventude, o Anchieta e outros espaços. Comecei também a fazer formação nesses outros espaços. Formação, vivência, enfim, diversos tipos de atividade. E continuei nessa militância até bem pouco tempo atrás.

Seu envolvimento religioso que, assim como Hélder, chama de “militância”, era motivo de desentendimentos com sua mãe: “Eu lembro, por exemplo, da minha mãe brigando quando eu resolvi fazer jornalzinho da igreja... Eu levava para casa as coisas de fazer o jornalzinho da igreja e ela nunca compreendeu muito”.

Suas escolhas profissionais também foram motivo de divergência familiar, pois

[...] o imaginário dos pais mais simples acaba sendo aquelas profissões mais tradicionais e de mais reconhecimento na sociedade, que inclusive dão mais dinheiro, né, teoricamente. Quando você faz uma opção de ser professor, de estudar as coisas, né, um pouco diferentes ou de trabalhar para uma sociedade mais legal, o medo pode surgir na questão de: “Não vai se envolver, né?”. Como eles vêm também da época da ditadura: “Não vai se envolver em coisas para não ser

retalhado, para não ser morto”. Esse clima que a gente vive, mais presente, agora, por conta da Marielle. Acho que eles tiveram presente o tempo todo justamente porque viveram, né, na sua fase adulta, viveram esse clima no Brasil em que se reunir e fazer coisas diferentes ou debater coisas diferentes era proibido. Mas é a minha leitura sobre eles. Assim, nunca conversei sobre isso com eles.

E, apesar das divergências familiares em relação aos percursos religiosos, acadêmicos e profissionais que tomou, reconhece em si valores transmitidos por seus pais:

Obviamente, na questão de valores, eu sempre cito o exemplo do meu pai... Mas o meu pai, ele sempre foi metalúrgico, ele sempre foi responsável pelo trabalho, né? Ele sempre trabalhou perto da empresa que ele está hoje ainda. A memória que eu tenho de criança assim, é do telefone tocando à noite, porque alguma máquina quebrou, algum cano estourou, alguma coisa não tá dando certo. Ele atender o telefone de madrugada e ir lá trabalhar. Então essa disponibilidade para o trabalho, acho que eu peguei muito do meu pai. Da minha mãe, ela tem um elemento muito forte de luta pela justiça, só que é num plano mais individual assim, de ela querer as coisas justas nas relações que ela constrói na família e com as pessoas que ela tem relação. E aí eu acho que eu acabei transportando isso para justiça social como um todo.

Neste ponto, ressalta-se que, depois de ter diminuído seu envolvimento com a Pastoral da Juventude, limitou-se à participação em eventos em que é “[...] chamado tematicamente a contribuir”, em virtude de considerar importante “[...] esse lance de respeitar o protagonismo da militância juvenil para quem tem até os seus trinta anos”. Por isso o peso de sua atuação profissional na *militância* passou a ser maior:

Então, há uns 6, 7 anos mais ou menos que eu diminuí essa intensidade de envolvimento. E que coincide, inclusive, com o momento em que eu me torno mais fortemente professor, né? Que eu começo a assumir as aulas na escola [...] nessas construções mais militantes profissionais aí que eu tive nesses anos mais recentes.

Ele explica que conheceu o Anchieta porque “[...] por meio da Pastoral da Juventude a gente acaba sendo incentivado a se preparar, a estar também nesses outros espaços”. Seu primeiro contato com a instituição foi com os Exercícios Espirituais de Carnaval. Depois, passou a conhecer as demais atividades, que o atraíram por proporcionar “passos de amadurecimento na fé” que não são possíveis apenas “participando na missa ou só tendo individualmente uma relação com Deus”:

Acho que tem um momento que a fé, tanto do ponto de vista sensitivo como racional, ela vai exigindo novas respostas. Eu acho que a pedagogia que o Anchieta oferecia seja nessa vivência mais de espiritualidade, a partir da proposta Inaciana, seja nas vivências de formação que também combinam espiritualidade – mas tem também essa dimensão da capacitação – elas me proporcionavam esses passos de amadurecimento na fé. Então, depois do

Anchietanum, também conhecer os outros institutos em São Paulo e no Brasil que fazem trabalhos similares com outras ênfases, acabam fortalecendo meio que essa rede nacional e até internacional de como amadurecer e aproximar fé e vida. Eu acho que esse é o lance de ser... As novas respostas que a gente não encontra só participando na missa ou só tendo individualmente uma relação com Deus, mas aquilo que estimula a conexão dos saberes racionais com os saberes sensitivos e com o projeto de vida, com o que faz a interligação e faz tudo fazer sentido.

Paulo considera que o momento mais marcante de seu percurso no Anchietanum foi a participação no “Voluntariado Jovem”,

[...] porque ela é muito de imersão⁷², né? E, para mim, foi muito forte o lance de passar os dias comendo com pessoas vulneráveis, dormindo com crianças em situação de rua e refletindo e rezando sobre tudo isso. Então, eu acho que isso foi um divisor de águas na minha experiência do Anchietanum, que, inclusive, eu acho que foi logo no início – deve ter sido depois que eu fiz as cinco etapas dos Exercícios Espirituais, eu fiz o “Voluntariado Jovem”. E aí, eu acho que o “Voluntariado Jovem” acabou me estimulando e me fortalecendo para as outras inserções e nos outros espaços.

Ele se recorda, também, da importância dos Exercícios Espirituais para refletir sobre experiências vividas e romper com determinadas lógicas:

[...] como eu sou muito racional, acho que ter uma metodologia de sistematização e registro da experiência para poder refletir sobre a experiência, acaba sendo importante assim. [...] pensando em memória afetiva, a primeira que me vem à cabeça, que deve ser ou na primeira ou na segunda etapa assim, é o lance de não ser um colecionador de pedrinhas para oferecer a Deus, mas para me esconder atrás das pedrinhas que eu tenho para oferecer... mas do amor direto entre Deus e o ser humano que me ama do jeito que eu sou. Acho que essa proximidade que me faz romper com as minhas lógicas, assim, do tipo: “Eu quero que as pessoas, que Deus goste de mim por aquilo que eu faço”. Essas surpresas, né, de formação que vão fazendo com que a experiência de relação com Deus e com a sociedade mude. Eu acho que são as afetivas que mais me marcaram no caminho assim.

Paulo tem a percepção de que encontrou no Anchietanum um saber distinto do “saber escolar”, da mesma maneira que havia encontrado em suas primeiras experiências religiosas:

[...] o saber que era oferecido numa dinâmica na igreja, e até meio catequética mais tradicional assim, atraía, porque era um saber diferente do saber escolar. Eu acho que justamente tinha essa dimensão de... “tem alguma coisa aqui para eu aprender, para eu vivenciar, que me faz crescer”. Pelo menos essa é a sensação, que em outros espaços não é ofertado. E aí isso me faz crescer inclusive em dimensões importantes de saber ser comunidade, de saber trocar e saber estimular que outras pessoas também façam parte dessa dinâmica de colaboração, de integração. Então, acho que é um tipo de saber que não é ofertado em outros espaços corriqueiros.

⁷² Cf. nota 63, p. 136.

Foi também no Anchiétanum, por meio da atividade “Espaço Projeto de Vida”, que chegou a três prioridades que balizavam sua trajetória até o momento da entrevista:

O “Espaço Projeto de Vida”, que era um dos espaços – não sei se existe até hoje ou não –, foi um dos que eu fiz e depois, também, não me lembro, mas eu acho que eu cheguei inclusive a colaborar na execução depois. Ele foi a primeira vez que eu sistematizei um projeto de vida literalmente falando assim, no papel, né? Então fiz todos os procedimentos, com acompanhamento, com o livrinho de passo a passo do papo jovem da CAJU⁷³... e a estruturação do primeiro projeto de vida, ela ainda me influencia até hoje. Porque eu tinha chegado, a partir de todos os exercícios que têm lá, de conhecer a história, de priorizar, de saber o que eu quero, eu cheguei em três priorizações, três grandes frentes de priorização que basicamente são, hora com maior ênfase em uma, hora com maior ênfase em outra, o que eu venho fazendo desde lá. E até hoje eu fico percebendo qual que é o equilíbrio dinâmico que existe entre essas três frentes assim. Mas foi uma síntese que eu cheguei a partir de lá. E as três frentes são essa dimensão da minha vida de estudo e de professor, que é esse lance de aprender sempre mais, continuar aprendendo e querer ser um multiplicador da aprendizagem, estimular que outras pessoas também aprendam; essa dimensão da luta e da construção social, política. Isso fez com que eu me filiasse ao PT, fez com que eu tivesse inserções em espaços de disputa política partidária e de disputa política para além da partidária também. E a dimensão da formação religiosa, espiritual, que tem a ver com essa questão da continuidade do projeto de vida. Então acho que o equilíbrio dinâmico entre essas três dimensões, elas continuam até hoje. Influenciaram, marcaram a minha biografia para minha inserção profissional, pras inserções que eu fiz no movimento estudantil, pras inserções, pras opções que, que fiz de filiação partidária. E até hoje, né, que sou professor, também, acabei de ingressar no Mestrado, então acho que tudo isso ainda vem desses três grandes guarda-chuvas.

Em virtude da participação intensa na instituição e da atividade pastoral, em 2006, Paulo chegou mesmo a tornar-se, por um breve período,

[...] oficialmente funcionário do Anchiétanum, depois de um tempo que eu passei contribuindo como voluntário em algumas atividades. Mas aí o Anchiétanum tem uma reviravolta, uma turbulência aí no que acontece na instituição e eu acabo saindo muito rápido, não acabo durando muito tempo, o tempo que eu fico como funcionário por lá.

A turbulência a que se refere diz respeito a um momento, na visão do entrevistado, em que a Igreja Católica e alguns jesuítas queriam afastar-se de um discurso mais ligado à política e às questões sociais. Em sua compreensão, esse projeto só não se estabeleceu porque houve resistência e luta. Nesse sentido, para ele, o Anchiétanum não é apenas a oferta de um serviço pela Companhia de Jesus no Brasil, mas uma “[...] conquista das pessoas que naquele momento se manifestaram”:

⁷³ A CAJU, Casa da Juventude, foi um centro de juventude de atuação nacional da Companhia de Jesus localizado em Goiânia/GO, e funcionou até o ano de 2013.

eu tinha um lado assim, o meu lado era a partir de uma construção metodológica de fé e vida, de luta social, muito associada à Pastoral da Juventude que... a partir, né, ali [em 2006] [...] você começa a ter um discurso de “as juventudes são plurais”, você tem uma apropriação um pouco até indevida, a meu ver, do lance do debate de juventudes no plural, de várias identidades para dizer que as outras juventudes de congregação ou de movimentos é... Movimentos da igreja que não os movimentos mais ligados às Comunidades Eclesiais de Base tinham que ter espaço [...] E eu acho que foi bem nessa época desse refluxo [...] que nem todos os padres concordavam, mas a gente tem uma mudança de diretriz, com a perspectiva inclusive de fechamento do Anchieta, dizendo que não era isso a prioridade para trabalho com juventude, algo assim nessa linha, por parte dos jesuítas. Começa, então, uma mobilização de cartas, de assinaturas [...] para manter o espaço aberto [...] Fora isso, né, têm outros ruídos, né, na relação com a juventude dentro da Igreja nesse período, que é dizer que: “A PJ tem que acabar, porque agora é tudo Setor Juventude”... Têm outros tipos de interpretação equivocada do que estava sendo debatido que algumas pessoas, por não gostar desse tipo de Igreja mais engajada, a fé mais comprometida, acabam usando para tentar sufocar esse tipo de mobilização mais ligada à Pastoral. [...] depois teve um recuo pelo menos parcial, né? [...] Assim, inclusive, eu costumo dizer, quando eu lembro dessa história, que o Anchieta não é só uma oferta de uma congregação. A partir desse momento histórico, ele virou também uma conquista das pessoas que naquele momento se manifestaram...

Em seu entendimento, após esse episódio, “[...] criou-se uma perspectiva mais de meio termo [...] de que tinha que atender à necessidade da congregação, mas também à necessidade das várias juventudes [...] de que era possível conciliar”. Ainda possui admiração pelos padres e irmãos jesuítas, pois “[...] sempre foram muito preocupados de criar aproximações entre fé e vida, entre construções na comunidade que pudessem refletir a construção do Reino de Deus hoje”. Admira, também, a formação mais profunda, que “[...] não é superficial, não é só para o rito, é para aquilo que há de mais profundo na história, na simbologia”. Entende que “[...] como todos os espaços, tem suas incoerências, as suas contradições”, mas acha que “[...] a própria simbologia do Papa Francisco né, vindo dessa formação também, reforça ainda mais em mim essa sensação de que eu estive ao lado de pessoas que de fato se formam mais profundamente na fé e na vida assim”.

À época da entrevista, Paulo afirmou não estar “[...] engajado em nenhuma militância eclesial”. Conforme declarado anteriormente, sua mobilização partia do trabalho de professor e, até pouco tempo antes, do trabalho com a gestão pública: atuando como coordenador em Escola Técnica Estadual, fazendo mestrado em Políticas Públicas e um curso internacional voltado à “formação de militantes”. Contudo, ele já trabalhara diretamente na gestão pública, na Prefeitura de São Paulo, como diretor de um centro cultural para a juventude e, também, como coordenador administrativo e financeiro de uma Secretaria Municipal. Além disso, havia sido membro do Conselho Municipal de Juventude, do Conselho Nacional de Juventude e da Comissão Organizadora da II Conferência Nacional de Juventude.

Sua veia participativa esteve presente, também, quando cursou sua primeira graduação, em Ciências Sociais, já que fez parte do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da universidade em que estudava. Usou, inclusive, a memória desse momento de sua vida ao falar da sociedade brasileira atual, que considera estar em uma fase de descrédito da política e das instituições “um pouco perigosa”:

[...] aquele discurso de “o DCE não me representa, o DCE é pelego porque ele vai negociar na Assembleia, ele vai negociar com a Reitoria...”. Então, acho que tem um negócio da participação institucionalizada que há um bom tempo, ela tem sementinhas de crise que eu fui vivendo. Essas sementinhas por onde eu passava assim... E isso me incomoda um pouco, porque como eu sou muito institucionalizado na minha participação, o jeito que eu sei fazer participação e que eu estimei a vida toda de militante os outros fazerem participação é a participação nas instituições, obviamente complementada pela pressão e mobilização social, mas a participação nas instituições sempre foi central. Acho que isso talvez se originou de diversos fatores assim, tanto dos governantes não saberem lidar com o que tava acontecendo em 2013, como diversos reflexos de crise, supostamente por corrupção que a gente tem até hoje assim. Acho que tudo tem uma intencionalidade muito grande assim, de um tipo de visão da sociedade, de detentores do ter, do poder e do saber de querer jogar descrédito nas instituições, justamente porque as pessoas organizadas, aglutinadas, elas podem transformar diversas coisas. E eu acho que tem um risco em tudo isso que tá ocorrendo que é essa sensação de que eu participando na rede social ou participando sozinho numa manifestação “x”, isso vai ajudar a mudar... Tudo bem, pode até ter algum tipo de ajuda, mas eu acho que é um risco justamente porque tem uma intencionalidade em se vender que é melhor participar cada um por si. E o cada um por si, para mim, desde a minha formação comunitária, ela não fez, não faz muito sentido, sabe? É muito mais sentido se organizar e fazer o passo a passo da construção coletiva do que “ninguém me representa”. E eu acho que o “ninguém me representa” de hoje, em relação aos partidos, em relação aos governos, em relação às conquistas históricas que a gente teve, em relação ao tempo que as instituições têm para atender as demandas que a sociedade tem, isso me incomoda um pouco. Mas eu, como eu disse, eu sei que a gente está num outro momento e que a sensação que as pessoas têm de velocidade da informação provocadas pelas novas tecnologias, pelo ritmo que a gente tem hoje de troca de informação... ela de fato é anacrônica em relação ao ritmo que as instituições têm para transformar a sociedade. Eu não sei como refundar tudo isso. Acho que a gente está nesse momento de refundação assim como é... conciliar o ritmo das tecnologias com o ritmo de transformação da sociedade que é muito mais lento e demora muito mais. Acho que essa sensação de que as pessoas transformam rápido, se elas não estiverem nos espaços antigos, eu acho que é um pouco, uma armadilha um pouco perigosa.

Apesar de reconhecer que as formas a partir das quais aprendeu e ensinou a participar da sociedade estejam em crise, Paulo afirma ter

[...] esperança, não sei se... porque é assim, o que eu continuo semeando, lembrando do Che: “Não me esperem para a colheita porque eu vou continuar semeando”. O que eu continuo semeando é que as pessoas têm que hackear o sistema e, organizadamente, ocupar o sistema, né? É que hoje, acho que tem um discurso muito grande de “não quero sistema”, “não quero catraca”, “não quero controle”. E isso é – tem um ônus, talvez eu que não saiba entender ainda qual é o bônus de tudo isso. Acho que tem um bônus de fazer com que as pessoas se sintam um pouco mais

parte, mas, de fato, acho que tem um risco aí envolvido, mas eu tenho esperança de que o movimento pendular da história vai fazer, em algum momento, esse retorno para aquilo que é a participação organizada institucional.

E a possibilidade da afirmação de uma *participação organizada institucional* é uma das razões pelas quais declarou a intenção de, nas eleições presidenciais daquele ano, 2018, votar em Lula:

Me filiei no Mensalão, na primeira crise que tentaram impor para cima do PT e conseguiram com algum sucesso. Acho que o Lula hoje não é só uma pessoa, ele tem todos os seus defeitos como governante, como líder político também, mas ele é uma das pessoas que me inspira. Porque acho que ele mobiliza as pessoas, porque o Lula é muito mais que o Lula, é o que ele simboliza pra sociedade, o que ele simboliza na história da democracia brasileira, o que ele simboliza nessa “concertação” institucional, do pacto que foi possível e que transformou a sociedade durante um período delimitado de tempo. E esse pacto hoje rompido, talvez ele nem tenha as mesmas condições de refazer esse pacto. Mas eu acho que o voto nele não é nem por achar que o governo seria a mesma coisa, mas por dizer que esse é o tipo de luta política de instituição que seria possível para a gente voltar a um modelo de Estado ideal, de bem estar social e de transformação da desigualdade brasileira, contando com as vozes de todo mundo assim, lembrando essa década toda que a gente passou por Conselho, Conferência... Aí você pode assim, a gente pode pensar né, todos os defeitos que isso tem de vícios, de problemas, de demora, de se é efetivo ou não é, mas tudo isso gera uma memória e gera uma politização no sentido mais legal da palavra que é as pessoas perceberem como funciona o Governo, as pessoas perceberem que não é só a minha proposta, mas é o equilíbrio de todas as propostas, das pessoas perceberem as contradições com quem pensa muito diferente, em grupos organizados, religiosos ou outros tipos de interesses muito fortes hoje no Congresso... então acho que o simbolismo do que é o Lula e todo mundo que trabalhou junto com ele, e acho que representa muito uma sinalização, talvez, dessa [ideia de] “comer o prato quente pelas bordas” assim, dessa disputa institucional. Não acho que tivesse o mesmo sucesso visto que tencionou e sangrou muito mais, mas acho que pode ser uma boa receita para tentar estancar esse desmonte e voltar para uma outra perspectiva do que é economia, o que é o papel do Estado, o que é o papel das políticas públicas hoje no Brasil.

Assim como outros entrevistados, Paulo tem posições ditas “progressistas” no meio católico sobre a legalização da maconha e do aborto, que atribui a seu envolvimento com políticas públicas:

Acho que tem uma parte da sociedade que trabalha com princípios de liberdade, de autonomia... Isso é muito marcado na minha formação pela questão das políticas de juventude de autonomia e experimentação... E tem uma parte da sociedade que prefere delegar isso para regras mais rígidas, como se o pulso firme fosse manter o controle de algo mais correto assim... Eu não acredito muito, né, no pulso firme e nas regras rígidas, porque eles geram condutas desviantes que normalmente penalizam aqueles que mais precisam, aqueles que não têm acesso a todos os bens [...]. Eu sempre prefiro que do ponto de vista do interesse público, as pessoas tenham autonomia de escolher, de optar, sabendo as consequências. Então querer garantir esses temas polêmicos do ponto de vista da política pública, não significa incentivar as pessoas a praticarem ou usarem isso, mas significa dizer que é permitido dentro de um espaço de liberdade, e que existem consequências assim, como as outras drogas que já são legalizadas, assim como outros procedimentos que

já são legalizados. Então, como pessoa, eu não incentivaria, mas respeitaria a liberdade e o direito de quem quer optar por tomar esses caminhos.

Para além de seus *engajamentos*, Paulo gosta muito de “[...] viajar e conhecer um novo lugar [...] conhecer quais são os espaços da cidade, quem governa a cidade, como que é a cidade”.

Em relação a projetos para o futuro, revela que os mesmos continuam

[...] mais ou menos nesse tripé da inserção política, da coerência religiosa simbólica, de projeto de vida, e de disputa educacional também interligada na interface desses três aí. Eu gosto de ajudar a mudar o mundo assim, seja mudando o mundo na estruturação da Secretaria de Cultura, seja mudando o mundo num equipamento de juventude, seja mudando o mundo numa escola. E agora na escola, eu tô coordenando a implantação do novo Ensino Médio. É o novo Ensino Médio que veio num contexto de redução dos direitos, mas eu sempre tenho a opção de fazer do limão uma limonada, então em vez de se amargar, é fazer a disputa do projeto, né, do que está sendo colocado. Então o novo Ensino Médio, ele tem um... É do ponto de vista mais... da análise mais simples, ele tem vários, talvez intencionais inclusive, tentativas de precarização do ensino, disfarçadas de modernização, mas eu prefiro fazer a disputa de... beleza, então eu vou dar o golpe no golpe assim. Então eu vou fazer a disputa de qual é o modelo do novo Ensino Médio que a gente vai implantar aqui? Acho que o meu projeto de vida é esse assim. Eu sou muito intenso e muito focado naquilo que eu tô construindo naquele momento, né? Hoje eu estou construindo um novo Ensino Médio aqui no âmbito escolar. Até dois anos atrás, eu tava reorganizando o orçamento e a estrutura administrativa de uma Secretaria. Dois anos antes, eu tava reorganizando um equipamento em sua função na relação com o entorno. Eu acho que de tempos em tempos né, de dois, de três anos eu vou assumindo essas missões mais específicas que têm a ver com esse projeto mais, maior... É, maior de mudar o mundo e, começando pelas construções desses cotidianos que a gente tem, das instituições, da política. Eu, onde eu estiver, eu vou contribuir fazendo a diferença... E eu já [es]tive em espaços em que eu consegui fazer um pouco melhor isso, espaços que nem tanto, mas eu sempre quero estar junto com pessoas que queiram fazer a diferença onde estão. E, no fundo, garantir vida pras pessoas, garantir intensidade, garantir que a força cósmica de Deus, da inovação, da criatividade, do prazer, da alegria, tenha preponderância sobre as outras forças.

Paulo considera que a espiritualidade possibilita manter *o vínculo com a fonte* para não perder “[...] esses elementos fundantes daquilo que eu sou”. Ademais, assim como Ana e Hélder, ele faz uso do anel de Tucum, para simbolizar “[...] esse compromisso que eu tenho com a transformação social, com os mais pobres, com ter um lado na sociedade, de não ter medo de ter esse lado”.

Ao falar sobre seus receios, afirma ter medo da morte em virtude de seu engajamento, talvez por estar sensibilizado no momento da entrevista – assim como aconteceu com Clara e Ana – com o assassinato de Marielle Franco, ocorrido dias antes:

O medo é da morte, né? Porque eu acho que cada... Cada vez mais as pessoas que representam ameaças a sistemas estabelecidos estão sendo descaradamente

sufocadas. Acho que sempre foi assim. Acho que num período de redemocratização isso ficou um pouco mais abafado, mais pontual. Agora volta ainda com mais força. E eu não sei, apesar de não ser uma pessoa com uma alta evidência, eu não sei a que momento que eu vou atravessar alguém, e que vai interromper minha vida. Nessas transformações na Prefeitura de São Paulo eu fui ameaçado de morte. Eu tive que fazer boletim de ocorrência e tudo, porque estava mudando uma dinâmica estabelecida ali que não servia ao interesse público, e que eu entendia que era minha missão para transformar, assim como aconteceu com a Marielle, assim como aconteceu com tantas outras mulheres e homens. Então, acho que o medo de ser interrompido bruscamente por essas forças é muito grande... Muito grande não, mas grande é, né? De vez em quando eu fico pensando sobre o nível de exposição que eu tenho que ter, apesar de ser sempre mais de bastidor a minha atuação, eu fico pensando que em algum momento isso pode ser mais grave. E eu não gostaria de morrer antes de poder contribuir ainda mais com a vida. A esperança que eu tenho é de que todas essas idas e vindas assim, elas fazem parte de um processo pedagógico muito legal, muito grande assim. E da humanidade, principalmente a sociedade brasileira crescer como comunidade, como projeto, como... Qual é a nossa nova forma de viver em sociedade e que garanta mais direito para todo mundo, e não só para algumas poucas pessoas. Então, eu tenho esperança de, mesmo com todas as contradições, com todas as coisas estranhas que surgiram pelo caminho, cada vez mais as pessoas percebam que tem um pequeno grupo que se beneficia muito da vida. E um grande grupo que ou se beneficia em parte ou não se beneficia, e que a gente, cada vez mais, tá buscando formas de romper essa estrutura desigual e criar uma sociedade onde todos tenham vida.

Frise-se que, após a conversa ter sido finalizada e a gravação, interrompida, Paulo declarou em tom sério e firme: “Isso que você está fazendo é muito importante. Caso eu morra, você divulga a minha entrevista”.

4.2 Trajetórias de vida, socialização e *habitus*

Antes de proceder a alguns apontamentos acerca das seis entrevistas realizadas, importa esclarecer a compreensão que se adota neste estudo acerca de “trajetórias de vida”, “socialização” e *habitus*, categorias-chave para encetar a análise, considerando o objetivo geral da pesquisa: investigar a influência da adesão religiosa nas trajetórias e projetos de vida de jovens católicos frequentadores do Centro de Juventude Anchietaum. Buscando-se compreender a maneira pela qual os jovens estruturam seu agir no mundo, sem deixar de balizar o peso da religião em suas correlações com outras instâncias socializadoras, como família e escola, em escolhas pessoais, profissionais e políticas, afigurou-se um exercício de perscrutar disposições exurgidas de distintos processos de socialização e suas influências nos percursos de vida em análise a partir de entrevistas de caráter biográfico.

Primeiramente, os conceitos de socialização e *habitus* precisam ser analisados em conjunto, haja vista que o segundo é “[...] devedor e resultante de um processo de socialização” (SETTON, 2018, p. 26). Isto é, na construção dos indivíduos, os processos de

formação pelos quais os sujeitos passam seriam responsáveis pela inculcação de um sistema gerador de práticas que norteariam sua relação com a sociedade.

Bourdieu propõe que a prática não é nem o precipitado mecânico de ditames estruturais, nem o resultado da perseguição intencional de objetivos pelos indivíduos; é, antes, “o produto de uma relação dialética entre a situação e o *habitus*, entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma *matriz de percepções, apreciações e ações* e torna possível cumprir tarefas infinitamente diferenciadas graças à transferência analógica de esquemas” adquiridos numa prática anterior (WACQUANT, 2017, p. 214).

Esse conceito de *habitus* como “[...] sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes” (BOURDIEU apud SETTON, 2018, p. 13), “passou por algumas inflexões na obra de Bourdieu”, e tornou-se mais amplo, de modo que “[...] o *habitus* revisitado seria caracterizado pela heterogeneidade e multiplicidade que se ajustaria a um grau variável de consciência [...] [que] de acordo com a circunstância, perderia seu automatismo” (SETTON, 2018, p. 14).

Alguns desdobramentos dos conceitos bourdieusianos também apontam que, apesar de sua natureza inercial, o *habitus* não é inflexível, não exclui a possibilidade “[...] de que tais propensões constitutivas sejam “erodidas, contidas ou até desmanteladas pela exposição a novas forças externas” (PETERS, 2009, p. 15). Para estudiosos como Lahire (2001, p. 259), essas *forças externas* são múltiplas, não apenas evidentes realidades sociais ou situações excepcionais, mas os diversos contextos e experiências que se imprimem nos indivíduos como se cada pessoa fosse

“[...] comparável a uma folha frisada ou a um tecido plissado. Dito por outras palavras, o actor individual é o produto de múltiplas operações de plegueado (ou de interiorização) e caracteriza-se, por isso, pela multiplicidade e pela complexidade dos processos sociais, das dimensões sociais, das lógicas sociais, etc., que ele interiorizou. Essas dimensões, esses processos ou essas lógicas (essas contexturas) dobram-se sempre de maneira relativamente singular em cada actor individual e o sociólogo que se interessa pelos actores singulares encontra em cada um deles um espaço social enrugado, amarrotado. [...] o “interior” não é outra coisa senão o “exterior” franzido ou plegueado e não tem, portanto, primazia ou anterioridade nem nenhuma especificidade irredutível. Para compreender o “interior”, existe então apenas uma solução: fazer o estudo mais rigoroso, mais circunstanciado e mais sistemático possível do “exterior”. A economia psíquica não releva de uma lógica diferente da que preside à economia das formas de vida sociais.

Como contraponto a essa visão um tanto determinista da prevalência da estrutura sobre a agência, encontramos pesquisadoras, como Archer, cujos estudos buscam trazer para o debate a mediação da reflexividade dos atores:

Em outras palavras, a “reflexividade” é apresentada como resposta para a questão de como “o poder causal é mediado pela agência humana”. Ela executa este papel de mediação em virtude do fato de que deliberamos sobre nós mesmos em relação às situações sociais que enfrentamos, certamente de forma falha, sempre incompleta e, necessariamente, segundo nossas próprias descrições, porque essa é a única maneira através da qual podemos saber alguma coisa.

A reflexividade é conceituada como conversação interna (ARCHER, 2003), e passa a ser entendida como o processo que medeia o impacto das formas sociais sobre nós e determina nossas respostas a elas. A conversação interna é apresentada como o elo perdido no entendimento realista da interação entre estrutura e agência. Em primeiro lugar, a sua mediação é fundamental para se compreender precisamente o que nós fazemos, para além de uma declaração sobre os cursos prováveis de ação. E, em relação às restrições e às oportunidades, as respostas agenciais podem variar amplamente: da evasão, passando pelo assentimento, até a manipulação ou subversão estratégicas. Em segundo lugar, se for mantido que a subjetividade agencial foi, ela própria, moldada por influências sociais como ideologia, “habitus” ou, para fins de argumentação, “discurso”, é impossível determinar a quem este caso se aplica ou não sem antes examinar seus diálogos internos. Se a reflexividade humana for entendida como mecanismo mediador que faltava à ligação entre estrutura e agência, isto também teria o efeito de transformar as “duas histórias” sobre a “compreensão” e a “explicação” em uma história única. (ARCHER, 2016, p. 88).

Como se pode perceber, explora-se neste estudo o conceito de *habitus* em suas relações com os processos de socialização de um ponto de vista bourdieusiano e de desdobramentos de sua teoria da ação. Optou-se por explorar o conceito, em vez determiná-lo, pois que interessa uma postura de “curiosidade epistemológica”; quer-se *problematizar* na “[...] confrontação com os dados empíricos” (LEMIEUX, 2015, p. 49), em “[...] um exercício permanente de pôr em jogo as coisas teóricas [e de não permitir que] [...] quadros teóricos [e um] itinerário pré-traçado [engessem o] objetivo do conhecimento (BRANDÃO, 2011, p. 245).

Nesse sentido, olha-se para o conceito de socialização não apenas com “[...] seus processos ocultos de inculcação, controle e dominação [já que] [...] reduzir o *habitus* a uma interiorização de normas seria injusto” com o próprio Bourdieu, que sempre fugiu do *postulado normativo* (SETTON, 2018, p. 19-20), afinal,

[...] tal conceito passou por algumas inflexões na obra de Bourdieu. [...] o *habitus* revisitado seria caracterizado pela heterogeneidade e multiplicidade que se ajustaria a um grau variável de consciência. Uma dialética entre disposições e ocasião se efetuará em cada indivíduo. O *habitus*, de acordo com a circunstância, perderia seu automatismo. (SETTON, 2018, p. 13-14).

De fato, em resgate feito por Mauger (2017, p. 305) sobre a reflexividade na obra de Bourdieu, encontra-se certo reconhecimento da plasticidade do *habitus* nas “Meditações Pascalinas” (MP):

Bourdieu sublinha, todavia, que as improvisações do senso prático “nunca acontecem sem uma certa presença de espírito [...], uma certa forma de pensamento ou mesmo de reflexão prática, reflexão em situação e em ação” (MP, 192), admitindo que “o *habitus* tem seus fracassados, seus momentos críticos de desconcerto e de defasagem: a relação de adaptação imediata fica suspensa, num instante de hesitação em que pode se insinuar uma forma de reflexão que não tem nada a ver com a do pensador escolástico” (MP, 191-192). De maneira geral, escreve ele, “o grau com que podemos nos entregar aos automatismos do senso prático varia conforme as situações e os domínios de atividade, mas também segundo a posição ocupada no espaço social [...]”

Assim, torna-se possível compreender o processo de socialização de forma mais dinâmica, relacional e menos passiva por parte dos sujeitos, sem desconsiderar, obviamente, “determinada posição” da qual partem, já que essa posição pode ser crucial na quantidade de recursos disponíveis para o exercício da mediação. Entre outras definições,

[...] a socialização dos jovens pode ser compreendida como os processos por meio dos quais os sujeitos se apropriam do social, seus valores, normas e papéis, a partir de uma determinada posição e de uma representação das próprias necessidades e interesses, mediando continuamente entre as diversas fontes, agências e mensagens que lhes são disponibilizadas. [...] Esse jovem tem acesso a múltiplas referências culturais, constituindo um conjunto heterogêneo de redes de significado que são articuladas e adquirem sentido na sua ação cotidiana. Assim, ele interpreta a sua posição social, dá um sentido ao conjunto das experiências que vivencia, faz escolhas, age na sua realidade: a forma como ele se representa como sujeito é fruto desses múltiplos processos (DAYRELL, 2002, p. 233-234).

A questão do lugar subjetivo ocupado por cada sujeito é essencial ao considerarmos trajetória “[...] como série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (BOURDIEU, 2014, p. 189). Em outras palavras, “[...] os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social” (BOURDIEU, 2014, p. 190), de maneira que é crucial considerar a *superfície social* não caindo na *ilusão biográfica* de que o único elo entre os sucessivos acontecimentos de uma vida seja unicamente a dimensão de *sujeito*:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. (BOURDIEU, 2014, p. 189-190).

É justamente essa compreensão de trajetória um dos motivos que levou os esforços teóricos empreendidos nesta dissertação à “[...] necessidade desse *desvio* pela construção do

espaço” (BOURDIEU, 2014, p. 190), como visto nos capítulos iniciais, que abordam as *juventudes* em suas relações com o contexto social de que fazem parte. E será essa conceituação de trajetória a contribuir para a análise das distintas e desiguais trajetórias dos jovens frequentadores do Anchietaum observadas nas seis entrevistas de caráter biográfico realizadas. Afinal, os pontos de partida, as trilhas percorridas pelos jovens, os meios de que dispuseram para tal caminhada, a maneira como foram significando o caminho percorrido e o que vislumbram do que há por vir, “para além da curva da estrada”, revelaram-se bastante variados.

Mesmo considerando as desigualdades entre os pontos de partida de cada um dos seis entrevistados, um aspecto comum a que seus relatos confluem é a percepção da importância e da influência de suas famílias, ao menos nos estágios iniciais de seus percursos. No que se refere, por exemplo, ao peso da primeira instância socializadora no envolvimento dos entrevistados com o catolicismo, a memória dessa ascendência é bastante presente.

Em geral, os jovens são oriundos de famílias católicas, ao menos socialmente, já que o nível de envolvimento e de pertença mostrou-se bastante variado: “[...] a minha mãe, ela não era muito de ir na igreja, né? Depois de um tempo, o meu pai passou a frequentar mais, né?” (Hélder); “[...] a minha mãe, ela é mais... ela é religiosa também, mas ela nunca foi tão praticante” (Clara); “Eles iam em missas pontuais. Quem tinha essa coisa mais de levar era minha avó, né? Que me ensinou a rezar, minhas primeiras orações” (Ana).

Além disso, destaca-se entre os entrevistados algo considerado por Novaes (2016, p. 236) como um marco comum aos jovens desta geração, isto é, “a convivência em famílias multirreligiosas”:

O meu pai é espírita e minha mãe é católica. O meu pai sempre foi mais praticante que minha mãe, o meu pai é bem místico assim, ele chegou a se envolver com cientologia, umas coisas assim muito diferentes. [...] a minha mãe, ela é mais... ela é religiosa também, mas ela nunca foi tão praticante. Agora que ela está... está começando a meditar assim e aí ela está em umas *vibes* meio budistas assim [risos]. (Clara).

O meu tio era umbandista e depois ele foi candomblecista. E tinha um terreiro no quintal da casa ali. E quando eu era criança, minha avó cuidava da gente, né? Então a gente ia nas festas de Cosme e Damião, que tinha no terreiro. A gente participava das coisas. Não sei. E minha avó era católica, mas um Catolicismo popular porque ela benzia. Minha mãe falou que uma época ela ia no terreiro de Umbanda. A mãe do meu pai era evangélica. Então, acho que eu cresci nesse ambiente inter-religioso também. (Ana).

[Minha mãe] frequentou várias igrejas, né? Fazia lá... Já foi das Testemunhas de Jeová, já foi aquela Adventista do 7º Dia fervorosa mesmo, que a gente não podia fazer nada no sábado. [...] Teve uma época... Como é que fala? Que ela estava muito... Lendo esses livros de autoajuda, ali. Os livros da Zíbia Gaspareto. Ouvia

[...] programa de Tarô... Essas coisas que envolviam Astrologia. Astrologia. E ela também estava curtindo essa pegada e colocava as plantas para o lado de fora. Tinha algumas superstições, né? “Ah, não pode passar embaixo da escada porque o Paulo Coelho falou não sei o quê”. Não pode, sei lá: “Ah, meu filho...” Tinha algumas superstições, né? Mas nunca me influenciou a nada, né? (Marlon).

Percebe-se, nas falas, a influência não necessariamente dos pais, mas de outros familiares no estímulo à prática religiosa. No caso de Hélder e Ana, destacou-se a importância do papel dos avós:

E aí a influência maior assim vem dos meus avós. (Hélder).

[...] quando eu era muito pequena, minha avó, que foi a minha primeira catequista. Então, ela falava para a gente fazer o bem sem olhar a quem, que, como Jesus, a gente tinha que ajudar o próximo. Então, essa coisa, assim, de ajudar as pessoas foi uma coisa que minha avó ensinou porque tinha um embasamento religioso e cristão e sempre foi o que eu mais me identifiquei, né? (Ana).

Já Marlon, reiteradamente, aponta a influência que teve sua irmã mais velha:

A Igreja Católica apareceu por intermédio da minha irmã mais velha [...] eu tinha como referência, mesmo, porque minha irmã mais velha começou a trazer as coisas primeiro para dentro de casa. [...] namorado, a igreja, os cursos profissionalizantes. A minha irmã foi a primeira a andar de ônibus lá em casa.

Luís, “herdeiro” de distintos níveis de pertencimento e prática do catolicismo de seus pais, tias e avós, aponta, sobretudo, a influência de seu padrasto: “Ele fez questão que eu fizesse todos os sacramentos [...] depois eu participei como coroinha, ele ficou muito empolgado. Ele que deu mais incentivo nesse ingresso mais na igreja”.

Já no caso de Clara e Paulo, outras influências tiveram mais peso em seu envolvimento com o catolicismo. Clara manifesta que o interesse surgiu por intermédio das atividades de formação cristã do colégio católico em que estudava. Já Paulo lembra que, ao ouvir seus colegas de escola falando sobre Primeira Comunhão, pediu aos pais para também participar, pois estes não frequentavam a igreja. Inclusive, quando passou a identificar-se com o grupo de jovens da igreja, intensificando seu envolvimento, seus pais manifestaram receio com a participação do filho.

Por outro lado, no que se refere a valores gerais, mesmo adeptos de um catolicismo apenas “social”, alguns dos pais viam no envolvimento religioso dos filhos a possibilidade de inculcar-lhes “bons” princípios, não prevendo, como no caso de Paulo, efeitos que a formação religiosa poderia provocar. De início, os pais dos entrevistados pareciam ver na religião um

reforço de valores por eles prezados, como “caridade”, “justiça”, ou mesmo a possibilidade de uma “formação humana” qualificada:

A minha mãe escolheu porque ela queria um colégio que não focasse apenas no acadêmico assim, ela queria que fosse alguma coisa que também se preocupasse com a formação humana. Então, ela falou assim: “Ah, eu poderia colocar você no Dante ou, sei lá, em outra escola aqui da região. Mas eu prefiro o São Luís, porque eu acho que tem essa característica que, para mim, é importante”. Mesmo ela não sendo uma católica praticante, ela achou importante transmitir valores assim, não só uma educação formal acadêmica. (Clara).

Então, essa coisa assim de ajudar as pessoas foi uma coisa que minha avó ensinou porque tinha um embasamento religioso e cristão e sempre foi o que eu mais me identifiquei, né? Você não está sozinha nesse mundo. Isso meus pais ensinavam também. Você tem que fazer pelo outro porque nós somos irmãos. Deus nos criou a todos. Então é religião, né? No começo, até depois da minha escolha profissional... foi porque essa questão política da injustiça... Mas passava por essa coisa. Não é justo alguém viver dessa forma. Isso é indigno, né? As pessoas não foram criadas para... Então passava muito por isso, né? Que Deus nos criou e a gente tem que viver bem nessa vida. (Ana).

Eu acho que ela [mãe] via um potencial na Igreja Católica. Era uma comunidade de pessoas que queriam transmitir o bem na medida do possível. Mesmo na simplicidade de uma comunidade de bairro, eles queriam transmitir o bem, queriam falar da palavra de Deus e ela achava que aquilo era bom para mim e fazia com que eu fosse. (Marlon).

[...] como a igreja tem esse imaginário social de fazer bem para as pessoas, então eles não se opuseram e incentivaram. O problema é que depois esse envolvimento ficou bastante grande, né? (Paulo).

Para além de valores religiosos coincidentes, a transmissão de princípios especificamente no âmbito familiar é reconhecida e vista positivamente pelos entrevistados:

Mas da característica da minha família, da minha mãe, o que vem de mim é a força, é a luta. Vamos lutar, vamos vencer e tudo mais. (Luís).

[...] companheirismo, responsabilidade, honrar com os compromissos, ter ali o trabalho como algo que enobrece, né? (Marlon).

Então essa disponibilidade para o trabalho, acho que eu peguei muito do meu pai. Da minha mãe, ela tem um elemento muito forte de luta pela justiça, só que é num plano mais individual assim, de ela querer as coisas justas nas relações que ela constrói na família e com as pessoas que ela tem relação. E aí eu acho que eu acabei transportando isso para justiça social como um todo. (Paulo).

Ana reconhece que, na valorização de sua afrodescendência, a família teve papel essencial e influenciou, inclusive, sua relação com a própria religião: “[...] eu ia na missa e não via elementos negros. Não tinha santos negros, né? Era uma liturgia muito branca”.

A incidência do papel familiar na transmissão de valores e na configuração de disposições para um envolvimento com a religião, e até mesmo na forma de se relacionar com

ela, como indica a fala de Ana no parágrafo anterior, parece ser bastante considerável. Também os dados expostos no item 3.2, acerca das fontes de inspiração das atitudes dos participantes do Anchieta, apontaram para a importância da família como geradora de princípios. Tem-se, ainda, para corroborar a influência atribuída às experiências familiares nesse sentido, os dados coletados durante a observação de campo, pois na categorização das menções que os jovens fizeram aos elementos que comporiam suas identidades (item 3.3.1, p. 100-101), as menções a “família” foram bastante significativas.

Como define Peters (2009, p. 14, **negrito nosso**), a família tem papel basilar na sedimentação de práticas:

Ainda que, a rigor, a socialização, como conjunto cronologicamente ordenado de experiências socialmente situadas a partir das quais a personalidade individual é continuamente estruturada, seja um processo que perpassa, em algum grau, toda a biografia de um ator, **as primeiras experiências possuem um peso determinante bem mais significativo na configuração de quaisquer *habitus***, não apenas em virtude da tendência inercial destes a produzirem práticas pré-ajustadas aos padrões de conduta típicos das estruturas sociais em que foram formados, mas também em razão da sua edificação temporalmente estratificada, isto é, do fato de que as disposições e esquemas de produção da conduta gerados pelas instâncias de socialização primária (e.g., o espaço familiar da criança, mais especificamente as traduções familiares específicas dos condicionantes econômicos e sociais derivados da posição de classe da família) formam uma espécie de **filtro subjetivo** através do qual as experiências subsequentes (e.g., a exposição à ação pedagógica especializada no ambiente escolar) são apreendidas e novos esquemas e disposições integrados ao *habitus*. Na linguagem piegas da literatura de autoajuda, digamos que a criança e o adolescente que fomos um dia continuamos, de algum modo, vivos nos nossos corações e mentes.

Contudo, como já apontado, apesar de sua natureza inercial, o *habitus* não é inflexível, algo que observamos, por exemplo, ao atentarmos às escolhas profissionais de Hélder e Paulo.

No caso de Hélder, as opções por ele assumidas não foram imaginadas nem apoiadas por seus pais: “eles... tipo assim, não apoiavam muito essa ideia [...] e isso para mim foi uma crise, assim, terrível, né?”. Ele também se diferenciou de seus colegas de bairro, de uma “[...] coisa já determinada ali” ao desviar-se de “[...] uma trajetória, assim, que era comum... enfim, na minha região assim de... ah, de terminar o Ensino Médio e aí tem aquele ensino profissionalizante do SENAI e, enfim, um pouco... que é um pouco mais voltado a essa questão da indústria e tal”.

Quando estava cursando o SENAI e trabalhando em uma oficina mecânica, em vez de tentar prestar o vestibular em uma faculdade particular para cursar Engenharia, como era a expectativa da família, ele decidiu negociar com seus patrões para que o demitissem, a fim de receber um pouco mais de dinheiro e poder ficar um ano sem trabalhar. Assim, estudou em

um curso pré-vestibular comunitário para tentar o ingresso em uma universidade pública, mas não para cursar Engenharia, e sim Gestão de Políticas Públicas, pois sentia que tinha de *dar um sentido* a seu projeto de vida e à trajetória que vinha trilhando dentro da Pastoral da Juventude. E esse sentido, quando expõe seu principal projeto para o futuro, conecta-se com *fazer a diferença* e concretiza-se em seu envolvimento político (já se candidatou a vereador em sua cidade e tinha planos de candidatar-se a deputado federal), mas em nenhum momento dissociado de sua espiritualidade: “Aí foi que aonde, inclusive, eu encontrei a minha espiritualidade, né? E aí a gente sempre buscou essa militância, né? E aí... e foi um processo meio que natural assim, tanto do grupo, né? Que muitas pessoas acabaram se engajando também, né? E foi um processo coletivo”. Essa “virada”, como ele mesmo chama o que vem acontecendo em sua vida, pode surpreender a muitos quando, à primeira vista, observa-se seu falar em tom baixo e seus gestos contidos e tímidos.

Paulo também fez escolhas profissionais que geraram desentendimentos com seus pais, que, ainda à espera de uma escolha por carreiras de maior *status* social, ficavam “[...] sem compreender direito o que eu tava fazendo”. Ele atribui isso ao fato de que o

[...] imaginário dos pais mais simples acaba sendo aquelas profissões mais tradicionais e de mais reconhecimento na sociedade, que inclusive dão mais dinheiro, né, teoricamente. Quando você faz uma opção de ser professor, de estudar as coisas, né, um pouco diferentes ou de trabalhar para uma sociedade mais legal, o medo pode surgir na questão de: “Não vai se envolver, né?”.

Clara não mencionou desentendimentos ou oposição de seus pais, contudo, chama a atenção uma espécie de “virada” ao contrário, na medida em que, pelo fato de ter estudado em um colégio de elite em São Paulo, viver em um bairro de classe média alta e em um ambiente com familiares escolarizados, poderia ser esperado que optasse por carreiras mais tradicionais ou profissões “mais rentáveis”. Contudo, ela cursou Letras e, no momento da entrevista, era professora concursada da rede municipal de São Paulo. Por mais que possa, no futuro, transitar por uma outra carreira, já que também estava cursando Psicologia, não deixa de ser relevante sua opção presente, que, apesar das dificuldades, tem avaliado positivamente:

Então, está sendo uma experiência muito rica assim, de contato com gente, com outras realidades totalmente diferentes assim. Eu percebi como é que eu morava... Assim, eu sabia que eu estava em uma bolha, mas é uma bolha muito estreita. Porque, por exemplo, nunca teve ninguém de inclusão, nunca teve ninguém com necessidade diferente, nenhuma, durante toda a minha escolar. [...] Em todas as salas têm crianças com Síndrome de Down. Eu não conhecia ninguém com Síndrome de Down até começar a dar aula assim. Então, é muito louco assim, e muito rico, e eu sinto que, pelo menos, sendo uma presença de carinho ali na vida de

algumas crianças, você consegue fazer alguma coisa de bom por elas assim, sabe? Está sendo muito bom [risos].

No que se refere a questões candentes no espaço público, as opiniões dos entrevistados revelam-se a contrapelo daquilo que talvez seja sustentado por suas famílias e instituições religiosas, remetendo-nos mais uma vez à possível plasticidade das disposições, bem como aos possíveis *valores e normas da juventude contemporânea*, como a *individualização*,

[...] o processo pelo qual o indivíduo reivindica “a livre disposição de si mesmo” e pretende escolher de modo autônomo o que é bom ou ruim para ele [...] [de maneira que na] relação com a religião, também, “a consciência individual substitui a autoridade exterior no que diz respeito à ética social e pessoal” (CHARLOT, 2007, p. 208).

Com exceção de Marlon, que diz não conseguir aceitar a razoabilidade do aborto pela *criação* que teve, “[...] um lance familiar”, apesar de frisar “[...] que vai depender da situação”, os demais entrevistados tiram a discussão do campo moral e religioso e a posicionam na esfera dos direitos e das políticas públicas, juntamente à questão da legalização das drogas e da união civil entre pessoas do mesmo sexo, opinando de modo muito similar a segmentos da sociedade sem qualquer tipo de vivência religiosa e, talvez, muito diferente da forma como pensam suas famílias e os líderes da religião que professam:

[...] pensar a questão das drogas como um problema de saúde pública, talvez, né? E tirar da segurança pública, né? Que além do encarceramento, tem um próprio genocídio mesmo da população, né?” (Hélder).

E na questão do aborto, eu também acho que é uma questão de saúde pública. E sei lá, tem a questão lá de quando é que começa a vida, eu acho que é uma questão importante. Mas eu acho que isso... se na religião católica acham que começa a vida a partir do momento da fecundação é um problema de quem é católico, né? [...] Tipo, eu acho que quem não é católico não tinha que pagar por isso, sabe? (Clara).

As pessoas têm que viver como elas acreditam que tem sentido para elas, né? Como você vai proibir alguém de se unir, de compartilhar a vida e uma forma mais segura, né? Porque você acha que tem embasamento religioso, que isso não é de Deus? Quem disse que isso... Mesmo se não for, mas não é Deus que está aí na parada, né? É Estado, é organização e um casamento civil, e as pessoas se organizam como elas têm que ser. (Ana).

Eu sempre prefiro que do ponto de vista do interesse público, as pessoas tenham autonomia de escolher, de optar, sabendo as consequências. Então querer garantir esses temas polêmicos do ponto de vista da política pública, não significa incentivar as pessoas a praticarem ou usarem isso, mas significa dizer que é permitido dentro de um espaço de liberdade, e que existem consequências assim, como as outras drogas que já são legalizadas, assim como outros procedimentos que já são legalizados. Então, como pessoa, eu não incentivaria, mas respeitaria a liberdade e o direito de quem quer optar por tomar esses caminhos. (Paulo)

A minha opinião é: o Estado deve normatizar essas situações e deixar a opção para a pessoa. Essa é a minha opinião. (Luís).

Assim, revela-se que os elos dos entrevistados para com a religião são caracterizados menos por uma obediência passiva e mais por um esquema de adesão ao que lhes “faz bem” ou com o que concordam, e de repulsa ao que julgam inadequado, o que vai de encontro a dados mais gerais coletados sobre jovens católicos durante a Jornada Mundial da Juventude, ocorrida no Brasil em 2013:

Tanto a sondagem da pesquisa FAPERJ quanto do Data Folha mostram que no quesito prática sexual, que envolve decisões mais pessoais e íntimas, os jovens tendem a flexibilizar os ensinamentos doutrinários.

O contrário acontece quando se trata do aborto, que registra um forte alinhamento institucional em relação às orientações da Igreja, claras e irredutíveis em prol da vida do feto em quaisquer circunstâncias (CARRANZA; SOFIATI, 2018, p. 340).

Por outro lado, na mencionada pesquisa não se deixa de sublinhar certa tendência a tornar menos rígidos determinados ensinamentos doutrinários, já que foram identificadas “[...] parcelas dissonantes no uso de contraceptivos e relação homoafetiva” que foram atraídas pela figura do Papa Francisco, ao mesmo tempo em que se distanciam das normas doutrinárias, apontando não para uma possível ruptura, mas para uma acomodação subjetiva:

A figura do papa e a mensagem doutrinária da qual é portador emergem como duas instâncias que não se misturam, acomodando-se na subjetividade e no pertencimento religioso dos peregrinos. Assuntos referentes à autonomia pessoal são atravessados pela escolha própria e encapsulados nas decisões íntimas, fora do controle institucional, postura liberal afinada com a cultura moderna do self e a cultura secular que não conflita com o pertencimento e a assiduidade à Igreja, antes bem, são coexistentes. (CARRANZA; SOFIATI, 2018, p. 340).

A acomodação subjetiva é bastante patente no caso de Luís, que diz nunca ter tido problema com sua homossexualidade. Ele afirma que foi justamente por ter uma “vida de oração [...] muito integrada com Deus” o fator determinante para se aceitar como é:

Gosto de falar assim: o meu ser completo com Deus. Nunca tive esse problema. Muito pelo contrário, sempre foi tudo muito tranquilo assim essa relação com Deus. Na verdade, o que me fez sair do seminário foi o motivo de ter me reconhecido como gay. E isso foi muito bonito, porque foi uma dinâmica que eu não me senti culpado, né? Eu gosto de falar isso, porque muitos jovens têm esse momento de crise de culpa. Eu não tive, por causa que a minha vida de oração era muito integrada com Deus.

A incorporação da espiritualidade dos entrevistados a outras dimensões da vida é bastante manifesta. Suas escolhas profissionais, posições políticas e opções de engajamento são percebidas também pelo viés da trajetória religiosa. Em alguns casos, chegando mesmo a representar um conjunto de vivências que os aproximou de outras realidades e os imbuíu, nas palavras de Ana, de um “compromisso com os pobres e oprimidos”:

No começo, até depois da minha escolha profissional... foi porque essa questão política da injustiça... Mas passava por essa coisa. Não é justo alguém viver dessa forma. Isso é indigno, né? As pessoas não foram criadas para... Então passava muito por isso, né? Que Deus nos criou e a gente tem que viver bem nessa vida. Se não fosse isso, não sei qual ia ser a minha construção como pessoa.

Ainda no caso de Ana, o interesse pelo tema já fazia parte de seu ambiente familiar, uma vez que seu pai “[...] era do Diretório do PT ali da Zona Leste. Então, essa coisa das injustiças sempre foi muito presente. Eu acho que até eu ser assistente social vem um pouco dessa influência porque essas coisas que falavam em casa, né? Isso é errado: ter pobre, racismo”.

Mas é nas falas de Paulo e de Hélder que se percebe uma dinâmica de integração entre fé e vida indissociável. Coincidentemente, ambos conheceram o Anchietaum por meio de participação na Pastoral da Juventude da região em que moravam.

Conforme exposto no item 2.4 deste estudo, a Pastoral da Juventude situa-se em uma tendência do catolicismo considerada progressista e simpática ao discurso de movimentos sociais. Em documento redigido pela própria Pastoral da Juventude, no capítulo “Quem somos nós, Pastoral da Juventude?”, define-se como um “[...] grupo organizado da Igreja Católica” e pontua “[...] sete aspectos como sendo sua identidade”, sem deixar de registrar o “[...] objetivo geral das Pastorais da Juventude do Brasil, presente no Documento de Estudo 76”, da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Esse alinhamento institucional consta dos aspectos de sua identidade, ao frisar, de início, seu pertencimento à Igreja Católica brasileira, contudo, sem deixar de sublinhar que tem “[...] linha e metodologia própria”:

1. **Somos Pastoral da Juventude organizada dentro da Igreja Católica, no Brasil, com linha e metodologia própria**, aberta ao novo e com acolhimento dos anseios da juventude, garantindo o seu protagonismo, evangelizando de forma inculturada na realidade em que vivemos.
2. Somos jovens felizes, apaixonados, ternos e motivados pela fé. Encaramos a vida com potencial criativo muito grande, valorizando a arte (dança, poesia, música...), o lazer, o corpo, o símbolo, a cultura, com ardor, sonhos e amor pela causa do Reino de Deus.
3. Somos jovens das diversas realidades regionais do país, na maioria empobrecida e, **a exemplo de Jesus Cristo e da Igreja da América Latina, fazemos opção**

pelos pobres e jovens. Encontramo-nos em grupos para partilhar e celebrar a vida, as lutas, os sofrimentos e cultivar a amizade baseada em uma formação integral e mística próprias.

4. Somos grupos de jovens motivados pela fé, atuando dentro das comunidades eclesiais, a serviço da sua organização e animação.

5. **Atuamos, também, na sociedade, inseridos nos movimentos sociais, com destaques para a participação política partidária, movimentos populares e outras organizações que lutam em defesa da vida e da dignidade humana.**

6. Organizamo-nos de acordo com as coordenações dos grupos, paróquias, setores ou regiões pastorais, dioceses e regionais, **inseridos na Igreja Católica do Brasil e da América Latina. Assim construímos e registramos nossa história, criando unidade na diversidade.**

7. Diante de uma política desumana de manipulação dos meios de comunicação social e de uma realidade tão diversa, ousamos assumir e propor os projetos da Pastoral da Juventude do Brasil, como alternativa na construção da Civilização do Amor, sendo presença gratuita e qualificada no meio da juventude, **atuando também em parceria com outras pastorais e organizações da sociedade.** (SILVA; VIEIRA; DA SILVA, 2012, p. 18-19, grifo nosso).

A opção pelos pobres e jovens e a atuação na sociedade junto dos “[...] movimentos sociais, com destaques para a participação política partidária, movimentos populares e outras organizações que lutam em defesa da vida e da dignidade humana atuação na sociedade” são, para Hélder e Paulo, abertamente indissociáveis de sua fé.

Hélder, por exemplo, entende que o envolvimento de seu grupo de jovens de Guarulhos em eleições “[...] foi um processo meio que natural [...] [posto que] sempre buscou essa militância” – a dimensão política “[...] não é uma coisa dissociada [...] foi [onde] eu encontrei a minha espiritualidade”. Já Paulo é categórico ao se posicionar: “[...] o meu lado era a partir de uma construção metodológica de fé e vida, de luta social, muito associada à Pastoral da Juventude”.

Ambos se interessam por políticas públicas, filiaram-se a partidos políticos e descrevem as atividades religiosas e as atividades profissionais que realizam como “militância”, aparecendo também em seu léxico os termos “disputa” e “luta”. O motivo pelo qual têm apreço pelos padres jesuítas é semelhante, isto é, o fato de terem uma visão *mais engajada*:

E aí tem uma diferença muito grande com os padres diocesanos assim, né? Que a gente achava que deveria ter um pouco mais essa formação, né? Que... e aí eu acho que só a teologia e a filosofia na universidade, né? Que eles... que eles aprendem. Por mais que tenha uma vivência pastoral ali, ainda não... né? Ainda falta não sei se sensibilidade ou... às vezes, eu acho que até o projeto é esse mesmo, né? De você... [...] De você formar padres, né? Acho que sem ter a preocupação com o senso crítico, aí eu acho que a dimensão até social, né? [...] E de você ter a preocupação de você formar bons administradores, né? Que a gente até repete isso com uma certa frequência, né? De... e acabam formando até uns bons administradores, a questão financeira, né, e tal. Mas, às vezes, até a vida pastoral assim da igreja, né? E isso vem se perdendo, né? Até essa dimensão mais pastoral mesmo assim, né? E que é

um pouco da tradição que a gente perde assim, né? Desde a vivência das CEBs [Comunidades Eclesiais de Base] e de muitas pastorais aí que tinham um certo... um trabalho não só no... na realidade rural assim, né? Como é a CPT [Comissão Pastoral da Terra], né? Outras pastorais. Mas eu acho que até pastorais mesmo que fazem um trabalho, inclusive, missionário mesmo muito importante, né? E eu acho que essa dimensão, ela tem... ela tá sendo perdida. E aí quando você... os jesuítas, até por ter... na espiritualidade um pouco... da experiência do peregrino, né? Eu acho que ajuda a ter uma visão um pouco mais ampla assim, né? E mais engajada também. (Hélder).

Eu admiro bastante a formação que eles têm que é muito longa. A coerência que eles buscam ter, pelo menos a maioria dos que eu convivi, conheci. Acho que para mim, como fazia muito assim, a minha paróquia de origem, ela também é de padres religiosos, não eram Jesuítas, eram Agostinianos da Assunção [...] também sempre foram muito preocupados de criar aproximações entre fé e vida, entre construções na comunidade que pudessem refletir a construção do Reino de Deus hoje. [...] Eu acho que como todos os espaços, têm suas incoerências, as suas contradições, assim talvez do ponto de vista mais macro em relação à riqueza, ao poder, mas acho que a própria simbologia do Papa Francisco né, vindo dessa formação também, reforça ainda mais em mim essa sensação de que eu estive ao lado de pessoas que de fato se formam mais profundamente na fé e na vida, assim. (Paulo).

Cabe aqui questionar se determinadas conjunturas socio-históricas poderiam afetar determinadas trajetórias individuais ou de grupos, já que, como aponta (MONTAGNER, 2007, p. 255):

Se o campo está em permanente mudança, a trajetória social é o movimento dentro de um campo de possíveis definido estruturalmente, mesmo que as estratégias e os movimentos individuais sejam ao acaso. O sentido, ou sentidos, de cada ato do agente ou de um grupo social, só ganha solidez sociológica quando relacionado com os estados pelos quais passou a estrutura do campo enquanto espaço relacional dos postos, posições e disposições dos agentes dentro desse campo em cada momento. Assim, *toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do **habitus** e reconstitui a **série das posições** sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou por um mesmo grupo de agentes em espaços sucessivos*" (Bourdieu, 1996a). Mas essa reconstituição parte do ponto de vista externo ao biografado, parte do ângulo de visão de quem reconstitui o campo como espaço social onde essa biografia se delineaia.

Assim, faz sentido ponderar sobre o fato de que tanto Hélder quanto Paulo cursaram Gestão de Políticas Públicas e têm participação ativa em meios em que podem atuar diretamente nesse campo. Hélder com seu envolvimento em um partido político, disputando eleições para cargos legislativos; Paulo, em diversas participações em conferências e conselhos de juventude, entre outras instâncias participativas. De início, ressalta-se que o curso de Gestão de Políticas Públicas cursado por Hélder e Paulo foi inaugurado apenas no ano de 2005. Há que se considerar, ainda, que a Pastoral da Juventude tem como uma de suas ações “promover a participação e atuação dos jovens nas pautas relacionadas às políticas

públicas de juventude em níveis locais, regionais e nacional”, por meio do “fomento à participação nos conselhos de direitos e demais espaços de controle das políticas públicas” e do “incentivo à participação dos jovens nas Conferências de Juventude” (SILVA; VIEIRA; DA SILVA, 2012, p. 37). Mas a existência de conferências e conselhos de juventude, e de um forte movimento por políticas públicas de juventude só ganhou forte impulso no Brasil a partir de 2003, com o governo Lula, de maneira que, talvez, possamos falar de um determinado “campo de possíveis” estrutural que se cruzou com a trajetória de alguns jovens em determinado tempo histórico.

Outro ponto comum nas trajetórias de Hélder e Paulo é o fato de terem buscado no Anchieta num formação para o trabalho que realizavam com jovens na Pastoral da Juventude. Inclusive, ao refletir sobre as atividades das quais participaram no Anchieta num, na fala dos dois entrevistados aparece a palavra “metodologia”, sem que esta tenha sido mencionada pela pesquisadora:

[...] acho que ter uma metodologia de sistematização e registro da experiência para poder refletir sobre a experiência, acaba sendo importante assim. [...] tem um lance na própria metodologia que me ajuda um pouco. (Paulo).

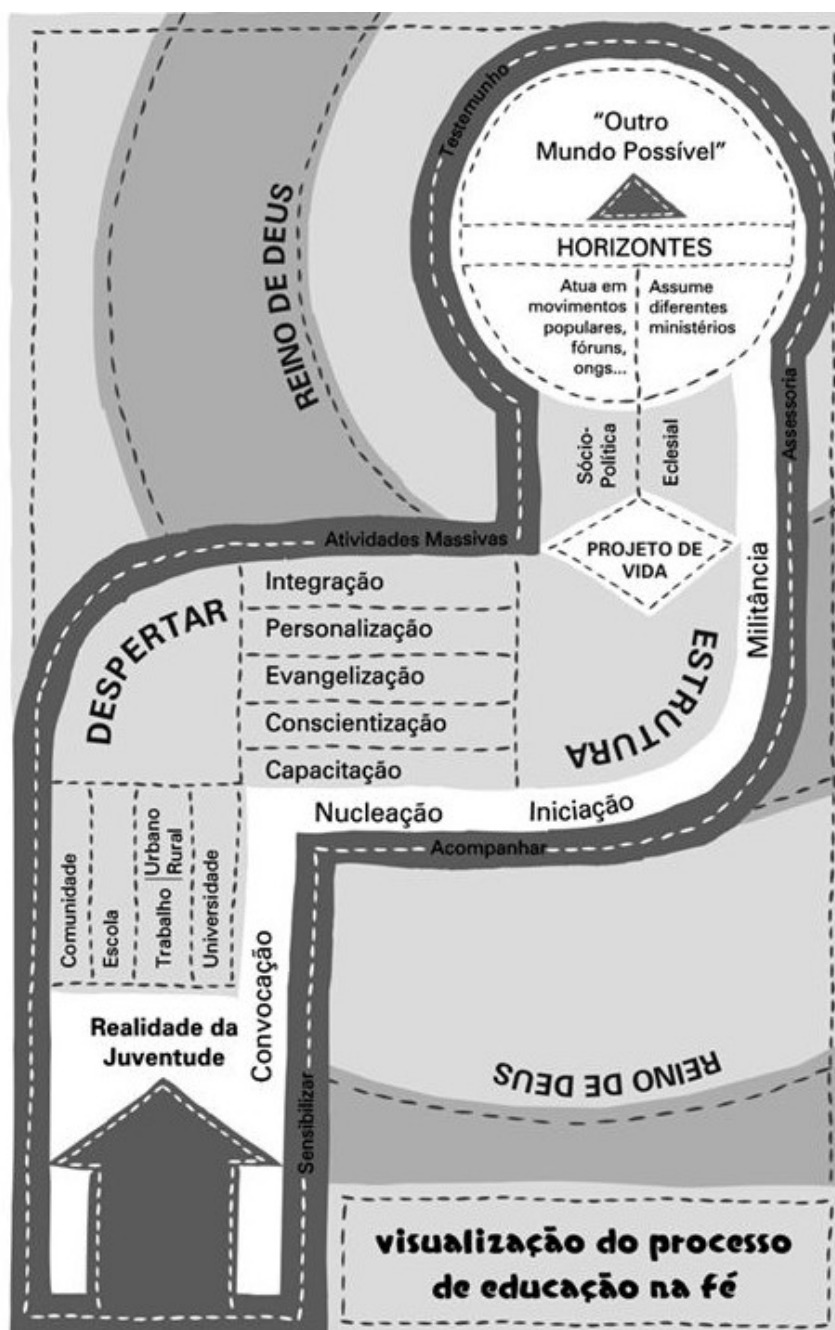
Então, eu acho que assim, que tem um... uma metodologia assim muito boa assim, né? Acho que... desde até do... de ser um espaço pensado para esse fim mesmo, né? De trabalhar com a juventude, né? [...] é um pouco esse o diferencial, o que eu vejo assim, né? Um... da metodologia, né? E é uma coisa acho que deve estar sempre em avaliação, em atualização assim, né? A gente vê com... se identifica muito com a Pastoral também assim, né? (Hélder).

Essa questão do olhar voltado à metodologia chama a atenção, pois, no senso comum, pensa-se a religião como um conjunto de crenças que se materializam em determinados rituais e, mesmo que se cogitasse pensar em formação nesse contexto, ela pareceria associada a questões específicas da fé professada, a estudos bíblicos etc. Porém, talvez não se pensasse em dimensões como pedagogia ou metodologia. No entanto, como já apontado na conversa com Hélder, Paulo e mesmo Ana, de outro agrupamento juvenil da Igreja Católica, a capacitação é algo buscado, por exemplo, por coordenadores de grupos de jovens católicos, possivelmente despertando-lhes um olhar atento à questão metodológica.

Essa preocupação com a capacitação, importante destacar, é parte do chamado *processo de educação na fé*, que se encontra explicitado, inclusive, em documento oficial da Igreja Católica sobre “evangelização da juventude”. Ao observar a representação a seguir, além da questão da capacitação, vislumbram-se, também, outros elementos que emergiram na

fala dos jovens, como é o caso da “militância” e da atuação em “movimentos populares, fóruns, ongs...”:

Figura 51 – Processo de educação na fé⁷⁴



Fonte: CNBB (2007, p. 155)

⁷⁴ Trata-se de reprodução de figura extraída do documento 85 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Contudo, o próprio documento informa a referência original: “In: TEIXEIRA, Carmen Lúcia (org.). *Passos na travessia da fé, metodologia e mística na formação integral da juventude*. São Paulo, CCJ, 2005, p. 36”. O CCJ (Centro de Cursos e Capacitação da Juventude) é outro instituto de juventude na cidade de São Paulo que oferece formação a jovens católicos.

Ao menos nas falas de Hélder e Paulo, a chegada ao “final” desse processo de educação na fé, por meio do engajamento militante e com o avançar etário, pareceu constituir uma marca de passagem ou transição para a vida dita “adulta”. Hélder, por exemplo, no momento da entrevista, disse estar “[...] indo pra reta final [...] na Pastoral [...] de forma orgânica. E aí já indo para essa militância [política]”; enquanto Paulo atenta para o momento em que ele próprio, quando se aproximava dos 30 anos, decidiu diminuir sua participação na Pastoral da Juventude:

Eu continuo participando como membro comum e auxiliando em eventos em que eu sou chamado tematicamente a contribuir. Então quando as pessoas me pedem ajuda, seja para um encontro presencial, seja para escrever um texto, seja num grupo de WhatsApp, eu colaboro. Mas eu não tenho mais um engajamento permanente, né? Acho que esse lance de respeitar o protagonismo da militância juvenil para quem tem até os seus trinta anos, para mim sempre foi muito importante... [...] Então há uns 6, 7 anos mais ou menos que eu diminuí essa intensidade de envolvimento. E que coincide, inclusive, com o momento em que eu me torno mais fortemente professor, né? Que eu começo a assumir as aulas na escola [...] nessas construções mais militantes profissionais aí que eu tive nesses anos mais recentes.

É sempre importante salientar a não homogeneidade dos grupos juvenis, o que quer dizer que nem todos os jovens da Pastoral da Juventude terão trajetórias semelhantes. Luís, por exemplo, que também afirmou ter sido da Pastoral por algum tempo, manifestou, nas apropriações feitas dessa vivência e nas marcas deixadas em sua trajetória, diferenças em relação às de Paulo e Hélder.

A emergência de *processos de educação* fora das instituições escolares tradicionais impõe maior atenção a outras “situações educativas” e “práticas socializadoras” para além da escola:

Mas uma outra segmentação interna ao campo de estudos precisa, também, ser examinada. É inegável que a Sociologia da Educação, desde o seu nascimento, ao se dedicar à análise dos processos socializadores e, portanto, à educação, privilegiou o exame da escola, embora, como afirmam Duru-Bellat e Van Zanten (1992), uma “verdadeira Sociologia da Educação” recobriria um campo extremamente vasto, pois “os mecanismos por meio dos quais uma sociedade transmite a seus membros seus saberes, o saber-fazer e o saber-ser que ela estima como necessários à sua reprodução são de uma infinita variedade” (DURU-BELLAT; VAN ZANTEN, 1992:1).

No Brasil, o estudo de outras situações educativas e de práticas socializadoras observadas na família, nos grupos de pares, nas trocas informais na esfera pública, no mundo das associações, nos movimentos sociais e nas relações com a mídia tem significado um caminho promissor de ampliação do campo de preocupações da sociologia da educação mas, ainda, bastante incipiente. (SPOSITO, 2007, p. 20).

Como é possível entrever por meio dos dados coletados nesta pesquisa, concomitante à escolarização formal dos entrevistados ocorria um processo de formação pelo qual passam muitos jovens de famílias católicas, em um primeiro momento, talvez, por obrigação ou simples costume: Batismo, Catequese, Primeira Comunhão, Crisma, grupo de jovens. Em um segundo momento, por adesão voluntária ou em virtude da busca por capacitação e outras experiências.

O fato de haver procura voluntária por formação em espaços religiosos e mobilização de esforços para aprofundamento difere do menor comprometimento que a maioria dos entrevistados manifestou em relação à escolarização formal básica e do menor apontamento de aspectos significativos e positivos de suas vivências em instituições escolares:

Eu não gostava de estudar assim, estudar foi uma coisa que eu aprendi só depois na faculdade assim, né? Porque até o ensino assim, eu acho que não exigia tanto assim de precisar estudar. (Hélder).

Eu sempre gostei muito de estudar [...] E a professora de Geografia pedia muitas redações. Geografia. Falar de coisas políticas, a situação social, e eu fazia. Adorava. E ela não acreditava que era eu que tinha feito. Então, ela me obrigava a mostrar o rascunho. Porque ela achava que eu não tinha capacidade. Então, eu sempre mostrava a redação e tinha que mostrar o rascunho. Então, eu acho que era por ser negra também. Porque a escola foi bem pesada. Os moleques me xingavam [por ser negra]. (Ana).

[...] [na igreja] era um tipo de sabedoria que não era uma sabedoria que eu aprendia na escola. E eu percebia que as relações que se tentavam construir ali, elas estavam baseadas a partir de outros princípios. [...] aquilo me atraía assim, tinha um outro tipo de sabedoria que não era o saber racional, que era um saber relacional, que acabou me atraindo bastante. (Paulo).

[...] eu tive uma formação bem deficitária [...]. O gosto pelo estudo veio mais no seminário. [...] Porque na escola eu não ia muito bem. Não era um bom aluno. (Luís).

Paulo, por exemplo, comparando suas experiências escolares com a maior atratividade das experiências religiosas, fala de “[...] um outro tipo de sabedoria que não era o saber racional, que era um saber relacional”:

Eu acho que justamente tinha essa dimensão de... “tem alguma coisa aqui para eu aprender, para eu vivenciar, que me faz crescer”. Pelo menos essa é a sensação, que em outros espaços não é ofertado. E aí isso me faz crescer inclusive em dimensões importantes de saber ser comunidade, de saber trocar e saber estimular que outras pessoas também façam parte dessa dinâmica de colaboração, de integração. Então, acho que é um tipo de saber que não é ofertado em outros espaços corriqueiros.

Além de aspectos relacionados à escola, à família e à religião, também emergiram nas conversas outras agências socializadoras significativas para os jovens. Marlon considera o **trabalho** fruto de constantes reflexões. Ele discorreu, por exemplo, sobre as diferenças percebidas, em comparação com seus colegas de emprego, também na maneira de se relacionar com a atividade desenvolvida conforme foi amadurecendo:

Porque eu trabalho com pessoas simples. Pessoas... Por exemplo, o mesmo exemplo dos meus pais que tiveram uma vida difícil, que têm uma vida difícil até hoje, pagamento de contas, assumir um casamento, dar atenção aos filhos. Isso aí todo mundo vai passar, à sua maneira, mas, por exemplo, são pessoas que não têm uma visão tão ampla assim, sabe? Estão calejadas. Já sofreram bastante. Então, para eles, tipo, um cara que nem eu, assim, jovem, que curte essas coisas, é estranho, enfim. [...] Por que eu quero trabalhar com desenho e projetos aqui nessa empresa de móveis para escritório? Mas qual a importância desse trabalho? Qual a importância do trabalho que vai... Será que é uma engrenagem? Será que é uma das engrenagens? [...] Porque é muito operacional. É muito “maquinha”, sabe? As pessoas não te valorizam [...].

O trabalho, nesse sentido, transformou-se em insumo para sua tendência a questionamentos e reflexões:

Comecei a observar todos os pequenos trabalhos. Tipo, o faxineiro. O faxineiro de uma estação de metrô, por exemplo. De um hospital. Um enfermeiro. Qual a importância de cada trabalho e a importância da minha função? Por que eu ainda estou aqui e qual a importância de eu estar aqui? Mesmo que a empresa contrate outro amanhã, o cara aprende o serviço. Pode ser que ele não tenha a mesma visão que eu. Tipo, em fazer aquilo como se fosse para mim mesmo, sabe? Quando a gente compra um celular, compra um fone de ouvido, compra algo, a gente quer que ele venha em perfeitas condições. A mesma coisa com esse trabalho. A gente está comprando aquilo e aí eu comecei a pensar nisso. Tipo, não fazer de qualquer jeito, só porque eu estou chateado, estou desanimado com a minha vida profissional. Com a minha formação profissional. [...] Que eu desenvolva uma dinâmica com esse trabalho para que ele se torne um trabalho agradável. Pensando que sendo um trabalho agradável para mim, vai colaborar muito para quem vai utilizar isso aqui. Quem vai utilizar esse móvel, essa cadeira, essa mesa, se é confortável. Pode ser que uma pessoa que tem problema de coluna vai sentar nessa cadeira e vai sentir confortável. A mesa vai estar numa altura legal, a pessoa vai ter facilidade para regular a mesma, a altura, vai ter, tipo, um gaveteiro que nem esse daí que a pessoa pode guardar documentos do próprio escritório ou ela pode guardar fotografias. Ela pode guardar fotografias. Pode guardar, sei lá, o número do telefone de uma pessoa amada, sabe? Comecei a pensar nessas... Comecei a pirar nessas paradas aí, mano. Falei: é um trabalho simples, mas ao mesmo tempo é complexo.

No caso de Clara, a experiência como professora da rede municipal de ensino em São Paulo tem reverberado de diversos modos em sua vida. Ela menciona o fato de lecionar em uma escola que recebe muitos alunos com diversidade funcional, que isso a despertou para a percepção de viver *em uma bolha*, pois durante toda sua vida escolar “[...] nunca teve ninguém de inclusão, nunca teve ninguém com necessidade diferente, nenhuma”. Além disso,

por integrar a categoria dos professores municipais, acontecimentos como a violência sofrida por uma colega em uma manifestação contribuíram para despertar o sentimento de medo que disse experimentar ao refletir sobre a sociedade atual:

Nossa, os medos são vários, né? Eu acho que o contexto, ele gera muito medo em mim, em todas as... os âmbitos assim. Às vezes, eu penso que, talvez, seja melhor você se alienar um pouquinho para você sofrer menos, sabe? Porque se você tiver lá em contato com essa realidade muito dura que a gente vive no Brasil hoje e no mundo, a gente acaba se machucando demais. Então, o medo é de tudo assim. Medo de uma... de voltar uma ditadura, medo de que mais gente inocente morra [*em referência ao caso de Marielle Franco*]. Enfim, são muitos medos. [...] nossa, semana passada, com o negócio da Marielle, juntou com a professora que foi espancada na Câmara, eu comecei a chorar no meio da rua assim, sabe? Então, você fala: “Nossa, realmente estão querendo jogar a gente cada vez mais pra baixo”. A gente como sociedade e não a gente como pessoas individuais ou como pessoas assim, todo mundo.

A participação em outros **grupos e movimentos** também parece marcar as trajetórias de alguns entrevistados, como no caso de Ana, que, já na adolescência, participava de “[...] alguns coletivos que discutiam a questão étnico-racial de uma forma mais crítica”. Inclusive, no momento da entrevista, mencionou sua participação no “movimento negro”. No caso de Marlon, a participação em um coletivo afro, ao qual não deixou de tecer algumas críticas, gerou identificação e mudança de percepção sobre o *peçoal de Humanas*:

Foi lá também que eu tive essa... Por isso que eu falei. Esse contato com jovens do ensino superior. Já ia começar, sei lá, a frequentar os barzinhos, né? Ver aqueles papos revolucionários, papo cultural, tá ligado? De jovens universitários, e eu gostava muito desses assuntos. Divagava nesses assuntos, cara. Lá, eles tinham o coletivo. Um coletivo... Não era um coletivo. Eles não gostavam dessa denominação de “coletivo afro”. Falavam que era uma organização afro para não levar o nome da faculdade. Mas todos os eventos que eles propiciavam eram dentro da faculdade, tinha que levar o nome da faculdade. Da instituição de ensino. “Não, a gente é independente. A gente vai sair daqui, vai alugar um espaço não sei aonde”. Não. Você não vai alugar espaço nenhum. Você vai terminar seu curso, você vai esquecer disso aqui. [...] mas tinha gente mais velha do que eu e tinha esses assuntos, né? Enfim, foi lá que eu comecei a me identificar, assim, começar a retomar os critérios que eu tinha com relação a cursos na área de Ciências Humanas, entendeu? Comecei a deixar de lado um pouco desse preconceito também. [...] Preconceito de: “Ah, meu. Esse pessoal de Humanas é tudo vagabundo.

Algo apontado nos depoimentos apenas por Marlon e Ana, mas destacado pelos participantes do Espaço Projeto de Vida (item 3.3, p. 101), diz respeito à influência de **elementos culturais** na constituição de suas identidades. Os participantes da atividade analisada citaram livros, músicas e programas televisivos ao completar a frase “Se não fosse... não seria eu”. Ana disse que gosta muito de dançar, desfilando em uma “escola de samba desde os sete anos de idade”. Marlon cita em diversos momentos da entrevista seu gosto por

música popular brasileira, que atribui à influência de seu pai: “A religião dele praticamente era música, porque ele ouvia bastante música, entendeu? Então, se eu tenho algum conhecimento musical hoje, tanto de tocar instrumentos como de intelectual mesmo, de gostar de música, música de verdade, né? [...] foi através dele”. Já no Espaço Projeto de Vida, durante momento de partilha, além da música, ele citou desenhos animados:

Enfim, das músicas, enfim, eu vejo que mais que uma universidade, isso educa bastante, isso traz uma educação, assim, faz de você uma pessoa sábia, os desenhos, a *Caverna do dragão*, o “mestre dos magos”... Ele sabia das coisas... A infância educa muito... [...] um pouco dessa educação que tive na infância, que moldou um pouco do que sou hoje, do que aplico nos diálogos com as outras pessoas...

Nos dados quantitativos os jovens também destacaram a importância da esfera cultural em suas vidas. Dentre os que declararam participar de algum outro grupo ou coletivo não atrelado à religião, a opção “Grupo cultural (teatro, música, dança, literatura etc.)” foi a mais citada, com 22,12%⁷⁵. De fato, para a juventude, a cultura tem papel fundamental:

Cultura é uma palavra-chave que se relaciona com diferentes planos da vida dos jovens. Interfere na sua formação e informação, incidindo na produção e disputa de sentidos e valores. Influxa na constituição de identidades e sociabilidades pessoais e coletivas, incidindo nos modos como se estruturam seus vínculos e confrontos societários. Oferece-se como diversão e fruição, incidindo no uso do tempo livre e no modo de relação com os espaços públicos e territórios sociais. Está presente na criação e expressão de arte, incidindo nos modos como manifestam suas visões de mundo. (INSTITUTO CIDADANIA, 2004, p. 34).

Nesse sentido, ao abordarem as *expressões culturais autônomas (estilos) juvenis*, Catani e Gilioli (2008, p. 27), destacam ainda outras maneira pelas quais a cultura opera na vida juvenil: “correspondem a um espaço de socialização e a uma espécie de ‘institucionalidade’ paralela àquelas representadas, por exemplo, pela família e pela escola”, funcionando “como um rito de passagem para se construir identidades juvenis”.

As atividades relacionadas à cultura, ao esporte⁷⁶ e ao lazer, em geral realizadas no chamado “tempo livre”, são, assim, espaços produtores de *sociabilidade*, de elaboração de “subjetividades coletivas em torno de culturas juvenis” e de “aprendizagem das relações sociais em contexto de liberdade de experimentação” (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005, p. 176). Nesse “espaço-tempo”,

⁷⁵ Cf. Tabela 5 deste estudo, p. 82-83.

⁷⁶ A participação em “clube/associação esportiva” foi declarada por 6,19% dos jovens que afirmaram participar de algum outro grupo ou coletivo não atrelado à religião, cf. Tabela 5, p. 82-83.

[...] deve-se reportar à centralidade do grupo de pares no processo de formação humana. A convivência em grupos possibilita a criação de relações de confiança; desse modo, a aprendizagem das relações sociais serve também de espelho para a construção de identidades coletivas e individuais (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005, p. 176-177).

E ao se falar em grupo de pares, ressalte-se que as relações de **amizade** também apareceram como importante aspecto para alguns dos entrevistados. No caso de Clara, conforme mencionado anteriormente (item 4.1.2, p. 141-142), chama atenção o fato de ter feito, no Anchietanum, “[...] amigos próximos para a vida”. Apesar dos distintos contextos sociais de que fazem parte, ela afirmou partilhar *das mesmas ideias* para com eles e manter “[...] uma troca muito legal [...] [sobre] feminismo, a vida, a religião”.

Em relação a Ana, os amigos refletem seus múltiplos pertencimentos, acrescentando-lhe diversos relatos de experiências e redes de sociabilidade:

E convidaram [a equipe do Anchietanum] os meus amigos da Comunidade do Rosário. Então, fizemos uma missa afro lá. Minha mãe foi, as pessoas que eu convivia lá na Zona Leste foram até aquele espaço e eu celebrei meu aniversário.

[...] Então, para eu ser Ana e ser eu, eu não tenho que entrar em caixinhas que vocês dizem que tenho que ser. Porque isso é uma forma de opressão também, né?”. Eu tenho amigas que são negras que são budistas, por exemplo. Espíritas. Evangélicas.

[...] Outro dia, eu tenho um amigo que me contou essa história e olha que ele nem é cristão. Ele é historiador.

[...] Eu gosto muito de dançar. Inclusive, eu desfilo numa escola de samba desde os sete anos de idade, assim. [...] Eu já passei por outra, mas desfilo na mesma. E eu saio como porta-bandeira e meu irmão é mestre-sala.

Na intersecção dessas desiguais e distintas trajetórias, em meio a diferentes instâncias socializadoras, não há como negar a importância que os jovens relegam à religião na percepção sobre seus percursos: “Aí, essa vivência pastoral e aqui [Anchietanum] eu acho que contribuíram bastante e fez com que eu pensasse bem diferente” (Hélder); “E fora que os Exercícios Espirituais que é uma coisa que eu levo pra vida” (Clara); “[...] é uma coisa que, de alguma maneira, transforma e significa para o jovem” (Clara); “Esse aqui é o Anel de Tucum, né? Todo dia de manhã, quando eu coloco esse anel, eu peço a graça de não esquecer meu compromisso com os pobres e oprimidos. Coloco esse anel porque ele significa isso” (Ana).

Em uma tentativa de classificar a maneira como as experiências religiosas apareceram nas falas dos entrevistados, especificamente as vivenciadas no Anchietanum – experiência comum a todos –, foram agrupados cinco aspectos principais:

a) Relação com Deus (espiritualidade) e consigo mesmo (reflexividade)

Na fala dos entrevistados, o Anchiétanum configura-se como espaço de encontro com Deus e consigo mesmo simultaneamente. É como se expressassem que as experiências de encontro com Deus proporcionadas pelo Anchiétanum por meio, sobretudo, dos Exercícios Espirituais, provocassem reflexão sobre si mesmos com conseqüente influência em suas identidades, personalidades e projetos de vida:

E fora que Exercícios Espirituais que é uma coisa que eu levo para a vida assim [...]. Ah, eu acho que são todas [atividades] muito significativas assim. Eu nunca vi alguém ir até o Anchiétanum e falar: “Nossa, que coisa horrível, eu vim aqui para nada, sabe?” [risos]. Então, é uma coisa que, de alguma maneira, transforma e significa para o jovem, né? Eu acho que essa é a marca assim, essa é uma coisa importante. [...] é um pouco dessa questão da espiritualidade, é um pouco de... do espaço de acolhimento, é um pouco do que... de aprofundar em nós e... nós mesmos assim. (Clara).

E aí nesse processo eu fui conhecendo outras pessoas também e atividades assim mais específica de projeto de vida. Que eu fiz o... um retiro em Itaici e o próprio Exercício [Exercícios Espirituais], né? E aí... e foi uma coisa que ajudou eu a... né? Depois de... dessa virada assim, né? A pensar assim um projeto de vida e seguir assim, né? (Hélder).

E os Exercícios faz isso com a gente. Ele potencializa suas áreas boas e, às vezes, as ruins também [risos]. Mas, enfim, você fica mais potente, né, como ser humano. [...] você se torna uma pessoa mais forte interiormente. (Luís).

[...] como eu sou muito racional, acho que ter uma metodologia de sistematização e registro da experiência para poder refletir sobre a experiência, acaba sendo importante assim. [...] pensando em memória afetiva, a primeira que me vem à cabeça, que deve ser ou na primeira ou na segunda etapa assim, é o lance de não ser um colecionador de pedrinhas para oferecer a Deus, mas para me esconder atrás das pedrinhas que eu tenho para oferecer... mas do amor direto entre Deus e o ser humano que me ama do jeito que eu sou. Acho que essa proximidade que me faz romper com as minhas lógicas, assim, do tipo: “Eu quero que as pessoas, que Deus goste de mim por aquilo que eu faço”. Essas surpresas, né, de formação que vão fazendo com que a experiência de relação com Deus e com a sociedade mude. Eu acho que são as afetivas que mais me marcaram no caminho assim. (Paulo).

Sobre o formato que as atividades de espiritualidade tomam, os jovens destacam o fato de serem centradas no silêncio e utilizarem cantos de Taizé:

[...] quando eu cheguei no Anchiétanum, eu vi que era Taizé, era silêncio. “Nossa, isso tem a ver comigo!” [...] Aí eu entrei, fui conhecendo os Exercícios, fui percebendo que tinha a ver comigo os Exercícios. Ele fazia mais sentido na minha vida. (Luís).

Aí eu comecei a conhecer mais essa comunidade inaciana, os Exercícios, né? Fui numa “Oração de Taizé”. Então, acho que eu fiz um retiro também, “Projeto de Vida”. Então, falava desse Cristo que aceita você exatamente como você é, com a sua cultura. De uma forma... sem ser de uma forma tão dogmática, das regras. Então, me identifiquei muito com isso. Muito. Muito. (Ana).

Se no meu relacionamento eu tive um problema em ter intimidade com Deus por conta dessa coisa de, sei lá: “Eu quero intimidade com Deus no grito”, sabe? “Vou gritar para Deus me ouvir. Falar bem alto”. Eu não tinha isso. Nunca tive isso de fato. Até mesmo algumas coisas, assim, que são muito caricatas da própria Igreja Católica, das celebrações, ritos. Eu não curtia muito, mano. No Anchieta, eu tive oportunidade de, tipo assim, é como se fosse uma coisa que fizesse parte da minha autenticidade religiosa, sabe? Uma coisa que era muito eu, assim, essa coisa... Sabe? Não preciso nem... Porque, às vezes, eu não tenho nada a dizer a Deus. Mas Deus está dizendo para mim, né? Essa coisa da contemplação mesmo [...] Eu acho que reforça a autenticidade. Você pode ser quem... quem você é de fato mesmo, de verdade, ou não. Vai depender de cada pessoa. [...] O Anchieta te dá perguntas, né? (Marlon).

b) Formação

São realçadas diversas frentes de formação nas entrevistas, contudo, a ênfase maior é para a capacitação metodológica oferecida para aqueles que trabalham com outros jovens em suas comunidades de origem, já que, para muitos, esse é o motivo de terem buscado o Anchieta pela primeira vez: “E depois de participar desse grupo, eu conheci o Anchieta porque o Anchieta oferecia espaços de formação para as coordenações. E eu virei coordenadora. Aí eu fui para lá” (Ana); “Primeiro, era um pouco mais na questão da capacitação assim, né? Da... né? De... eu... e aí eu tava, enquanto coordenação, em um grupo de jovens, eu tinha bastante essa preocupação, né? Aí eu participava das formações aqui, né?” (Hélder).

No que diz respeito àquilo que pode ser chamado de *formação humana*, o “Espaço Projeto de Vida”, que apareceu em falas sobre espiritualidade, conforme visto acima, também teve destaque:

E nesse caminho, que nem agora eu fiz esses 3 módulos do “Espaço Projeto de Vida” e... eu não sei a conclusão que as outras pessoas tiveram desse espaço, mas eu acho que o “Espaço Projeto de Vida” em si, ele é como as outras atividades da casa. Ele vai abrir, ele vai aflorar sentimentos para que no caminhar da vida você tenha essa ferramenta para ajudar a desenvolver melhor ainda o seu projeto de vida, entendeu? Não usando o projeto de vida como uma ferramenta técnica, sabe, algo técnico [...]. E o Espaço vai te ajudar a pensar, a desejar projetar a vida. É um estímulo. É um estímulo. Faz com que você crie o desejo de projetar a vida. Não que você já tem que automaticamente fazer isso. Mas no caminhar da vida, você vai ter uma dinâmica melhor nesse projetar da vida. (Marlon).

O “Espaço Projeto de Vida”, que era um dos espaços – não sei se existe até hoje ou não –, foi um dos que eu fiz e depois, também, não me lembro, mas eu acho que eu cheguei inclusive a colaborar na execução depois. Ele foi a primeira vez que eu sistematizei um projeto de vida literalmente falando assim, no papel, né? [...] e a estruturação do primeiro projeto de vida, ela ainda me influencia até hoje. [...] Influenciaram, marcaram a minha biografia para minha inserção profissional, pras inserções que eu fiz no movimento estudantil, pras inserções, pras opções que, que fiz de filiação partidária. E até hoje, né, que sou professor, também, acabei de ingressar no Mestrado [...] (Paulo).

A formação proporcionada pelo Anchiétanum, na visão de Paulo, diferencia-se de outras experiências eclesiais e reveste-se de importância, na medida em que proporciona um *amadurecimento na fé* diferenciado em relação aos ritos mais evidentes:

Acho que tem um momento que a fé, tanto do ponto de vista sensitivo como racional, ela vai exigindo novas respostas. Eu acho que a pedagogia que o Anchiétanum oferecia seja nessa vivência mais de espiritualidade, a partir da proposta Inaciana, seja nas vivências de formação que também combinam espiritualidade – mas tem também essa dimensão da capacitação – elas me proporcionavam esses passos de amadurecimento na fé. [...] As novas respostas que a gente não encontra só participando na missa ou só tendo individualmente uma relação com Deus, mas aquilo que estimula a conexão dos saberes racionais com os saberes sensitivos e com o projeto de vida, com o que faz a interligação e faz tudo fazer sentido.

A dimensão da experiência na formação proporcionada pelo “Voluntariado Jovem”⁷⁷ foi também algo destacado pelos entrevistados:

[...] ela é muito de imersão, né? E, para mim, foi muito forte o lance de passar os dias comendo com pessoas vulneráveis, dormindo com crianças em situação de rua e refletindo e rezando sobre tudo isso. Então, eu acho que isso foi um divisor de águas na minha experiência do Anchiétanum, que, inclusive, eu acho que foi logo no início – deve ter sido depois que eu fiz as cinco etapas dos Exercícios Espirituais, eu fiz o “Voluntariado Jovem”. E aí, eu acho que o “Voluntariado Jovem” acabou me estimulando e me fortalecendo para as outras inserções e nos outros espaços. (Paulo).

Ah, eu acho que o voluntariado, para mim, é o que me marcou assim profundamente. [...] lá no Anchiétanum, o Voluntariado, eu gosto muito de estar lá e ver as experiências das pessoas, de poder estar também atuando em lugares que precisam de gente fazendo coisa. Eu acho que o Voluntariado é a coisa mais importante assim para mim, além dos Exercícios Espirituais, né? Que embasam tudo isso de alguma maneira. [...] Mas assim o Voluntariado influenciou muito no meu projeto de vida, né? (Clara).

Foi, para mim, uma excelente experiência assim, né? De choque de realidade mesmo assim [...] Por mais que a gente venha da periferia, eu nunca tive, por exemplo, uma vivência igual eu tive no voluntariado de você trabalhar com pessoas em situação de rua ali, em um processo de catar um material, um reciclável, né? E aí tem a questão até do estranhamento com o próprio trabalho, que é uma coisa assim forte, né? E ao mesmo tempo, condições ali degradantes pro ser humano estar exposto ali daquela forma, né? E isso assim foi uma experiência de levar pro resto da vida, né? (Hélder).

c) Sociabilidade

A questão da rede de sociabilidade promovida indiretamente pelo Anchiétanum também foi ressaltada nas entrevistas. Clara, por exemplo, diz ter feito amizades significativas:

⁷⁷ Cf. nota 63, p. 136.

Olha, eu acho que para mim, uma das coisas mais importantes do Anchietaum sempre foi a diversidade assim. [...] É um lugar de encontrar gente muito diferente de você, mas que por algum motivo tem alguma coisa muito em comum. Que eu acho que por isso que a gente tem... as amizades são significativas dentro do Anchietaum. Porque é um lugar que reúne gente que pensa de um jeito parecido de alguma maneira, e que tem lá um Deus muito parecido, vai [risos]. E que tem uma partilha da espiritualidade e tal. Então, eu acho que é isso assim, é um lugar que tem... traz gente de vários contextos e gente que vale a pena ter contato assim. [...] Eu sei que são contextos completamente diferentes, é uma coisa que... sei lá, eu sou privilegiada em vários níveis, eu sei assim. E eu não quero de nenhuma maneira que isso atrapalhe a minha convivência com outras pessoas. [...] Enfim, então, é uma troca muito legal assim que a gente tem. Apesar de vir de contextos muito diferentes, a gente tem muita coisa parecida.

Na visão de Luís, o Anchietaum é diferente de outros espaços eclesiais por ser frequentado por pessoas de *cabeça um pouco mais aberta* e em busca de conhecimento:

[...] essa dinâmica de ser da igreja é diferente, né? Assim, a gente sabe que a gente vai chegar ali para falar a mesma linguagem que as pessoas ali, né? As pessoas entendem, falam a mesma linguagem. É um público, as pessoas que frequentam, é de uma cabeça um pouco mais aberta. Consegue dialogar no mundo, né. Então, assim, você consegue falar de Igreja, consegue falar de mundo, consegue falar de realidade, consegue falar de política, de filosofia, de formação e tudo o mais. Porque geralmente as pessoas estão estudando, né? Ali no Anchietaum... Então, as pessoas que frequentam estão na graduação ou estão querendo entrar na graduação ou têm alguma formação mais específica. Então dá para fazer esse diálogo transdisciplinar lá dentro. E faz parte de mim, hoje, e hoje reflete na minha vida acadêmica que eu estou seguindo.

Como observa Novaes (2016, p. 247), a relação dos jovens brasileiros com a religião suscita “a reflexão sobre o lugar destacado que a religião guarda na socialização e na sociabilidade dos jovens de hoje”, de maneira que ao “produzir espaços de agregação social, a religião, muitas vezes, pode ser ponto de partida para outras experiências e pertencimentos culturais e políticos”.

d) Acolhida

Ao mencionar o Anchietaum, em dado momento da conversa, Clara referiu-se à instituição como “espaço de acolhimento”, visão essa compartilhada por outros entrevistados, que expressaram o fato de se sentirem *muito à vontade* na instituição, de poderem ser quem são de fato, como expresso nestes dois depoimentos:

Aí eu comecei a conhecer mais essa comunidade inaciana, os Exercícios, né? Fui numa “Oração de Taizé”. Então, acho que eu fiz um retiro também, “Projeto de Vida”. Então, falava desse Cristo que aceita você exatamente como você é, com a sua cultura. De uma forma... sem ser de uma forma tão dogmática, das regras. Então,

me identifiquei muito com isso. Muito. Muito. [...] E você podia trazer coisas que estava vivendo na sua casa. Eu acho que era mais real e eu não precisava esconder, por exemplo, que minha avó benzia, que eu fazia isso também. Depois eu comecei a participar da missa afro. A galera achava isso o máximo. Em outras pastorais da igreja: “Nossa, que não tem nada a ver. Que mistura”. Então, eu me sentia muito à vontade lá. Acho que era isso. (Ana).

Eu acho que reforça a autenticidade. Você pode ser quem... quem você é de fato mesmo, de verdade, ou não. Vai depender de cada pessoa. [...] Não sei. Eu começo a me questionar, dar atenção para o que as pessoas querem que eu seja e não dou atenção para o meu eu especificamente, o que eu quero para mim, sem esse ar arrogante. Por isso que eu falei da autenticidade. Não é uma arrogância. Eu quero fazer isso porque é o melhor para mim, mas em algumas ocasiões, se eu tiver que ceder algo, eu vou fazer isso, mas parece que nesses espaços, você tem que ceder a todo tempo. Você é moldado pelas pessoas, pela opinião das pessoas, entendeu? “Ah, você tem que cortar esse cabelo. Cabelo feio, cheio de caspa, cheio de carrapato. Bob Marley tinha carrapato, sabia?”. Meu, eu não sou... Eu não gosto de reggae. Eu não gosto de reggae. Eu não gosto, eu não sou rastafári, cara. Você entendeu? Eu tenho barba, mas eu não sou rastafári, sabe? Eu não sigo rastafarianismo, eu não fumo maconha. E a todo tempo. Tipo: “Teus amigos estão casando. Você tem que casar. Agora você começou a namorar. Você tem que casar”. Não. Não estou pronto para casar ainda. [...] Enfim, é isso que me atrai aqui no Anchietanum. Eu posso ser quem eu quero ser. Eu me sinto confortável. (Marlon).

e) Catolicismo “mente aberta”

Antes de chegar ao Anchietanum, Ana buscava pessoas de *mente aberta* dentro do catolicismo, “[...] uma espiritualidade mais libertadora”, com menos “enquadramentos” e se sentia identificada com “[...] esse Cristo que é com os pobres”. Na instituição em comento, ela encontrou bem mais que um espaço de prática espiritual:

E se eu não tivesse passado pelo Anchietanum, eu acho que não conseguiria ser cristã, por exemplo. Porque aí você começa a participar de pastoral, você vê várias coisas erradas. Postura de padre, das pessoas e aquilo foi azedando o pé do frango. E essa coisa do Anchietanum, Exercícios Espirituais, de ver essa outra forma de ser igreja ajudou a dar uma segurada [...] Uma forma mais crítica, mesmo, mais encarnada. Engraçado que o Anchietanum é religioso, mas é uma dimensão além da religião, né?

A *dimensão além da religião* que Ana percebeu no Anchietanum é explicada pelo fato de o espaço ser “[...] articulado com o que estava acontecendo no mundo”, promovendo discussão de temas candentes no espaço público:

Eu achava muito legal porque era muito articulado com o que estava acontecendo no mundo. Então, por exemplo, a gente estava tendo uma questão... o extermínio da juventude negra. A gente discutia lá. Ah, estava tendo as ocupações nas escolas. Então, era uma coisa muito encarnada. E o que a gente conversava com a galera. E as conversas não eram papo... Por mais que tinha a questão da espiritualidade, mas não era só isso. (Ana).

Ao encontro da percepção de Ana, Luís descreve as pessoas que frequentam o Anchietaum como *de cabeça um pouco mais aberta*, de maneira que se pode “[...] dialogar no mundo [...] falar de igreja, consegue falar de mundo, consegue falar de realidade, consegue falar de política, de filosofia, de formação e tudo o mais”.

Hélder também faz menção a uma “[...] visão um pouco mais ampla [...] mais engajada também”. Tal questão é partilhada por Marlon que, ao buscar o Anchietaum, “[...] queria respirar novos ares”, pois no bairro e na paróquia *estava pequeno*.

Os apontamentos dos entrevistados, ao falar sobre o Anchietaum, vão ao encontro dos dados expostos no item 3.2, acerca do que os jovens mais buscam nesse centro de juventude confessional: espiritualidade, reflexividade (autoconhecimento e apoio para projeto de vida), formação, sociabilidade, acolhida. Conforme discutido anteriormente no item supracitado, a procura por experiências religiosas funde-se com o anseio por recursos que permitam o conhecimento de si e proporcionem instrumental para a tessitura de um projeto de vida

A seguir, verifica-se que um constante *ajuste de bússolas* parece ter se configurado como um imperativo na modernidade tardia, possivelmente fazendo com que se busque na religião recursos que permitam lidar com os caminhos imprevisíveis e sem sinalização precisa “para além da curva da estrada”.

4.3 O imperativo da reflexividade e a busca por recursos na religião?

Ao longo deste estudo, sobretudo no item 2.2, mencionou-se que, apesar das diferenças e desigualdades sociais, parece haver certas marcas comuns impressas pela sociedade contemporânea e pela excludente realidade brasileira que são vivenciadas pelos jovens. O medo de “sobrar”, o medo de morrer e o medo de ficar desconectado que recai sobre a juventude brasileira (NOVAES, 2018, p. 366) exacerba-se diante de uma sociedade contemporânea caracterizada pela aceleração, risco e incerteza, impondo desafios na elaboração de projetos de futuro (LECCARDI, 2005, p. 43).

De acordo com Archer (2012) a conjuntura atual tem moldado novos contextos situacionais nos quais os sujeitos veem-se imersos e cuja variedade têm de encarar, sem que lhes sejam de serventia as maneiras habituais apreendidas ao longo de sua socialização, de modo que a reflexividade torna-se um imperativo na ausência de parâmetros garantidores sobre o que fazer diante de numerosas situações inesperadas.

Sem deixar de destacar a importância das relações e da relacionalidade, assevera-se que, com as crescentes transformações contextuais, os jovens são cada vez mais impelidos à reflexividade na ponderação sobre como realizar seus anseios para *dar um rumo* a suas vidas, pois, na contemporaneidade, família e escola não mais proporcionam diretrizes confiáveis. Pelo contrário. Podem às vezes ser fontes de mensagens dissonantes dentro de suas próprias esferas, ao invés de círculos normativos consensuais, reforçando-se, assim, o papel da reflexividade no processo de socialização contemporâneo (ARCHER, 2012, p. 96-97; 124).

Como orientistas, mas sem mapas ou bússolas confiáveis, os jovens na atualidade parecem ter de contar apenas consigo mesmos para orientar-se em um percurso em constante mutação. Nesse sentido, Archer (2012, p. 108) manifesta que a socialização deve ser considerada um processo vitalício, em virtude da inevitabilidade de adquirir-se novas habilidades, de enfrentar novas experiências e de deparar-se com possibilidades inéditas. Essa “vitalicidade” talvez seja o que leve jovens já não tão jovens (com 30 anos ou mais), conforme verificado no item 3.2, a continuarem buscando no Anchiitanum o mesmo que buscam os jovens até 29 anos: espiritualidade inaciana – com seu acento na reflexividade por meio de práticas de oração e meditação permeadas pelo silêncio –, autoconhecimento e ajuda para pensar em seus projetos de vida.

Apesar do acento colocado na reflexividade dos agentes, a mesma Archer (2012, p. 96) destaca o papel da relacionalidade na socialização. Ela explica que as relações não seriam um pano de fundo estático contra o qual “indivíduos” independentes se engajariam em um “decisionismo” reflexivo, uma vez que as relações e a relacionalidade podem resultar em mudança e inovação na busca de um *modus vivendi* satisfatório e que se sustente (ARCHER, 2012, p. 124).

Tais observações de Archer parecem ir ao encontro dos achados desta dissertação acerca da busca de recursos possíveis pelos jovens na religião a fim de enfrentar as difíceis sendas de transição para a vida adulta na sociedade contemporânea e desafiadora realidade nacional. Quando perguntados em questionário sobre as motivações que os levavam a frequentar o centro de juventude confessional constitutivo do campo empírico desta investigação, as três respostas mais citadas referiam-se a: espiritualidade, autoconhecimento e auxílio para pensar em seus projetos de vida – elementos que também apareceram com destaque nas entrevistas.

Considerando que “espiritualidade”, para os participantes da pesquisa, quer dizer “Exercícios Espirituais”, os quais motivam à reflexividade e ao exercício de projetar a vida (CAPRINI, 2018), sugeriu-se que a procura por experiências religiosas, no caso dos sujeitos

deste estudo, confunde-se com a busca por recursos que contribuam para o conhecimento de si e para a conformação de um projeto de vida, isto é, torna-se um meio de que dispõem para nortear seu agir no mundo.

Contudo, o ponto de interrogação no título desta seção não foi arbitrário. Entre determinismo e voluntarismo, em concordância com Vandenberghe (2016, p. 122),

Em vez de estabelecer jogos de soma-zero, deveríamos analisar mais cuidadosamente as mediações entre linguagem e pensamento, sociedade e indivíduo. No entremeio, lá onde eles se encontram e estabelecem uma interseção, deveríamos praticar um “pensamento fronteiro”, concentrarmo-nos na “zona de transação” e investigar como essa “membrana que regula o intercâmbio entre o interior e o exterior funciona, de maneira a descobrir tanto o que a sociedade faz com e no indivíduo (“a sociedade no homem”) quanto o que o indivíduo faz com e na sociedade (“o homem na sociedade”). Entre linguagem e pensamento, determinação social e autodeterminação, mudança social e mudança pessoal, deve haver uma via média, e é esta que os próprios atores negociam continuamente em seus próprios termos.

Ao “[...] investigar essa membrana que regula o intercâmbio entre o interior e o exterior”, na obra *Meditações Pascalinas*, de Bourdieu, Mauger (2017, p. 306-308) aponta que a reflexividade pode ser consequência da conjuntura (relaciona-se com períodos de crise), de “[...] deslocamentos de grande amplitude no espaço social e/ou as rupturas biográficas [...], de ‘consciência’ da violência simbólica de determina ordem social” e, finalmente, da “[...] prolongação generalizada das escolaridades”:

Além da quebra – ao menos relativa – das divisões sociais que ela implica e, por isso mesmo, a percepção inevitável das desigualdades econômicas e culturais, além dos acúmulo de instrumentos de expressão e da aprendizagem da transcrição do *ethos* em *logos*, a escolarização prolongada implica numa aprendizagem da condição escolástica e na interiorização de disposições reflexivas que facilitam a passagem do distanciamento acidental a uma disposição permanente: “Estando livre da sanção direta do real, o aprendiz escolar [...], escreve Bourdieu, é a ocasião de adquirir, de lambujem, por força do hábito, a disposição permanente para operar o distanciamento do real diretamente percebido, condição da maioria das construções simbólicas” (MP, 28).

Como observado ao longo deste estudo, não apenas a escola, mas a religião também pode ser vista como espaço de formação e de *interiorização de disposições reflexivas*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar outras situações educativas para além dos muros das instituições escolares e de outras instâncias socializadoras mais tradicionalmente exploradas, mas, ao mesmo tempo, sem deixar de considerá-las, este estudo buscou contribuir com o campo da Sociologia da Educação na investigação dos processos de socialização contemporâneos.

Verificou-se que, como apontaram as entrevistas realizadas e os dados coletados em questionário e observação de campo, a família – apesar de continuar tendo papel fundamental – não mais detém o monopólio de “inculcação de disposições”, e a escola não se configura como único *locus* de formação, haja vista os processos descritos pelos participantes da pesquisa relacionados a agrupamentos eclesiais, grupos de jovens em paróquias e centros de juventude, como o Anchieta, instituição enfocada.

Analisando os desiguais e distintos percursos dos jovens e adultos entrevistados em suas relações com a religião, observaram-se diferentes níveis de pertencimento e de expressão de suas práticas; contudo, a espiritualidade inaciana⁷⁸ por todos vivenciada, com seu acento na reflexividade por meio de práticas de oração e meditação permeadas pelo silêncio, apresentou-se como algo bastante importante e significativo em suas vidas. Nesse viés, são estabelecidas relações entre o “[...] imperativo da reflexividade na modernidade tardia” (ARCHER, 2012) – esta caracterizada pelo risco e pela incerteza num contexto de contínuas mudanças (LECCARDI, 2005) – e a busca por recursos na religião para enfrentar esses patentes desafios.

A correlação entre conjuntura social e as relações dos jovens com a religião, na verdade, foi uma das premissas desta pesquisa, pois, “[...] quando se pretende analisar as relações entre religiões e juventude [...] não podemos deixar de lado as inseguranças advindas dos desenraizamentos do mundo contemporâneo e as específicas dificuldades de inserção social que vivem os jovens brasileiros de hoje” (NOVAES, 2005, p. 282).

Nesse sentido, apesar de família, escola e de outros agentes socializadores mencionados pelos jovens deste estudo – como trabalho, amizades, coletivos e elementos culturais – terem papel na constituição de suas identidades, influenciando suas opiniões e trajetórias, a religião revelou-se como categoria-chave na constituição de suas subjetividades, atravessando suas trajetórias, mas não de maneira passiva: os participantes mostraram aderir

⁷⁸ Ver nota 30, p. 66.

ao que consideram fazer-lhes bem e repudiar aspectos com os quais não concordam. Como aponta Teixeira (2014, p. 35):

O que ocorre é que as religiões estão aí, e também as espiritualidades laicas, que não se encaixam no tradicional perfil religioso. São, sem dúvida, metamorfoses no âmbito da fé que traduzem uma forma de expressão religiosa diferente daquela rotineira. O avanço da modernidade não produziu, na verdade, uma menor presença da religião, mas outra forma de dinâmica religiosa: “plus de modernité = du religieux autrement”, como diz Jean-Paul Willaime. As religiões permanecem, bem como as espiritualidades, transformando-se sob o impacto da individualização e da globalização, com formas novas e inusitadas de presença e atuação. Como pontuou o historiador Frédéric Lenoir, os seres humanos continuarão a buscar respostas às incertezas no vasto patrimônio religioso da humanidade, mas não mais “como no passado, no seio de uma tradição imutável ou mediante um dispositivo institucional normativo” (Lenoir, 2012:5).

Mas como lembra Novaes (2016, p. 260, grifo nosso), “reconhecer a ampliação de buscas e experimentações religiosas entre jovens não significa dizer que, para todos os jovens, as instituições religiosas tradicionais deixaram de constituir **locus de agregação social, de doação de sentido para a vida e, ainda, de espaço motivador de ações e engajamentos sociais**”.

O Anchiétanum, no contexto estabelecido, destaca-se como um espaço capaz de acolher esses jovens que repudiam “enquadramentos”. A jovem Ana, por exemplo, asseverou que “[...] não conseguiria ser cristã [se] não tivesse passado pelo Anchiétanum”, onde encontrou pessoas de “[...] mente aberta [...] [e] uma espiritualidade mais libertadora”. Além disso, ela destacou o fato de a instituição em comento ter uma “[...] dimensão além da religião”, articulada “[...] com o que estava acontecendo no mundo”. Aspecto que também apareceu na fala de outros jovens: “[...] visão um pouco mais ampla [...] mais engajada” (Hélder); “[...] as pessoas que frequentam [têm] a cabeça um pouco mais aberta. [...] você consegue falar de igreja, consegue falar de mundo, consegue falar de realidade, consegue falar de política, de filosofia, de formação e tudo o mais” (Luís).

Assim, aos entrevistados, parece essencial que a religião tenha de dar conta do que acontece no mundo, ainda mais considerando os desafios de inserção e de lidar com as incertezas e mudanças contínuas que têm caracterizado os processos de transição para a vida adulta na atualidade. Por isso, enquanto não avançam “para além da curva da estrada”, eles vão buscando recursos, ajustando bússolas, procurando bastões de caminhada para enfrentar o “medo de sobrar”:

Ainda que os jovens mais pobres sejam os mais atingidos pelo processo de desestruturação/flexibilização/precarização das relações de trabalho, jovens de diferentes classes sociais partilham o “*medo de sobrar*”.

Os jovens sabem que os certificados escolares são imprescindíveis. Mas sabem também que o diploma não é garantia de inserção produtiva condizente aos diferentes níveis de escolaridade atingida. Frente à globalização dos mercados, redesenha-se o mundo do trabalho. Rápidas transformações econômicas e tecnológicas se refletem no mercado de trabalho precarizando relações, provocando mutações, modificando especializações e sepultando carreiras profissionais. Daí o medo de sobrar. (NOVAES, 2007, p. 3-4).

Medo esse que, talvez, estenda-se para além da faixa etária considerada jovem, haja vista a pesquisa ter identificado pessoas com 30 anos ou mais que buscam o Anchieta num pelos mesmos motivos daqueles com até 29 anos, isto é, principalmente espiritualidade inaciana – de forte acento na reflexividade –, autoconhecimento e auxílio para pensar em projeto de vida.

Salienta-se que os participantes do Anchieta num que colaboraram com esta pesquisa parecem não crer em um Deus que miraculosamente aplainará suas trajetórias e fará suas vontades. Eles manifestam estar mais interessados em, por meio da espiritualidade, conhecer-se e encontrar ferramentas para forjar e moldar suas buscas.

E como *ir é ser*⁷⁹, em uma conjuntura de riscos globais, flexibilização das normas trabalhistas, precarização do emprego e percepção de um horizonte previdenciário extremamente longínquo, quando não inatingível, vai-se indo, vai-se sendo, sem a promessa de se chegar a um ponto determinado. Especificamente, no caso dos participantes desta pesquisa, como *peregrinos do próprio destino*⁸⁰, avançam “para além da curva da estrada” levando consigo um recurso que a eles se afigura imanente e imprescindível: “Minha mão [...] Dou na de Deus e vou”⁸¹.

⁷⁹ Referência a trecho do poema “Qualquer caminho leva a toda a parte”, de Fernando Pessoa. Disponível em: < <http://arquivopessoa.net/textos/785>>. Acesso em 24 jul. 2020.

⁸⁰ Referência ao poema “Quanto fui peregrino”, de Fernando Pessoa. Disponível em: < <http://arquivopessoa.net/textos/2555>>. Acesso em 24 jul. 2020.

⁸¹ Idem.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. **Cenas juvenis: punks e darks** no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED/PUC-SP, n. 5 e 6, p. 25-36, mai./dez. 1997.

_____. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: _____; BRANCO, P. P. M. (org.). **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.

ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (org.). **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ARCHER, M. S. Explicação e compreensão podem ser ligadas numa história única? In: VANDENBERGHE, F.; VÉRAN, J. (org.). **Além do habitus: teoria social pós-bourdieuiana**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. p. 73-94.

_____. **The reflexive imperative in late modernity**. New York: Cambridge University Press, 2012.

BEAUD, S.; PIALOUX, M. **Retorno à condição operária: investigação em fábricas da Peugeot na França**. São Paulo: Boitempo, 2009.

BERTAUX, D. La perspectiva biográfica: validez metodológica y potencialidades. In: MARINAS, J. M.; SANTAMARINA, C. (org.). **La historia oral: métodos y experiencias**. Barcelona: Debate, 1993. p. 49-72. Disponível em: <https://www.comisionporlamemoria.org/archivos/jovenesymemoria/bibliografia_web/metodologia/Bertaux.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2020.

BOURDIEU, P. Sociólogos da crença e crenças de sociólogos. In: _____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004. p. 108-113.

_____. Gênese e estrutura do campo religioso. In: _____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 27-98.

_____. Compreender. In: _____ (coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 693-732.

_____. A ilusão biográfica. In: **Usos e abusos da história oral**. São Paulo: Editora FGV, 2014. p. 183-191.

BOURDIEU, P.; CHAMPAGNE, P. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 243-255.

BRANCO, P. P. M. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (org.). **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 129-148.

BRANDÃO, Z. Um jogo de espelho: do *survey* aos estudos de casos. In: PAIXÃO, L. P.; ZAGO, N. **Sociologia da Educação: pesquisa e realidade brasileira**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011. p. 245-257.

BRASIL. **Lei n ° 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília, DF: Presidência da República, 2013. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm>. Acesso em: 22 jul. 2020

_____. **Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017**: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes. São Paulo: Secretaria de Governo da Presidência da República e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017a. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000260661>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

_____. **Mapa do encarceramento**: os jovens do Brasil. Brasília: Secretaria-Geral da Presidência da República e Secretaria Nacional de Juventude, 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/01/Mapa_do_Encarceramento_-_Os_jovens_do_brasil.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2020.

BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (org.). **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 175-214.

CAPRINI, J. (coord.). **Exercícios Espirituais para Jovens (EEJ)**: guia inspirador. São Paulo: Loyola, 2018.

CARDOSO, A. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. **Caderno CRH**, Salvador, v. 26, n. 68, p. 293-314, mai./ago. 2013.

CARRANZA, B.; SOFIATI, F. M. Culturas Juvenis Católicas: aproximações teóricas às performances institucionalizadas. **Intersecções**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 330-350, dez. 2018.

CATANI, A. M.; GILIOLI, R. S. P.; **Culturas juvenis**: múltiplos olhares. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da Violência 2017**. Rio de Janeiro: Ipea e FBSP, 2017. Disponível em: <www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

CHARLOT, B. Valores e normas da juventude contemporânea. In: PAIXÃO, L. P.; ZAGO, N. **Sociologia da Educação: pesquisa e realidade brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 203-221.

CNBB. **Evangelização da juventude**: desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulinas, 2007.

COSTA, L. R.; SANTOS, Y. G. O “relato de vida” como método das ciências sociais: Entrevista com Daniel Bertaux. **Tempo social**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 319-346, abr. 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702020000100319&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 jul. 2020.

CRUZ, C. C.; CORREIA, V. A. Juventude e projeto de vida: fundamentos de uma proposta. In: CORREIA, V. A. (org.). **Juventude no mundo contemporâneo: temas em debate**. São Paulo: Edições Loyola: Magis Brasil, 2019.

DAYRELL, J. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte**. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

_____. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

_____. **Por uma Pedagogia das Juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

DE LÉON, G. Jóvenes que cuidan: impactos en su inclusión social. **Documento de Trabajo n. 158**. Buenos Aires, Argentina: CIPPEC, 2007. Disponível em: <<https://www.cippec.org/wp-content/uploads/2017/04/158-DT-PS-Jovenes-que-cuidan-Gimena-de-Leon-2017.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

FERREIRA, H. et al. Juventude e Políticas de Segurança Pública no Brasil. In: CASTRO, J. A.; AQUINO, L. M. C.; ANDRADE, C. C. (org.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009. p. 193-219.

GENTILE, N. Jovenes desiguales: ¿Realización de actividades domésticas desiguales? Un estudio a nivel local. In: REUNIÓN NACIONAL DE INVESTIGADORES/AS EN JUVENTUDES DE ARGENTINA, 6., 2018, Córdoba. **Actas [...]**. Córdoba: Facultad de Ciencias Sociales, Universidad Nacional de Córdoba, 2018. p. 81-95. Disponível em: <www.redjuventudesargentina.com/wp-content/uploads/2019/08/GT17-VI-ReNIJA-Córdoba-2018.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2020.

GROPPO, L. A. **Introdução à Sociologia da Juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

HERVIEU-LÉGER, D. **O peregrino e o convertido**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

HIDALGO, B. D. **As divisões territoriais do município de São Paulo: uma proposta de classificação por meio da análise dos distritos**. 2013. Trabalho de Graduação Individual. (Bacharelado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

INSTITUTO CIDADANIA. **Documento de Conclusão do Projeto Juventude**. São Paulo: Instituto Cidadania, 2004. Disponível em: <<https://registrojuventude.files.wordpress.com/2011/02/dicas-projeto-juventude-final-1.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

KEHL, M. R. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 89-114.

LAHIRE, B. **O homem plural: as molas da ação**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

LALANDA, P. Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. **Análise Social**, Lisboa, v. XXXIII (4.º), n. 148, p. 871-883, 1998. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224154176E1jDU8rb4Nc15SI4.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

LECCARDI, C. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 35-57, nov. 2005. ISSN 1809-4554. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12470/14247>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

LEMIEUX, C. Problematizar. In: **A pesquisa sociológica**. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 33-52.

LÉON, O. D. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M. V. (org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005, p. 9-18.

_____. Da agregação programática à visão construtiva de políticas de juventude. In: FREITAS, M. V.; PAPA, F. C. (org.). **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez, Ação Educativa, Fundação Friedrich Ebert, 2008. p. 77-96.

LÖWY, M. **O que é cristianismo da libertação: religião e política na América Latina**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Expressão Popular, 2016. Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/cristianismo-web.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

LOYOLA, I. **Exercícios Espirituais**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

LOYOLA, M. A. Campo religioso. In: **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 93-94.

MACHADO, A. L.; MULLER, M. **"If it's already tough, imagine for me...": A qualitative perspective on youth out of school and out of work in Brazil**. Washington, DC: World Bank, 2018. Disponível em: <<https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/29424>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

MAUGER, M. Reflexividade. In: **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 305-308.

MEDEIROS, J.; SOUZA, D. Entre deuses e lutas: um exercício de apresentação. In: LÖWY, M. **O que é cristianismo da libertação: religião e política na América Latina**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo/Expressão Popular, 2016. p. 7-21. Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/cristianismo-web.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

MONTAGNER, M. A. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 17, p. 240-264, jan./jun. 2007.

NOGUEIRA, M. A., NOGUEIRA, C. M. M. **Bourdieu e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

NOVAES, R. Os jovens "sem religião": ventos secularizantes, "espírito de época" e novos sincretismos. Notas preliminares. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 321-330, dez. 2004.

_____. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 263-290.

_____. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 105-120.

_____. Juventude e sociedade: jogos de espelhos, sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Revista Sociologia Especial: ciência e vida**. São Paulo: Editora Escala, v. 1, n. 2, p. 6-15, 2007. Disponível em: <https://www.academia.edu/24994082/Juventude_e_sociedade_-_demandas>. Acesso em: 22 jul. 2020.

_____. Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: FREITAS, M. V.; PAPA, F. C. (org.). **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez, Ação Educativa, Fundação Friedrich Ebert, 2008. p. 121-141.

_____. Prefácio. In: CASTRO, J. A.; AQUINO, L. M. C.; ANDRADE, C. C. (org.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009. p. 15-22.

_____. Juventude, religião e espaço público: exemplos "bons para pensar" tempos e sinais. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 184-208, 2012.

_____. Juventude, religiosidade, territórios e redes: reflexões sobre resultados de pesquisas. In: PINHEIRO, D. et al. **Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças**. Rio de Janeiro: Unirio, 2016. p. 233-266.

_____. Juventude e religião: o que há de novo?. **Revista Senso**. Belo Horizonte: Editora Senso, 2017. Disponível em: <<https://revistasenso.com.br/2017/10/16/juventude-e-religiao-o-que-ha-de-novo/>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

_____. Juventude e religião, sinais do tempo experimentado. **Intersecções**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 351-358, dez. 2018.

OLIVEIRA, V. H. N. et al. Culturas juvenis e temas sensíveis ao contemporâneo: uma entrevista com Carles Feixa Pampols. **Educar em Revista**. Curitiba, v. 34, n. 70, p. 311-325, jul./ago. 2018.

PAIS, J. M. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 7-21.

PAPPÁMIKAIL, L. Juventude(s), autonomia e Sociologia. **Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP**, v. 20, p. 395-410, 2010.

PETERS, G. Configurações e reconfigurações na teoria do *habitus*: um percurso. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 14., 2009, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Sociologia, GT 29 Teoria Sociológica, 2009.

PIMENTA, M. M. “**Ser jovem**” e “**ser adulto**”: identidades, representações e trajetórias. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PUGA, R. M. **O bildungsroman (romance de formação): perspectivas**. Lisboa: Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies (CETAPS), 2016.

RIBEIRO, E.; LÂNES, P.; CARRANO, P. (org.). **Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas**. Rio de Janeiro: Ibase; São Paulo: Pólis, 2005. Disponível em: < <https://polis.org.br/publicacoes/juventude-brasileira-e-democracia-participacao-esferas-e-politicas-publicas/>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

SANCHIS, P. **Catolicismo: modernidade e tradição**. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. As religiões dos brasileiros. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 28-43, 2. sem. 1997.

SETTON, M. G. J. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo social**. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 335-350, nov. 2005.

_____. As religiões como agentes da socialização. **Cadernos CERU**, série 2, v. 19, n. 2, p. 15-25, dezembro de 2008.

_____. Socialização de *habitus*: um diálogo entre Norbert Elias e Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, e230072, p. 1-23, 2018.

SILVA, J. A. A.; VIEIRA, L. D.; DA SILVA, R. A. (org.). **Pastoral da Juventude: um jeito de ser e fazer: somos Igreja jovem**. Brasília, DF: PJ, 2012.

SOFIATI, F. M. **Religião e juventude: os jovens carismáticos**. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

_____. **Juventude Católica: o novo discurso da Teologia da Libertação**. São Carlos: EdUFSCAR, 2012.

SOUZA, N. R. **A Igreja Católica progressista e a produção do militante**. 1993. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

SPOSITO, M. P. A pesquisa sobre jovens na pós-graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006). In: _____. (org.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), v. 1. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009, p. 17-56.

_____.; BRENNER, A. K.; MORAES, F. F. Estudos sobre jovens na interface com a política. In: _____. (org.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), v. 2. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009, p. 175-211.

_____. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. In: PAIXÃO, L. P.; ZAGO, N. (org.). **Sociologia da Educação**: pesquisa e realidade brasileira. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 19-43.

TEIXEIRA, F. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 14-23, set./nov. 2005.

_____. Campo religioso em transformação. In: CUNHA, C. V.; MENEZES, R. C. (org.). **Religião em conexão**: números, direitos, pessoas. Rio de Janeiro: ISER, 2014. p. 34-45.

TOMIZAKI, K. **Ser metalúrgico no ABC**: transmissão e herança da cultura operária entre duas gerações de trabalhadores. Campinas: CMU/Arte Escrita/Fapesp, 2007.

_____. Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 111, p. 327-346, abr./jun. 2010.

VANDENBERGHE, F. A sociologia na escala individual: Margaret Archer e Bernard Lahire. In: VANDENBERGHE, F.; VÉRAN, J. (org.). **Além do habitus**: teoria social pós-bourdiesiana. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. p. 95-126.

VELHO, G. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (org.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 192-200.

WACQUANT, L. *Habitus*. In: CATANI, A. M. et al (org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 213-217.